

RAFAEL BAITZ

UM CONTINENTE EM FOCO:

A Imagem fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras(1954-1964).

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do grau de mestre em História Social, à Comissão julgadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da professora Doutora Maria Lígia Coelho Prado.

FFLCH/USP

São Paulo, maio de 1998.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a professora Maria Lígia Prado. Mais que orientadora dedicada e paciente, a professora Lígia se colocou como verdadeiro arrimo deste trabalho. Sua participação constante e ativa durante todos estes anos só fizeram aumentar o carinho e admiração que já nutria desde os tempos da graduação. Mais uma vez, obrigado Lígia.

Agradeço ao amigos da pós-graduação, que sempre se prontificaram a fornecer sugestões valiosas ao trabalho: Mary, Gabriela, Marisa, Gilberto, Aggio, Júlio, José Luis, Camilo, Felipe, Kátia e Kleber.

Meu muito obrigado aos amigos do dia-a-dia pelo apoio e compreensão que nunca me negaram: Pedro, Dennis, Diogo, Ricardo e Angelo.

Um agradecimento especial à Giulia. Companhia valiosa e cúmplice, cujas sugestões e críticas foram imprescindíveis no resultado final do texto.

Por último agradeço a CNPq, instituição que viabilizou materialmente a dissertação.

ÍNDICE

Introdução.....	01
Capítulo I. UM MUNDO EM SUA CASA.....	16
O Mundo em cores.....	16
A História das Revistas.....	31
O CRUZEIRO.....	31
MANCHETE.....	38
Do Pictorismo ao Fotojornalismo.....	40
O Pictorismo.....	40
O Fotojornalismo.....	42
Capítulo II. O BRASIL EM CORES.....	46
O Brasil nas revistas.....	46
Brasil: “Os Anos Dourados”.....	56
Um País Fora de Foco.....	60
Revolucionários & Desesperados.....	65
Brasil, o Líder do Continente.....	69
Capítulo III. AMÉRICA LATINA EM PRETO E BRANCO.....	77
A América Latina nas Revistas.....	81
A Exótica América Latina.....	87
América Latina, onde o Povo é Minoria.....	92
Quantas Américas?.....	100
Capítulo IV. A AMÉRICA LATINA É ASSIM.....	105
Os Ditadores Nascem de Madrugada.....	109
A América Latina e seus Golpes.....	120
Ontem em Cuba. Amanhã no Brasil.....	125
A Exceção da Barbárie ou O Brasil perde um amigo.....	138
A América Latina por trás das Câmeras.....	143
Capítulo V. AS ARMADILHAS DA FOTO, O CASO CUBANO.....	147
Viva a Revolução.....	149
Abaixo a Revolução.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
Fontes.....	176
Bibliografia.....	176

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende estudar a imagem da América Latina apresentada pelas revistas semanais de maior circulação no Brasil, no período que se estende de 1954 a 1964. A ênfase do presente estudo está centrada na compreensão do material fotográfico das revistas O CRUZEIRO e MANCHETE. Obviamente, não dispensamos a análise do texto escrito que acompanhava as reportagens, na medida em que texto e fotografias formavam um conjunto indissociável.

O interesse de pesquisar o material fotográfico da imprensa surgiu com a observação de que em nosso século os meios de comunicação de massa, principalmente aqueles que veiculam imagens, gozam de grande credibilidade junto ao público, sendo um importante instrumento de informação e formação de opiniões. Uma das razões que explicam a grande credibilidade e poder de convencimento destes periódicos junto à sociedade de massa é o fato de justamente veicular imagens, de transmitir o registro fotográfico do acontecimento. A imagem produzida por meios mecânicos é aceita sem qualquer contestação, pois tem a garantia de ser o registro implacável e fiel da realidade pela máquina, sendo esta, por sua vez, considerada como absolutamente imparcial e isenta de qualquer conteúdo ideológico.

Todavia, este processo de seleção da realidade visível se opera mediante um procedimento físico/químico que filtra, dentro de seus limites, um conjunto de sombras e luzes refletidas pelo objeto fotografado, o que torna a foto algo muito mais comprometida com a própria máquina do que com o objeto fotografado. Em outros termos, a foto cria uma abordagem do real que não existia até então para o olho humano, mas este passa a aceitá-lo por imposição do meio transmissor da mensagem.¹

Em virtude desta natureza inquietante, as várias abordagens e polêmicas sobre a fotografia datam desde seu nascimento. Assim, as primeiras reflexões sobre a fotografia enalteciam-na como a reprodução fiel da realidade, uma mímese mecânica de fatos, acontecimentos ou pessoas.² Ainda no século XIX, em oposição a este entendimento, a fotografia era atacada como um instrumento de deformação completa da realidade, fruto do gosto distorcido de uma sociedade narcisista ou, ainda, como uma concorrente direta da pintura, mas de qualidade menor.³ Durante o século XX uma série de reflexões sobre a fotografia foram propostas, ora entendendo-a como uma deformação completa do real, ora concebendo-a, graças ao seu traço indiciário, como umbilicalmente

¹ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução, coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 7

² DUBOIS, Phelippe. O Ato Fotográfico, Campinas, Papirus, 1994, p.27

³ idem, p.25/26

atada ao objeto fotografado, portanto, vinculada indissociavelmente com o real.⁴

Em nosso trabalho, partimos dos estudos da fotografia como uma construção da realidade e não como uma mimese perfeita da mesma. Neste sentido, encontramos, entre os teóricos que se debruçaram sobre o assunto, algumas características básicas desta fonte documental no que tange à sua percepção pelo olho humano, tais como: abolição da terceira dimensão (que transforma o espaço real percebido pela objetiva em espaço virtual da fotografia); limitação do mesmo espaço (pela própria dimensão da objetiva); eliminação do efeito de movimento; estrutura descontínua do signo (pela própria constituição do suporte da película); abolição das cores ou possibilidade de intervenção nas mesmas; alteração de escala (que por sua vez aumenta ou diminui a percepção da granulidade); bem como a eliminação de outros estímulos não visuais⁵.

Essas limitações/características do meio fotográfico já seriam suficientes para a eliminação da pretensa “naturalidade” da mensagem fotográfica. Todavia, a parcialidade da fotografia não se limita apenas às características na recepção desta pelo leitor, em verdade ela pode ser encontrada desde o início de sua produção técnica até a sua efetiva utilização.

⁴ *ibidem*, p.34

⁵ Entre estes autores estão: DUBOIS(1994), BARTHES(1984), ARNHEIM(1987), DONDIS(1991)

Assim, já no processo inicial de elaboração da fotografia identificaremos uma série de escolhas de natureza técnica impostas ao fotógrafo que condicionará a imagem por ele elaborada, dando-lhe particularidades cujas referências e razões estão estritamente relacionadas com o processo de produção da imagem mecânica. Por exemplo, a foto estará sempre comprometida com o ângulo escolhido pelo fotógrafo, com a potência da câmera utilizada para o trabalho, com os recursos/técnicas disponíveis para a revelação, bem como com o tipo de papel usado para a impressão e as cores nas quais será impressa.

Além disso, na escolha do tema e seu tratamento dispensado pelo fotógrafo, podemos encontrar a insuperável filtragem cultural/imaginária dispensada pelo operador da câmera. Ao efetuar uma série de escolhas no momento de executar a fotografia, o fotógrafo exterioriza um posicionamento político que interfere brutalmente na produção do “registro mecânico”. Como bem salienta Kossoy:

“A eleição de um aspecto determinado - isto é , selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual

documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.”⁶

Tal recorte da realidade está sempre determinado pela escolha intencional operada pelo fotógrafo. No nosso objeto de estudo a figura do fotógrafo está mais vinculada às linhas editoriais das revistas do que propriamente à sua livre escolha, mas nem por isto se colocam como menos importantes as questões acima realçadas. Assim, será deste fragmento da realidade que, através da fotografia, as revistas irão sugerir como sendo a própria realidade, na sua inteireza, tomando a parte (o que foi fotografado) pelo todo, representado o fragmento escolhida como a melhor amostra do verdadeiro. Cria-se, portanto, a partir da própria realidade, uma nova realidade, ou pelo menos uma interpretação desta. Por exemplo, em nosso caso, do imenso universo de assuntos possíveis sobre a América Latina, apenas um ou dois aspectos sobre o conjunto dos países latino-americanos foi documentado fotograficamente, sendo reiterados tais temas quase sem variações ou nuances, reproduzindo as mesmas abordagens para realidades diversas.

⁶ KOSSOY, Boris. Fotografia e História, São Paulo, Ática, 1989, p.27

profundamente marcado pelo norte político das redações e editoriais. A começar com a escolha da foto a ser publicada, o local de seu enquadramento na própria revista, as legendas escolhidas para realçar maior importância a determinados elementos das fotos em face de outros, e ainda, como recurso extremo de manipulação das fotos, temos as montagens fotográficas operadas através de retirada ou inclusão de datas e informações paralelas que acompanhavam as fotografias, literalmente construindo fatos e situações inexistentes.

Como pretendemos demonstrar no decorrer do trabalho, a fotografia é um suporte veiculador de mensagem cujo conteúdo se confunde com a forma, imprimindo, na própria maneira de representar o objeto fotografado, valores e opiniões.⁷

Por outro lado, há sempre o “perigo” de interpretação do leitor diversa daquela esperada pela revista pois, apesar das fotografias serem usadas como elementos de convencimento da veracidade da informação prestada, elas por si só não garantem a unicidade interpretativa da reportagem. Neste sentido, o texto escrito é indispensável para a articulação das idéias

⁷ como explica Donis A. Donis: “O conteúdo e a forma são os componentes básicos, irreduzíveis, de todos os meios (música, a poesia, a prosa, a dança), e , como é nossa principal preocupação aqui, das artes e ofícios visuais. O conteúdo é fundamentalmente o que está sendo direta ou indiretamente expresso; é o caráter da informação, a mensagem. Na comunicação visual, porém, o conteúdo nunca está dissociado da forma. Muda subtilmente de um meio a outro e de um formato a outro, adaptando-se às circunstâncias de cada um; vai desde o design de um pôster, jornal ou qualquer outro formato impresso, com sua dependência específica de palavras e símbolos, até uma foto, com suas típicas observações realistas dos dados ambientais, ou uma pintura abstrata, com sua utilização de elementos visuais puros no interior de uma estrutura. Em cada um desses exemplos, em muitos, muitos outros, o conteúdo pode ser basicamente o mesmo, mas deve corresponder a sua configuração, e, ao fazê-lo, proceder a modificações menores em seu caráter elementar e compositivo. Uma mensagem é composta tendo em vista um objetivo: contar, expressar, explicar, dirigir, inspirar, afetar. Na busca de qualquer objetivo fazem-se escolhas através das quais se pretende reforçar e intensificar as intenções expressivas, para que se possa deter o controle máximo das respostas. Isso exige uma enorme habilidade. A composição é o meio interpretativo de controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por parte de quem a recebe. O significado se encontra tanto no olho do observador quanto no talento do criador.” *Sintaxe da Linguagem Visual*, São Paulo, Martins Fontes, 1991, p.131.

sugeridas pelas fotos, tentando reduzir a margem de liberdade de análise do leitor.⁸ Daí a importância do texto escrito nas reportagens, pois estes completam o “sentido” das fotografias para o leitor.

Portanto, o papel dos meios de comunicação que veiculam a imagem (fotográfica) é decisivo, pois através desta técnica é possível criar algo inexistente ou reforçar uma idéia ou preconceito já existente. A América Latina, enquanto imagem, idéia, construção, aproxima-se do segundo caso apontado. Nas revistas analisadas, como veremos adiante, a América Latina é apresentada como um lugar social e politicamente caótico, espaço de atraso e da ausência de perspectiva. Certamente não foi do período escolhido a criação de tal imagem, mas durante esta década (1954/1964), verifica-se - esta é uma das hipóteses que pretendemos demonstrar no decorrer do trabalho - um constante reforço deste imaginário.

Por sua vez, o período escolhido é extremamente rico e significativo, tanto na história brasileira quanto dos demais países latino-americanos. Os acontecimentos políticos que imediatamente sucederam a Segunda Guerra Mundial foram decisivos para o desenho do quadro da política mundial até os dias recentes. A Guerra Fria entre soviéticos e norte-americanos dividiu o

⁸ Nas palavras de Rudolf Arnheim: “É verdade que a fotografia põe o observador diretamente na presença de fatos de destaque. Por isso ela o expõe ao que se pode chamar de toco efeito da matéria, o impacto criado pelo dado imediato. Se o observador for absolutamente sensível ao que lhe mostram, este impacto pode fazê-lo pensar. Mas quais serão seus pensamentos quando ele olha para um bom instantâneo de uma manifestação política, de um evento esportivo, ou de uma mina de carvão, e coisa que depende de sua própria orientação intelectual, à qual a fotografia se ajustará. Uma fotografia pode ser glamourosa, mas ser vista por alguém como um repugnante indício de decadência; pode ser tão angustiante quanto uma cena de crianças famintas e, no entanto, ser posta de lado como nada mais que a consequência da ineficiência governamental ou a punição merecida graças à recusa de praticar a religião certa. Conseqüentemente, quando a fotografia deseja transmitir uma mensagem, deve tentar pôr os sintomas que expõe no contexto adequado de causa e efeito. No mais das vezes, isto exigirá a ajuda da palavra escrita ou falada.” *Intuição e Intelecto na Arte*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p.125

planeta em dois grandes blocos rivais, tornando o mundo um grande xadrez da geopolítica. O fim das colônias européias na Ásia e África, as guerras com o Laos, Coréia e Vietnã, o imperialismo econômico, bem como a corrida armamentista e espacial completam este quadro. Neste contexto, a América Latina sofre, na qualidade de coadjuvante, pressão direta e intermitente dos Estados Unidos. Países até então inexpressivos no cenário mundial passam para o primeiro plano da equação política. O caso mais típico é o de Cuba, que de balneário norte-americano passou a “pesadelo ianque” num prazo muito curto. A Ilha tornou-se tomou importância capital no equilíbrio de forças, provocando o governo norte-americano a intervir com mais assiduidade nos países da América Latina, como precaução para evitar o chamado efeito dominó. Na Nicarágua, a partir de 1961, inicia-se a guerrilha da Frente Sandinista, que se opõe à ingerência norte-americana, tendo como desenlace final a deposição definitiva da dinastia dos Somoza em 1979. A Argentina também sofre processo de intensa modificação no quadro político e econômico, tais como a queda de Juan Domingo Perón em 1955 e o governo desenvolvimentista de Frondizi no final da década.

É nessa década também que acontece a criação da O.E.A. (Organização dos Estados Americanos) e da A.L.A.L.C., outra repercussão direta da Guerra Fria no continente americano, tornando obrigatório o alinhamento de seus países ao bloco capitalista. Cria-se o B.I.D. (Banco Interamericano de Desenvolvimento), sob o patrocínio dos EUA, que se propõe a ceder empréstimos aos países latino-americanos, com o propósito evidente

de monitorar a industrialização. Neste mesmo diapasão vem a Aliança para o Progresso, criada pelo Presidente Kennedy, prevendo um investimento de 20 bilhões de dólares no prazo de 20 anos para vários países latino-americanos (plano, aliás, interrompido pela administração Nixon). Países como Chile, Argentina, México, Uruguai e Brasil experimentaram, nestes anos, rápida industrialização, ampliando os quadros da classe média urbana e construindo uma sociedade de consumo, com novos hábitos e valores. Neles o Estado Nacional passa a assumir de vez o papel de carro chefe dos investimentos na indústria de base, investimentos geralmente resultantes de empréstimos internacionais, em particular dos EUA, que buscava cada vez mais estreitar os laços de dominação. No Brasil, o começo do período é de grande entusiasmo nacional, pois a ideologia do progresso implementada pela era J.K. prometia ao Brasil o passaporte de ingresso ao primeiro mundo via desenvolvimento econômico. A Era J.K. foi marcada pelo desejo inescandível de progresso econômico. O clima criado pelo presidente não deixava dúvidas quanto ao brilhante papel a ser percorrido pelo país até alcançar o pleno desenvolvimento econômico, sendo este pregado como a melhor forma de expurgar o fantasma do comunismo. Em dezembro de 1959, o governo federal criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), entidade que visava estancar a progressiva tensão social na região, situação provocada pela degradação das condições de vida dos camponeses e pequenos proprietários rurais. As revistas, afinadas com o este espírito da época, apresentavam o Brasil dos “anos dourados”, expressão mais tarde utilizada pela mídia para se referir

ao período. Desfilam nas revistas as notícias do país em crescimento: o ingresso da indústria de bens de consumo duráveis (principalmente a automobilística), a bossa nova, o cinema novo, a inauguração do Masp em São Paulo e as conquistas dos torneios mundiais de futebol, registram a marcha de um país emergente, cada vez mais próximo dos paradigmas dos países chamados de primeiro mundo.

Os demais países do continente, em que pese estivessem muitos deles passando por transformações similares à brasileira, receberam, por parte dos periódicos, um tratamento completamente distinto. Ao contrário da imagem do Brasil em franco crescimento, a América Latina foi apresentada, nos anos 50, como um lugar atrasado e caótico, inapta ao exercício da democracia e, por consequência, definitivamente entregue ao atraso econômico. Nos anos 60 -- em especial após a revolução socialista em Cuba -- esta mesma América Latina tornou-se a ser o lugar irradiador do perigo "vermelho". O medo da revolução comunista era visível nas revistas analisadas, e só cresceu com o governo Jânio Quadros, que fez questão de ser confuso e instável. Apesar de reconhecidamente de direita, o presidente Jânio Quadros teve comportamento pouco esperado como dirigente de um país comprometido com os EUA; visitou Cuba e outros países socialistas europeus, condecorou Che Guevara e se recusou a condenar a Revolução Cubana. O governo de João Goulart, propondo as famosas reformas de base, agravou ainda mais a já avançada histeria dos segmentos conservadores. Neste momento, as manifestações de massa da direita tomaram corpo, atingindo seu ápice na famosa

“Marcha da Família Com Deus pela Liberdade”, que se realizou com grande apoio da imprensa.

A imprensa registrou esses acontecimentos não só informando como opinando - aberta ou veladamente - sobre tais fatos. Tentar estudar todos os meios de comunicação de massa neste período seria ato inconseqüente dentro das dimensões da dissertação de mestrado, visto a abrangência dos mesmos e a quantidade excessiva de material existente. Por este motivo, escolhemos apenas um veículo: as revistas semanais. No nosso entender, dentro dos limites que propomos, elas são um documento extremamente significativo para compreender a época, visto que, juntas, O CRUZEIRO e MANCHETE, vendiam mais de um milhão de exemplares por semana.

Nesta medida, nosso objeto, as revistas semanais, foram escolhidas porque, além da popularidade, se auto intitulavam mensageiras dos fatos, “guardiãs da verdade”, propondo deixar informado o seu leitor sobre o que realmente aconteceu. Por seu turno, as notícias mais importantes são apresentadas visualmente pelas fotografias, sendo estas maiores e mais coloridas na razão direta da importância atribuída à reportagem. As fotos nas revistas eram elementos mais importantes que fotos nos jornais, visto que neles há prevalência do texto escrito sobre a foto. Outra razão para estudarmos as fotos de revistas e não fotos esparsas, vindas de coleções ou acervos particulares, está no fato de estarem relacionadas com uma linha de pensar, com um sistema de idéias, com uma

intenção editorial, o que não ocorreria se escolhêssemos fotos a esmo.

Assim, nossa dissertação teve como norte analisar a(s) imagem(ns) da América Latina, em contraposição à(s) do Brasil, veiculada pelas revistas apontadas, entender as balizas políticas-ideológicas que orientaram o discurso da mídia nacional sobre a América Latina, acompanhar a cobertura realizada pela revistas sobre os acontecimentos mais importantes nos países hispano-americanos e procuramos desvendar a forma como eles foram filtrados pela mídia nacional.

Resta-nos ainda discorrer sobre algumas categorias teóricas nas quais nos apoiamos, mas que não se apresentam como referência tão direta no texto. A primeira é o conceito de representações. Aqui nos apropriamos das explicações de Chartier, quando recupera a origem filológica do termo, revelando-nos seu significado como apresentação de algo em substituição daquilo que se encontra ausente⁹. A partir deste significado, a fotografia como documento se apresenta de forma privilegiada, pois em sua própria ontologia ela é algo que não está, é uma ausência presentificada, algo que existe em função de outra coisa. Em nosso caso específico, estaremos lidando com a representação fotográfica de um espaço geográfico, político e cultural intitulado de América Latina e, em outro pólo, o Brasil.

⁹ CHARTIER, Roger. A história Cultural. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1990, p.17.

O segundo conceito do qual nos apropriamos é o de imaginário. Sem nos adentrarmos nas minúcias e sutilezas das formulações acerca do imaginário, compartilhamos do ensinamento de Baczko, que o concebe como um conjunto simbólico amplo e norteador da leitura do mundo de determinada sociedade. É através do imaginário social que se constróem modelos e modos de interpretações que conduziram o pensar e agir social, compondo, ao final, uma “ordem”, legitimando o poder e reafirmando um pensar.¹⁰ O que nos agrada nesta concepção, é exatamente a rejeição do imaginário social como sinônimo de falso ou irreal, na medida em que o próprio “real” nada mais é que parte integrante deste imaginário.

Assim, o primeiro capítulo da dissertação, “*Um Mundo em Sua Casa*”, tratará da inserção do fotojornalismo na imprensa nacional e sua repercussão social, compreendendo as características gerais do uso da fotografia nas revistas dentro de uma nova dinâmica de reportagem. Como não poderia deixar de ser, faremos ainda neste capítulo um breve relato da história das revistas.

No segundo capítulo, “*O Brasil em Cores*”, analisaremos a forma como as revistas tratam o tema “Brasil”. A contextualização do momento histórico brasileiro e sua

¹⁰ BACZKO, Bronislaw . “Imaginário Social”, in Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional, V.5, pp. 296-332.

apresentação pelos periódicos compõem o segundo momento da dissertação.

No terceiro capítulo, “*América Latina em Preto e Branco*”; iremos tratar da apresentação das imagens e reportagens da América Latina, entender as formas de apresentação do continente nas revistas, a distribuição espacial e quantitativa das matérias em suas páginas, bem como o tratamento estético dispensado aos países latino-americanos. Nele iremos contrapor a imagem da América Latina com a do Brasil. Cotejando as reportagens sobre o Brasil e sobre a América Latina tentaremos desvendar, segundo as fotorreportagens, qual a posição do Brasil no contexto dos demais países latino-americanos, no que ele se distanciava e como se aproximava. Aqui iremos comparar a forma como eram reportados os acontecimentos políticos no Brasil com situações similares ocorridas em outros países latino-americanos. Também cuidaremos neste capítulo das diversas formas de apresentação dos vários países latino-americanos pelas revistas. Pode-se falar de imagem ou imagens da América Latina? Quais os países que se diferenciam do conjunto? Quais as diferenças e semelhanças nas reportagens de ambas as revistas sobre os mesmos temas?

No quarto capítulo, “*A América Latina é Assim...*”, traçaremos um perfil da imagem da América Latina abordando o tema predileto das revistas: o golpe de Estado. Discutiremos, a partir do enfoque das revistas, a natureza política

dos países latino-americanos, bem como o discurso dos periódicos sobre a vocação destes países para o golpe e incapacidade para a democracia. O atraso econômico e social, a vida cultural e suas diferenças com o Brasil.

Encerrando a dissertação, discutiremos, no derradeiro capítulo, “*As Armadilhas Da Foto: O Caso Cubano*”, os vários exemplos de adulterações criadas pelas revistas. Tomaremos como exemplo as montagens fotográficas e a adulteração das cenas criadas pelas revistas no caso da Revolução Cubana. Indicaremos os momentos quando as revistas transformavam intencionalmente as fotografias, fraudando-as.

CAPÍTULO I

UM MUNDO EM SUA CASA

O Mundo em Cores

Em agosto de 1954 a revista O CRUZEIRO rompeu com uma tradição que trazia há décadas. Pela primeira vez a foto da capa da revista não era de uma beldade da época. A capa trazia a foto do presidente Getúlio Vargas. Este número, totalmente dedicado à cobertura fotográfica do suicídio do presidente, estava composto por oito reportagens recheadas com fotos da carreira e do ato trágico do estadista. Os exemplares da revista desapareceram em poucas horas após a chegada nas bancas de jornais. Aproximadamente um milhão de encartes vendidos, a maior tiragem que uma revista nacional vendera até então.

A revista MANCHETE também trouxe a cobertura do evento com um número todo dedicado ao acontecimento. A foto da capa, igual à da sua concorrente, era a do rosto do ex-presidente na urna funerária (**Foto-01**). As reportagens da revista traziam dezenas de fotos. A primeira delas, do corpo sendo velado no Palácio do Catete, abria a sequência das reportagens iniciada com o funeral (**Foto-02**). Personagens da vida política nacional eram apresentados ao lado de populares, todos comovidos

Manchete

TRÁGICO
DESFECHO
DA CRISE

23 - REVISTA SEMANAL - RIO DE JANEIRO - 28 DE AGOSTO DE 1954 - CR\$ 5,00



MARGAS: DO CATETE PARA A HISTÓRIA



VARGAS: DO CATETE PARA A HISTÓRIA

GETÚLIO DORNELES VARGAS (foto de Darwin Brandão) pôs termo à vida com um tiro de revólver no coração, em seus aposentos no Palácio do Catete, que ainda ocupava como Presidente da República

DIRETOR-RESPONSÁVEL
Nelson Quadros

anchete

REVISTA SEMANAL
BLOCH EDITORES S. A.
PRESIDENTE: ADOLPHO BLOCH
DIR. SUP.: OSCAR BLOCH SIGELMAN

RUA FREI CANECA, 511 - TELS.: 32-4355 E 32-0300 - RIO DE JANEIRO

DIRETOR-GERENTE:
Nelson Alves

123 • 28 DE AGOSTO DE 1954

REPORTAGENS

Político Trágico	3
Última Visita do Povo	4
No Velório do Presidente	6
Últimos Instantes do Presidente	8
Última Mensagem de Vargas ..	10
Política no Catete	12
Vargas Decide Entregar o Poder	14
Arçat, o Tapeceiro	17
Congresso dos Escritores	22
Exército Alemão	35
9 Milhões por um Título	52
o Salto Grande	63
Presidente Café Filho	67
Atuação nas Ruas	72

DIRETOR DE REDAÇÃO Otton Lara Resende
CHEFE DE REPORTAGEM Darwin Brandão
DIRETOR DE ARTE Henry Moeller

REPORTAGEM

JOSÉ GUILHERME MENDES, SALVIANO CAVALCANTI DE OLIVEIRA, ANTONIO ROCHA, CARLOS OLIVEIRA, HOMEROMEM, FLÁVIO DE AQUINO, ALEX VIANY, MARCELO COIMBRA TAVARES, SOUZA ROCHA, EDIÁS MOURA, JOSÉ DO PATROCÍNIO OLIVEIRA, SIVALDO MENDES, SALVADOR MONTEIRO, JOSÉ MAURO GONÇALVES, MARÍLIA SOBRAL VIEIRA, EUCLÉCIO ACÁCIO, JOÃO ALVES DOS SANTOS E RUBENS PENA.

SEÇÕES

ENRIQUE PONGETTI, ROLANDO BORZALO, SÉRGIO PÓRTO, VERAMOR, IDA UCHOÁ, MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA, LISIE LESSA, PAULO MENDES CAMPOS, FERNANDO OBO, IBRAHIM SUED, FERNANDO SABINO, NESTOR DE HOLANDA, JOSÉ RONALDO, GUILHERME IGUEIREDO, RUBEM BRAGA, HUMBERTO BASTOS, GERALDO ROMUALDO DA SILVA E LÚCIO RANGEL.

DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO

SALOMÃO SELLIAM, ORLANDO MACHADO, GERVÁSIO BATISTA, FÁBIA DE AZEVEDO, JOÃO PEDROSA, WANDERLEY BAPTISTA, FRANCISCO CARVALHO HENRIQUES.

DEPARTAMENTO ARTÍSTICO

WILSON PASSOS, JACOB PEDREIRA, ZVONKO CIVENY, IRELL, FERNANDO LEMOS, MARIA THERESA VIEIRA, ARTISTA FILHO, EDUARDO ANAHORY E VITÓRIO GHENO.

DEPARTAMENTO GRÁFICO

OSÉ LUIZ WERNECK, NELSON SAMPAIO, VALENTIM BONDAR.

BUREAU EM SÃO PAULO

REPORTAGEM DANIEL LINGUANOTTO
IA, TUPI, 404 - APTQ. 31 - TELEFONE 52-7154

BUREAU EM PARIS

REPORTAGEM JUSTINO MARTINS
7, RUE DU LAOS - PARIS - 15^{EME} - FRANÇA

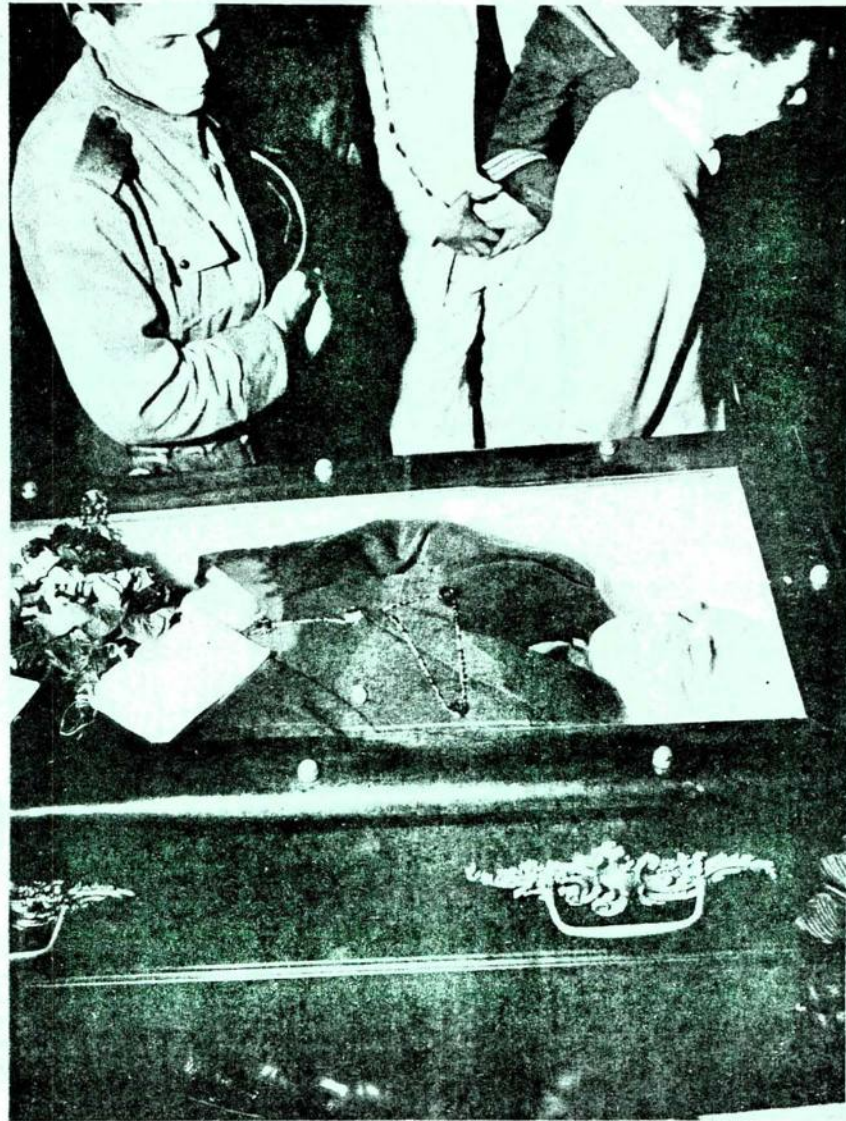
DISTRIBUIÇÃO

DISTRIBUIDORA IMPRENSA LIDA
VENIDA 13 DE MAIO 13-LOJA C-TEL. 22-8817-810

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

DIRETOR Dirceu Torres Nascimento
ASSISTENTE Leandro C. Fonseca
RUA FREI CANECA, 511 - TELEFONE 52-0074

PUBLICIDADE EM S. PAULO Décio C. da Silva
7, IPIRANGA, 1071, 3.º ANDAR, SALA 503, TEL. 35-6067



Epílogo trágico de uma carreira triunfante

A carreira política do sr. Getúlio Vargas foi, por muitos títulos, singular. Depois de experimentado na vida pública, tendo passado pela governança de seu Estado e pela pasta da Fazenda, atingiu a chefia do Executivo, trazido por um movimento revolucionário que continha os anseios de uma reforma. Daí para a frente, a carreira do sr. Getúlio Var-

gas foi uma cadeia de sucessos que lhe garantiram o primeiro plano na cena política nacional por mais de vinte anos. Sua presença — ninguém o pôde negar — marcou profundamente a vida deste país, que ele agora estareceu com um gesto que desvendou tragicamente a sua face de homem, para tantos oculta por trás do homem público Getúlio Vargas.

SBD/FFLCH/USP

com o suicídio do estadista. As cinco primeiras páginas que cobriam o velório foram ocupadas por mais de vinte fotos. A apresentação da matéria fora feita em duas páginas contíguas. Na margem esquerda da primeira página há uma coluna vertical com quatro fotos, todas de populares chorosos ao lado do caixão. No centro, a foto maior, ocupando a parte superior das duas páginas, um popular coloca uma rosa sobre o presidente morto (**Foto-03**). Na extrema direita da segunda página, nova coluna de fotos na vertical, mais fotos de populares no velório, agora em estado de extrema comoção. Os desfalecidos aparecem carregados por policiais ou soldados do Catete. A última página desta primeira reportagem está cravejada por pequenas fotos dos colaboradores do governo (**Foto-04**). A última das oito fotos da página é do general Caiado de Castro, ao lado do esquife, mirando o rosto do ex-presidente.

Na reportagem seguinte: “Os Últimos Dias do Presidente”, a revista trazia as imagens das derradeiras audiências e viagens do presidente. Sempre em tom sério, o percurso de Vargas é reconstruído com o desfecho na reportagem seguinte: “Ao Ódio Respondo com o Perdão”. O título transcrito no topo da página tem a foto de corpo inteiro à esquerda e, na margem direita, a carta testamento de Getúlio Vargas.

Ao observarmos a diagramação das fotos desta primeira reportagem temos um modelo de disposição que era seguido pelas demais reportagens da revista. As matérias iniciavam com uma única foto cobrindo duas páginas, acompanhada



TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 1954

Getúlio recebe a última visita do povo

9 HORAS — Destilar em frente à Presidência Vargas, de nove horas em diante, os seus parentes, seus ministros, amigos e altas autoridades. Os jornalistas e fotógrafos esperavam numa espécie de ilha formada em frente ao Cateite, a uns cem metros do portão principal. Os seus quarteirões adjacentes se encontravam fortemente policiados por tropas do Exército armadas de metralhadoras portáteis, e o povo era mantido a distância. Desde que as estações de rádio começaram a noticiar, para o país inteiro, o trágico acontecimento, todas as casas comerciais cerraram suas portas, e comerciantes, funcionários, estudantes, donas de casa e crianças saíram para a rua, foram chorar nas ruas desoladas a morte desse estranho homem, esse extraordinário homem que com o seu sorriso e o seu charuto buleversou, na vida e na morte, o povo do seu país.

10 HORAS — Havia indícios de que a exaltação da massa cresceria com o correr do dia. Já as dez horas ela experimentava a resistência das tropas que isolavam o Palácio, aos gritos de "Getúlio! Getúlio! Queremos ver Getúlio!", e o rádio informava incessante-

mente sobre o movimento humano na Avenida Rio Branco, Largo da Cariaca e vicinidades. Na via famílias intiras chorando luto e luto nas calçadas variadas, pessoas de todas as condições sociais, havia sempre mais exaltados que, no fundo de uma revolta insipirada e sem objetivos, procuravam alguma coisa em que desfogar, despejando indistintamente vitórias e cartazes de propaganda eleitoral de candidatos oposicionistas.

11 HORAS — Continuavam a chegar ao Palácio figuras de projeção em nossa vida política. Já agora a multidão se estendia por quarteirões e quarteirões, do Largo do Machado à Glória, engarrafando o trânsito de veículos para a Zona Sul. A imprensa continuava do lado de fora. As sucessivas edições dos respetivos, com suas páginas ocupadas quase que exclusivamente por manchetes, eram esgotadas num segundo.

MEIO-DIA — A mensagem póstuma do Presidente Vargas era lida e comentada entre lágrimas em todos os cantos da cidade. Ao mesmo tempo se tomava conhecimento das pa-



avras do Sr. Café Filho, nas quais o sucessor legal do morto pedira que a população se contivesse tranquila naquela hora dolorosa. Nessa altura a população começava a sentir fome, sede e cansaço, e, embora alguns apenas conseguissem se sentar no meio-dia, não podendo, como os que permaneciam em pé, saciar a sede nem a fome, porque todos os bares estavam fechados, ninguém se retirou, as seis horas da tarde já estaria aquele mesmo povo, esperando com impaciência o momento de dizer adeus a Getúlio Vargas.

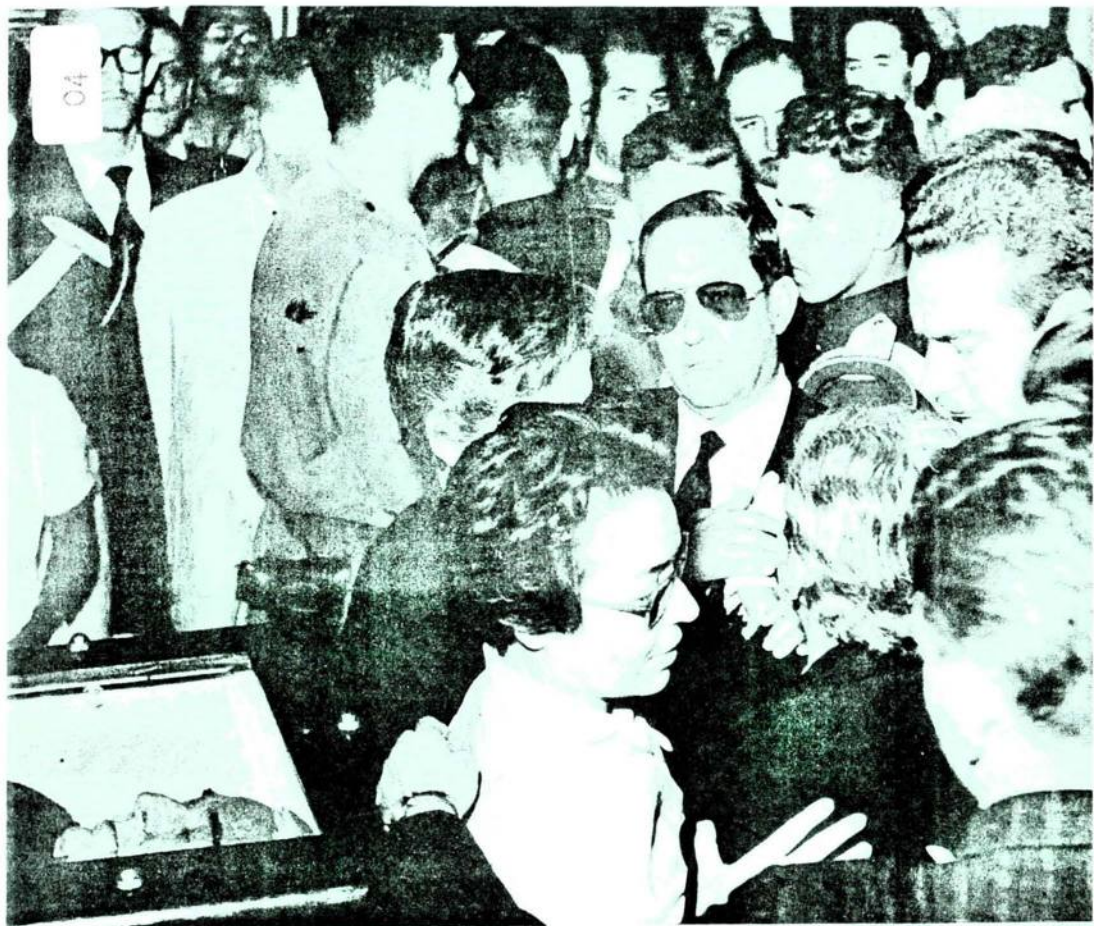
13 HORAS — Foi tranquiada a entrada do Cateite para os jornalistas e fotógrafos presenciais. Pelos jardins espalhava-se um grande número de cotões. O pavimento superior, onde se encontrava o corpo, era frequentado apenas pelas pessoas de intimidade da família Vargas. O General Canado de Castro podia ser visto, em atitude compungida, num dos salões do andar térreo.

14 HORAS — Sendo informado pelo rádio que o povo poderia desfilar diante do corpo do Presidente a partir de uma hora, formou-se imediatamente uma enorme fila que chegou a

atingir Botafogo. As ambulâncias não cessavam de ir e vir, socorrendo as vítimas de insolação, vertigem, etc. Dois carros de reportagem da Rádio Globo eram queimados em plena rua, por populares, e começavam a chegar notícias alarmantes dos outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul. As emissoras transmitiam programas de músicas fúnebres e saias. No Palácio, num momento de grande emoção, o Marechal Mascarenhas de Moraes assistia pela última vez o rosto sereno de Getúlio Vargas.

17 HORAS — Inicia-se o desfile do povo diante dos restos mortais do Presidente. Milhares de pessoas, que tinham esperado horas a fio pelo momento de penetrar no Palácio do Cateite, para ver, pela última vez, o rosto sereno de Getúlio, organizam-se, ordenam-se, em fila indiana, que se estende por quarteirões e quarteirões, atingindo desde a Glória até Botafogo. No Palácio, a medida que o povo desfila, cenas comovidas se sucedem, com explosões de dor inouída. Muitos choram diante do cadáver. Por toda parte, na cidade, faz um silêncio fúnebre. A Nação está de luto.





D. Darcy não abandonou o espólio, presidiendo o drama que se viveu na madrugada de terça-feira. Ao lado de todos se deu o sentido: choraram logo após o fato.



O governador José Carlos, logo após o fato. Diante do espólio, com o governador Leônidas de Azevedo Peixoto.



Manoel Antônio Vargas e sua esposa, José Góndia e Manoel de Melo, foram vistos apenas nesse dia junto durante o velório do Presidente Getúlio Vargas.



Eurico Vargas foi, como médico, quem permitiu com calma a morte do Presidente da República. Permaneceu durante todo o tempo junto ao corpo de seu pai.

U PAI ACABARA DE SUICIDAR-SE

D ALZIRA, DEPOIS DE TER PERMANECIDO NO CATETE ATÉ ALTA MADRUGADA, LA VOLTOU COM A TERRIVEL NOTICIA DE QUE

No velório do Presidente

Parentes, amigos e auxiliares

Durante todo o dia e a noite em que permaneceram, no Palácio do Catete, o espólio com os restos mortais do sr. Getúlio Vargas, seus parentes, colaboradores, auxiliares diretos e os correligionários ali permaneceram, profundamente consternados, para a última homenagem ao chefe da Executivo.



O Ial Secretário da Presidência da República, Eurico Vargas, sofreu um grande golpe emotivo ao receber a notícia do trágico gesto de Getúlio Vargas.



Manoel de Melo, companheiro de Vargas desde sua presidência de 1930, esteve no Catete acompanhando o corpo de São Paulo.



O general Mascarenhas de Moraes, digno decano nos últimos períodos da vida, esteve longamente no Palácio do Catete, homenageando o Presidente Getúlio Vargas.



Após deixar com o Presidente morto o general Castello Branco fez um desdobramento. Em dias que mais sofreram com a morte do amigo de tantos anos.

pela manchete em letras maiores no cabeçário. A seguir, uma sequência de cinco a oito fotos intercaladas com o texto escrito, dispostas de maneira tal a contar uma história, com começo, meio e fim.

Essa forma de reportagem era algo conhecido tanto pelos leitores da MANCHETE quanto de O CRUZEIRO há algum tempo. O prestígio d'O CRUZEIRO, aliás, havia subido significativamente no decorrer dos anos 50, transformando-a em um dos mais importantes veículos de comunicação da época, grande parte desta popularidade deveu-se exatamente à diagramação visual.

As imagens fotográficas trazidas pela revista fascinavam o público leitor, que buscava na informação visual uma aproximação mais detalhada, mais rica, e porque não dizer, mais realista dos fatos noticiados. Não é sem motivo que O CRUZEIRO, assim como MANCHETE, carregava suas páginas com centenas de fotos, um verdadeiro bombardeio de imagens, relegando ao texto escrito um papel secundário.

Ciente desta expectativa geral do público, os editoriais de ambas as revistas ao se dirigirem aos leitores concentravam suas explicações sobre as matérias de cada número partindo do comentário sobre as fotos, como no editorial de O CRUZEIRO de 01.02.58:

“... você não deve ter esquecido a rapidez com que leu nas páginas de O CRUZEIRO a documentação fotográfica do fracasso do lançamento do foguete americano, no Cabo Canaveral, apenas 96 horas depois do ocorrido. Com esta façanha formidável, a sua revista furou as suas congêneres da imprensa mundial(...)”¹¹

Ou ainda o editorial da mesma O CRUZEIRO de 07.12.57:

“(...) Mas você não sabe, o que não pode avaliar, é a dificuldade que Ed Keffel encontrou para executar o seu trabalho. Denso mistério envolvia a obra e quase todos os madrilinhos, praticamente, ignoravam a própria existência do faraônico Monumento a los Caídos. Foram necessárias meticulosas negociações junto às autoridades competentes, até que afinal Ed Keffel recebeu autorização para fazer as fotografias. Era o primeiro fotógrafo, dentro e fora da Espanha, que tinha o privilégio de documentar, com a sua máquina, o templo da montanha. Já agora, quando este número circula, a proibição foi levantada, o monumento inaugurado, qualquer fotógrafo de qualquer nacionalidade tem o caminho livre para bater as fotos que quiser, as agências jornalísticas devem estar distribuindo o material correspondente aos órgãos de imprensa de todos os países, mas a sua revista foi a primeira a transmitir-lhe informações sobre o Monumento dos Caídos”.¹²

A mesma revista, em 15.02.58, chamava a atenção do leitor para a originalidade das fotos:

¹¹ O CRUZEIRO, 01.02.58, p.5

¹² O CRUZEIRO, 07.12.57, p.5

“Também aparece nesta edição o que aconteceu domingo último no setor do II Campeonato Mundial de Basquetebol. Apresentamos o certame sob ângulos fotograficamente originais”¹³

Os editoriais da MANCHETE não ficavam atrás. Pelo contrário, até mais que sua congênere, a revista da editora Bloch apostava na fotográfica como o ponto alto do periódico. Assim, temos como exemplo o n. 484 de 15 de julho de 1961:

“ Apaixonado pela arte fotográfica, o Governador Carvalho Pinto desembarcou no Rio armado de máquina para fixar a paisagem carioca. Mas a Conferência dos Governadores do Leste com o Presidente Jânio Quadros não lhe deixou tempo para bater uma foto sequer. Então, já ao despedir-se, de volta para São Paulo, ele usou o aparelho de um dos nossos repórteres, numa espontânea homenagem aos colegas de arte. “Agora parto contente” disse “O resto, arranjei com o Presidente”. Aliás, este número de MANCHETE está cheio de fotos que valem milhares de palavras. A do filho de Eichmann, por exemplo, tomada em Buenos Aires... As do garçom carioca que enlouqueceu por algumas horas em pleno trabalho... E a cara da ex-amiga do Rei D. Carlos de Portugal? A foto que eu prefiro, porém, é a da tenda do xeque do Kuwait à frente de um refinaria de petróleo”.¹⁴

¹³ O CRUZEIRO, 15.02.58, p.3

¹⁴ MANCHETE, 15.07.61, p.3

Em verdade, quase todas as chamadas dos editoriais são do mesmo teor, colocando em destaque as fotos apresentadas no respectivo número. Tal procedimento se operava mesmo em momentos críticos; como ocorreu com a chamada da coluna “Conversa com o Leitor” no número 623, de 28 de março de 64 -- dois dias antes do golpe militar -- onde o editor promete, no mesmo parágrafo, as fotos do grande comício promovido pelo presidente João Goulart e da atriz francesa Brigitte Bardot em Búzios.¹⁵

Em maio de 63, outro editorial da MANCHETE se autocongratula com a rapidez da revista, capaz de, em apenas 48 horas, já ter as fotos publicadas do encontro entre os governadores da Guanabara e de São Paulo, gabando-se de superar a própria agilidade da televisão.¹⁶

No número de 13 de maio de 1961, a revista O CRUZEIRO trouxe apenas os seguintes dizeres:

“Os assuntos são estes. Foi assim que vimos o Brasil e o mundo na semana passada. Como o Brasil nos verá? E o mundo?”¹⁷

¹⁵ MANCHETE, 28.03.64, p.03

¹⁶ MANCHETE, 19.05.63,p.4

¹⁷ O CRUZEIRO, 13.05.61,p.3

A coluna, tradicionalmente escrita, fora totalmente substituída por uma sequência de desenhos cobrindo todos os acontecimentos reportados pelo exemplar(**Figura-05**).

O uso da fotografia nas revistas não se limitava às reportagens, estendia-se também para outras sessões, sendo que as duas revistas publicavam uma coluna onde a fotografia era o próprio objeto. O CRUZEIRO mantinha seções intituladas “Fototeste” e “Um Fato Em Foco”¹⁸. O primeiro era uma brincadeira/passatempo oferecido pela revista, onde o leitor era inquerido a respeito de animais exóticos ou fotografias de personagens da atualidade, testando sua memória através da imagem fotográfica. A MANCHETE publicava uma coluna intitulada “Cartas do Leitor”, onde estes teciam comentários às reportagens da revista, sempre a partir das fotografias. Como revelam as seguintes “cartas”:

FIDEL CASTRO & ANIVERSÁRIO

Diz Amintas Veloso Siqueira, de Ribeirão Preto, SP “Pertencço à mais legítima corrente marxista-leninista, e por isto gostaria de ver em MANCHETE uma grande reportagem em cores sobre o quarto aniversário da heróica revolução de Fidel Castro, mostrando todos os aspectos do socialismo cubano.”¹⁹

¹⁸ O CRUZEIRO, 13.05.61, n. 31, p. 9 e 67

¹⁹ MANCHETE, 11.08.62,p.4

“VETOS EM MASSA”

Muito difícil de atender é o Sr. Albino Silveira, de Manaus. Trata-se de um leitor que aprecia muito esta revista; pede porém, um corte geral em reportagens que reproduzam fotografias ou atividades de pessoas de projeção em vários setores. O critério é de pura simpatia. Imaginem se cada leitor vetar uns tantos nomes, terminaremos impedidos de publicar a própria revista, privando de um dos seus maiores prazeres o nosso amigo de Manaus. Um pouco de tolerância não prejudica Sr. Silveira”²⁰

“PAISAGENS DO RIO”

“De Porto Alegre (R.G. do Sul), o leitor Sebastião Pinto reclama contra a falta de fotos em MANCHETE mostrando a cidade que êle viu no filme “Meus Amores no Rio.” Estranha que ultimamente não apareçam em nossas páginas coloridas as paisagens que tanto admirou na película. Chega a indagar: “Aquilo tudo existe mesmo no Rio ou são cenários pintados pelo diretor argentino? Está visto que o Sr. Sebastião Pinto queria fazer apenas uma frase, pois ele sabe tão bem quanto nós que o Rio é exatamente uma cidade de belas paisagens. Agora, quanto ao fato de ultimamente não terem aparecido reportagens com fotos dos lugares pitorescos da Capital do País, é uma advertência que levamos na devida conta para o futuro”²¹

²⁰ MANCHETE, 02.05.59,p.04

²¹ MANCHETE, 23.05.59, p. 04

Desta forma, a concepção de boa reportagem tanto para as revistas quanto para o público leitor passava pela avaliação da quantidade e qualidade de fotos apresentadas, tornando-se *foto* sinônimo de informação. A MANCHETE, por exemplo, apresentava, em média, em 1957, aproximadamente 500 fotografias por número, em suas noventa e seis páginas distribuídas nos vários artigos, reportagens ou anúncios. Mesmo quando não há fotos sobre a matéria, a mesma é acompanhada por algum desenho ou caricatura, de modo a inexistir matérias sem ao menos uma ilustração. Da reportagem de capa até o mais banal anúncio de pasta de dente, todas são ilustradas.

Por sua vez, as imagens respeitavam um sistema hierárquico, montando um jogo cênico arquitetado pelas revistas. As matérias de maior destaque ocupavam todo o campo visual da página, tanto pelo texto quanto pela fotografia, enquanto as matérias de importância menor dividiam o espaço do campo visual com outras matérias ou anúncios.

As matérias mais importantes ou que recebiam maior destaque na revista, tinham uma grande quantidade de fotos, que com o passar do tempo foram se tornando coloridas, ao passo que as de importância menor recebiam fotos reduzidas e em

preto e branco. No começo dos anos 60, a revista O CRUZEIRO fazia distinção, no índice, entre reportagens coloridas e reportagens com fotos em preto e branco.²²

Este “boom” de imagens encontradas nas revistas acompanhava de perto as transformações socio-culturais da época. A indústria cinematográfica, por exemplo, cresceu no país de forma avassaladora nos anos 40/50²³. O hábito de visitar salas de retroprojeções tornou-se uma rotina cotidiana nos grandes centros urbanos do país. De cada dez paulistanos nove frequentavam semanalmente os cinemas. O público se aglomerava em frente às bilheterias, cujo horário de funcionamento diário se estendia às altas horas da noite, apresentando e reapresentando a mesma fita a uma verdadeira multidão.

Nas ruas do Rio de Janeiro surgiram as luzes de neon decorando danceterias e bares noturnos localizados na orla marítima, trazendo um novo colorido à “cidade maravilhosa”.

Os novos anúncios publicitários, ao contrário dos tradicionais “reclames”, tomavam cada vez mais cores e formas diferentes. O novo marketing oferecia fotos de atores usando o produto vendido em poses e situações dinâmicas, trazendo sempre slogans marcantes, tudo em cores e em papel especial. Neste momento também difundiu-se nos grandes centros a utilização de

²² O CRUZEIRO, 24.10.64, p. 01

²³ MENEGUELLO, Cristina. Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas, Unicamp. 1996, cap. I e II.

out-doors , estampando, em gigantescas placas sustentadas por cavaletes ou em edifícios, fotos ou desenhos com mensagens publicitárias colocados em lugar de trânsito fluído, à beira de ruas movimentadas e de fácil acesso visual para aqueles que se deslocavam com carro, possibilitando ver a mensagem sem obstruir o fluxo do trânsito.

Mesmo a preocupação com o corpo demonstra a importância dedicada ao visual, ao aparente. Mais à mostra do que nunca nas praias badaladas da capital do país, vê-se o desfile de moças vestindo trajes de banho cada vez menores, ao lado de rapazes exibindo músculos bronzeados pelo sol com a ajuda de óleos bronzeadores -- uma coqueluche da indústria norte-americana importada e consumida em escala gigantesca no Brasil. Em verdade, não só os cremes bronzeadores, mas toda a indústria de cosméticos vê a rápida ampliação de seu mercado consumidor em escala internacional²⁴, no qual se insere também o Brasil. A pujança dos cosméticos pode ser facilmente acompanhada nas revistas. As antigas pomadas medicinais, oferecidas de maneira discreta até meados dos anos quarenta cedem aos poucos lugar a sofisticados cremes, óleos e ao mais variado número de produtos de higiene pessoal que prometem, cada um em sua especialidade, a melhoria da qualidade de vida do usuário a partir do embelezamento de sua imagem. Assim, temos uma inflação de anúncios nas revistas de bronzeadores que revelam a elegância e beleza do corpo bem cuidado, de pasta de dente

²⁴ HOBBSAWN, Erich. Era dos Extremos (O breve século XX), São Paulo, Cia das Letras, cap.10, p.282

que branqueia os dentes e melhora sua aparência e de batons que destacam a mulher inteligente e bonita, tais como: “Tabú -- o perfume proibido- para a mais feminina de todas as mulheres: a mulher brasileira”²⁵, “Colgate é o criador dos mais belos sorrisos”²⁶ ou ainda “Mais beleza para seu cabelo com óleo ou brilhantina Cashmere Bouquet”²⁷.

A preocupação com a aparência do corpo não se limitava apenas à saúde, mas sobretudo à sua apresentação pública. O atleta e o atletismo eram valorizados como nunca, e a busca da/do parceira(o) desloca-se dos tradicionais critérios morais, tais como da conduta do pretendente, a responsabilidade deste(a), situação econômica ou profissão, para sua aparência física. Segundo Antonine Prost: “as mulheres são convidadas a cultivar diariamente as flexões abdominais e a desenvolver a flexibilidade corporal. Surgem os cuidados com alimentos mais leves, com o elogio às carnes grelhadas e às verduras” (...) “Ter barriga já não é sinal de respeitabilidade para o homem, e sim mostra de desleixo: a gordura inútil cansa, e os tenistas -- os “três mosqueteiros” -- esbeltos em suas calças de flanela e camisas abertas oferecem um modelo de elegância masculina que sensibiliza os jovens.”²⁸ As moças devem agora ser encantadoras e seduzir permanentemente o marido, não se restringido aos deveres domésticos e à probidade na administração econômica da casa. Os

²⁵ O CRUZEIRO, 19.11.60, p.98

²⁶ O CRUZEIRO, 24.05.58, p.120

²⁷ O CRUZEIRO, 06.05.61,p.13

²⁸ PROST, Antonine, “Fronteiras e Espaços do Privado”, in História da Vida Privada, São Paulo, Cia das Letras, V. 5, 1995.p.97.

rapazes também romperam com a secular vestimenta de paletó e gravata, substituindo-as pelo jean, a jaqueta e a camiseta de algodão.

Interessante notar que o autor do trecho acima identifica as revistas semanais francesas como responsáveis diretas na articulação da mudança de costumes, uma aproximação muito semelhante a que podemos fazer com as revistas brasileiras dos anos 50. Segundo o autor, as revistas, mais do que o discurso científico, foram as responsáveis pelo aumento da higiene pessoal bem como pela difusão do uso de cosméticos. De fato, as campanhas publicitárias se valiam invariavelmente da imagem de atores de Hollywood ou de grandes personalidades da época. “Com as fotos sugestivas das revistas que servem de suporte específico a essas propagandas, com o reforço do cinema e principalmente da televisão, os profissionais dos cuidados com o corpo vieram a impor suas imagens. E com estas imagens, práticas novas.”²⁹

Assim, as revistas O CRUZEIRO e MANCHETE trazem informação ao público afinadas com a demanda visual. Estabelece-se uma relação entre informar e apresentar imagens. Noticiar era mostrar. E as revistas se colocavam como mediadoras, através das fotos, entre o leitor e mundo noticiado.

O cotidiano das ruas das grandes cidades era trazido às páginas das revistas instantaneamente. Os lançamentos dos foguetes americano e soviético eram reportados

²⁹ idem, p.98

através de fotografias em questão de horas. A história trágica de um acidente rodoviário, a miséria do menor abandonado ou o gol da final do campeonato de futebol são mostrados ao leitor, que sem se deslocar de sua cidade ou mesmo alterar seu ritmo de vida, pode ver o concurso de miss Universo, as praia do Caribe, o exotismo de um país árabe, a morte do presidente Vargas, o desembarque de Brigitte Bardot no Rio, passando pelas enchentes em São Paulo ou pequenos episódios da vida cotidiana nos grandes centros, tudo mediado pelo registro mecânico da imagem fotográfica, ou melhor dizendo, tudo acontece como notícia na medida em que é apresentada sua foto.

Através da fotografia de imprensa, o leitor d'O CRUZEIRO ou MANCHETE via o comportamento do transeunte das grandes avenidas do Rio ou de São Paulo, modelava seu gosto pelos novos produtos de consumo oferecidos pelo anúncios fotográficos da revista, emocionava-se com o drama da vida privada dos atores e baliza seu conhecimento não mais pelo que lia, mas principalmente pelo que via. Como assinala Gisele Freund:

“A introdução da foto na imprensa é um fenômeno de importância capital. Até então, o homem só podia visualizar os acontecimentos que ocorriam à sua volta, em sua rua, em sua cidade. Com a fotografia, abre-se uma janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar em um mesmo país e além das fronteiras tornam-se familiares(...) A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é um reflexo do mundo em que se vive.”³⁰

³⁰ FREUND, Gisèle. Fotografia e Sociedade, Lisboa, Verga, s.d. pp 106-35

Sobre a importância da fotografia da revista e seu impacto na construção do imaginário da época, temos as considerações da própria revista a respeito da reportagem sobre os xavantes:

“Os chavantes existiam dentre dos sertões de Goiás. Um cronista poderia afirmar, antes da reportagem, que os chavantes existiam de fato? (...) não poderiam dizer se os chavantes eram brancos, azuis ou dourados, nem mesmo chavantes(...) Veio uma reportagem e objetivou o assunto, tornou-o palpável, material, deu-lhe formas definidas. Depois disso os antropólogos, os etnólogos, os sociólogos caminharão sobre lajes e não sobre lendas, firmarão seus estudos sobre fatos, não sobre hipóteses. O repórter pode se despir nesse instante do manto da homérica profissão e se tornar, desde então, o sociólogo, o antropologista, o etnólogo.”³¹

Todavia, não fora apenas o uso em larga escala de fotografias nas revistas que forneceu tamanha alavanca para o sucesso editorial das mesmas. Em verdade, a revista O CRUZEIRO, por exemplo, já se valia do uso sistemático de fotos em suas páginas desde seu primeiro número, permanecendo o periódico estacionado em dezessete mil exemplares semanais durante

³¹ O CRUZEIRO, 24.06.44, pp. 46-62. A grafia “Ch” é da própria revista.

quase duas décadas³². A grande mudança ocorrida na revista neste período fora exatamente no que se refere ao tipo de foto e à forma de diagramação/editoração na revista.

Este modo de reportagem, como a cobertura da morte de Getúlio Vargas, aparentemente natural, fora algo extremamente inovador. Tal técnica fora batizada de “fotojornalismo” ou “fotorreportagem” e sua história nas revistas se confunde com a própria história das revistas.

Por esse motivo, uma melhor definição sobre fotojornalismo e seu impacto nos periódicos daremos juntamente com a trajetória das revistas até os anos 50/60.

A História das Revistas

O Cruzeiro

A revista O CRUZEIRO circulou pela primeira vez em 10 de Dezembro de 1928. O anúncio do lançamento da revista, cinco dias antes, ocorreu de maneira pouco convencional. Em um ato de extrema sensibilidade de marketing, o idealizador e proprietário da revista, Assis Chateaubriand, encomendou uma chuva com mais de quatro milhões de folhetos, arremessados de arranhas

³² PEREGRINO, Nadja. O CRUZEIRO, A Revolução da Fotorreportagem. Rio de Janeiro, Dazibao, p.38, 1991

céus situados na avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, anunciando a chegada da revista. Nestes folhetos o público era informado que se tratava de uma revista “contemporânea dos arranha céus”, aparelhada com os melhores equipamentos de impressão em cores, “uma revista que tudo sabe e tudo vê”³³.

Efetivamente, a revista contava com os melhores equipamentos de impressão. Em 1929, sua gráfica estava composta por cinco impressoras de rotogravuras, com capacidade para imprimir cinquenta mil exemplares semanais. Além da velocidade e nitidez da impressão, a gráfica era capaz de confeccionar encartes coloridos com grande definição, uma vantagem considerável em relação às demais concorrentes³⁴. A impressão em cores, no entanto, permaneceu até o final dos anos 50 reservada às matérias publicitárias, ocupando aproximadamente entre 30% e 35% de toda a revista³⁵. Entre 1928 e 1930, O CRUZEIRO foi editado em Buenos Aires, sendo transferida sua oficina com a importação das impressoras de rotogravuras *man*³⁶, para a capital federal brasileira, Rio de Janeiro, neste último ano. A partir de 1931, a revista passou a contar com mais uma inovação tecnológica, “o ‘telejornal’, uma máquina capaz de transmitir por ondas de rádio, a milhares de quilômetros de distância, as imagens de uma fotografia ou de uma página de jornal”³⁷. Obviamente, este aparato técnico potencializou a agilidade da revista. Através de contatos com várias agências de

³³ MORAIS, Fernando. Chatô. O rei do Brasil, São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.187.

³⁴ *idem*.

³⁵ PEREGRINO, Nadja. O Cruzeiro. A Revolução da Fotorreportagem. Rio de Janeiro, Dazibao, 1991, p.24

³⁶ *idem* p.21

³⁷ MORAIS, Fernando, *op. cit.*, p.173

notícias internacionais, tais como APLA, INS, U.P., FRANCE PRESS, GLOBE PRESS ASSOCIATION, além da MERIDIONAL, a primeira agência de notícias internacionais brasileira, integrante do grupo dos Jornais Associados.

Desde seu início, a revista era concebida como o carro-chefe da holding Associados, havendo uma preocupação clara de seus diretores em ser uma revista de penetração nacional. Logo no primeiro número, todas as cidades importantes do território nacional receberam simultaneamente seus exemplares. Assim, de Belém a Porto Alegre, no dia 10 de Dezembro de 1928, todas as bancas de jornais vendiam a revista.³⁸

Todavia, do nascimento bombástico até meados dos anos quarenta, O CRUZEIRO permaneceu com uma tiragem que não ultrapassava 17.000 exemplares, sendo, mesmo assim, uma quantidade respeitável entre as publicações de seu gênero. Apresentando temas variados como esporte, carnaval, vida íntima de artistas de Hollywood, humor, receitas culinárias, reportagens sobre o cotidiano, política interna e internacional, O CRUZEIRO inseria-se em um padrão de revistas recém surgidas no mercado ianque: as revistas magazines, termo inspirado nas grandes lojas de departamentos norte-americanas. O ecletismo de assuntos em um mesmo produto cultural se colocava como uma tendência do mercado da época, tornando-se mais tarde um traço da própria cultura de massa. Como observou Edgar Morin, nos anos trinta inicia-se uma

³⁸ idem.

produção cultural de discos, cinema, romance, onde não há mais um gênero específico. Os folhetins melosos, contando histórias de amor, são agora também de aventura, de suspense, de humor e policiais. Os gêneros misturaram-se de tal forma a se tornar inclassificável um livro ou um filme como pertencente a um determinado gênero ou a outro. Eram híbridos ³⁹.

O CRUZEIRO se apresentava como uma revista moderna. Como já dissemos, auto-intitulava-se : “contemporânea dos arranha céus”⁴⁰, na qual os mais diversos assuntos eram colocados lado a lado. Uma matéria sobre o campeonato paulista de futebol era seguida por outra sobre a política interna nacional, que por sua vez antecedia um concurso de poesia ou mesmo uma receita culinária. Todas, no entanto, dividiam espaço com anúncios ou peças publicitárias, oferecendo uma infinidade de artigos de consumo que iam de carros importados a remédios que prometiam “curar definitivamente o inconveniente problema das pessoas que tinham orelhas de abano”. Sem dúvida, tratava-se de uma inovação no mercado nacional, cuja regra eram publicações de assuntos específicos, com poucos ou nenhum anunciante. Contava ainda O CRUZEIRO com a colaboração de um número impressionante de intelectuais renomados de praticamente todas as áreas. No correr de sua história veremos desfilar artigos, poesias , crônicas ou desenhos de intelectuais como Gilberto Freire, Rachel de Queiroz, Sérgio Buarque de Hollanda, Carlos Lacerda, Austregésilo

³⁹ MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX. O espírito do tempo, São Paulo, Forense editora, 1967,p.38.

⁴⁰MORAIS, Fernando, ob cit., p.187

de Athayde, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Millor Fernandes, Manuel Bandeira, Nelson Rodrigues, Rubem Braga e Celso Furtado, dentre outros intelectuais brasileiros, entre os anos 30 e 60.

Por sua proposta editorial, a revista atingia um público variado. Mesmo que se possa identificar, em seus primórdios, um grupo ou gênero de leitores, a evolução e expansão da revista no decorrer de sua história impõe-se à compreensão de ser consumida por um leque variado de pessoas, atingindo vários estratos sociais. O maior indício desta abrangência é a existência de anúncios de cursos profissionalizantes, voltados sobretudo à camadas sociais de menor renda, ao lado de propaganda de produtos sofisticados, tais como automóveis ou eletrodomésticos.⁴¹

Entre as publicações existentes no mercado brasileiro, O CRUZEIRO era a mais lida por amantes de moda do que todas as revistas especializadas na área. Era também a mais consumida por leitores de esporte que os periódicos específicos. E assim por diante, nos mais diversos assuntos. Um testemunho sobre a projeção da revista no cenário nacional fora dado pelos próprios jornalistas que participaram da publicação:

“Era a melhor publicação ilustrada e, mesmo sem as facilidades contemporâneas, conseguiu imprimir um dinamismo às suas reportagens que as outras revistas não tinham. Naquela época não havia telex, nem avião a jato,

⁴¹ FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “Liberdade é uma Calça Velha Azul e Desbotada”: Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964), São Paulo, USP-CAPH n. 3246, tese de dissertação de Mestrado, p. 10, 1996.

nem satélite, nem computador. A gente trabalhava na base do avião à hélice, de telegrama pela Western Union e de telefone com três a quatro horas de atraso. Mesmo assim, fazíamos uma revista que no início da semana traçava uma síntese do que tinha acontecido na semana anterior. E isto com uma precisão de análise e principalmente com uma visão fotográfica diferente daquela que os jornais tinham publicado, sob a forma de telegrama ou de reportagens pobres em ilustrações. O CRUZEIRO oferecia, assim, uma informação muito rica, dinâmica e imediata para os acontecimentos.”(Flavio Damm)⁴²

“No ônibus ou no lotação ou mesmo nas filas de pessoas saindo do trabalho, a gente via todos com O CRUZEIRO na mão, esperando a condução e lendo, bebendo aquelas aventuras de José Medeiros, Jean Manzon, Arlindo Silva e tantos outros. O sujeito que era escriturário ou bancário, ou militar embarcava naqueles signos da revista e viajava para Madagascar, Beirute ou Nova York, ou mesmo Recife ou São Paulo, Então era um barato”(Walter Firmo)⁴³

A percepção da importância das revistas na época era sentida pelos próprios jornalistas que as compunham, como nos revela o testemunho de Armando Nogueira: “nas tribunas parlamentares, os temas de discussões políticas, veiculados pela revista, estavam sempre entrando nos anais do Congresso”⁴⁴, ou,

⁴² PEREGRINO, Nadja. O Cruzeiro. A revolução da fotorreportagem, Rio de Janeiro, Dazibao, 1991,p.25

⁴³ idem p.26

⁴⁴ PEREGRINO, Nadja, op cit.,p. 27, entrevista concedida à autora.

mais conclusivamente, Luiz Carlos Barreto: “nós eramos uma imagem que chegava no Amazonas, em qualquer lugar, para o sujeito que esperava ver o carnaval do Rio de Janeiro ou a fotografia do gol da Copa do Mundo. Nós eramos o visual da nação em termos nacionais.”⁴⁵

Todavia, se a revista fora desde seu nascimento um projeto ambicioso, segundo seus próprios editores, uma verdadeira arma “no mais moderno processo americano de infiltração na consciência dos consumidores”⁴⁶, sua projeção definitiva com um dos maiores meios de comunicação de sua época ocorreu somente em meados dos anos quarenta, quando a revista saltou de 17.000 cópias semanais em 1943 para 80.000 cópias em 1945, ou seja, em apenas dois anos a revista aumentou sua vendagem em quase 500%, crescendo, a partir de então, ano a ano, em uma espiral estratosférica, atingindo, nos anos cinquenta, uma tiragem média que superava setecentos mil exemplares semanais, sendo vendido também outros duzentos e cinquenta mil exemplares no exterior. Por sua vez, cada exemplar era manuseado por aproximadamente cinco pessoas. Deste total de consumidores, estima-se que 5% eram analfabetos. Em outras palavras, a revista era “vista” por aproximadamente três milhões e quinhentas mil pessoas.⁴⁷

⁴⁵ *idem*, p.27

⁴⁶ MORAIS, Fernando, *op. cit.*, p. 187.

⁴⁷ Segundo estatísticas do IBOPE, 5% dos leitores fluminenses de O CRUZEIRO eram analfabetos. GONTIJO, Silvana. A Voz do Brasil. O IBOPE do Brasil. São Paulo, Objetiva, 1996, p. 91

Manchete

A revista MANCHETE, lançada em 1952 pela editora Bloch, acompanhava de perto a estrutura da revista O CRUZEIRO; vinha em forma de magazine, apresentando os mais variados temas. A qualidade do material visual da revista era sensivelmente melhor que O CRUZEIRO. O uso de fotos coloridas e com alto grau de precisão era um dos expedientes mais usados neste periódico. De forma mais acentuada ainda que a revista O CRUZEIRO, o desfile de modas, a vida íntima de atores e atrizes, de cantores e jogadores de futebol, tinha uma prevalência sobre os demais assuntos. Mesmo quando tratava de assuntos da esfera política, a abordagem recaía sobre os personagens/protagonistas sob o ângulo pessoal e subjetivo. Como, por exemplo, nas reportagens onde é destacado o sorriso carinhoso de Eisenhower em sua visita ao Brasil, ou a ira de Fidel Castro quando do ataque à Baía dos Porcos ou ainda a elegância da primeira dama no discurso do presidente João Goulart, às vésperas do golpe de 64⁴⁸. Tratados todos por apelidos, a apresentação fotográfica de personagens da vida política nacional e internacional é sorrindo ou em pose elegante. Brigitte Bardot, chamada apenas de B.B., e Pelé, em segundo lugar, são os principais personagens da revista. Com assiduidade espantosa, matérias, artigos

⁴⁸ Respectivamente são as matérias veiculadas nas seguintes datas: 12.03.60, 10.04.62, 28.04.64

ou reportagens sobre a atriz francesa aparecem em todos os exemplares da revista, durante anos.

A tiragem da revista MANCHETE em 1954 era de 110.000 exemplares semanais. A revista dizia visar sobretudo “as classes A e B”, e desprezar aqueles que apenas buscavam na revista o material visual. No editorial da revista, em seu número 100, em 20.03.54, explicitava esta idéia:

“Nenhuma revista semanal brasileira alcançou jamais uma circulação tão grande num espaço de tempo tão diminuto. Refiro-me àquelas dirigidas às classes ditas A e B, isto é , à gente de maior instrução que não compra para ver figuras e para fazer dessas figuras a sua pinacoteca, o seu álbum de sonhos, os seus santuários”(...) “ é formidável chegar aos 100 números com 110.000 exemplares semanais servindo ao público de paladar mais refinado”.⁴⁹

Todavia, ao contrário do que afirma a revistas, a mesma era também consumida por leitores das chamadas classes B e C, dividindo o mercado com O CRUZEIRO.

A revista usava fotos das mesmas agências de notícias internacionais que O CRUZEIRO.

A MANCHETE não tinha uma coluna específica sobre política internacional como O CRUZEIRO - que na verdade se restringia à política norte-americana - mas publicava a

⁴⁹ MANCHETE, n. 100, 20.03.54, p. 4

coluna “O Mundo em Manchete”, que não tratava propriamente de política internacional, mas sim de todo tipo de curiosidade.

Do Pictorismo ao Fotojornalismo

O pictorismo

Nos anos vinte, quando do lançamento da revista O CRUZEIRO, os fotógrafos de imprensa inspiravam-se em uma concepção visual oriunda do impressionismo das artes plásticas. O fotógrafo profissional, ou diletante, encontrava nas situações imóveis a inspiração do belo. Assim, reproduções fotográficas buscavam uma harmonia semelhante às composições impressionistas da pintura⁵⁰, centrando seu discurso visual no equilíbrio das formas e dos objetos. Predominantemente ilustrativas, as imagens fotográficas expunham situações e acontecimentos sociais solenes, casamentos, congressos, reuniões, onde o fotografado posava para a foto. Por sua natureza, tais fotos tinham um caráter ilustrativo da reportagem escrita. Completando ou meramente ilustrando o artigo, a fotografia se colocava como apêndice do texto, daí uma relativa autonomia entre a foto e o texto da revista. Apesar de abundantes, as fotos eram esparsamente distribuídas nas páginas da revista, formando um mosaico disforme, sem que houvesse conexão

⁵⁰ COSTA, Helouise. “Pictorismo e Imprensa. O Caso da Revista O Cruzeiro (1928-1932)”, in FRABIS, Anna Theresa (org) Fotografia Usos e Funções no Século XIX, São Paulo, Edusp, 1991, p.262.

mais íntima entre as fotos e o encadeamento narrativo da reportagem que ilustravam. Tal editoração das fotografias mereceu o seguinte comentário de Jean Manzon sobre a revista:

“ (...) aquilo não é uma revista, mais parece um catálogo, uma galeria de retratos parados, idênticos. Além disto, provavelmente para parecer uma publicação rica, imagina ele, dezenas de fotos minúsculas são estampadas uma ao lado da outra, como se fossem uma coleção de selos. Tudo isso num papel tão ruim que, mesmo com máquinas de boa qualidade, para aquele francês habituado ao requintado papel cuchê de Paris-Match a impressão sugeria que as fotos fossem manchadas de tinta(...)”⁵¹

A entrada de Manzon como colaborador da revista era justamente para alterar este panorama. A primeira reportagem do fotógrafo, com o texto de David Nasser, fora sobre os índios xavantes no Pará. As fotos tiradas em vôo rasante sobre a aldeia proporcionaram uma reportagem com dezoito páginas. “A revista esgotou nas bancas e os exemplares eram disputados no câmbio negro.”⁵²

A partir de então, inaugurou-se na revista um padrão de reportagem sedimentada na técnica do fotojornalismo, seguindo uma tendência mundial.

⁵¹ MORAIS, Fernando, op cit., p. 418

⁵² idem ,p.419/420.

O Fotojornalismo

O fotojornalismo nasceu como técnica de editoração na Alemanha dos anos 20. A princípio era fruto de mais uma experiência fotográfica da Bauhaus. Um de seus expoentes máximos, Eric Salomon, destacou-se entre seus contemporâneos por colher flagrantes fotográficos de pessoas em situações inesperadas⁵³, usando tais fotos em reportagens veiculadas pela imprensa. Esta experiência/brincadeira fora possível com as inovações tecnológicas introduzidas na época. No início dos anos 20, o mercado alemão lançou a *Ur Leica*, uma máquina fotográfica cuja particularidade era ser portátil, de fácil manuseio e sem a necessidade de flash⁵⁴. Ao contrário dos demais aparelhos disponíveis, a *Leica* tinha um tamanho reduzido e pouco peso, o que facilitava seu porte em pastas ou pequenas bolsas. Munido deste aparelho, o fotógrafo era capaz de infiltrar-se em qualquer ambiente, escolhendo o ângulo e o melhor momento desejado para, sorrateiramente, colher a foto sem prévio conhecimento do fotografado.

Esta técnica, no entanto, originalmente usada em periódicos experimentais na Alemanha da República de

⁵³ MORMORIO, Diego. Storia della fotografia, Roma, ed. Newton, 1996, p. 64.

⁵⁴ idem p.66

Weimar, fora difundido na europa ocidental -- particularmente França e Inglaterra -- após a ascensão do nazismo no começo dos anos trinta. Mais tarde, com a ocupação do continente pelo III Reich, os principais representantes do fotojornalismo migraram para as Américas. A partir desta corrente migratória, a princípio dirigida preponderantemente para os EUA, temos o lançamento de novos periódicos. Entre eles, estava a revista LIFE, lançada nos EUA em 1937, com tiragem atingindo dois milhões de exemplares. Frente a seu enorme sucesso editorial, a revista americana, toda ela editada segundo os padrões da fotorreportagem, impõe-se como referência obrigatória para todos os periódico do gênero, inclusive O CRUZEIRO e MANCHETE.

O paradigma *fotojornalismo* tornou-se, a partir de então, a principal tendência editorial das revistas em todo mundo, sugerindo, implícita ou explicitamente, que a foto colhida em flagrante era desprovida de sugestões ou retoques e, portanto, condizente com a realidade dos acontecimentos.

Evidentemente, aos olhos do leitor, a foto de imprensa transmitia uma irresistível sensação de ser mais genuína, na medida em que o instante era colhido sem o prévio conhecimento do fotografado e, portanto, sem que houvesse possibilidade para pose ou qualquer outra espécie de manipulação da cena, permanecendo esta com o “frescor da espontaneidade” do momento colhido.

Todavia, por trás da aparente reprodução da realidade, temos todo um processo editorial desta foto até sua publicação que, no mínimo, possibilita o questionamento de tal abordagem.

Em primeiro lugar, devemos ressaltar que a técnica editorial *fotorreportagem* não se limita à utilização aleatória de fotos. A inovação da *fotorreportagem* está centrada no uso sequencial de fotos sobre um mesmo assunto, (re)construindo a história narrada através da fotografia, com um começo, um meio e um fim. Por esta técnica editorial, a fotografia toma o papel principal da reportagem em face do texto escrito. É a imagem e não o texto que irá conduzir a leitura da reportagem. Não estamos com isso dizendo que não há relação entre texto escrito e imagem fotográfica, pelo contrário, esta é indissociável daquele, formam um só conjunto, apesar de autônomos, na veiculação da mensagem. Todavia, como a *fotorreportagem* se assenta em registro mecânico da realidade, esta se reveste de importância fulcral na legitimidade da veracidade do ocorrido.

O fotojornalismo, assim, afinava-se com a demanda do público por imagens, posto que sua ascensão coincidiu com o período áureo do cinema hollywoodiano e com o nascimento da sociedade de consumo, cujo estímulo sensorial buscado pelos anúncios comerciais sempre foi o visual. O final do fotojornalismo, pelo menos de sua versão clássica, teve como marco a expansão de

outro suporte veiculador de imagens, que em seus propósitos substituía as informações dos artigos de revistas: a televisão.

CAPÍTULO II

BRASIL EM CORES

O Brasil nas Revistas

Como dissemos no capítulo anterior, as revistas traziam um leque variado de assuntos, abordavam temas que iam de futebol à culinária, passando por política nacional e estrangeira. Por sua própria natureza, as revistas não se propunham a oferecer uma abordagem detalhada e minuciosa quer sobre a política, economia ou noticiário internacional. Em verdade, tais temas integravam o eclético leque de assuntos e informações semanalmente apresentados pelos periódicos aos leitores, dividindo espaço ao lado de poemas, receitas de culinária, seções de humor ou moda. Por outro lado, a abordagem sobre o Brasil, nos mais variados temas e aspectos, ocorria de maneira difusa em praticamente todas as páginas das revistas. Um artigo sobre uma indústria automobilística, a Volkswagen, por exemplo, aparentemente um tema específico e isolado, engajava-se diretamente na formação da imagem do país, na medida em que o artigo relacionava o desempenho da indústria recém implantada com o progresso tecnológico alcançado no país. Ou ainda, um comercial de lâmpadas ou motores sugeria a expansão econômica

do país⁵⁵. Assim, o Brasil aparecia como centro das atenções das revistas, colocando-se como tema de fundo em praticamente todas as reportagens, além de receber farta documentação fotográfica.

Em virtude desse volume de fotografias, é difícil quantificar e arrolar com precisão todos os artigos sobre o Brasil. O país era reportado com entusiasmo típico da época. O crescimento industrial, o aumento vertiginoso das cidades e as benfeitorias do cotidiano, promovidas pelas maravilhas industriais, registravam a certeza do país estar trilhando o caminho da modernidade, aproximando-se rapidamente do modelo norte-americano.

Como regra, podemos dizer que as reportagens são fartamente enriquecidas por fotografias, com fotos grandes, sendo muitas delas coloridas.

A vida urbana recebia destaque privilegiado⁵⁶. Com referência predominante ao eixo Rio-São Paulo, impressiona o volume de matérias enaltecidas do crescimento urbano. Inexistia um número de qualquer uma das revistas que deixasse de abordar os aspectos positivos da industrialização brasileira e seu impacto no cotidiano das grandes cidades, um

⁵⁵ Neste sentido ver o trabalho de : FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes, "Liberdade é uma Calça Velha Azul e Desbotada": Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964), São Paulo, USP- CAPH n. 3246, tese de dissertação de Mestrado. 1996.

⁵⁶ MANCHETE, 22.01.55, "Rio Cidade Maravilhosa" p.12

verdadeiro prodígio que trazia, segundo o discurso das revistas, o bem estar econômico para toda sociedade. Assim, a maior parte das fotografias de reportagens sobre o Brasil tinha como cenário as grandes metrópoles. Em São Paulo, as fotografias eram focadas sobretudo de cima para baixo, contemplando-se da vista aérea o emaranhado de arranha-céus e, no Rio de Janeiro, o foco da objetiva era centrado nos bairros refinados ao longo da orla da cidade carioca. Carros de passeio, luzes de néon e a juventude sorridente e bem vestida eram a tônica dessas fotos sobre o Brasil.

O desenvolvimento do país e seu maior articulador, o Presidente Juscelino Kubitschek, gozavam de destaque visível nas revistas, sobretudo em MANCHETE. Durante o governo J.K., cada número da revista da editora Bloch chegava a trazer uma dezena de matérias em forma de reportagens ou artigos sobre o fantástico “boom” brasileiro. Das linhas de produção de carros de passeio - símbolo predileto da nova indústria - ao descobrimento do petróleo na Amazônia, tudo fazia crer que o país estava passando por um terremoto de modernização. A famosa frase do presidente “cinquenta anos em cinco”, era mais do que mera força de expressão, era um consenso entre as revistas, que não cansaram de demonstrar em suas páginas que este processo estava realmente acontecendo, e em ritmo acelerado⁵⁷.

⁵⁷ MANCHETE publica em 10.01.59,p.15, a matéria “Os Automóveis Assobram”, onde afirma que os brasileiros conseguiram em quatro anos o progresso no setor automobilístico que custou aos norte-americanos meio século.

Em 22 de janeiro de 1955, a revista MANCHETE publica reportagem comemorativa do aniversário da cidade do Rio de Janeiro. A matéria compunha-se de doze páginas cobertas por quinze fotos. Cada foto, isoladamente, ocupava todo o espaço da página. Corcovado, Copacabana, Cristo Redentor, Avenida Rio Branco, são apresentados em imagens aéreas e coloridas. A foto do Cristo Redentor é tirada de costas à estátua, tendo ao centro a baía da Guanabara ao por do sol (Foto-06). As demais fotos seguem na mesma esteira. A foto sobre Avenida Rio Branco, também focada de cima para baixo, apresenta grande limpidez, é harmônica na composição de cores e transmite serenidade aos olhos do leitor, pois o trânsito, que se avista do ângulo proposto, sugere mais a fluidez do tráfego do que o lado pesado de eventuais engarrafamentos ou tensão da movimentação automobilística. Em verdade, em apenas uma foto os habitantes do Rio são apresentados, é a da rua do Ouvidor, no centro do Rio; nas demais, o elemento humano é praticamente banido do cenário carioca, permanecendo apenas o vestígio de suas existências através de imagens de carros em movimento ou banhistas vistos à distância. Em contraste com as largas avenidas apresentadas com orgulho pela revista -- símbolo do progresso --, a rua do Ouvidor, como sugere a matéria e a crônica de Machado de Assis, exposta ao lado da foto, demonstra a permanência do aspecto da intimidade, do acolhimento, da cordialidade do povo carioca, valores estes que, segundo a revista, encontram-se lado a lado com o

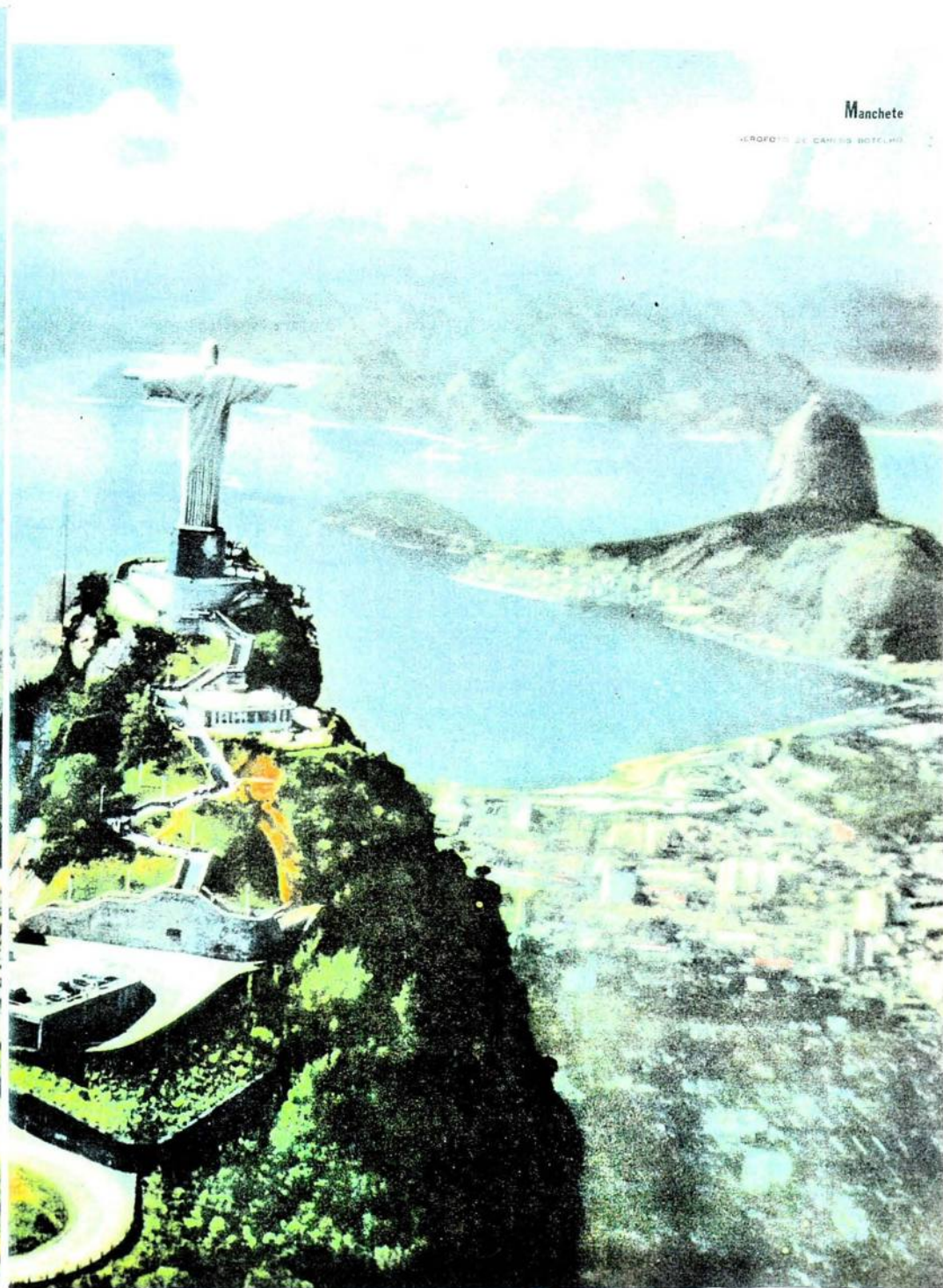
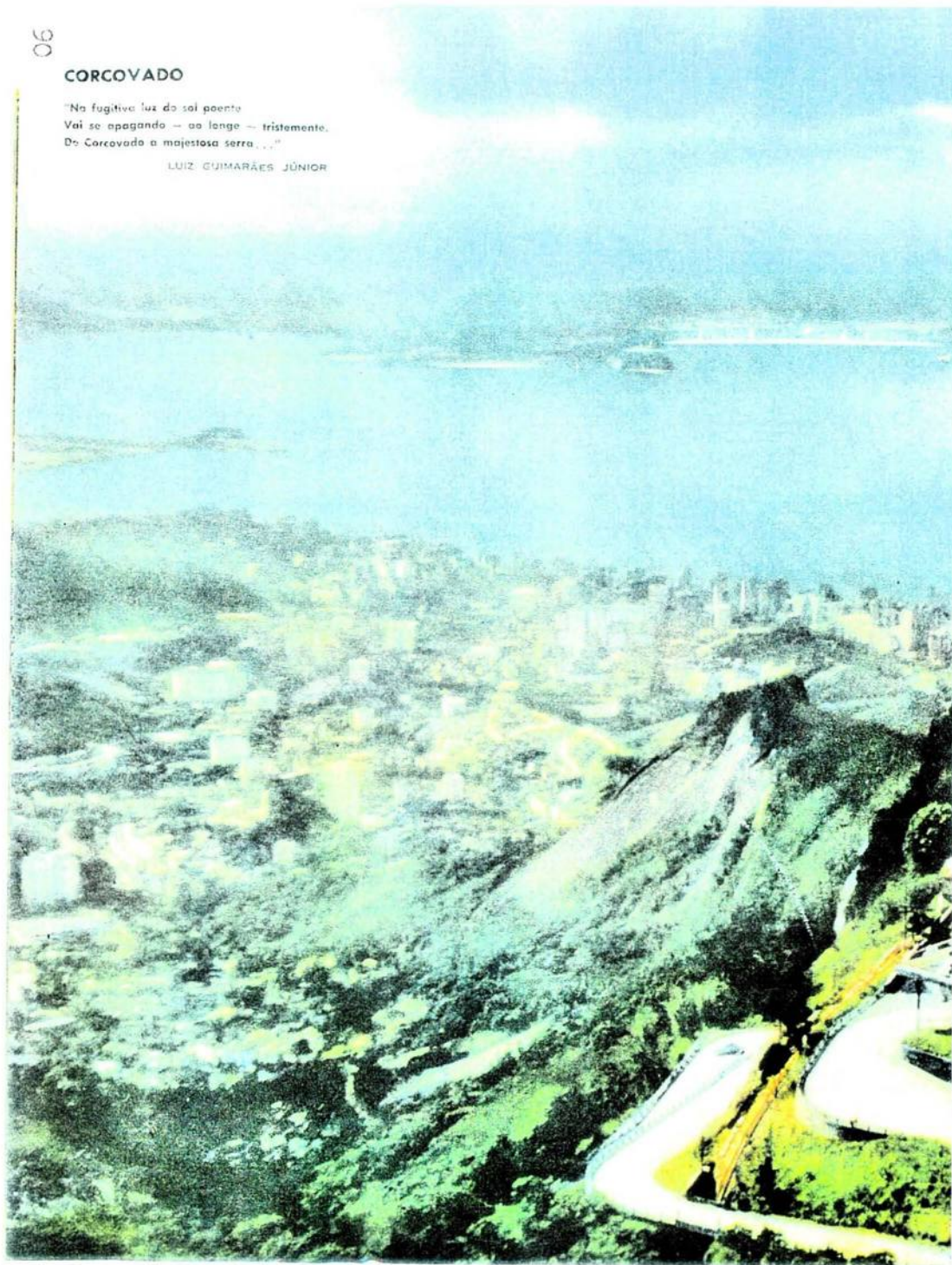


Os assuntos são estes. Foi assim que vimos o Brasil e o mundo na semana passada. Como o Brasil nos verá? E o mundo?

CORCOVADO

"Na fugitiva luz do sol poente
Vai se apagando — ao longe — tristemente,
Do Corcovado a majestosa serra..."

LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR



Manchete

FOTOGRAFIA DE CARLOS BOFFANO

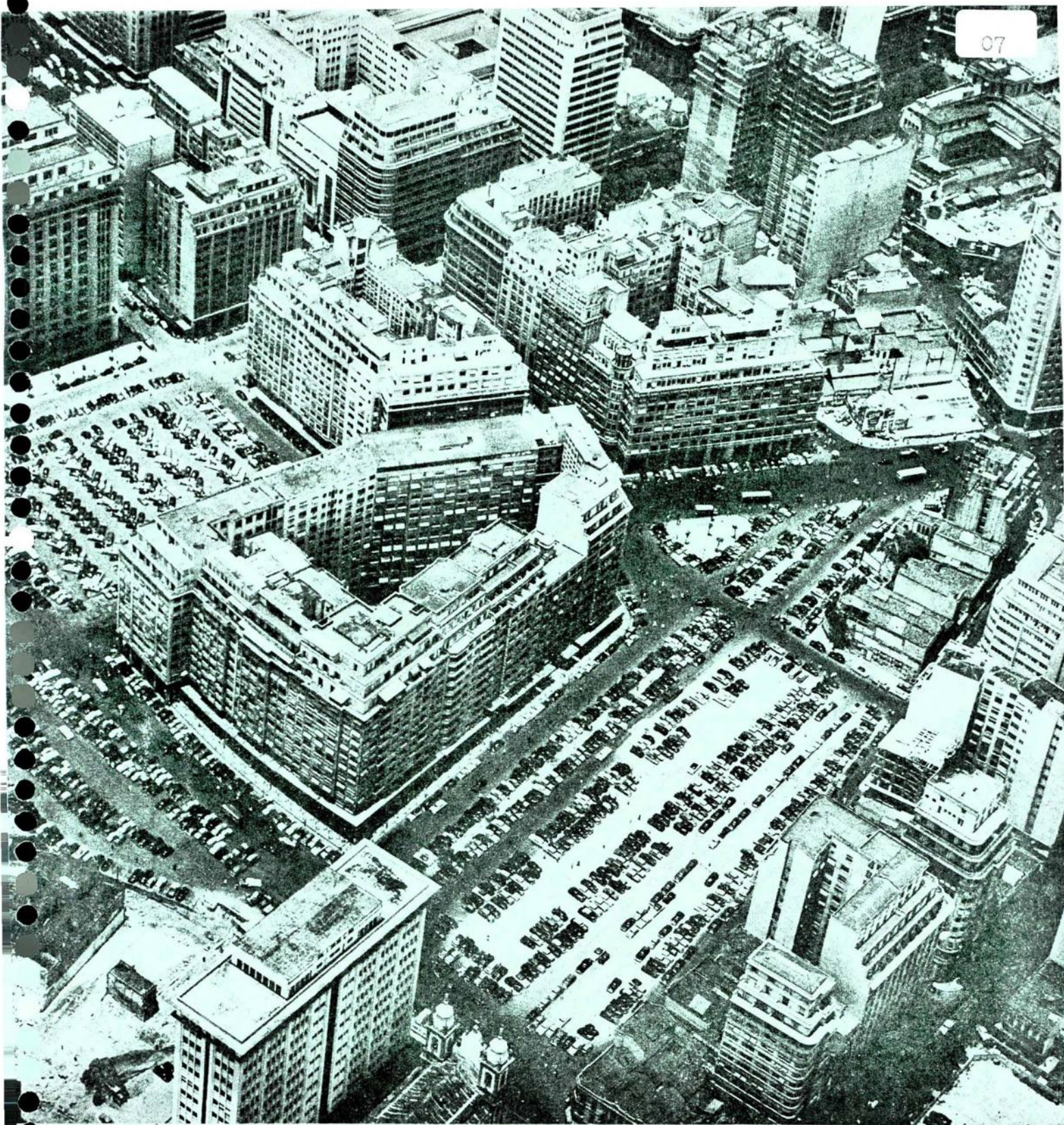
desenvolvimento alcançado pela cidade moderna, aliás, título da reportagem⁵⁸ (Foto-07).

A mesma revista, quatro anos depois, em janeiro de 1959, publica um artigo sobre a cidade de São Paulo, “A Maior Cidade Branca do Mundo”. A exemplo da reportagem sobre o Rio de Janeiro, as fotos são coloridas e tiradas de cima para baixo, focalizando em perspectiva os grandes arranha-céus da capital paulista. Todavia, ao contrário da reportagem da capital federal, nessa aparecem fotos da população, branca, em especial. No decorrer da matéria é enfatizado a expansão econômica da cidade e do Estado de São Paulo a partir da imigração européia, cujo traço característico, segundo a reportagem, é a ética do trabalho. Uma das legendas das nove fotos, a maioria tendo como tema os arranha-céus, diz : “Os Arranha-Céus interpretam a vontade de crescimento da cidade, como um exército a impor a hegemonia da atividade industrial na antiga fortaleza dos senhores rurais”. Todos os estereótipos sobre São Paulo são largamente usados na reafirmação do imaginário a respeito da cidade e da população paulista, como lugar de progresso e desenvolvimento econômico⁵⁹.

No mesmo ano, a cidade de São Paulo foi objeto de outra reportagem pela revista MANCHETE, com o título: “São Paulo em ritmo de ballet-aquático”, e o sub título: “Não

⁵⁸ MANCHETE, 22.01.55, p.24

⁵⁹ MANCHETE, 10.01. 1959, p.34



AEROFOTO DE CARLOS BOTELHO

A CIDADE MODERNA

- *A cidade colonial do século passado, atravessada de becos e vielas, com ladeiras descansadas a subir, tantas vezes por escadinhas, pelos morros com vistas para o mar, cedeu lugar à metrópole moderna, de largas avenidas asfaltadas e gargantas onde engasga aquele "rio de aço" a que se referiu o poeta. A cidade cresceu, agigantou-se nessa "megalópole" cheia de arranha-céus insolentes, cheia de gente apressada que quase se esquece de ser humana e sobretudo cheia de problemas que se eternizam, para desespero de todos. Mas a vista aérea não mostra os problemas e os desconfortos. Mostra apenas, com nitidez perfeita de linhas duras, a bela construção de técnica e progresso que o homem ergueu, e a que nós chamamos cidade. Rio — a Cidade Maravilhosa.*

importa que chova todo dia: São Paulo não pára nem debaixo d'água". A reportagem exalta o apego do paulistano ao trabalho, sua dedicação às obrigações e à ética do labor. O pequeno trecho que inaugura a reportagem diz o seguinte: "Se alguém ainda tinha alguma dúvida, as últimas chuvas liquidaram a questão: São Paulo não pode parar mesmo. Funciona até debaixo d'água. Desde novembro, o paulistano não dispõe, praticamente, de um único dia de sol pleno. Vêm suportando, há 150 dias, ora chuvinhas melancólicas, ora aguaceiros que transformam as ruas em canais venezianos, a que não faltam sequer os viadutos para conferir-lhes autenticidade. Apesar de tudo, a cidade funciona a todo vapor (em ritmo de ballet-aquático), dominada pelo espírito olímpico dos paulistanos."

No decorrer da matéria é explicado com detalhes o volume de água que a cidade recebeu naqueles dias. As fotos, por sua vez, só apresentam pessoas tentando atravessar ruas alagadas ou equilibrando-se com guarda-chuvas na mão, não há, ironicamente, entre as sete fotos apresentada, pessoas trabalhando.⁶⁰

Ainda em 59, a MANCHETE retoma o tema e publica nova reportagem sobre São Paulo, com o título "São Paulo ano Cinco". A matéria analisa o crescimento vertiginoso que alcançou a capital paulistana, centro nervoso do desenvolvimento econômico do país. A dezena de fotos que ocupam oito páginas são todas de vistas aéreas, acompanhadas pelas seguintes legendas:

⁶⁰ MANCHETE, 15.11.59, 1959, p.56

“Aspecto característico do centro atual de São Paulo, vendo-se, no primeiro plano o edifício conde de Prates. Além do viaduto, a velha Light. A Avenida São João resiste como pode ao modernismo: moderniza-se também.” “A cidade estonteia o visitante, que cai no lugar comum e diz: uma floresta de arranha-céus.” “O Ginásio Ibirapuera tem assistido às glórias esportivas dos paulistas. É tudo moderníssimo.”⁶¹

Em outra reportagem, mais especificamente sobre desenvolvimento econômico, a revista da editora Bloch publica matéria com o título: “Os Automóveis Assombram”(…) “ em quatro anos os brasileiros fazem o que custou meio século aos norte-americanos”. A reportagem é iniciada com uma foto cobrindo duas páginas inteiras de uma linha de produção de automóveis, onde se vê uma fila indiana de carros sendo montados. No corpo da matéria mais fotos do interior da fábrica, prensas enormes, pilhas e pilhas de peças, ferramentas e mecânicos, todos trajados em uniforme, trabalhando com afinco na linha de montagem. O entusiasmo da reportagem é evidente, começa no título e avança nas páginas seguintes, pormenorizando o faturamento, a capacidade de produção das fábricas e o consumo vertiginoso de automóveis pelo mercado brasileiro.

Nesta mesma linha a revista MANCHETE já havia publicado, em agosto de 58, uma reportagem com o título: “Terra, mar e ar nas metas de JK”. A matéria era uma

⁶¹ MANCHETE, 10.01.59, 1959,p.15

ode ao governo JK. Analisando os vários setores desenvolvidos pelo Estado, a publicação enumera os avanços obtidos durante aquela gestão, da indústria automobilística à aquisição de “modernas aeronaves de guerra”, passando pela construção de hidroelétricas, estradas de rodagem e exploração de petróleo. O governo Juscelino Kubitschek era aclamado como o furacão da modernidade que redimiu o país do atraso. As legendas eram temáticas e sugestivas, citaremos apenas algumas: “Estrada de rodagem: Nunca se fizeram tantas rodovias neste país como nestes últimos anos.” “Hidroelétrica: A barragem de Três Marias é uma das maiores obras do governo. Irrigará grande área.” “Energia atômica: eis o reator paulista”. “Petróleo: a meta petrolífera de JK está quase cumprida”, e conclui a última legenda: “Fará mais de 50 anos nos cinco da promessa”.⁶²

A modernização/industrialização do período atingiu até mesmo a floresta amazônica. Em janeiro de 57, a revista da editora Bloch informa aos seus leitores que: “A Amazonas não é mais um inferno.” A reportagem enumera as ações implementadas pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazonas (SPVEA). O plano de “reabilitação da Amazonas” compreendia do incentivo a pequenos agricultores à exploração de petróleo no vale da bacia Amazônica, passando pela nascente indústria do turismo. A reportagem trazia uma dezena de fotos, das refinarias de petróleo, de exploração do látex e do tráfego de enormes embarcações no rio Amazonas. A idéia síntese da

⁶² MANCHETE, 21.08. 1958,p.87

reportagem era a redenção do caboclo amazonense pela industrialização. Em meio a várias fotos de maquinários, uma se destaca. É a foto de um seringueiro processando o látex através de sua técnica tradicional. A legenda no alto do canto direito da foto vem com os seguintes dizeres:

“Adeus aos primitivos métodos. Cenas como esta vão desaparecer. Ao invés da coagulação pela fumaça, a SPVA e o Banco da Amazonas ensinarão aos seringueiros a arte do coágulo, nas próprias tigelinhas, com o uso do ácido pirolenhoso. Moderna técnica.”⁶³

O ápice desta modernidade foi sem dúvida a construção de Brasília. O tema ocupou inúmeras reportagens, crônicas e artigos. Às vésperas da inauguração, números inteiros das revistas eram dedicados à nova capital. Em 20 de fevereiro de 1960, a revista MANCHETE publicou a reportagem : “Brasil de JK”. Novamente congratulando-se com o presidente pela construção da nova capital, a revista convidava o leitor a acompanhar a chamada caravana da integração nacional. A reportagem seguia os comboios de carros que se deslocavam de vários pontos do país até a capital, com a seguinte informação da revista: “Já se vai à Brasília em dois dias por boa estrada”. O percurso fotográfico da reportagem induzia o leitor à idéia de progresso atingido pelo governo. “Onde havia apenas floresta virgem agora temos estradas de rodagem, onde passam carros fabricados no país”. A “Caravana da Integração”, assim batizada pela imprensa, foi

⁶³ MANCHETE, 26.01.57, “A Amazonas não é mais um inferno”, p.92

reportada pela MANCHETE tendo como primeira foto o presidente da república impunhando a bandeira nacional em desfile com um carro aberto; no topo da foto vinha o resumo do evento :

“Quando o Presidente Juscelino Kubitschek tomou posse, há quatro anos, concedendo uma entrevista coletiva à imprensa, declarou que seu Governo faria uma estrada de norte a sul. “Será construída por técnicos e operários brasileiros e sobre ela rodarão veículos de fabricação nacional”. A revista Times publicou uma nota irônica sobre a fala do presidente. No dia em que a caravana da integração nacional chegou à futura Capital, depois de percorrer a Belém- Brasília, o helicóptero de JK sobrevoava a cidade. Pouco depois, o presidente cumprimentava os integrantes da jornada que parecia irrealizável. O país acabava de ser heroicamente cortado de alto a baixo por 52 veículos fabricados em São Paulo.”⁶⁴(Fotos 08/09).

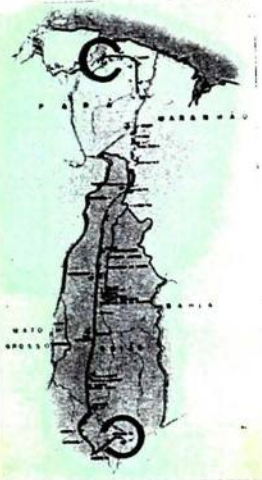
Em matéria publicada em 05 de abril de 1960, a revista anunciava: “Brasília já é Capital”. A longa matéria era coberta por fotos da nova capital federal, fotos da cidade ainda desocupada, destacando a harmonia dos conjuntos arquitetônicos que, segundo a reportagem, faziam da capital brasileira “ a cidade mais fotogênica do mundo”.⁶⁵

⁶⁴ MANCHETE, 20.02.60, p.67.

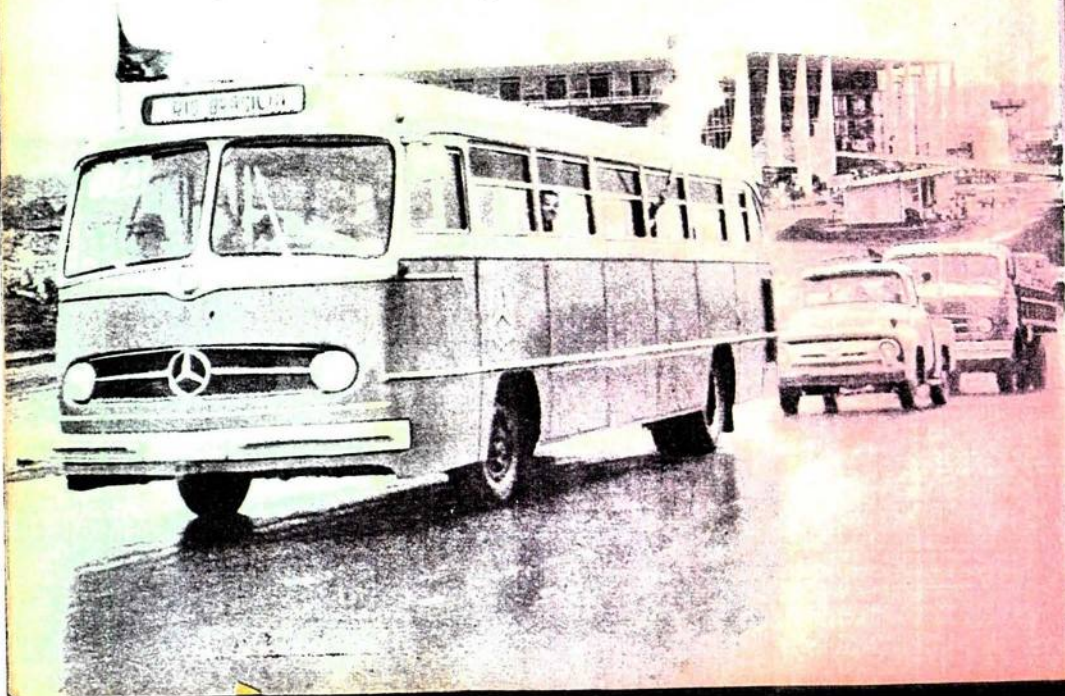
⁶⁵ MANCHETE, 05.04.60, p.12.

DE NORTE A SUL EM CARROS NACIONAIS:

Brasil de JK



A rodovia Belém-Brasília leva a civilização a 2.330 quilômetros em plena selva.



Quando o Presidente Juscelino Kubitschek tomou posse, há quatro anos, concedendo uma entrevista coletiva à imprensa, declarou que seu Governo faria uma estrada ligando o País de Norte a Sul. "Será construída por técnicos e operários brasileiros e sobre ela rodarão veículos de fabricação nacional". A revista "Time" publicou uma nota irônica sobre a fala do Presidente. No dia em que a Caravana da Integração Nacional chegou à futura Capital, depois de percorrer a Belém-Brasília, o helicóptero de JK sobrevoava a cidade. Pouco depois, o Presidente cumprimentava os integrantes da jornada que parecia irrealizável. O País acabava de ser heróicamente cortado de alto a baixo por 52 veículos fabricados em S. Paulo

Reportagem de Fausto Wolff
Fotos de Ivo Barretti e Jader Nees

SEGUIE

• A indústria automobilística nacional deu provas de eficiência



BRASIL: “Os Anos Dourados”

As reportagens acima são indícios desse período posteriormente intitulado pelos meios de comunicação de anos dourados.

Nos anos 50 e 60 houve uma profunda mudança no quadro econômico, político e social do Brasil. O fim do governo Vargas, em 54, foi também o fim de uma época. A urbanização tomou vulto vertiginoso nos primeiros anos da década de 50; as grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, “incharam”, passando a ter uma feição de megalópolis.

Entre 1952 e 1961, a população urbana brasileira cresceu aproximadamente 75%⁶⁵. Neste período vemos modelar uma nova classe média afinada com o processo de industrialização – direcionada na versão bens de consumo duráveis implementada durante o governo JK -- que se distanciou consideravelmente da antiga classe média, constituída de burocratas e administradores do setor público.⁶⁶

⁶⁵ TOLEDO, Caio Navarro. *O Governo Goulart e o Golpe de 64*, São Paulo, Brasiliense, 1982, p.23

⁶⁶ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio à Castelo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 113

Empresas como a Volkswagen, a Ford e a General Motors, que até então produziam bens que somente os consumidores brasileiros de alto poder aquisitivo podiam comprar, estabeleceram-se nos arredores dos grandes centros, seguindo a lógica da formação do mercado consumidor.

A produção industrial entre 1955 e 1961 cresceu em média 80%, tendo algumas delas ultrapassado os 600%, como foram as indústrias do setor de transporte ⁶⁷. Entre 1957 a 1961 a taxa de crescimento econômico do país foi de 7% ao ano, e a renda per capita subiu 4% ao ano. O crescimento real do país superou em várias vezes seus vizinhos latino-americanos. ⁶⁸

A política desenvolvimentista do governo JK rompia claramente com o norte traçado na administração passada. Bens de consumo duráveis, ingresso de capital estrangeiro e política cambial vantajosa para as importações foram os marcos impressos pelo novo governo nesse período.

Ao contrário do tipo de industrialização ocorrida nas administrações Dutra e Vargas, a nova indústria de bens de consumo gerou uma alteração drástica no comportamento cotidiano da sociedade. Geladeira, ferro de passar, TV, rádio difusão, automóveis, tecido sintético, aspirador de pó, máquina de lavar, produtos de higiene pessoal, aparelho de som (toca discos de vinil) ,

⁶⁷ idem p.204

⁶⁸ ibidem

alimentos enlatados, cosméticos, em suma, uma lista enorme de novos bens e produtos em maior escala do que antes, estavam ao alcance de uma grande massa de consumidores (uma categoria social também nova e igualmente produzida por esta indústria). Em igual escala houve uma mudança tecnológica em outros setores, como na agricultura, comunicações e transportes. Os anos cinqüenta foram os anos da expansão rodoviária no país, as telecomunicações cresceram com a instalação de novas companhias telefônicas, barateando custos e “popularizando” o telefone. Esta mudança, já operada em escala mundial na década anterior, trouxe uma sensação de transformação do antigo para o novo, delineando com precisão ser um momento de modernização no país. A semelhança deste fenômeno com as nações ocidentais, que já viviam o impacto dessas transformações, nos possibilita comparar com a descrição de Hobsbawn:

“ele [o terremoto tecnológico] transformou absolutamente a vida quotidiana no mundo rico e mesmo, em menor medida, no mundo pobre, no qual o rádio podia agora, graças ao transistor e à miniaturizada bateria de longa duração, chegar às mais remotas aldeias, a “revolução verde” transformou o cultivo do arroz e do trigo, e as sandálias de plástico substituíram os pés descalços. Qualquer leitor europeu deste livro que faça um rápido inventário de seus pertences pessoais pode atestar isso. A maior parte do conteúdo da geladeira ou freezer (nenhum dos quais a maioria das casas teria tido em 1945) é novo: comida desidratada congelada, hortigranjeiros industrializados, carne recheada de enzimas e vários produtos químicos para modificar o seu gosto, ou mesmo feita por “simulação de carne de primeira sem osso.”⁶⁹

⁶⁹ Mais a frente o autor completa: “Foi preciso algum *tempora pra senotar*, e outro tanto para se avaliar, a transformação de crescimento material quantitativo em distúrbios qualitativos da vida, mesmo naquelas parts do mundo. Mas para a maior parte as mudanças foram igualmente súbitas e sísmicas.

O clima de euforia social -- especialmente para os estratos médios da sociedade -- era resumido pela máxima do próprio presidente: “cinquenta anos em cinco”. O ideal de progresso econômico, combinando com democracia política e consumo, foi a fórmula importada (junto com a nova indústria) dos teóricos do capitalismo central, que conjugavam a defesa do capitalismo democrático -- muito bem articulada no discurso do Presidente e reiteradamente representada pela revistas -- com um abstrato discurso de justiça social.

Todavia, nos anos 60, os efeitos do endividamento externo, combinado com a conseqüente inflação e redução constante do crescimento econômico, pôs às claras as contradições do governo desenvolvimentista e, por sua vez, aumentou o atrito social. Nos três últimos anos antes do golpe de 64, vemos um aumento de reportagens mais preocupadas com os rumos da política nacional, mas nem por isso o tom otimista das revistas sobre o caminho trilhado pelo país reduziu. Os impasses na esfera política eram entendidos como acontecimentos isolados e articulados por grupos específicos divorciados do “espírito nacional”.

Para 80%, a Idade média acabou de repente em meados da década de 1950, ou talvez, sentiu-se que ela acabou na década de 1960.” *A Era dos Extremos*, São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 283

Um País Fora De Foco

Todavia, na outra ponta do processo de industrialização temos uma forte redistribuição regressiva de rendas, recaindo principalmente sobre os segmentos sociais mais humildes, cuja razão ia além de mera consequência indesejada deste processo, pois era um efeito previsto, dentro da lógica do novo processo de industrialização, como assinala Rouquié:

“Período de euforia e confiança cega no futuro radioso do país, a presidência desenvolvimentista de Kubitschek assiste ao crescimento industrial atingir uma taxa próxima a 10% ao ano, graças a um elevado nível de despesas do governo central, para pesar dos monetaristas que anunciavam a catástrofe e também das classes redistribuição regressiva das rendas com vistas a criar um mercado portador para os bens de consumo duráveis. A entrada do Brasil na era do automóvel é também a época em que uma forte concentração de rendas se torna funcional para o desenvolvimento”⁷⁰

A permanência desta contradição era possível em virtude da articulação do discurso desenvolvimentista que através de abstrações gerais, ocultava as diferenças e conflitos de interesse entre as classes⁷¹. Assim, o quinquênio do governo J.K., em que houve o incentivo ao ingresso de capital estrangeiro, foi também o período no qual se agravou a situação de regiões mais pobres do país, em especial o nordeste brasileiro. Em verdade, a miséria no

⁷⁰ Op. cit., 1991, p.238.

⁷¹ Neste sentido ver : CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do Desenvolvimento. Brasil: JK-JQ, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

campo fazia parte da lógica do modelo de desenvolvimento adotado, uma vez que a pauperização da mão-de-obra rural alimentava, com a imigração para a cidade, a indústria.

Neste sentido, a criação da SUDENE, em 1959, significou mais uma preocupação em aplacar eventuais revoltas no campo do que resolver as desigualdades criadas pela industrialização nos grandes centros. No caso específico do nordeste, região para a qual fora criado o referido órgão, mesmo sendo uma das localidades mais atrasadas e identificadas como reduto da elite conservadora, articulou-se um forte movimento rural, aglutinando a massa de camponeses esquecidos, formado em torno da figura de Francisco Julião, um consistente movimento de protesto da política social em vigor. A tensão no campo aumentava. Em quatro anos, as Ligas Camponesas estavam organizadas em mais de vinte e seis municípios, brandando o lema: “reforma agrária, na lei ou na marra”⁷².

A recém implantada indústria automobilística no país, entre 1955 e 1960, produziu sobretudo, por força de incentivos governamentais, carros de passeio. A contarmos, em cinco anos, tivemos oito modelos de carros : “Fusca”, Vemaguet, Rural Willys, DKW, Dauphine, JK, Sinca Chambord e o Aero Willys, ao passo que apenas no final de 1960, por iniciativa da Ford, fora lançado o primeiro trator fabricado no Brasil⁷³.

⁷² RODRIGUES, Marly. *A década de 50*, São Paulo, Ática Editores, 1996, 3. edição, p. 70.

⁷³ *idem*, p. 69.

De outro lado, a orgia com o orçamento público do governo JK obrigou o país a contrair vultosos empréstimos junto ao FMI. O preço a curto prazo foi o aumento da inflação e, por consequência, redução da capacidade de compra dos assalariados, provocando mais revolta dos trabalhadores urbanos. A conta social desta política inflacionária e recessiva seria paga com o aumento da tensão social durante os governos Quadros e Goulart.

Todavia, aos olhos da imprensa da época, esse país da miséria era tão somente aquilo que o progresso deveria redimir. A existência das mazelas no campo, com o êxodo rural, era compreendida como sintomática não da industrialização em si, mas sim como algo fadado à extinção, se colocado em marcha o desenvolvimento da indústria.

Já nos anos 60, estouram greves nos centros urbanos, entendidas pelas revistas como agitações políticas de uma esquerda irresponsável e anti-patriota, que interpunha-se como obstáculo à marcha ascendente do país.

Assim, as revistas, apesar de evitarem, não se omitiam completamente de reportar o lado miserável e menos harmônico do país, mas faziam-no abrandando ou identificando-o como exceção do “ser nacional”.

Em setembro de 1957, a revista O CRUZEIRO publicou matéria com o título: “Quanto custa uma greve”. A legenda, transcrita acima da manchete, respondia: “sangue, depredação e meio milhão de trabalhadores parados”. Completamente desfavorável à greve geral no ABC paulista, o periódico em momento algum explicou as razões do movimento, somente seus efeitos “devastadores”, as depredações de fábricas, conflitos entre operários e policiais, e o saldo de destruição após a greve, cujo desfecho ocorreu através de uma conciliação pacífica. A evolução da reportagem é típica do fotojornalismo. A reportagem era inaugurada com a foto de um tanque de guerra, assim legendado: “Os tanques saíram às ruas: uma garantia contra a desordem”. Na seqüência, ao centro da página eram apresentados grevistas fazendo “arruaça”, ocupando as avenidas e depredando fábricas. A penúltima foto ocupava toda a página central da reportagem. Tratava-se de um funcionário da fábrica, vestindo camisa branca e gravata -- portanto, empregado do setor administrativo e não operário -- que estava atrás dos portões da empresa depredada. O rosto, com olhos fechados, está banhado com sangue. As últimas fotos do evento eram da destruição provocada pelo evento, sugerindo o título da reportagem: “quanto custa uma greve”. Segundo a revista, a violência desnecessária da greve foi obra de poucos agitadores irresponsáveis que ao invés de ajudarem à causa dos trabalhadores, praticaram a desordem e prejudicaram o próprio movimento.⁷⁴

⁷⁴ O CRUZEIRO, 17.09. 1957, p.35.

Em novembro de 1963, a revista dos Jornais Associados editou outra matéria sobre greve urbana. Agora, às vésperas do golpe de 64, O CRUZEIRO acirrava sua oposição à greve do operariado paulistano. O título da manchete era : “São Paulo não parou”. Condenando as lideranças sindicais como as articuladoras de greves irresponsáveis, abaixo da manchete vinham as seguintes legendas: “O fracasso da greve demonstrou o sentido de politização do operariado paulista. O CGT e a CNTI não conseguiram dobrar a resistência democrática dos trabalhadores”. Condenando a greve como manobra política, sem outro objetivo senão a ascensão de seus líderes, a revista avaliou o movimento como um redundante fracasso. As fotos mais uma vez expõem o lado violento da manifestação. Mesmo informando que os policiais deslocados pelo governador Adhemar de Barros cometeram excessos no trato com os grevistas, não foram apresentadas fotos do conflito entre civis e policiais, apenas uma radiopatrulha tombada por grevistas “em fúria”.⁷⁵

Mas ao lado das revoltas urbanas, as revistas também publicavam matéria sobre problemas do cotidiano das grandes cidades. O CRUZEIRO constantemente fazia denúncias sobre as condições dos meninos de rua, “população que está inchando a cidade do Rio de Janeiro sem que haja qualquer providência por parte das autoridades governamentais.”⁷⁶ A revista dos Jornais Associados editou uma série de reportagens sobre as

⁷⁵ O CRUZEIRO, 23.11.1963, p.87.

⁷⁶ O CRUZEIRO, 14.05.55, p. 45.

precárias condições do transporte público na Capital Federal, onde “morre gente dia sim dia não”.⁷⁷ Ou ainda, em maio de 1955, sempre pela O CRUZEIRO, onde foram denunciadas as construções criminosas no Rio de Janeiro: “Vários edifícios estão com os dias contados. Engenheiros opinam sobre os desabamentos.”⁷⁸

O característico destas reportagens eram o aspecto amenizado das fotografias. Não eram apresentados escombros de edifícios que caíram no Rio; em nenhuma foto sobre acidente de trem era exposto um corpo de passageiro acidentado, e os meninos de rua, apesar de maltrapilhos, não eram apresentados de maneira apelativa pelas fotos.

Revolucionários & Desesperados.

A democracia brasileira, entre 1946 e 1964, balizada por dois golpes, fora toda ela manchada por sérias crises institucionais.

⁷⁷ O CRUZEIRO, 12.07.55, p.49.

⁷⁸ O CRUZEIRO, 7.05.55, p.51.

O CRUZEIRO

CRS 7,00 — 9 DE FEVEREIRO DE 1957

Neste número:

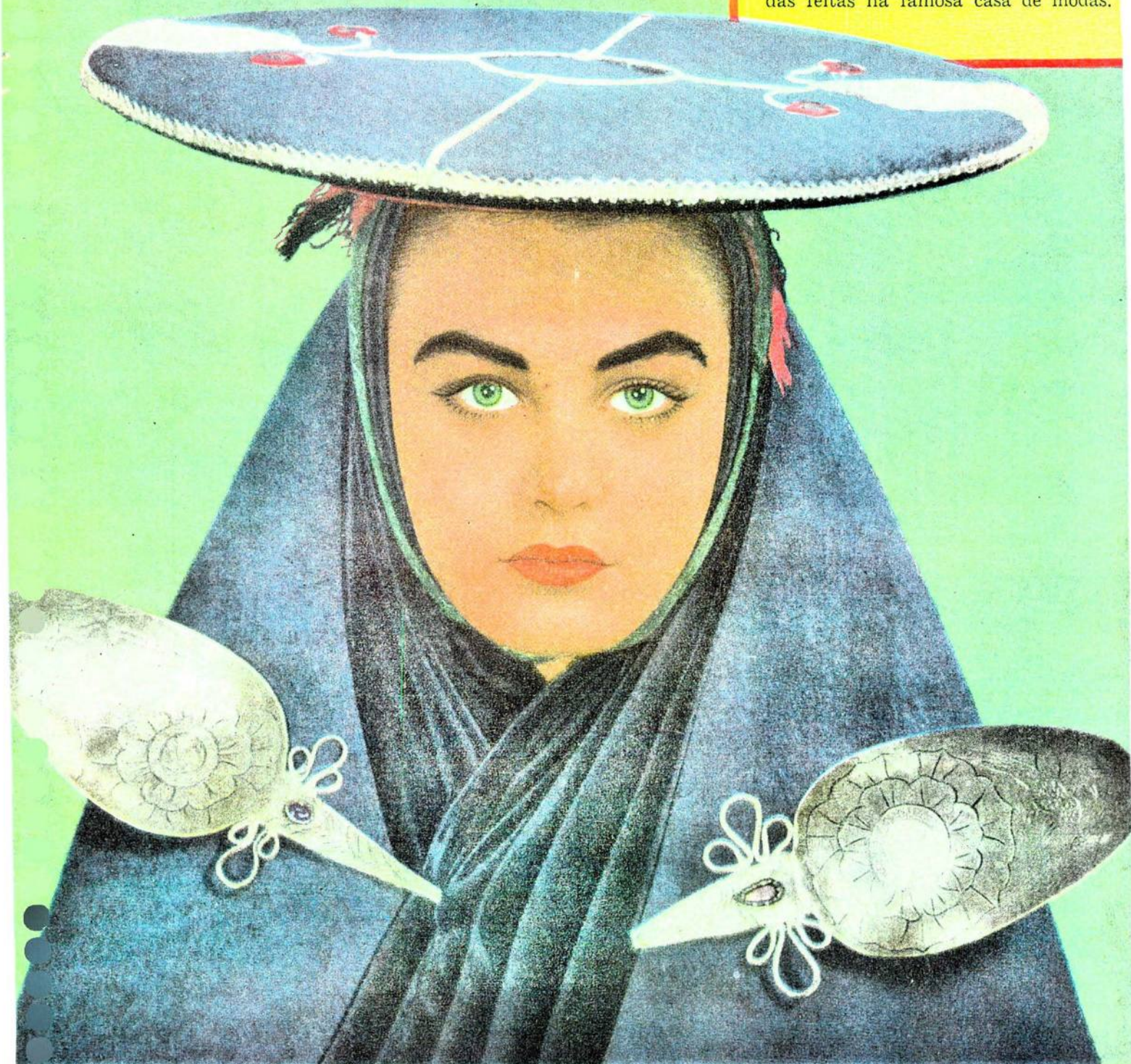
15

PANCETTI

Uma reportagem que fala do grande pintor brasileiro e seus novos motivos. Pancetti, o artista, descobre o belo e colorido ambiente da Lagoa do Abaeté.

DIOR

Modelos para as elegantes de todo o mundo, criados por Dior. Fotos coloridas feitas na famosa casa de modas.



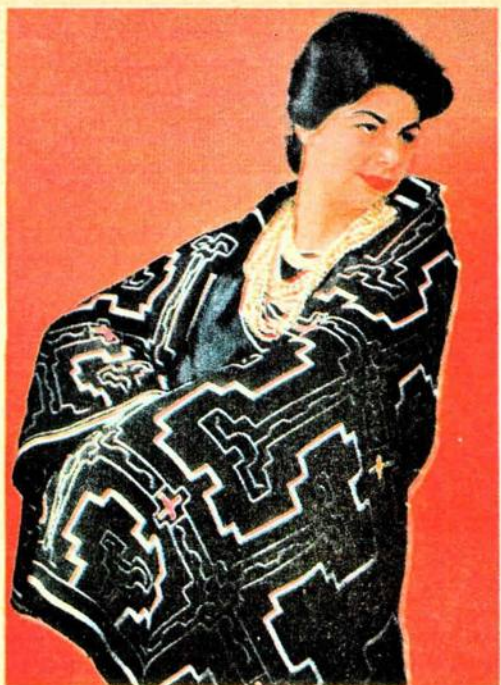
via na pág. 58
Em cores

MÁSCARAS E TRAIES PERIIANOS

Ao contrário de hoje a moda feminina no antigo Peru era muito simples



MÁSCARAS E TRAJES PERUANOS CONTINUAÇÃO



ESTE manto de cores vivas procede de Yarinacocha, Rio Ucayali. De desenhos geométricos, servia para os dias de frio.

Posaram gentilmente para a nossa reportagem as senhoritas: Aída Tamayo San Román, Cecilia Tamayo San Román, Nita Gamio Ferreiros e Cucha Villarán



SECHIN. Ruína pré-incaica perto de Trujillo, costa do Peru.

de "lliclla". Para prender o manto usavam os "topos", que tinham a forma de enormes colheres, geralmente de prata, metal facilmente encontrado na região. Os "topos" que aparecem na reportagem já representam uma evolução dos "topos" usados primitivamente nos trajes peruanos. Em muitas tribos da floresta peruana os trajes femininos ainda eram mais simples: uma saia, neste caso curta, e que se chamava "pampanilla", onde se observavam mais claramente os desenhos geométricos indígenas. Em outras tribos, tanto as mulheres como os homens, usavam uma grande túnica que chegava até os pés a que se dava o nome de "chushma".

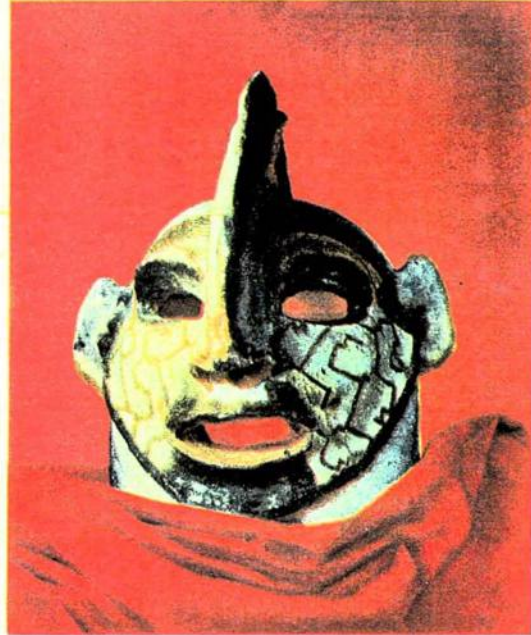
Estas máscaras, de pano ou de barro, e estes trajes desafiam a técnica moderna pela qualidade do material empregado, pela perfeição da mão de obra e pela beleza de suas cores e padrões.



EM MUITAS tribos da floresta peruana o vestido estava constituído somente pela saia, neste caso curta, chamada "pampanilla". A blusa é mais recente, pois os indígenas só se preocupam com a confecção da saia, comprando a blusa e adornos em qualquer tenda. Ao lado um vestido do Peru arcaico. Constituía-se de uma peça que cobria todo o corpo. Ao fundo, podemos divisar uma máscara de diabo em vivas cores verde e vermelha

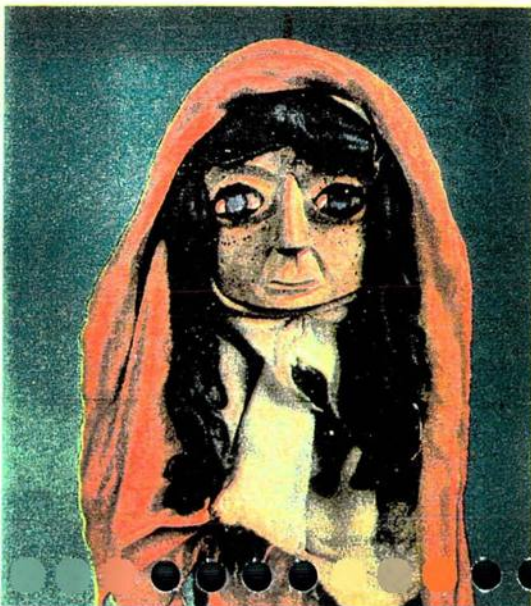
Máscaras e trajes PERUANOS

18



MAS máscaras usadas nas cerimônias incaicas. A primeira e a terceira usam fisionomias de demônios indígenas com os animais mágicos:

sapos, serpentes, etc. A segunda é de cerâmica muito antiga e a última é uma bruxa que foi encontrada em um túmulo perto da cidade de Lima.



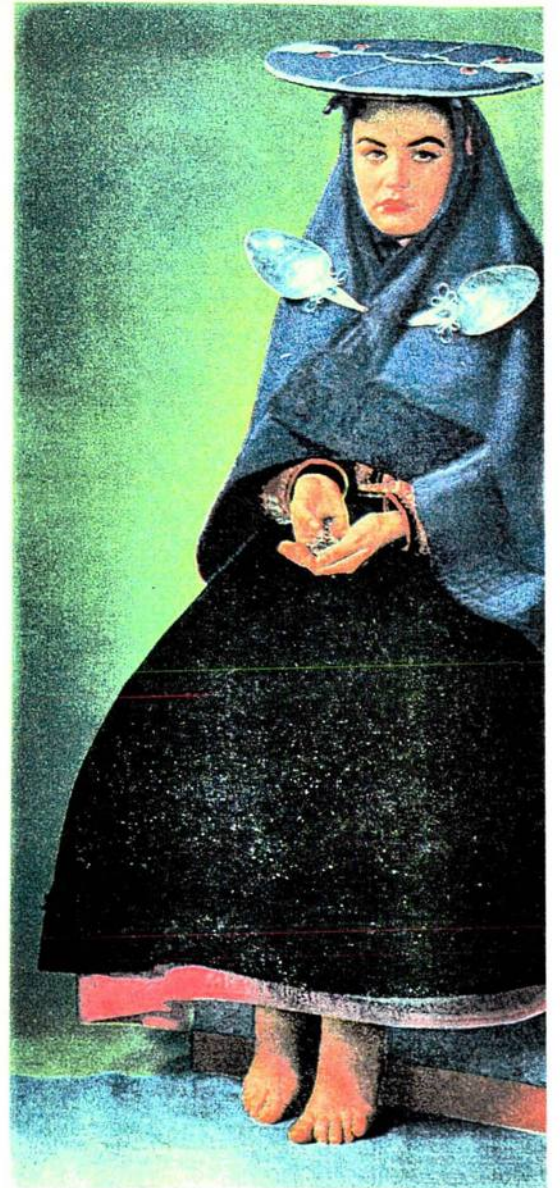
Os povos que habitaram o altiplano perúvio-boliviano conheceram uma civilização das mais adiantadas - Hoje, seu único consolo é viver do passado.

Texto de ÍTALO VIOLA

Fotos em cores de

ED KEFFEL, em preto e branco de HANS MANN

NOS elevados planaltos da cadeia dos Andes, tendo por centro a região localizada entre a Bacia do Amazonas e a Bacia do Lago Titicaca — situado a 3.915 metros acima do nível do mar — fixaram-se, em data desconhecida, os índios Quechuas que estabeleceram a sua capital na cidade de Cuzco. Dotados de espírito guerreiro (representaram para aquela região o papel que os romanos desempenharam no mundo clássico), expandiram-se para o sul — na direção da Bolívia atual — submetendo os Aimaras e os outros povos vizinhos. Dentre os Quechuas distinguiu-se a tribo dos Incas, que, impondo a sua vontade às demais tribos, tomou a direção dos negócios públicos e organizou um vasto império que veio, por fim, abarcar quase todo o território do Peru atual, a região meridional do Equador, metade da Bolívia, metade do Chile e uma parte considerável da zona ocidental da Argentina. O Império Inca formava um estado teocrático e socialista. Teocrático, porque era governado por um soberano absoluto — o Inca — considerado como filho do Sol. Socialista, pois já praticavam uma adiantada assistência social aos velhos, aos órfãos e às viúvas. Cultivavam o solo, utilizando-se de um perfeito sistema de irrigação, com milhares de quilômetros de canais, que levavam a água proveniente do degelo dos Andes até os campos de cultura e produziam desde o milho e a batata até a pimenta e o tabaco. Os templos, magníficos, com paredes formadas de blocos de pedras por vezes com mais de cinco metros de espessura, ainda nos é dado a observar pelas



MULHER da tribo de Pisac (pequena aldeia perto de Cuzco). Já conheceram a glória.



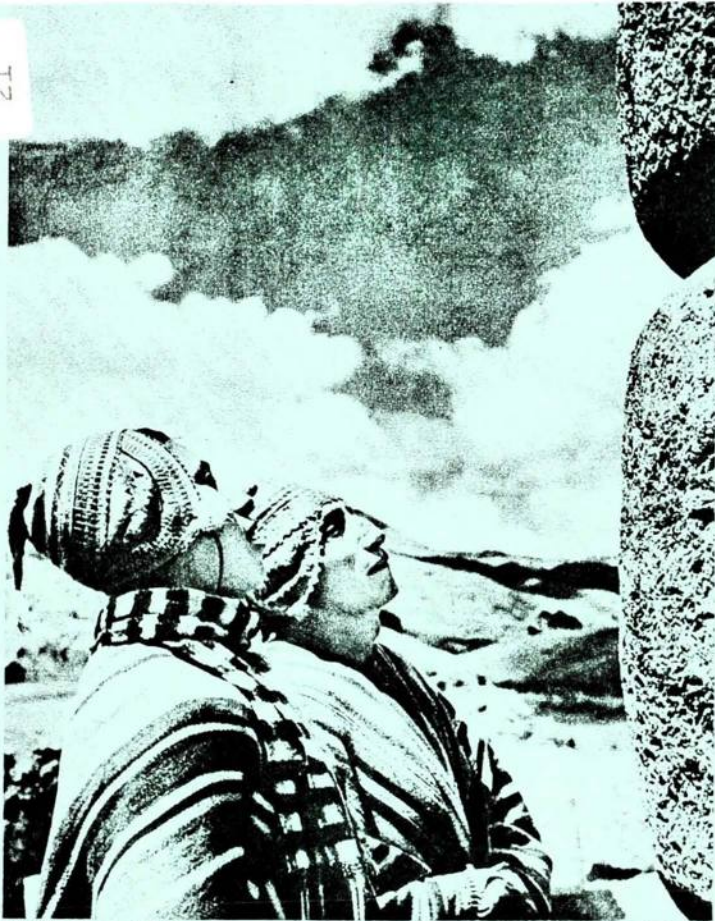
Os incas obtinham nos tecidos cores e padrões que desafiam a técnica moderna

VESTIDO da selva constituído de uma túnica que chega aos pés. A máscara imita um papagaio.



Algumas destas máscaras e trajes são originais, conservados devido ao clima sêco

VESTIDO de uma só peça com adornos de conchas recortadas. Os trajes do antigo Peru eram simples.



QUANDO a Europa ainda formava as suas nacionalidades, estes índios do altiplano peruano-boliviano já possuíam uma civilização onde se praticava o socialismo. Agora só resta mesmo aos contemporâneos a contemplação do passado.



A LHAMA foi o animal que, por séculos e séculos, permitiu, em grande parte, o progresso no altiplano peruano-boliviano: dava a lã e o transporte.

ruínas de suas construções espalhadas por todo o altiplano peruano-boliviano. Os Incas foram ainda hábeis tecelões, especializando-se na delicadeza do fio, na harmonia das cores, na beleza e na qualidade das tintas empregadas e nos tecidos produzidos. Utilizavam-se não só da lã lhama, mas da lã da alpaca e da vicunha e ainda do algodão e da fibra do agave, conforme as regiões.

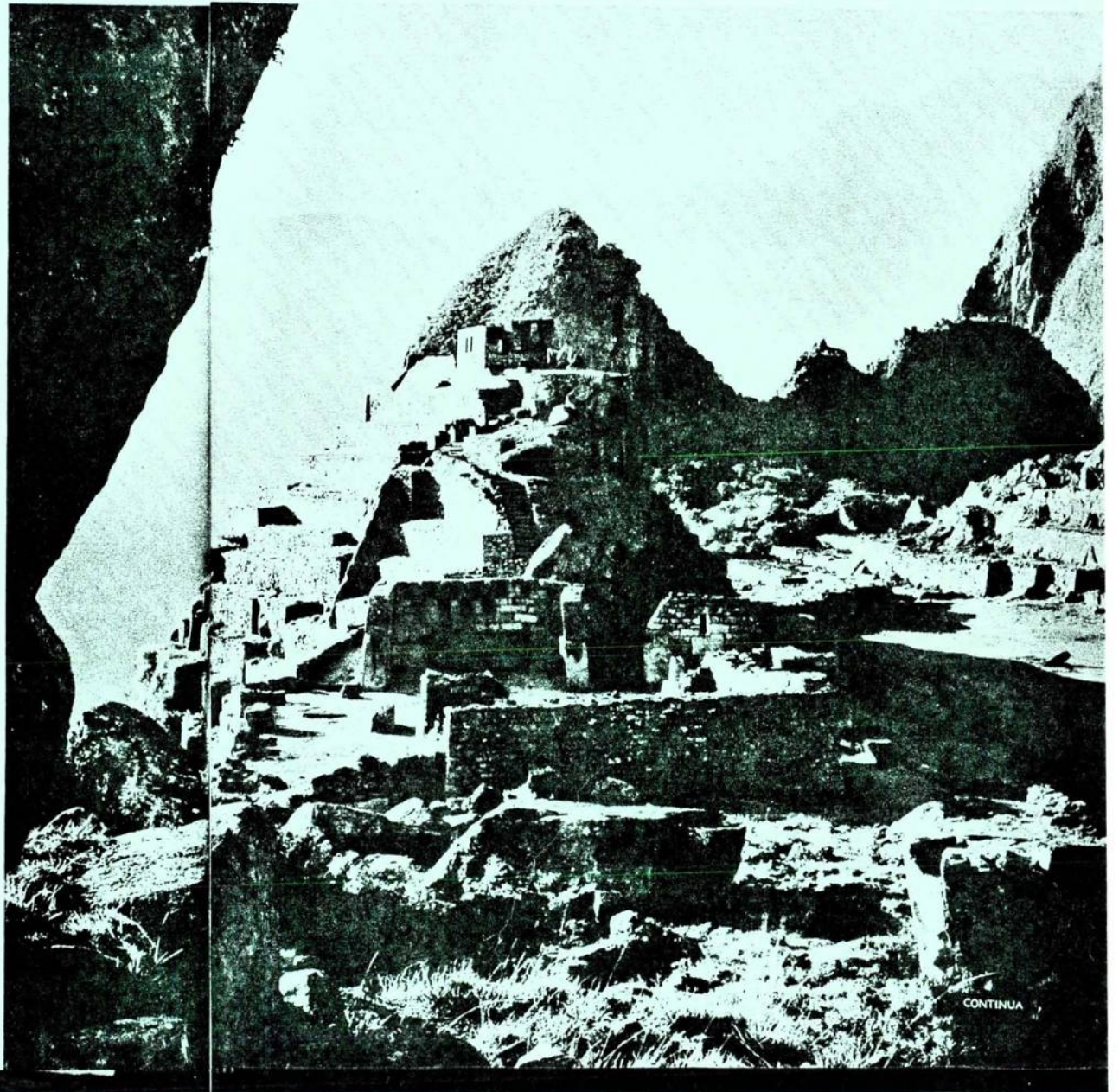
AS MÁSCARAS

Recentemente, por ocasião das comemorações da "Semana do Peru", tivemos a oportunidade de apreciar várias máscaras e trajes com os quais os antigos habitantes do altiplano celebravam as suas festas. A absoluta secura do clima do altiplano, onde a umidade é zero, permitiu que chegassem até nós algumas máscaras e trajes originais. Estas preciosidades da cultura americana pré-colombiana têm, às vezes, mais de 5 séculos de

Continua na página 64

MACHU PICCHU, cidade dos Incas, que fica a pouca distância de Cusco, no tão falado vale de Urubamba. >

Machu Picchu atesta a grandeza da civilização incaica



CONTINUA

Alívio o Egito era uma dádiva do Nilo, as civilizações do altiplano Peruano-Boliviano eram um presente do Lago Titicaca

22



O LAGO Titicaca, que fica a 3.915 metros de altitude, foi fator preponderante das civilizações que brotaram no altiplano peruano-boliviano.

confeccionadas. Muitas das máscaras apresentadas pelos Incas nas suas festas reproduziam fisionomias de demônios indígenas que eram representados por sapos, serpentes, lagartixas, animais mágicos para eles e que, na sua crença, propiciavam a chegada das águas. Com a conquista espanhola houve pequenas transformações nestas máscaras, pois, com a imposição de novos costumes, os simbolismos dos velhos demônios incaicos foram substituídos por figuras que mais lembravam os diabos da religião dos conquistadores. E, assim, as antigas crenças e tradições dos Incas continuaram a aparecer nas suas cerimônias sem ferir as susceptibilidades dos espanhóis.

A MODA FEMININA

Não obstante a riqueza dos tecidos e dos seus coloridos, a moda feminina no antigo Peru era muito simples. Constitua-se de uma peça chamada "anace", que cobria todo o corpo prendendo-se aos ombros e deixando os braços desnudos. Usava-se na cintura uma faixa chamada "chumpi" e se coloriam com uma manta de lã de vicunha ou de lhama, a que davam o nome

TOCADOR de herpa. Quando não estão trabalhando, os habitantes do altiplano entregam-se às suas festas.



CATEDRAL DE CUZCO. Apesar de conservar as suas tradições, os índios do altiplano converteram-se ao Cristianismo. Igrejas monumentais foram erigidas para cantar a glória do Senhor. Em Cuzco, a Catedral é um exemplo.

CONTINUA

Da morte do presidente Getúlio Vargas, ato revestido de alta dramaticidade política, até a deposição de Goulart, em abril de 1964, foram registradas tentativas de golpes políticos, golpes propriamente ditos, revoltas internas nas forças armadas, recursos parlamentares, tentativas de impeachment, recursos judiciais para anular eleições e renúncia de mandato Presidencial. Entre os anos de 1954 a 1964, a democracia existiu, mas o respeito às regras estabelecidas para a disputa democrática não. Os grupos conflitantes nunca excluíram a possibilidade de golpe para alcançar o poder e, conseqüentemente, afastar seus adversários. Em vários momentos as disputas eram travadas sob o rótulo de legalistas versus golpistas, sendo que no momento seguinte os mesmos grupos mudavam de posição quanto ao aspecto da legalidade, invertendo-se completamente a linha de argumento. Tal maleabilidade denotava a ausência sincera destes segmentos quanto ao exercício da democracia em si, ou seja, ao mesmo tempo que a esperavam e tinham-na como referência simbólica importante no contexto político, no exercício cotidiano era uma prática menos importante e mais retórica. Assim, dos governos que sucederam a Vargas, praticamente nenhum passou incólume às dificuldades agudas nas instituições, ou mais rigorosamente, o único governo, nesses período, que não sofreu atentado de golpe militar ou existiu sem o estado de sítio, foi a administração Quadros, que nem por isso foi menos controversa e refletiu uma situação política institucional mais estável.

Todavia, sob a ótica das revistas, os impasses e as tensões políticas eram analisadas como

irresponsabilidade de indivíduos ou grupos que pouco se afinavam com o espírito ordeiro do povo brasileiro. Em regra geral, estas matérias eram publicadas após a definição da crise, sempre num tom de “tudo não passou de um susto”.

A renúncia do presidente Jânio Quadros e a crise que dela gerou o parlamentarismo eram enfocadas por ambas as revistas como ato inconseqüente de um único político⁷⁹. O impasse institucional com a volta de João Goulart ao Brasil e a saída negociada entre o Congresso e os setores conservadores pondo fim ao regime presidencialista - tudo ao arrepio da Constituição Federal (uma verdadeira deposição do vice-presidente eleito)- foram noticiados pelas revistas como exemplo de solução tipicamente brasileira, ou seja, sem violência, dentro dos parâmetros de civilidade.

Da mesma forma, a revolta dos sargentos, em setembro de 63, também foi reportada pelo O CRUZEIRO com a seguinte manchete : “Onde Acabou a Revolução”. As legendas sobre o levante vinham com o seguintes dizeres; “O CRUZEIRO documenta com exclusividade a prisão dos rebelados de Brasília no navio Raul Soares”. Na cobertura fotográfica apenas tanques e soldados que reprimiram o levante eram apresentados restabelecendo a ordem na capital federal e conduzindo os rebeldes

⁷⁹ MANCHETE, 16 09.61, p.48 e O CRUZEIRO 15.09.61, p.78

para a prisão. A única foto de um soldado morto recebia a legenda explicativa que o mesmo fora morto pelos rebeldes. As duas últimas fotos que encerravam a reportagem eram dos navios que serviram de prisão para os sargentos, recebendo a seguinte legenda: “Bem longe de Brasília amotinados vão meditar sobre o fim melancólico de um gesto impensado e irreversível.”⁸⁰

A revista MANCHETE também publicou matéria sobre o mesmo evento, com o título: “O Motim do Desespêro”. A longa reportagem, fartamente documentada com fotos, desaprovou a rebelião dos sargentos. Mas ao contrário d’O CRUZEIRO, a revista da editora Bloch não se valeu de qualquer foto com mortos. Insistiu na tese de um ato desesperado e inconseqüente, uma anomalia na tradicional ordem das instituições militares brasileiras: “O fenômeno, dos mais curiosos e imprevistos, teve seu clímax em Brasília, onde um grupo de sargentos se revoltou de modo absurdo contra uma situação que - é verdade - também parece ser constitucionalmente absurda.”⁸¹

Por sua vez, o golpe militar brasileiro foi focado de maneira absolutamente particular. A reportagem sobre o golpe de 64 no Brasil mereceu pela MANCHETE uma edição especial em abril daquele ano⁸². Em todo número da revista não se usou o termo “golpe” ou mesmo “revolução”. As expressões mais

⁸⁰ O CRUZEIRO, 05.10.63, p.71.

⁸¹ MANCHETE, 28.09.63, p21.

⁸² MANCHETE, abril 1964, edição histórica.

usadas foram “movimento democrático”, “espetáculo cívico”, “luta pela liberdade contra o comunismo”. O grande número de fotos que integraram a revista apresentavam o evento como uma verdadeira festa popular, com a multidão nas ruas comemorando e chuva de papel picado vinda dos prédios dos grandes centros urbanos (Rio, São Paulo e Belo Horizonte) (**Foto-10**). Mesmo as fotos da movimentação militar não demonstravam o caráter violento da manobra. Entre as poucas fotos com soldados e tanques, uma mostra um soldado brincando com uma criança. O soldado, agachado, sorri para o menino que toca o fuzil com curiosidade. As únicas fotos que deixavam vaziar a idéia de tensão foram as que registraram os discursos dos deputados e senadores no Congresso Nacional. No mais, o acontecimento foi registrado semelhantemente à comemoração da conquista da Copa do Mundo em 58 e 62.

BRASIL, O Líder No Continente

À luz da guerra fria, o governo da Casa Branca, durante a administração Kennedy, implementou uma política para a América Latina com o escopo de barrar o possível avanço das revoluções socialistas no continente. A Aliança para o Progresso, conforme fora intitulada por seus criadores, compreendia uma série de medidas econômicas e fiscais emanadas da potência do norte para a recuperação e avanço das economias latino-americanas. No campo

Grandes demonstra- ções acolhêram, nas ruas de Copacabana, as primeiras notícias da vitória do movi- mento revolucionário

Qu-
estações
dia governamen-
tais fora- ocupadas e si-
lenciadas, circulou a notícia
de que o movimento triun-
fara. Depois de tantas horas
de tensão e de angústia,
houve grandes manifesta-
ções em Copacabana, com
vivas, chuva de papel pica-
do e o som das businas de
milhares de carros.



político, em contrapartida, deveria haver um realinhamento mais disciplinado desses países com o bloco ocidental.

Diante desse quadro, uma reaproximação com os demais países hispânicos se mostrou como contingente para o governo brasileiro. Com efeito, temos um incremento na balança comercial entre o Brasil e seus vizinhos.

As revistas estavam atentas a esse processo de aproximação com os países do continente. Em 1962, a MANCHETE, festejando a industrialização nacional, colocava o Brasil como grande exportador de ônibus, tecidos de nylon e liquidificadores. O título da matéria era “O Brasil Exporta para as Américas”⁸³. A primeira parte da reportagem era significativa:

“Um fato inédito no nosso continente obteve, recentemente, a mais ampla repercussão em Buenos Aires: o governo argentino resolvera adquirir 550 ônibus produzidos no Brasil, destinados ao serviço de transportes coletivos daquela capital. Semanas depois, a primeira leva dessa exportação brasileira chegava, por via terrestre, à Argentina. Para o brasileiro comum, homem de rua, entretanto, “exportar um produto nacional” é sinônimo de exportar café. Ele não sabe que um dos problemas básicos do comércio exterior do País reside na amplitude e na diversificação de nossas exportações, cuja estrutura está alicerçada nos seguintes produtos primários: café, cacau, açúcar, minério de ferro, minério de manganês, pinho e madeira-de-lei, algodão em rama, carne e derivados, sisal, cêra de carnaúba e fumo. Estes artigos, por seu turno, sofrem forte concorrência tanto quantitativa, como

⁸³ MANCHETE, 13.01.62, p.67.

qualitativa, de várias regiões do Globo. Há, porém, no panorama do comércio exterior brasileiro, um capítulo importantíssimo: o da exportação dos nossos produtos industrializados. No ano passado foram remetidas cargas de 79 mil toneladas para o estrangeiro, equivalentes a 19 milhões e 700 mil dólares. O Líbano, o Paraguai, os Estados Unidos, a Venezuela, o Iraque, a Libéria e a Itália foram grandes compradores de tecidos nacionais”.

Mais adiante, no primeiro parágrafo da matéria, ficava clara a intenção das exportações para a América Latina:

“O grande impulso da indústria automobilística brasileira abriu novas e importantes perspectivas para o nosso mercado com o exterior, mais especialmente com a América Latina, conforme ressaltou o técnico do GELA, Pedro Paulo U. Bittencourt. A ninguém é dado desconhecer que todos os caminhos, dentro do quadro geral do fortalecimento da economia brasileira, levam à exportação. O estabelecimento de nova corrente de exportação, sobretudo de artigos manufaturados, mesmo para países de moeda fraca, ensejaria inúmeras vantagens, como; entre outras, a abertura de uma fonte de abastecimento de produtos ora adquiridos em moeda forte, criação de um mercado potencial para autopeças nacionais e melhores condições para maior integração das economias latino-americanas. As possibilidades brasileiras junto ao mercado latino-americano são grandes. Dentre os países compreendidos na Zona Livre de Comércio, destacam-se a Argentina, interessada em adquirir do Brasil diversos equipamentos automobilísticos.”

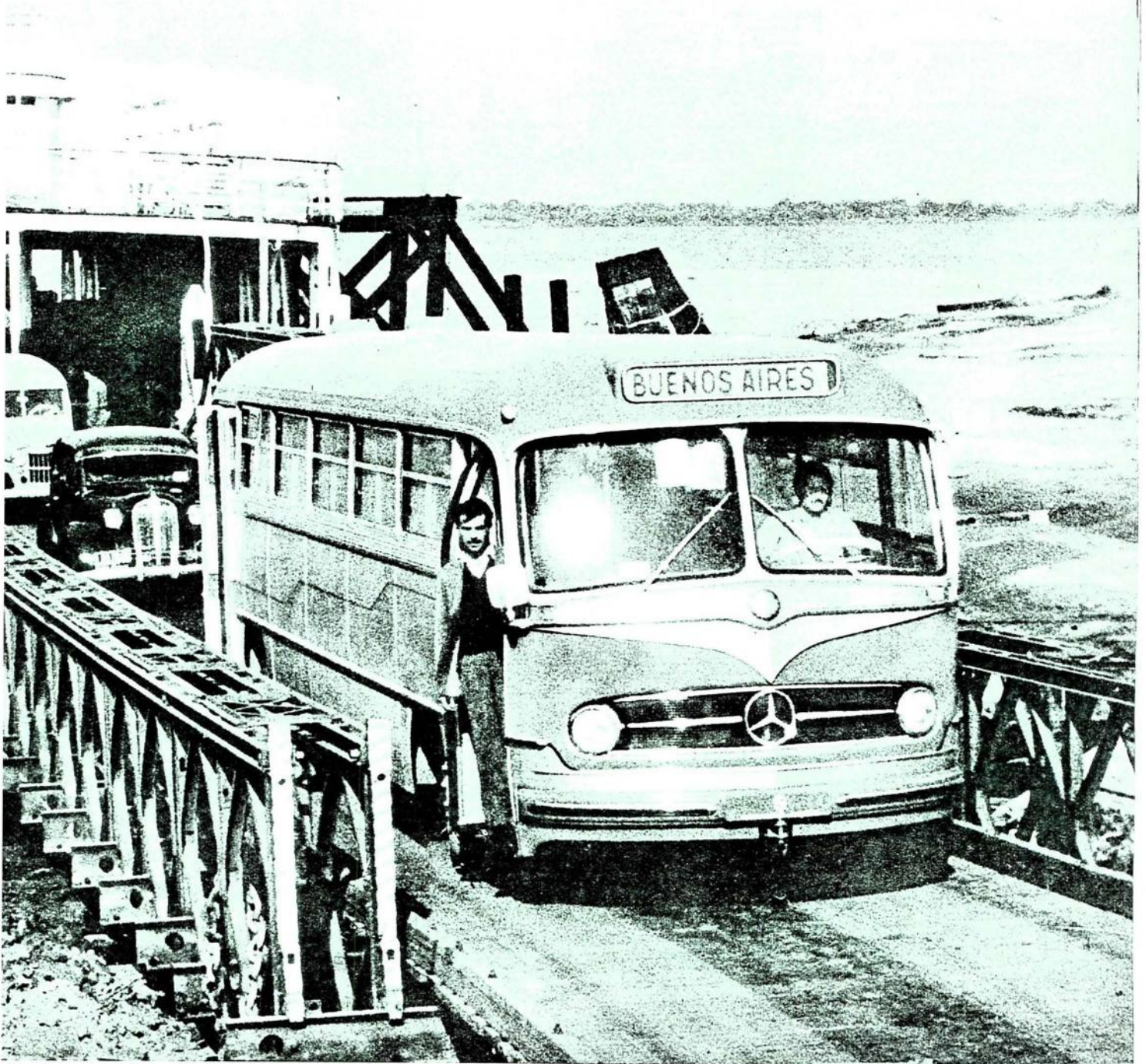
Segundo a reportagem, os principais produtos de nossa balança comercial eram os produtos primários, mas os produtos industrializados brasileiros estavam alcançando os mercados internacionais, principalmente os países do Cone Sul. Esta disposição de estreitamento com os países latino-americanos visaria, segundo a reportagem, estabelecer um mercado para os produtos manufaturados brasileiros, em troca de matéria prima. Em síntese, o teor da reportagem nos parecia propor uma relação de dependência econômica dos países latino-americanos em face ao Brasil como projeto de integração latino-americano. Ainda é interessante notar que, apesar de reconhecer que a parte mais importante das exportações brasileiras são de produtos primários, somente fotos de ônibus e de tecelagens são apresentadas na matéria (Foto-11/12).

Em 63, na mesma revista, a aproximação brasileira aos demais países do continente ficava mais patente; o título da matéria era “Brasil Líder do Continente”⁸⁴. A reportagem tratava da excursão do presidente João Goulart à América Latina, no caso específico da reportagem era a visita ao governo do Uruguai, em Montevideú. A razão da viagem do presidente era arregimentar os demais países da América Latina para um diálogo com o presidente Kennedy e a ALALC. A comitiva foi encabeçada pelo presidente brasileiro.

⁸⁴ MANCHETE, 11.05.63, p 89.

DA SUA ECONOMIA

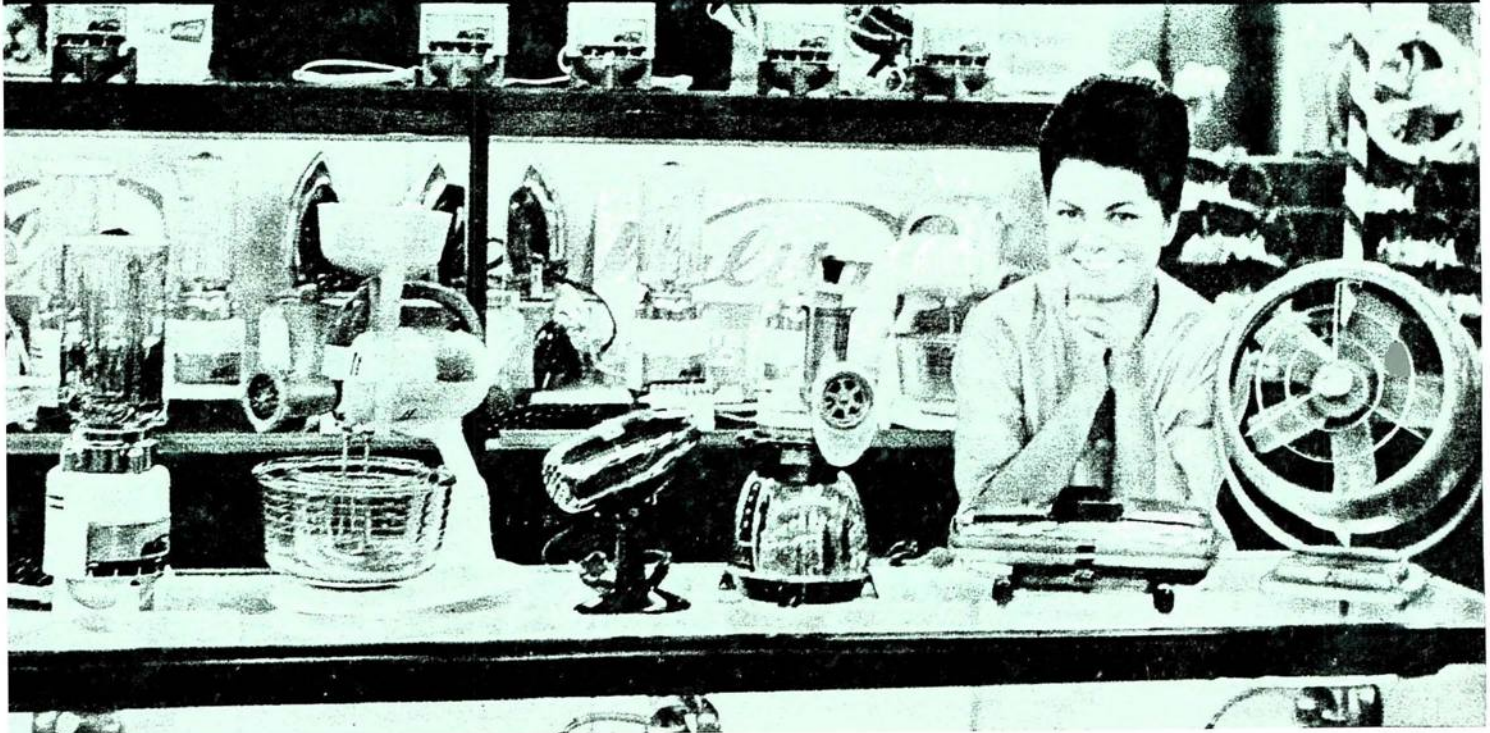
O BRASIL EXPORTA PARA AS AMÉRICAS



COMERCIO EXTERIOR



LIQUEFEITO, MANDAREMOS PARA A ARGENTINA MATERIAL FERROVIARIO, ELETRODOMESTICO E TECIDOS NO VALOR DE 37 MILHOES DE DOLARES.



Mesmo colocando o Brasil em situação privilegiada em relação aos demais países latino-americanos, permanecia um sentimento claro de inferioridade em relação à civilização européia. Em matéria veiculada por O CRUZEIRO, afirmava-se com todas as letras a importância de reverter esta imagem:

“No momento em que a América do Sul se projeta internacionalmente e começa a deixar de ser uma terra onde as gentes dormem a sesta depois do almoço e fazem uma revolução antes do jantar, é muito oportuno mesmo que um certame internacional seja aqui realizado”.⁸⁵

O sentimento de lugar bárbaro em relação ao europeu era reiterado em outra matéria sobre uma jovem jornalista alemã em visita ao Brasil, cuja completa ignorância sobre o país era perdoada, ficando o repórter profundamente envaidecido quando a turista elogia a cordialidade do povo brasileiro. A reportagem é de Guilherme de Figueiredo, publicada pela MANCHETE em 27 de Fevereiro de 1954, com o seguinte teor:

“Que sabe Inge sobre o Brasil? Naturalmente o que sabem todos os estrangeiros de sua idade e educação. É um documento vivo a mostrar que de 1930 até hoje nossas travessuras propagandísticas não deram em nada. Somos, na Europa como nos Estados Unidos, os brasileiros de Hoffenbach. Este é The contry where the nuts (nozês e malucos) come from” como diz a Tia de Carlitos da famosa comédia inglesa. As Feiras de Amostra, as gordas viagens de propaganda (que acabam sempre no Maxims e numa gentileza da Sorbone, onde a colônia brasileira

⁸⁵ O CRUZEIRO, 11.04.59, p.20.

comparece por desfastio patriótico para ouvir um concidadão, óbvio), as campanhas de Departamento de Turismo da Prefeitura (nas quais se oferece ao estrangeiro um carnaval sem água, sem transporte e sem aparelho sanitários decentes) os milhões gastos na Casa do Café, que proliferaram em algumas capitais enquanto o departamento do Café se encarregava de incendiá-lo, os Corbevilles, o DIP, nada tirou da cabeça do europeu ou do norte-americano a certeza de que nossa capital é Buenos Aires. Na Alemanha o Brasil é conhecido graças a Hans Staden, a Spix e Martius, a Humboldt, ao racista francês Gobineau. Ninguém lê a cavação de Paul Frischauer, graças a Deus. E quanto a Stefan Zweig, quem pode levar a sério um homem que, depois de descobrir o país do futuro, não tem outro jeito senão suicidar-se.”⁸⁶

Na continuação da matéria outros assuntos eram abordados: política, cultura e situação sócio-econômica do Brasil. Mantinham-se, no entanto, a acidez na crítica às instituições nacionais, das quais os políticos eram responsáveis diretos. Como não poderia deixar de ser, o elemento positivo levantado pela reportagem em forma de confissão da entrevistada era justamente a amabilidade do povo brasileiro, pessoas gentis e solícitas, prontas a auxiliar o próximo...

Desta forma, a imagem do Brasil apresentada pelas revistas neste período é de um país em via de desenvolvimento (expressão mais tarde adotada pelo regime militar pós 64), onde a indústria de bens de consumo duráveis, trazida pelo

⁸⁶ MANCHETE, 27.02.54, p. 83.

capital externo, estava redimindo-o do atraso e conduzindo-o aos parâmetros das nações do hemisfério norte.

O repertório de fotos/imagens utilizadas pelos periódicos montavam exatamente este percurso. Escolhendo determinado assunto em detrimento de outro - por exemplo: indústria automobilística ao invés de violência no campo ou indigência urbana - os periódicos filtravam a melhor fração do Brasil a ser mostrada, reforçando assim, o imaginário de país modernizado.

Estabelecido o vetor positivo, mesmo acontecimentos que, em tese, teriam uma abordagem crítica, ganhavam conotação favorável. O melhor exemplo talvez seja o golpe militar brasileiro de 1964. Ao contrário de cenas de tensão, pois o país estava próximo de uma guerra civil, os periódicos mostravam as fotos de um grande ato cívico, uma festa popular. O tratamento fotográfico neste caso, como já dissemos, aproximou o acontecimento ao carnaval de rua ou às conquistas da copa do mundo de futebol pelo selecionado brasileiro. Mesmo quando tratavam de assuntos mais freqüentes, tais como a vida nos grandes centros, as revistas privilegiavam o processo de modernização. As fotos registravam preferencialmente a vista aérea do centro da cidade. Este ângulo é por demais significativo, pois substituía a cidade por sua parte, exatamente aquele segmento urbano capaz de melhor ilustrar os aspectos positivos das transformações em curso, excluindo, ao

mesmo tempo a periferia e, portanto, os aspectos menos nobres da cidade⁸⁷.

Aliás, como vimos, os estereótipos eram muito usados pelas revistas e reiterados em cada reportagem. São Paulo como a cidade do progresso, onde as pessoas trabalhavam exaustivamente⁸⁸. O Rio de Janeiro como a cidade maravilhosa, o comunismo como um mal a ser combatido, o Oriente Médio como lugar onde o crime é punido com pena capital em praça pública⁸⁹. Tais idéias vinham como um dado, sem passar por críticas ou explicações mais profundas e apareciam não só em reportagens específicas, como também em várias seções de humor ou mesmo soltas em comentários ou matérias esparsas no corpo da revista. A América Latina não fugiu à regra, é o que veremos no próximo capítulo.

⁸⁷ CARVALHO, Vania Carneiro de. Do indivíduo ao Tipo, imagens da (des)igualdade nos albuns fotográficos da cidade de São Paulo na Década de 1950, dissertação de mestrado, São Paulo, 1995, p.92

⁸⁸ MANCHETE, 10.01.59, p.03.

⁸⁹ MANCHETE, 15.01.55, p.57.

CAPÍTULO III.

AMÉRICA LATINA EM PRETO E BRANCO

As décadas de 50/60 marcaram um processo de intensa industrialização no continente. Não foram poucos os países hispânicos a reciclar suas economias guiados pelo setor industrial.

Esta mudança de padrões econômicos para os países do continente, sempre ligados a uma economia do setor primário, deveu-se em grande parte ao novo cenário da política internacional, sobretudo pela Guerra Fria entre soviéticos e norte-americanos.

Dividindo o mundo em dois grandes blocos, cada qual monitorado pelas duas grandes potências que definiram a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria se definia sobretudo pela disputa no campo ideológico, no qual um programa político e social se opunha a outro visando conquistar aliados.

Assim, o combate à propaganda soviética de igualdade social e econômica era rebatido pelos EUA através de promessas do desenvolvimentismo econômico dentro dos

padrões capitalistas, cujo programa consistia em melhorar a condição de vida a partir do consumo de bens industrializados. Enquanto projeto político, o “desarrolamiento” ao mesmo tempo em que aumentava o compromisso dos países latino americanos ao bloco ocidental, almejava intimidar uma possível penetração do comunismo no continente. Neste contexto, nasce a Aliança para o Progresso, com promessa do governo norte-americano de investir 20 bilhões de dólares na América Latina.

Vê-se nestas décadas um processo semelhante no conjunto de países do continente, mas com intensidades distintas, combinando nacionalismo e desenvolvimento econômico.

Igualmente ao processo brasileiro, os demais países latino-americanos sofreram uma mudança no padrão de consumo e comportamento, variantes do estilo “american way of life”. No mesmo paradigma que o processo brasileiro, o modelo de industrialização destes países era a substituição de importações pela instalação de filiais de grandes empresas estrangeiras no próprio país, a chamada sucursalização. Nas palavras de Rouquié:

“Como seu nome indica, a industrialização por substituição das importações produz bens segundo um modelo de consumo exógeno. Sua adoção sofre os efeitos de demonstração das economias centrais que é encorajada pela continuidade cultural com o Ocidente. Assim, por imitação aos países mais

avançados, foram implementadas produções pouco adaptadas às necessidades fundamentais da maioria da população, mas destinada a grupos sociais relativamente restritos e privilegiados. Mais ainda, esse tipo de industrialização caminhou geralmente ao lado de políticas econômicas de redistribuição regressiva das rendas, afim de ajustamente criar um mercado concentrado e portador para essas produções.”⁹⁰

Em virtude desta industrialização, via-se uma considerável redução da população campesina⁹¹, bem como um aumento na expectativa média de vida. Também em números gerais aumentou o grau de alfabetização e reduziu significativamente a mortalidade.

Os efeitos deste processo foram um acelerado crescimento urbano e formação de uma classe média ligada direta ou indiretamente ao setor industrial, em particular através das filiais das indústrias europeias ou norte-americanas. Neste sentido é significativo que um escritor uruguaio tenha descrito seu país como sendo “o único escritório do mundo que atingiu o estatus de nação”⁹², ou ainda um sociólogo chileno da época que afirmava ser o símbolo da América Latina “nem um camponês nem um proletário industrial,

⁹⁰ ROUQUIÉ, Alan, op. cit. , p. 269/270.

⁹¹ Segundo HOBBSBORN, Erich: na América Latina, a porcentagem de camponeses reduziu à metade em vinte anos na Colômbia (1951-73), no México (1960-80) e - quase - no Brasil (1960-80). Caiu em dois terços na Venezuela e República Dominicana e Jamaica (1960-1980). A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991, São Paulo, Cia das Letras, 2. edição, 1995.

⁹² BENEDETTI, Mario El País de la Cola de Paja, Montevideo, 1966, p. 56

mas sim um funcionário de banco mal pago, com aspirações sociais elevadas”⁹³.

Sintomáticos desta mudança de hábito são alguns exemplos. Em 1960, o México tinha aproximadamente mil fábricas de bebidas (alcoólicas ou não). Na Argentina de Arturo Frondizi, em 1958, assim como no Brasil, o carro chefe da industrialização, que se tornou o símbolo do modelo de desenvolvimento adotado, foi o automóvel. Para um mercado de apenas 250 mil carros de passeio, a indústria argentina oferecia 23 modelos diferentes. O Peru teve uma taxa de crescimento econômico na ordem de 6% no início da década de 60. Entre 1950 e 1964 a renda anual real do Equador superou os 4,5% ao ano. A própria Venezuela, ao lado do México, consolidou-se como grande exportadora de petróleo, equilibrando as respectivas contas públicas.

Do outro lado da moeda, tínhamos o aumento do endividamento externo, redistribuição regressiva de renda e inchaço dos grandes centros urbanos. Ao mesmo tempo que as classes médias e altas das sociedades latino-americanas experimentavam uma sensível melhora das condições de vida, a pauperização das camadas de renda mais baixa da sociedade aumentava, bem como a distância entre pobres e ricos.

⁹³ VELIZ, Claudio. Centralismo, Nacionalismo e Integración, Estudios Internacionales, 1969, A/3, p. 12

Em linhas gerais, o mesmo processo de industrialização e suas repercussões na esfera social ocorridos no Brasil era experimentado no demais países latino-americanos. Em graus variados, Venezuela, Chile, Peru, Colombia, México e Uruguai estavam atravessando o mesmo processo de substituição de produtos importados por filiais das empresas estrangeiras para seus respectivos territórios, criando, assim, um modelo de sociedade nos mesmos padrões que o brasileiro.

A abordagem dedicada pelas revistas sobre as transformações no Brasil foi vista no capítulo anterior. O mesmo processo nos demais países latino-americanos é nosso assunto neste capítulo.

A América Latina nas Revistas

Como dissemos no primeiro capítulo, no final dos anos 40, com a ascensão do fotojornalismo, temos uma mudança na concepção da utilização do material iconográfico na revista. Nos anos 50 verificamos um aumento da inserção de fotos coloridas, apesar de grande quantidade de fotos continuarem em preto e branco. Obviamente isto ocorreu em virtude da diferença no preço destas reproduções, que exigiam uma mudança custosa em todo processo de editoração, como por exemplo no tipo de máquina

fotográfica, laboratórios para revelação e no papel para impressão. Este processo de substituição de fotos em preto e branco por coloridas foi ocorrendo paulatinamente durante os anos 50 e 60, completando-se apenas nos anos 70. Com esta mescla de fotos coloridas e em preto e branco houve uma interessante construção cênica dos periódicos. As matérias centrais, justamente aquelas com maior destaque no corpo das revistas, eram coloridas, enquanto que nas demais o tamanho era reduzido e não vinham em cores. Tal comportamento, que podemos identificar empiricamente ao manusear os periódicos, era reconhecido por seus próprios editores em várias oportunidades.⁹⁴

Como revistas de variedades, a diversidade e natureza dos assuntos e artigos caracterizavam sua composição. Por sua vez, as matérias ou artigos sobre os países latino-americanos eram raros em ambos os periódicos. Durante a década analisada, foram pouco mais de quarenta reportagens, incluindo neste número as pequenas notas de agências de notícias e os minúsculos artigos, onde apareciam um comentário ou alguma notícia que tratava diretamente de algum país latino-americano.⁹⁵

⁹⁴ O CRUZEIRO, 07.12.57, p.5 e 15.02.58, p3; e MANCHETE, 15.07.61, p3.

⁹⁵ Número de artigos sem fotos Artigos com fotos

ANO 1954	04	05
ANO 1955	04	04
ANO 1956	--	04
ANO 1957	--	09
ANO 1958	03	05
ANO 1959	--	09
ANO 1960	04	06
ANO 1961	13	00
ANO 1962	15	01
ANO 1963	08	04
ANO 1964	01	00

estão excluídas as pequenas notas ou referências indiretas à países latino-americanos.

Tanto na revista O CRUZEIRO quanto na revista MANCHETE, tais reportagens eram geralmente apresentadas discretamente, nas páginas finais de cada número.

O CRUZEIRO mantinha duas colunas específicas sobre política internacional. Com os títulos “*Carrossel do Mundo*” e “*Política Internacional*”, tais colunas ocupavam apenas o último terço da página em vertical, com uma foto em preto e branco, tamanho três por quatro, dos comentaristas Drew Pearson ou Theófilo de Andrade, respectivamente. O primeiro escrevia da capital norte-americana, Washington, e o segundo, de Paris.

O restante da página era ocupado por propagandas, geralmente de produtos masculinos. As Colunas restringiam-se a uma análise sobre um ou mais acontecimentos da política internacional da época. Invariavelmente o tema era a política externa da Casa Branca, inserindo-se o país latino-americano como seu complemento. É neste contexto que encontramos a maior parte dos artigos sobre a América Latina n’O CRUZEIRO.

A revista MANCHETE, com uma linguagem menos rebuscada e mais leve, apresentava a coluna “*O Mundo em Manchete*”. Esta coluna, também alocada nas últimas páginas de cada edição, era composta por notas de agências de notícias internacionais, cada qual com uma notícia completamente independente da outra, acompanhadas por fotos em preto e branco.

Eram curiosidades ocorridas em outros países, realçando sempre o lado pitoresco, interessante ou engraçado. Por exemplo, na edição de 15 de janeiro de 1955, dividiam o mesmo espaço na coluna notas sobre a vida íntima de atrizes de Hollywood, o castigo com chicotadas em praça pública de um padeiro egípcio que vendeu pão acima do preço tabelado, a proeza de um senhor belga de 56 anos que, todos os anos, para comemorar seu aniversário, mergulhava no Rio Tibete e duas sobre um atentado político no Panamá⁹⁶. Em outro número, a nota sobre o processo do julgamento do ex-vice presidente do Panamá, Ramon Guizado, é acompanhada por notícias sobre os novos modelos de Christian Dior e a visita de A. Bergman ao rei da Suécia.⁹⁷ (Foto-13/14).

Exceto nestas oportunidades, raríssimas vezes eram veiculadas matérias sobre países hispânicos. Quando ocorriam, o tema abordado versava sobre política e a matéria se limitava a uma página, com poucas fotos.

Como regra, as revistas não usavam fotos coloridas na composição de matérias sobre política. Entretanto, havia exceções, como por exemplo a morte de John Kennedy, a visita de Eisenhower ao Brasil e o golpe militar brasileiro, todos reportados com várias fotos coloridas. Consciente deste processo de distribuição de cores às fotografias, a própria revista MANCHETE, ao ser inquerida por uma leitora que desejava a apresentação de fotos

⁹⁶ MANCHETE, 15 .01.55,p. 56/57 "O Mundo em Manchete".

⁹⁷ MANCHETE, 03. 03.55, p. 57 "O Mundo em Manchete"

MANCHETINHAS



● A temperamental "estrela" norte-americana **SHELLEY WINTERS**: "Em Hollywood, a gente não pode ser atriz antes de ser uma estrela".

● No Instituto Pasteur, de Paris, o professor **TREMOLLIÈRES** revela que os ruídos podem afetar gravemente os seguintes órgãos do corpo humano: o cérebro, os olhos, o aparelho respiratório, o coração e as vias urinárias.

● O marechal **ROKOSOVSKY**, herói das batalhas de Moscou e Stalingrado, está sendo apontado como o provável chefe de uma aliança militar dos países comunistas, para contrabalançar aquelas dos ocidentais baseadas nos Acordos de Londres e Paris, e no Pacto de Manilha.

● A família automobilística **FORD** acaba de ser aumentada com a inclusão na mesma da **SIMCA**, da França.



● **HAILÉ SELASSIÉ** deixou Viena inesperadamente para a Suíça, o mês passado, após vários telefonemas anônimos advertindo da existência de um "complot" para assassinar o soberano etíope.

● Além de **DJILAS** e **DEDIJER** — ex-chefes iugoslavos, caídos em desgraça — os jornais "Times" (de Londres e de Nova Iorque) fazem alusão à probabilidade de vir a ter a mesma sorte (?) o chefe do Estado Maior Geral do Exército da Iugoslávia, general **PEKO DAPTCHEVITCH**.

● **Alfried Von KRUPP** — o armamentista alemão — vem de concluir entendimentos para a instalação de uma aciaria na Paquistão e quatro usinas de tungstênio na Bolívia.

● O marechal **PAPAGOS**, da Grécia, mandou pedir desculpas aos Estados Unidos pelas manifestações estudantis realizadas em Salônica e proibiu novas demonstrações sobre a recusa das Nações Unidas em examinar a questão da ilha de Chipre.

● Um trecho do metrô de Paris (Vincennes-Neuilly) será perfumado com água da Colônia e na Grã Bretanha divulga-se que, na Universidade de Glasgow, a metade das mulheres e dois homens em cinco admitiram já ter feito uso de drogas — enquanto 87% dos homens e 91% das mulheres confessaram já ter usado álcool "como estimulante".

3 AUTOMÓVEIS COLIDEM

Hard McCabe, de 49 anos, é visto caído ao lado de seu carro em chamas, na cidade de Lewittown, na noite de Natal. O automóvel achava-se parado, num cruzamento, quando outro chocou-se contra por detrás: o tanque de gasolina explodiu, lançando McCabe à distância e causando-lhe ferimentos na espinha. Além

disso, a explosão abalou uma mulher que dirigia outro carro que passava, na ocasião, fazendo-lhe perder o controle e cair num poço d'água; o marido da motorista morreu afogado. Além da esposa, que sofreu ferimentos, também saíram feridos dois passageiros do carro causador do desastre, que se projetou contra o de Mc-



O HERDEIRO ESPANHOL

Este é o príncipe Juan Carlos, filho de don Juan de Bourbon, pretendente ao trono espanhol, que conferenciou recentemente durante oito horas, na fronteira entre Portugal e Espanha, com o general Franco. Este último, segundo se afirma, teria insistido com o pretendente espanhol no sentido de que regressasse à Espanha, dando fim ao exílio em que se vem mantendo, no Estoril. Divulga-se que Franco teme as conversações dos monarquistas com outros grupos, na Espanha.



O CARDEAL VIAJA (de helicóptero)

O cardeal Spellman, de Nova Iorque, prepara-se para viajar, de helicóptero, para a sede do comando do Extremo Oriente, em Oiso, 80 quilômetros ao sul de Tóquio, após haver celebrado missa a bordo do porta-aviões americano "Princeton"

NO EGITO

Um padeiro, acusado de açambarcador, cidade de Kena, é castigado em praça pública. O padeiro recebeu dez chicotadas por haver vendido pães acima do preço, durante um período de escassez de alimentos, em Kena, que foi inundada por chuvas, a 21 de dezembro de 1954.

O Mundo em Manchete

FOTOS KEYSTONE, APLA, U. P., AGIP, I. N. S., FRANCE PRESS, GLOBE PRESS ASSOCIATION, RECORD



AVA, NA SUECIA

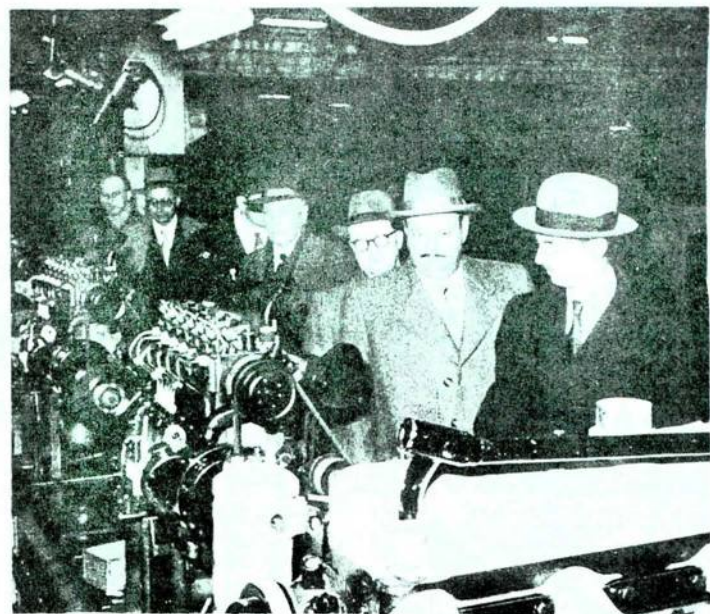
Enquanto seu marido — Frank Sinatra — se diverte com a milionária Glória Vanderbilt, a estrêla Ava Gardner continua a correr mundo, fazendo propaganda de seu último filme. Ei-la na Suécia, durante uma festa, sendo cumprimentada pelo magnata do cinema sueco, Anders Sande.

← METRALHADO "CHICHI"

No hipódromo Juan Franco, da cidade do Panamá, o presidente da República foi assassinado a tiros de metralhadora, em condições estranhas: não se prendeu o criminoso, que parecia haver-se eclipsado. O presidente José Antonio Remon — que gostava de ser chamado pelo apelido de "Chichi" — renunciou ao posto de chefe da Polícia Nacional, em 1951, para aceitar a indicação de seu nome como candidato de cinco partidos políticos. Em outubro de 1953 realizou uma visita oficial aos Estados Unidos; e, na Conferência de Caracas, o ano passado, sua esposa fez parte da delegação panamenha. O vice-presidente Ramon Guizado assumiu imediatamente a presidência da República e até fins da semana passada centenas de prisões haviam sido feitas, mas não se anunciara se o criminoso e o americano I. Lipstein.

NO MÉXICO →

Na cidade de Acapulco, acaba de ser inaugurado este aeroporto, que, como se pode observar, apresenta pontos de semelhança com a famosa igreja de Pampulha, desenhada pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer há mais de 10 anos.



JÂNIO VIAJA

O Governador eleito de São Paulo, sr. Jânio Quadros, que em Paris assegurou não tencionar candidatar-se à presidência da

República, já se encontra nos Estados Unidos, na última etapa de sua viagem à Europa e América do Norte. Na fotografia, ele é visto durante a visita que fez às fábricas do Ruhr, na Alemanha.



NA CHINA

O secretário geral das Nações Unidas, sr. Dag Hammarskjöld, fotografado com membros de sua "missão à China". Poucas horas após haver chegado a Pequim, Hammarskjöld conferenciou com o pri-

meiro-ministro Chou En Lai sobre a questão dos aviadores norte-americanos aprisionados pelos chineses. Os jornais falam num possível entendimento visando a entrada da China comunista para a O.N.U. em troca da "neutralização" de Formosa e da libertação dos prisioneiros americanos — mas sem confirmação.



coloridas sobre a revolução cubana, respondeu que tal tratamento era dispensado apenas para assuntos mais amenos e menos controversos (p.22).

Com exceção da Argentina e do Uruguai, as fotos dos países latino-americanos vinham através das agências de notícias internacionais. Nos dois países, além de eventuais fotos destas agências, havia enviados permanentes. Mesmo algumas fotos do Brasil vinham destas agências estrangeiras. Há, pelo que se pode constatar, uma troca de fotos entre as revistas e destas com jornais. Daí uma dificuldade enorme em identificá-las, na medida que nem todas contém os créditos sobre sua origem, além da utilização de fotos de arquivo, que, sem a devida referência, são usadas para ilustrar outros acontecimentos distintos do objeto da matéria ou reportagem.

Nos primeiros anos da década de 50, vemos a América Latina sendo objeto de análise mais do que de reportagem, através de dois articulistas internacionais. Assim, a entrada dos países hispânicos se fazia por texto escrito disposto em uma pequena coluna. Obviamente não era, frente ao variado leque de imagens sedutoras fornecida pelas revista, um tema a despertar interesse ao leitor menos atento aos pormenores, relegando a América Latina ao ostracismo.

Além da escassez de reportagens, o repertório de temas abordados sobre a América Latina nos periódicos era também reduzido. Em verdade, podemos classificá-los em dois grupos. O primeiro versava sobre assuntos voltados ao cotidiano dos países hispânicos, os costumes, as vestimentas típicas e a “natureza ainda primitiva”, ou mesmo a natureza da região.

As matérias deste primeiro grupo se voltavam geralmente ao exotismo dos países hispânicos. Descreviam a paisagem, as belezas arquitetônicas e o passado pré-colombiano. Dificilmente tocava-se no regime político do país. Nestas matérias as fotos eram coloridas e em abundância, utilizando de recursos técnicos para ressaltar os aspectos positivos - como o uso de fotos coloridas em momentos propícios do dia (por do sol, ou entardecer), ou a captação do melhor ângulo.

Todavia, estas eram ocasiões raras, pois o tema principal das revistas quando se referiam aos países latino-americanos era a política.

O segundo grupo pode ser dividido em dois segmentos. O primeiro quando tratavam dos países latino-americanos via política externa norte-americana. A rigor, a matéria era sobre as relações externas dos Estados Unidos e os países latino-americanos ingressavam como apêndice. Estas matérias eram

veiculadas sobretudo na revista O CRUZEIRO na coluna “*Carrossel do Mundo*”, quase que exclusivamente para tratar de assuntos dos EUA. As demais, versando propriamente sobre a política latino-americana, restringiam-se a noticiar golpes ou atentados políticos, sendo lacônicas a respeito das transições democráticas. Outras, ainda, propunham-se a denunciar as condições de vida nos países latino-americanos assolados por governos autoritários.

A Exótica América Latina

A revista O CRUZEIRO, em 09.02.57, publicou uma reportagem sobre os povos dos Andes. Nesta matéria sobre o Peru, modelos com biotipo europeu (cabelos louros, olhos azuis, altas, etc) eram vestidas com roupas típicas da região. As fotos eram coloridas e ocupavam toda página. Além das modelos, o restante da matéria era sobre a arquitetura Inca.⁹⁸ (Foto-15/22).

A matéria cuidava, em verdade, de uma exposição das criações de Cristian Dior que naquele ano teve como “tema” inspirador para sua nova coleção, as máscaras e trajes peruanos pré-colombianos. As fotos, todas coloridas, foram colhidas

⁹⁸ O CRUZEIRO, 09.02.57,p.46.

em recintos fechados, condicionados em estúdios. O país era apresentado em apenas duas fotos, de ruínas históricas. O texto que acompanhavam as imagens nada falavam do Peru contemporâneo, limitava-se a transmitir informações geográficas da região e a descrever, em poucas linhas, a sociedade inca. Mesmo sem fazer referências diretas ao Peru atual, as legendas não pouparam críticas e comparações. O texto que acompanhava a primeira página da matéria dizia:

“Os povos que habitavam o altiplano perúvio-boliviano conheceram uma civilização das mais adiantadas - Hoje, seu único consôlo é viver do passado.”

No mesmo diapasão, a revista MANCHETE, em 08.07.58¹⁰⁰, publicava um artigo sobre Cuba. Apesar do país se encontrar em ebulição revolucionária, não havia qualquer nota sobre a guerrilha de Fidel Castro ou mesmo a respeito da política daquele país. Nesta matéria, Cuba era apresentada como verdadeiro paraíso turístico. O cenário consistia em lindas praias repletas de moças bonitas, belas dançarinas, sofisticados clubes de jogos -- idênticos aos de Las Vegas --, vida noturna intensa e ótimos restaurantes internacionais em um cenário glamoroso e refinado. Todas as fotos foram tiradas de interiores, nos interiores destes clubes ou de luais privados à beira mar. Cinco das seis fotos eram coloridas, todas em tamanho grande e sempre focando fartas mesas com belas

¹⁰⁰ MANCHETE, 08.07.58, p.34.

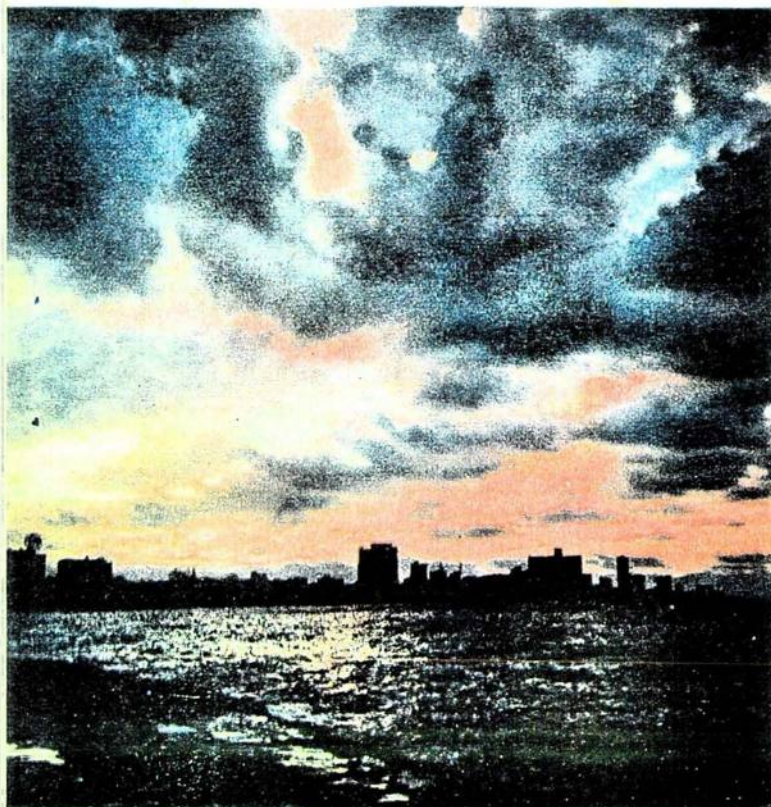
jovens sorridentes ao lado de rapazes finamente trajados e não menos sorridentes. Uma verdadeira festa. Na matéria, era lembrado que as melhores famílias norte-americanas escolhiam aquele lugar sofisticado e elegante para seu veraneio.(Fotos-23/24).

Um ano antes, O CRUZEIRO ofereceu aos seus leitores uma reportagem sobre o Ballet do México. Foram apresentadas fotos referentes ao folclore asteca. Roupas coloridas e danças étnicas compõem o cenário sobre uma das raras reportagens sobre aquele país (Fotos 25/26).¹⁰⁰

Na mesma linha, em 26 de Julho de 1954, a revista O CRUZEIRO veiculava matéria sobre a Guatemala. A reportagem mais se assemelhava a uma propaganda de turismo. Desdobrando-se em duas páginas, temos, ao centro da matéria, o texto ladeado por pequenas fotos, todas temáticas. As fotografias eram do centro urbano da capital, abrangendo tanto as construções históricas como os aspectos indicativos da modernidade da cidade (grandes edifícios e largas avenidas transitadas por carro de passeio). De cunho essencialmente positivo, a reportagem era, em verdade, uma propaganda. Esforçando-se em projetar a imagem de civilização, o periódico descrevia da seguinte maneira o país centro americano:

¹⁰⁰ O CRUZEIRO, 14.04.57,p.56.

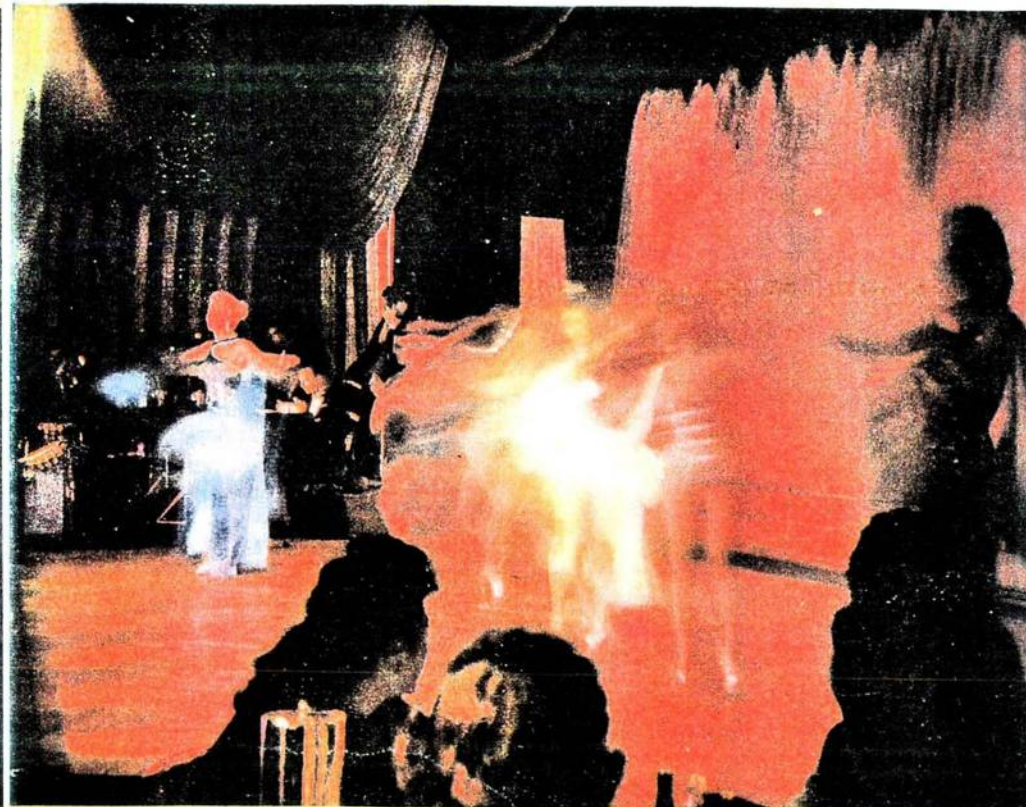
CUBA: UMA ILHA CHAMADA TURISMO



ONDE O MAR NASCE E MORRE NA COSTA INSULAR, O MALECÓN, SOB LENÇOL DE NUVENS, NOS APRESENTA HAVANA.



AS "ÁGUAS DANÇANTES"



OS REFLECTORES E O JOGO HABIL DE CORES PRODUZEM O MILAGRE. ALÉM DO CORPO DE BAILE DO CASINO PARISIEN, O CANTO DE PASSARO YMA SUMAC.

Texto de FERNANDO G. CAMPOAMOR
Correspondente de "O CRUZEIRO" no Caribe

Fotos de FLÁVIO DAMM

CAPITAL de uma ilha em que não floresce a amargura, porque as brisas do Golfo do México, diariamente, a visitam, como serenas voadoras, Havana parece imensa "maraca": transmite o convite de seu ritmo quente nas trinta e duas direções da rosa dos ventos.

Em qualquer parte do mundo, de Oslo a New York, Buenos Aires a Casablanca ou Tóquio, até aonde chegue a mensagem de cantores, orquestras, dançarinos, coristas e o apelo sonoro de discos, rádios e televisores, renova-se a mensagem de sua música, da música de Cuba, universalizada pela rumba, pelo mambo, pelo son, pelo cha-cha-chá. Cantada por Miguelito Valdés — o Senhor Babalu —, em sugestivos cenários, gíngando ao compasso dos bongôs do crioulo Desi Arnaz ou

nas evoluções frenéticas dos "Habana Cuban Boys" de Oréfiche, a melodia antilhana fala de Havana, porque Havana é mulher-canto e mulher-dança.

Havana não desmente a fama e o crédito de cidade bulhçosa. Seus espetáculos noturnos são dos mais luxuosos e caros de todo o mundo. Cidade trepidante e formosa, nasceu para irradiar alegria, para fazer o deslumbramento de seus filhos e dos milhares de estrangeiros, que, permanentemente, a procuram.

Durante muitos anos, um trio de "boites" de primeira linha disputou, dia após dia, o domínio da preferência popular. Programando "shows" de montagem deslumbrante, custodiadas por uma publicidade

farta e inteligente, Tropicana, Montmartre e Sans Souci inundaram a cidade de celebridades. Iniciaram, propriamente, a história das casas noturnas, que funcionam o ano inteiro. Depois, a família começou a crescer: vieram Bambu, Alloy, Night and Day, Pigalle, Pennsylvania, Casino Parisien, Capri, Las Vegas, Palermo, Casino de Sevilla, Johnny's, Tasea Española, 1800, Copa Roma e o fabuloso Havana-Hilton, mas Tropicana ainda conserva sua linhagem nobre, que lhe deu projeção internacional.

A indústria turística foi acelerada pela redução das distâncias. Na era dos aviões a jacto, Cuba ficou a um salto das grandes metrópoles. Pode estruturar o seu turismo em base de milhões, atenção

Noites de Havana começam com os requebros ou acordes quentes do mambo, da rumba e do



CROQUI ANTILHANO: NAS EVOLUÇÕES SELVAGENS, O MAMBO, COMO A RUMBA E O CHA-CHA-CHÁ, FALA DE HAVANA, QUE É MÚSICA, MULHER E DANÇA.

voltada, principalmente, para o mercado norte-americano. Com uma população superior a 170 milhões de habitantes, dos quais cerca de um terço tem férias remuneradas anuais (de 15 a 30 dias), os Estados Unidos se tornaram os clientes naturais de Havana. As facilidades são inúmeras: vizinhança, atração do ambiente (embora de língua e costumes diferentes) e a gente franca e cordial, que constrói para o turista uma paisagem nova de encantamento.

O mecanismo dessa indústria é simples. Resume-se na delícia do clima, no privilégio de uma paisagem eternamente verde, no acolhimento fraterno da natureza, que não custam muito. Tudo a serviço da música sedutora, que é convite ao prazer e à vida. Supervisionando essas fontes naturais de atração, a sábia política do Instituto Cubano de Turismo estabeleceu um plano científico e racional, que se apóia num trinômio: acomodação, transporte e preparação turística.

O turismo próspero multiplicou os cabarés e os hotéis. Revolucionou as linhas aéreas, ferroviárias e marítimas de transporte. Criou

aeroportos, garagens e clubes, onde pilotos e iatistas têm conforto e segurança. Uma lei de amparo ao comércio hoteleiro está mudando a fisionomia de Havana. No último ano, ganhou a cidade 1500 acomodações. Brevemente, terá outra parcela igual, nos hotéis Havana-Hilton (608), Riviera (400), Capri (250) e Deauville (210), que gastarão 40 milhões de pesos nas obras e empregam 1600 cubanos, com salário de 114 pesos.

Os edifícios têm silhuetas definidas, dentro da noite de Havana. Um se sobrepõem às outras. No primeiro plano, uma linha de construção horizontal, em que o tempo e a erosão deixaram marcas profundas de sua passagem. Mais atrás, destaca-se a linha vertical dos arranha-céus de concreto. Frente e fundo, o mar nasce e morre na costa insular, tocado pela brisa e sob um cobertor de nuvens. É o Malecón, que nos descortina a cidade, tropical, acolhedora, humana.

Na Avenida Colúmbia, projetando-se sobre o asfalto, as luzes do Tropicana são um convite. Todas as rotas das Américas levam



“O CRUZEIRO” apresenta as
mais puras e belas
manifestações artísticas
do povo asteca

O BALLET DO MEXICO

Texto de ACCIOLY NETTO
Fotos de SÉRGIO VAZQUEZ

AS “BODAS DE TEHUANTEPEC” contam o rapto de uma donzela índia e seu casamento. A dança é muito lenta e as canções são todas cheias de sonhadora melódia.



UM DOS pontos destacados das apresentações do Ballet Folklórico de México é este da recriação perfeita das roupas usadas pelo povo. O grupo recebeu o Prêmio do Teatro das Nações na sua excursão pela Europa Ocidental.

“É um país dito tropical, mas o frio de seu inverno, a par de suas inúmeras e altas montanhas -- de origem vulcânica na maioria -- deram-lhe o título de “Suiça americana”. E, como em Belém do Pará, de maio a outubro chove costumeiramente tôdas as tardes. Mesmo assim, o sol sempre se faz alto, ainda que sem aquecer muito. E por causa desse clima europeu, os homens que habitam o altiplano usam trajes de lã o ano inteiro. Suas faces são rosadas, e não fosse a tez quimada que lhes legaram os mayas, os gualtematecos passariam por europeus onde quer que andassem.”¹⁰¹

Mais à frente, a revista revelava a consciência cívica dos gualtematecos:

“O forasteiro vai sentir mais de perto a onda de sentimento nacionalista que domina o paíse quando, com os bolsos abarrotados de dólares, não encontrar quem os receba em troca de qualquer pagamento. Em todos os lugares cartazes informam que o dinheiro nacional é o “Quetzal”.

A utilização das fotografias se distanciava dos parâmetros tradicionais do fotojornalismo. Ao contrário de dispô-las em uma narrativa coordenada -- começo, meio e fim -- a revista agregava-as todas em um único bloco, compondo um caleidoscópio semelhante aos cartões postais ou panfletos de viagens (Foto-27). O texto, por sua vez, lançava mão de metáforas e aproximações com a Suiça, país europeu considerado modelo de civilização e prosperidade. O interessante estava exatamente nos

¹⁰¹ MANCHETE, 26.06.54.p.78.

A TERRA A GENTE OS USOS E A POLÍTICA DA

GUATEMALA

Reportagem de OSVALDO MENDES

Guatemala, "terra de romance e de colorido", anunciam os folhetos da "Oficina Nacional de Turismo". Terra de turismo, acrescentamos nós. Centro da antiga civilização Maya, verdadeiro monumento vivo da arte colonial espanhola, Guatemala e também uma terra de fascinante e multicolor beleza natural. Suas ruínas, seus templos, os rituais e crenças católicas e pagãos de seus nativos nos oferecem o passado e o presente em harmoniosa convivência.

Uma das menores nações do mundo, e, contudo, na América Central a maior. Mesmo sob o aspecto político. Habita seu território de 100 mil quilômetros quadrados — dos quais dois terços montanhosos — uma população de 3 e meio milhões de habitantes. 65 por cento indígenas. Espalha-se essa população equitativamente pelo país, tanto assim que na capital residem apenas 300 mil pessoas.

É um país dito tropical, mas o frio de seu inverno, a par de suas numerosas e altas montanhas — de origem vulcânica na maioria — derretam o título de "Suíça americana". É, como em Belém do Para, de maio a outubro chove costumeiramente todas as tardes. Mesmo assim, o sol sempre se faz alto, ainda que sem aquecer muito. E por causa desse clima europeu, os homens que habitam o altiplano usam trajes de lã o ano inteiro. Suas faces são rosadas, e não fosse a tez queimada que lhes legaram os Mayas, os guatemaltecos passariam por europeus onde quer que andassem.

500 anos antes da era cristã, já ali florescia a cultura indígena. Hoje, os descendentes Mayas ainda conservam sua língua e costumes, mantendo vivas as tradições mais antigas do país. Dominam povoados, cidades e regiões inteiras. Servindo-se dos meios mais primitivos, criam beleza com as mãos, dão colorido ao país: tecidos, cestas, calçados, cerâmica, são criações indígenas que espalham pelo mundo o nome da Guatemala. Diz-se mesmo que a melhor expressão da cultura indígena são os tecidos.

Os Mayas legaram também aos guatemaltecos o culto ao Quetzal, ave nacional, legenda e símbolo do país. Passaro que não vive em cativeiro, a veneração por essa ave de larga e bonita plumagem significa o amor à liberdade. Não há em Guatemala quem tenha sequer pensado em molestar essa ave, que só em suas matas se encontra. Transmite-se de pai para filho, desde tempos perdidos, que isso, em qualquer data que ocorra, significara a escravização de Guatemala.



CAMPO Grande parte da população guatemalteca é indígena. Campesinos de Mazatenango voltam à casa, depois das contas nos mercados.

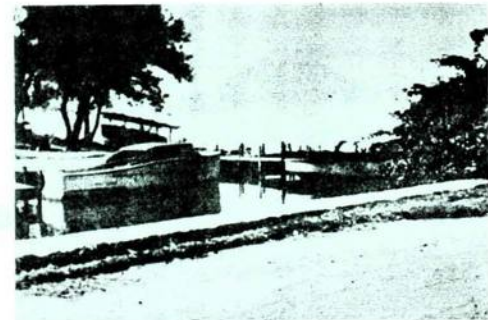
Quando o viajante chega de avião à cidade de Guatemala, chocam seus olhos dois cartazes de publicidade oficial, impressos a cores, colocados em estratégicos pontos no aeroporto de La Aurora. Um diz, em letras garrafadas, tendo como fundo um mapa da América Central, que "Belize es tierra de Guatemala". Anuncia o outro que o café produzido pelo país é "o melhor do mundo". Os cartazes se multiplicam pela cidade e pelo interior. Os folhetos de turismo repetem os "logans". Os atlas e livros escolares reproduzem-nos. E, embora ninguém os ingleses seja Belize território de Guatemala, o brasileiro não diz café quanto à tribuicao, book como a moeda.

No hotel, encontra o viajante, em lixos e folhetos que fazes do turismo uma das grandes fontes de renda do país, o que deseja saber sobre Guatemala. Menos sua real extensão territorial. A respeito, e sempre a mesma a informação.

111.178 quilômetros quadrados é o mundo Belize. A Guiné Britânica encontra-se a pouca distância da capital, sob o domínio inglês. Mas nenhum conflito se registra na fronteira. Não há, evidentemente, ameaça militar. Reserve-se a Guatemala a defender seu ponto de vista através da propaganda e dos ardorosos delirantes que envia às reuniões internacionais. Tentativa assim o pequeno país, uma ilha sem regras, pela reivindicação do que se faz seu. Luta de David contra Golias.

NACIONALISMO

O guatemalteco vai sentir mais de perto a onda de sentimento nacionalista que domina o país quando, com os bolsos abarrotados de dólares, não encontra quem os receba em troca de qualquer pagamento. Em todos os lugares, cartazes informam que o dinheiro nacional é o "quetzal". E por isso só têm valor as transações feitas com a moeda do país. Sem sequer o câmbio e aceite a qualquer nos bancos.



PAISAGEM No Lago Amatitlán, um dos detentores se diverte fazendo estimular os banhos a cela de seus indios indolentes que lhe apareçam no caminho.

Nos mesmos lugares onde não se aceita o dólar — ou outra moeda estrangeira — achos letrados em inglês e castelhano dão lugar a modernos anúncios e sinais, mas em uma só língua: em espanhol, o idioma nacional. E da mesma maneira que é difícil transacionar com dinheiro estrangeiro, tanto mais encontrar quem demonstre interesse por moeda que não o do país. É indolente, praticamente, a língua exclusiva dos turistas e bem impressos folhetos e das suas eficientes da "Oficina Nacional de Turismo".

As características próprias da gente e da terra definem o melhor agente, ou consequência natural dessa peculiar reação a invasão de idiomas, usos e costumes de outros povos. Esse movimento, que é do povo tanto quanto do governo, parece nos meios. Entretanto, ao contrário do que se possa pensar, encontra ele realmente profunda ressonância popular. O que, entre nós, parece ficar bem, por ser importado, lá é de profundo gosto e até anti-patriótico, pelo mesmo motivo. Embora um nacionalismo às vezes exacerbado não é absurdo e nem perigoso, como talvez se atague. E realmente esta influência na política externa, submetendo a nação a esse teste difícil por que luta através, Mas, sobre sua vida interior, não influem senão benéficamente. Sem qualquer afanismo prejudicial, por que, em realidade, essa propaganda é efetivamente impossível e seria inútil se através desse movimento nacional um povo outrora alheado a tudo isso.

RELAÇÕES

Encontra-se em Guatemala, por parte de todos, cordialidade e hospitalidade no tratamento com o estrangeiro. Por parte do povo. E por parte do governo tantas são as facilidades que uma simples carteira de turista, concedida pelos seus consulados sem o menor obstáculo, substitui o passaporte — sempre mais difícil — e dá livre acesso e livre saída a quem o quiser. Dizem mesmo

Um país com três e meio milhões de habitantes (65% indígenas), com uma área de cem mil quilômetros quadrados, com muitos encantos naturais, restos de uma antiquíssima civilização maya e um nacionalismo que certas empresas estrangeiras exacerbam.



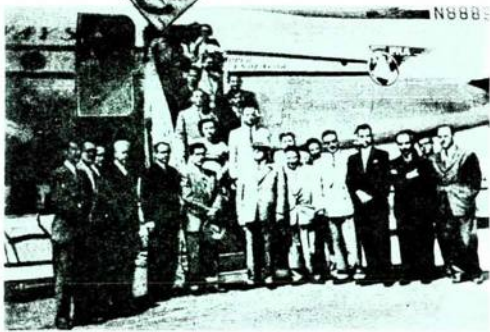
HISTÓRIA Muitos impressionantes monumentos históricos datam de outras eras, o tempo de seus antepassados, os Mayas, e estão hoje restaurados.



ARQUITETURA A capital não tem mais de 300 mil habitantes. Mas tem grandes edifícios, como esse magnífico Palácio dos Capatazes Centrais.



ATUALIDADE A capital da Guatemala, do mesmo nome e, hoje, uma cidade moderna com ruas e avenidas amplas, limpas e arborizadas.



VISITA Aspecto da chegada do repórter à Guatemala, numa caravana de estudantes Universitários e professores da Universidade guatemalteca no aeroporto.



CIDADE O Palácio Nacional, construído no tempo das ditaduras, domina, no fundo, a bela paisagem da cidade moderna, com as suas 300 mil almas.

aspectos aproveitados para traçar as semelhanças. Ao contrário de comparar as instituições políticas, tomava seus aspectos geográficos, como o clima temperado, as baixas temperaturas e as altas montanhas.

O repertório simbólico usado para efetuar a aproximação revelava as intenções de tal comparação. Primeiro porque, em verdade, é realmente custoso imaginar aproximações entre a Guatemala e a Suíça, dado o grau de distância cultural, econômica e social entre ambos os países. O segundo elemento a ser destacado é exatamente o modelo eleito pela revista para realizar a comparação. A Suíça, mais do que um país europeu próspero, era, na época, considerada símbolo da imparcialidade diplomática, reserva de integridade da civilização ocidental e arauto da democracia.

Nesse momento é importante relembrarmos o contexto que ensejou a publicação da reportagem. Durante o ano de 1953, o governo de Arbenz desapropriou, para efeitos de reforma agrária, pouco menos de 500.000 hectares de terra improdutivas, entre elas mais de 150.000 pertenciam à empresa norte-americana United Fruit. Distribuiu essas terras para mais de 100.000 camponeses. Apesar de não ter interferido nos latifúndios

produtivos e ter prontamente indenizado os ex-proprietários, o governo guatemalteco foi acusado de pró-comunista.¹⁰²

Após a conferência de Caracas, em 1954, amplamente divulgada pelas revistas, a diplomacia norte-americana denunciou o governo de Arbenz de filo-soviético e, portanto, anti-americano. Naquele mesmo ano uma junta militar tomava o poder, derrubando o governo legalmente constituído, freando o avanço das reformas¹⁰³.

América Latina, Onde o Povo é Minoria

São raras as reportagens das revistas que enfocavam a vida social nos países hispânicos. No mais das vezes, essas reportagens se assemelhavam a um roteiro de viagens, sobre as maravilhas da região, seus aspectos folclóricos ou naturais. Nos início dos anos 60, no entanto, veremos algumas reportagens-denúncias. A maior concentração delas era sobre Cuba e o regime de Castro, mas outros países também eram “visitados” pelos periódicos. As matérias ressaltavam os horrores dos regimes chamados

¹⁰² GONZALEZ CASANOVA, Pablo. “América Latina: História de Medio Siglo”, Brasília, UnB, vo.1 2, p. 157

¹⁰³ idem.

autoritários, revelando o lado corrupto e inumano da condição de vida daqueles lugares.

Assim, em 1961, a revista MANCHETE publicava a reportagem sobre a Guatemala e seu povo. O título da reportagem era: *“Guatemala, onde o povo é minoria”*¹⁰⁴. A reportagem era veiculada como uma entrevista com o atual presidente da Guatemala, o General Miguel Ydigoras Fuentes. Como já dissemos, a matéria se desenvolvia como uma denúncia da revista dos regimes ditatoriais. Em determinada altura da entrevista, temos o seguinte enunciado, segundo a revista, proferido pelo próprio presidente :

“Pretendo introduzir aqui, na Guatemala, os mesmo costumes políticos e alcançar a mesma prosperidade { dos EUA}. Mas infelizmente a democracia não criou entre nós tradição e a tarefa torna-se bastante árdua.”(...) “ O parlamento é composto de políticos tagarelas que cismam de resolver problemas impossíveis. Os proprietários opõem-se à criação do imposto sobre a renda, que não existe na Guatemala. Os funcionários desfilam em público com as suas amantes, dando um mau exemplo à população. Mas estou elaborando leis que derrogarão todos esses costumes.”

Mais à frente, quando o repórter perguntava sobre a pobreza em seu país, cujos preços são dez por

¹⁰⁴ MACHETE, 26.10.61,p.74.

cento mais altos do que em Nova York e a renda per capita dezessete vezes inferior, a resposta publicada foi a seguinte:

“Lembre-se que três quartos de nossa população é formada de índios. Eles vivem no seu canto, alimentam-se do que produzem, falam sua linguagem própria, têm hábitos peculiares e não precisam de dinheiro. São felizes e só desejam viver em paz. Além dos índios temos cinco por cento de população branca, de origem espanhola, tendo como eu, propriedades agrícolas ou comerciais. Exportam café, banana, frutas cítricas e vivem tão bem como nos Estados Unidos. O resto, os ladinos, ou mestiços, possuem pequenos comércios ou trabalham como operários e também têm o que comer.”

As excentricidades retiradas da boca do estadista pelo reporter avançavam e, entre elas, notava-se a resposta sobre a questão do ensino no país :

“ é um erro a construção de escolas -- se os índios aprenderem a ler, ficarão vulneráveis à propaganda castrista, quando se entra neste terreno não se sabe onde vai dar”.

Mas o repertório de ignomínias não parava. Sobre a prostituição, o estadista respondia que certa vez conheceu uma moça em El Salvador e

“ Na semana passada encontrei sua ficha num bordel em nossa Capital. Mandeí chamá-la ao meu escritório onde ela explicou que aquela fora a única forma que encontrara para dar de comer aos filhos. Extremamente penalizado telefonei para a dona da

pensão. Pedi que a moça fosse tratada da melhor maneira possível e que só lhe destinassem clientes de escol.”

O desenrolar da matéria ratificava a impressão para o leitor brasileiro de ser o país visitado uma região dominada por uma casta branca liderada por um ditador com poderes absolutos, um país distante dos parâmetros do estado de direito ocidentais, ou seja, sem poder legislativo, sem poder judiciário independente, sendo controlado por um único ditador, cujos limites eram sua própria vontade. A inserção na matéria sobre o descaso governamental acerca da educação, qualificando-a como “perigosa”, demonstra estar o governo assentado sobre a própria ignorância do povo. A pequena história sobre a prostituta de El Salvador certamente se coloca para afastar qualquer dúvida da imoralidade reinante no país.

Esta reportagem sobre a Guatemala em 61, como se pode ver, muito distinta daquela publicada pela O CRUZEIRO em 54. No primeiro caso, logo após a queda do governo Arbenz, O CRUZEIRO deslocou a atenção do leitor dos acontecimentos políticos ocorridos, apoiando indiretamente a ação golpista claramente de direita que banuiu um projeto de reforma agrária naquele país. No segundo momento, já no imaginário mais constante sobre a região, através de uma pretensa entrevista à MANCHETE, revelou ao leitor brasileiro a barbárie da sociedade latino-americana.

Nesta linha de reportagens, a revista MANCHETE publicou, em 23.03.57, reportagem com o título: *“Hitler ensinou a Perón, Perón ensinou a Stroessner”*, a legenda que acompanha a matéria é a seguinte: *“Herdeiros de todo um sistema de torturas físicas de fazer corar a idade média, Stroessner se mantém no poder montado nos ombros dos carrascos”*. A foto da segunda página era do estadista, sentado em sua poltrona diante de uma mesa de vidro, de onde se podia ver com absoluta nitidez o reflexo de seu rosto (**Foto-28**). A simetria entre as duas cabeças, frente ao contraste claro/escuro da foto em preto e branco, trazia a nítida impressão de se tratar de duas cabeças de um mesmo ser, “uma dupla face” de Stroessner. Não era uma foto casual. Tratava-se de uma citação de outra foto mais antiga e muito famosa, com o mesmo ângulo e situação, uma foto de Adolf Hitler, colhida no auge da Segunda Grande Guerra, e circulada na imprensa mundial. O rosto redondo, o corte de cabelo e a forma como aparava o bigode transformam o presidente paraguaio em um sócio do Fùhrer (**Foto-29**).

O artigo, como o próprio título deixava transparecer, estabelecia as ligações entre o líder máximo do nazismo e o estadista do cone sul. Além de relacionar os nomes de integrantes do nazismo que ensinaram os paraguaios na arte da tortura, o texto enveredava por descrever com riqueza de pormenores as atrocidades do governo Guarani. Assim começava a descrição sobre o tratamento dispensado a um preso político:



HERDEIRO DE TODO UM SISTEMA DE TORTURAS FÍSICAS DE FAZER CORAR A IDADE MÉDIA, STROESSNER SE MANTÉM NO PODER MONTADO NOS OMBROS DOS CARRASCOS

PARAGUAI DE HOJE: VERDUGOS CAÇANDO PATRIOTAS

QUOUVE um instante em que eu disse a mim mesmo: "Não suporto mais, o melhor é morrer". Se tivesse um revólver, certamente teria dado um tiro na cabeça".

Luis Alberto Kallsen passa a mão pelo rosto, continua:

"Há dois dias que a chuva me encharcava até os ossos, uma chuva gelada. Depois, foi a tempestade de granizo. E, depois, foi a febre. Meu corpo queimava, mas eu tremia como um impaludado. Nos meus sonhos, via minha mãe, em prantos, a gritar pelo meu nome. Parecia também sentir no corpo as alfinetadas incandescentes, os murros e os choques elétricos com que durante oito dias fui torturado, nos porões da Seção Especializada da Divisão de Investigações, em Assunção. Mas não podia morrer, não queria morrer. Reagi, cruzei os braços sobre o ventre e o estômago, que queimavam como brasa, e continuei".

Quem me fala assim, neste mornhacenta tarde de verão carioca, é um rapaz de 25 anos de idade alto e forte. Mas não se trata apenas de um moço. Trata-se, principalmente, de um líder. Presidente do Club Liberal "Alon", Luis Alberto Kallsen comanda perto de 30 mil votos, em todo o Paraguai. O "Alon" tem sido, nos últimos anos, o grande inimigo dos ditadores que no Paraguai se revezam no poder, e se duram mais ou menos tempo, conforme os caprichos da 1.ª Divisão de Cavalaria Motorizada. O "Alon" não é um clube universitário, mas a própria juventude e a mocidade paraguaias — os jovens das escolas, do campo e das fábricas. Sob o ponto de vista partidário, o "Alon" (o nome vem do pseudônimo de um antigo jornalista liberal, assassinado) forma a parte mais viva do Partido Liberal, que, juntamente com os partidos Febrerista (sob o comando de Rafael Franco) e Colorado (que está no poder), constitui o triângulo político do Paraguai.

O Partido Colorado tem um programa: manter-se no poder. Mante-se os ditadores, mas que todos sejam "colorados". E, para manter-se no poder, é preciso não dar quartel aos inimigos — liberais e febreristas. O "Alon", portanto, está no "index" do general Alfredo Stroessner

Mariauda, atual ditador-colorado. É preciso acabar com os liberais, começando por acabar com o "Alon", sua célula mais viva. Para acabar com o "Alon", é preciso cortar a sua cabeça. A cabeça do "Alon", hoje, é o moço Luis Alberto Kallsen, que acaba de viver uma das mais dramáticas aventuras jamais vividas por um rapaz de sua idade. Que viu coisas de gelar o sangue nas veias. E que agora, escapando das fúrias do ditador paraguaio, tornou-se a testemunha mais importante do terror que reina no Paraguai, desde que Stroessner matou no nascedouro o "putsh" liberal do dia 4 de novembro último.

Rosendi, aprendiz da Gestapo, mostra o que sabe

O "golpe" de 4 de novembro parecia seguro. Os liberais pareciam ter conquistado, não a oficialidade, mas a tropa da 1.ª Divisão de Cavalaria. A tropa dominaria os oficiais, marcharia sobre o palácio do governo, deporiam Stroessner. O presidente da Suprema Corte assumiria o poder; e, dentro de alguns meses, eleições seriam convocadas.

Mas a polícia de Stroessner, tecnicamente orientada pelo argentino Héctor Rosendi, que foi treinado pelos agentes da Gestapo que Perón importou da Alemanha, logo nos primeiros momentos do pós-guerra, agiu antes dos revolucionários. Na madrugada do dia 4 de novembro, o "putsh" era uma esperança; ao anoitecer, a esperança se transformara num pesadelo. Um pesadelo que Héctor Rosendi, seu colega Hellman e toda uma brigada de verdugos iriam fazer o mais longo possível.

No dia 4 de novembro, Luis Alberto Kallsen foi arrancado do seu emprego (na Agência do Ponto IV, em Assunção) e levado para a "Especializada", na Calle Presidente Franco, entre as calles 14 de Mayo e 15 de Agosto. Rosendi estende-lhe um papel em branco: "Assine aqui". Kallsen recusa-se.



“Primeiro o deixaram nu, amarram-lhe pés e mãos, mergulham-no numa tina de água suja, onde bóíavam excrementos e de onde sobe um acre odor de urina velha. Em seguida, fazem passar pela água imunda uma corrente elétrica. Mil agulhas incandescentes quimama o corpo(...) (...) no dia seguinte a coisa continua: empurram-no para o meio da sala, onde êle logo se vê cercado por onze policiais. E o jogo começa. Com um murro potente no estômago, um dos policiais atira-o ao companheiro mais próxima, que repete o golpe, endereçando o corpo bamboleante ao companheiro ao lado. No quinto ou sexto golpe já Kallsen já não sente mais nada. É um boneco de pano, um boneco grande, com o qual aqueles homens risonhos se divertem. (...) No terceiro dia, o método especial de Rosendi não traz novidade: é o velho recurso de meter agulha incandescente por debaixo da unha.”¹⁰⁵

Com a mesma riqueza de detalhes a revista O CRUZEIRO descrevia a vida na Argentina peronista:

“Antigos servidores de Himmler introduziram na Argentina métodos científicos de torturar presos, principalmente presos políticos. A “picada elétrica” funcionava dia e noite, como uma máquina infernal, arrancando “confissões” de estudantes, médicos, professôres telefonistas, advogados e operários que não aceitavam a CGT. Para que seus gritos não fôssem percebidos na rua, vitrolas ligadas ao máximo tocavam discos barulhentos.” (...) “ Os presos eram recolhidos à “Sección Especial”. A um dêsses infelizes, o Dr. Caride teve que amputar a perna para evitar câncer. Outro tomara-se eunuco com as mutilações que sofrera. Outro apresentava

¹⁰⁵ MANCHETE, 23.03.57, p.34.

tumor na gengiva, provocado pela picada elétrica”
106

Mais adiante:

“Os argentinos que ousavam falar, que ousavam pensar contra Perón, sofriam também e mais e muito e barbaramente. Sofriam moralmente: filhos denunciando pais, irmãos denunciando irmãos, imensa “gestapo” familiar se estendendo aos lares outrora felizes.”

A descrição do cotidiano na Bolívia, pautada pela instabilidade política e convulsões sem limites, não fugiu à regra:

“La Paz, a 3.600 metros de altura e com 398 mil habitantes a forma de uma cratera lunar. Em seus arredores estão assombrosas estalactitas petrificadas e se misturam pedras e restos tortuosos de cinzas milenárias. Mas o vulcão que é Laz, ainda que apagado, vive encandescido por um apaixonado fogo político que cada boliviano leva no coração. Assim se explicam as 198 revoluções que sacudiram a Bolívia, iniciadas há 127 anos com uma revolta de camponeses.” (...) “A grande revolução, porém, La Paz viveu na noite de 10 de abril de 1952. Era a revolução número 198, e os transeuntes que chegaram a suas casas tinham os sapatos encharcados do sangue que banhou as ruas.”¹⁰⁷

¹⁰⁶ O CRUZEIRO, 15.10.55, p.34.

¹⁰⁷ MANCHETE, 07.07.56, p.16.

Estas reportagens, que suscitam o terror sob o qual se apresenta a vida pública dos países latino americanos e, conseqüentemente, suas repercussões no âmbito privado da população, revelam o imaginário que instruía a linha editorial das revistas sobre os países do sub-continente. Em linhas gerais, as matérias sobre a vida cotidiana nos países latino-americanos visavam mostrá-los como lugar dominado por déspotas que exercem sem limites seus poderes diante de uma população analfabeta e passiva diante dos desmandos do estado. Quando não se apresentavam passivos (como os guatemaltecos), os latino-americanos eram retratados como portadores de uma passionalidade exarcebada e mesmo irracional, como os bolivianos. Em todos esses casos, a América Latina era representada como local atrasado e impróprio para o desenvolvimento da democracia e, portanto, distante dos padrões de civilização ocidental.

As aproximações e comparações entre os países latino-americanos conduzem a uma homogeneidade. Restamos, assim, a indagação: havia diferenças entre eles?

Quantas Américas?

A definição de um espaço geográfico/cultural apresenta uma série de dificuldades. A designação do continente americano abaixo do Rio Bravo como América Latina é muito mais fonte de ambiguidades e confusões do que propriamente uma terminologia precisa para este conjunto de nações que se aproximam em determinados aspectos e se distanciam muitíssimo em outros.

Assim, as revistas trafegavam nessa imprecisão e ambiguidade, apresentando matérias ora de um país isolado, ora analisando o conjunto de países da região. Em verdade, o que podemos verificar com mais frequência era a clara representação da América Latina de maneira negativa para os periódicos.

A associação do país às características gerais do continente sempre conduzia a uma avaliação pejorativa ao final da reportagem. Desta forma, quando as revistas empreendiam uma reportagem revelando aspectos positivos do país reportado, evitava-se sua classificação como latino-americano. No lado oposto, quando se falava do lugar “América Latina” não se ressaltava os aspectos particulares de cada país, agregando-os todos em um conjunto único. Por esse motivo, quando as revistas tratavam do Brasil, por exemplo, abstinham-se de inseri-lo ao lado dos demais países da América hispânica.

Entre os países, além do Brasil, que recebiam com mais frequência este tratamento personalizado, estavam a Argentina e o Uruguai. Nos dois casos, vemos uma atenção especial que se traduzia em uma maior documentação fotográfica e detalhamento das questões reportadas. Quando ocorria um impasse institucional ou mesmo o conflito armado, as reportagens buscavam as razões do incidente, não se aplicando a fórmula pronta para os demais vizinhos, como veremos no capítulo seguinte. Além do mais, na Argentina e no Uruguai as revistas mantinham correspondentes permanentes, coisa que não existia nos demais países. A proximidade geográfica não pareceu ser a explicação para tal fato, uma vez que o Brasil faz divisa com a maioria dos países latino-americanos. Há, com toda certeza, uma importância e interesse sobressalente nesses países que lhes conferiam um apreço especial. Isto está demonstrado na maneira como eram reportados os seus momentos de tensão política.

Assim, ao contrário da matéria sobre a América Central, que veremos no capítulo seguinte, a “ditadura” de Perón era uma violência ao espírito democrático e progressista dos argentinos. Este posicionamento fica claro no artigo de Austregésilo de Athayde. Com o título “*Dois Nações Inseparáveis*”, na revista CRUZEIRO em 01.05.54:

“Mas o povo argentino é a primeira vítima da ditadura com o qual jamais se identificou, como os alemães não se identificaram com Hitler, os italianos com Mussolini e os russos com Stalin. Já satisfizemos o tributo que neste

século as democracias vacilantes tiveram de pagar aos falsos deuses do despotismo.

A Argentina chegou atrasada porque as suas forças de resistência eram maiores. Mas o mal, embora destrua muitas coisas dignas, não terá durabilidade, com a vantagem de imunizar por longo tempo o organismo que ataca.

Isto aconteceu conosco e estou convencido que sucederá igualmente com o povo argentino. A nossa amizade assenta em valores colocados acima e além de alcance dessas forças esporádicas e efêmeras. A nação argentina é para nós o grande acervo de cultura, de progresso, de riqueza conquistada, no amor e na prática da liberdade. O mesmo amor que tem guiado a nação brasileira. E a identidade deste amor é um perpétuo traço de União.”¹⁰⁸

Como se pode ver, a revista se opunha ao governo de Perón, mas não do povo argentino, concebido como refém de uma cruel ditadura. Se o governo peronista, segundo O CRUZEIRO, estava afinado com a tradição latino-americana de governos autoritários e de exceção, o povo argentino não era responsável, era apenas uma vítima conduzida por um caminho que não o seu por vocação.

Outro exemplo era o Uruguai. Apesar do país estar assentado em uma paz democrática que mais se assemelhava a um armistício das forças políticas conflitantes, o mesmo era descrito como a “Suiça” das Américas. Mais uma vez, o

¹⁰⁸ O CRUZEIRO,01.05.54,p.32.

próprio modelo eleito para comparação era revelador da baliza cultural escolhida como parâmetro.

Em 18 de Dezembro de 1954, um artigo de Theophilo de Andrade, enaltecia a democracia uruguaia como modelo para a América Latina. O título não deixa dúvidas:

“ Suíça da América

Há quase cinqüenta anos que o Uruguai é uma democracia modelar, altamente politizada, mas administrada com probidade, sob a fiscalização vigilante da opinião pública, manifestada livremente nos comícios eleitorais. Entretanto, durante muitos anos foi presa de revoluções contínuas. Aquela situação porém, acabou com a guerra civil de 1907, depois da qual o poder foi cair nas mãos de um caudilho que teria sido um grande estadista em qualquer nação civilizada do mundo: Batle y Ordonez. Foi ele quem deu ao Uruguai o voto secreto e, com ele, a legitimidade democrática” “(...) o Uruguai, sem ir ao parlamentarismo evitou os inconvenientes do presidencialismo, tornando-se, com o governo colegiado, a Suíça da América.”¹⁰⁹

O pequeno artigo era acompanhado de um desenho. Dois homens brancos, usando óculos, em trajes formais -- terno e gravata sentados à mesa, provavelmente uma mesa de conferências, segurando uma caneta, em postura típica de parlamentares.

¹⁰⁹ O CRUZEIRO, 18.12.54, p.70.

Por outro lado, as representações usadas quanto à designação dos demais países latino-americanos, revelava alta dose e homogeneidade, formando no mais das vezes um todo pouco definível em sua particularidade. Tal representação uniforme está tanto na linguagem escrita quanto na linguagem iconográfica. Como dissemos no início do capítulo, o tema predileto das revistas eram os golpes militares. Sobre este tema dedicamos o capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV.

A AMÉRICA LATINA É ASSIM...

Como dissemos no capítulo anterior, o tema principal das revistas quando abordavam os países da América Latina era exatamente a instabilidade política da região. Ao contrário da abordagem sobre o Brasil e mesmo dos países do hemisfério norte, quando algum incidente político ocorria no Paraguai, Peru ou Caribe, este era tratado relevando-se sobretudo a natureza violenta e irracional da política latino-americana. A reportagem, abaixo transcrita, talvez seja um dos melhores exemplos do enfoque dispensado pelas revistas sobre a América Latina:

“Assim é a América Central. No segundo dia do ano, um presidente da República compareceu ao seu divertimento predileto -- corrida de cavalos -- e tudo ia bem. De repente, já quase crepúsculo, uma metralhadora atirou, sincopadamente. O presidente caiu ao chão, atingido em cheio: outros também foram alvejados. Ninguém viu de onde partiram os tiros. Ninguém soube, no primeiro instante, o que acontecera, poucas horas depois, o vice-presidente assumiu a Presidência. Uma semana depois, centenas de prisões haviam sido realizadas, e o assunto começava a perder o interesse. Então, o presidente de outro país vizinho, alarmado, bradou: vamos ser invadidos. No dia seguinte, consumava-

se, efetivamente, a anunciada invasão. Assim é a América Central.”

“Na estreita, populosa e infeliz faixa de terra que vai da extremidade noroeste da América do Sul à costa sudoeste da América do Norte, atentados, rebeliões e invasões constituem a normalidade. A coisa é tão intrincada -- e tão simples -- que quem não está conspirando é porque está sendo alvo de uma conspiração”(…) “ A receita é a mesma -- no Panamá ou na Nicarágua, na Venezuela ou no Paraguai: quem tem as armas tem o poder.”¹¹⁰

O trecho acima foi retirado de uma reportagem da revista MANCHETE, número 144, publicada em 22 de janeiro de 1954. Como se pode ver, o artigo/reportagem visava informar o leitor da caótica situação das instituições políticas na América Central. A matéria, restrita a uma única página, estava acompanhada por três pequenas fotos em preto e branco inseridas nas extremidades da página. As fotos eram dos presidentes das Repúblicas Centro Americanas: José Figueres (Costa Rica), Ricardo Arias (presidente do Panamá) e do presidente do Panamá assassinado, José Antônio Remon.

O texto não trazia qualquer elucidação sobre a “intrincada” situação política da Centro América. Em nenhum momento o artigo se preocupava em explicar os acontecimentos em pormenores, preferindo agregá-los em bloco e a partir daí tecer as análises gerais da região. A construção deste amalgama, tratando a

¹¹⁰ MANCHETE, 22.01.54, p.8.

América Latina como um todo único e disforme, desconsiderava as fronteiras e as idiosincrasias regionais. Talvez seja esta a explicação para a “confusão” geográfica do artigo, quando agregava a Venezuela e o Paraguai aos países da América Central... Em verdade, o tema central do artigo não eram os fatos do atentado em si, mas sim a barbárie em que se encontrava a América hispânica.

A revista dos Jornais Associados também fez referência aos acontecimentos no Panamá e na Costa Rica. Em 05.02.1955¹¹¹, O CRUZEIRO publicou um artigo de Theophilo de Andrade, com o título: “Os Balcãs da América”. O teor do artigo segue abaixo:

“Esta revolução da Costa Rica, que está tomando os aspectos de uma invasão por parte da vizinha Nicarágua, vem por a nu a situação miserável das instituições políticas na América Central. Em um dia, vemos o Presidente do Panamá ser assassinado, por uma rajada de metralhadora, em um dos atentados mais horrorosos dos últimos tempos. No outro vemos um pequeno país como a Costa Rica, que parecia ter encontrado o caminho da democracia, ser vítima de uma revolução que tem todos os caracteres de uma agressão externa.”
(...) “Dali [América Central] não sairá nenhuma guerra mundial, mas eles fazem, no entanto, tudo para atrasar o desenvolvimento da democracia na América”.

¹¹¹ O CRUZEIRO, 05.02.1955,p.67.

Este pequeno artigo trazia apenas o desenho de um sombreio e um manto. Igual ao artigo da MANCHETE, não tínhamos uma reportagem elucidativa, ou mesmo um arrazoado sobre as particularidades das questões políticas apresentadas.

As duas matéria acima, do começo do período estudado, sintetizam com clareza o imaginário político sobre a América Latina. Conforme o próprio texto da primeira reportagem confessa, após o atentado ao presidente do Panamá “ *uma semana depois, centenas de prisões haviam sido realizadas, e o assunto começava a perder o interesse*”¹¹². Em outras palavras, sobre a América Latina, o assunto de interesse das revistas era exatamente o atentado político, a face caótica e desarticulada das instituições daqueles países.

Exóticos e politicamente instáveis, o golpe militar e os atentados políticos tornaram-se, portanto, o tema por excelência quando se falava da América Latina. Este imaginário da desordem, em contraponto à ordem das instituições políticas brasileiras, foi, com maior ou menor intensidade, sendo reproduzido durante toda a década analisada, recebendo nuances e tonalidades diferentes a partir da Revolução Cubana, tema de que trataremos mais adiante.

¹¹² grifo nosso.

Os Ditadores Nascem de Madrugada

Não foi neste período que se criou a imagem da América Latina como lugar bárbaro e instável politicamente. Todavia, as reportagens eram informadas por tal imaginário. Até 1959, os países da América Latina não compunham o foco de interesse das revistas, os acontecimentos ocorridos naquele espaço geográfico eram pobremente fotografados, estando muitas vezes entregues a representações via desenhos ou caricaturas. Apesar de constituírem linguagens distintas, entre os desenhos/cartuns e as fotografias havia, ao que nos parece, uma continuidade quanto aos símbolos e imagens transmitidas, não perdendo o significado da representação de fundo.

Assim, tínhamos uma reportagem publicada em duas partes pela revista MANCHETE, em 14.11.54 e em 04.12.54, com o título: “*Os Ditadores Nascem de Madrugada*”¹¹³. Esta matéria, desdobrou-se em duas partes publicadas em dois números distintos da revista, com 4 e 5 páginas respectivamente.

Na primeira parte da matéria, publicada em 27 de novembro de 1954, além do título do artigo, em caixa alta e

¹¹³ MANCHETE, 04.11.54, p.54.

transpassando duas páginas, tínhamos o seguinte subtítulo: “*Na América Latina, quem é dono do exército é dono de tudo*”¹¹⁴. A ementa que antecede a reportagem explícita, resumidamente, a visão proposta sobre a América Latina:

“Com exceção, talvez, do Uruguai as democracias na América Latina são uma frágil concessão das Forças Armadas. Quando os presidentes contam com o apoio do Exército, permanecem, deliberam e executam, mas quando esse apoio desaparece, os governos constitucionalmente organizados e livremente eleitos esboroam-se de uma hora para outra, na calada da madrugada, como num passe de mágica. São apenas alguns tiros no fim da noite, a que se segue o fatal comunicado da “Junta” ou do caudilho que impôs o novo estado das coisas. Porque, com poucas exceções, os ditadores “criollos” nasceram, todos eles, de madrugada.”

A matéria assinada por Joel Silveira descrevia os golpes militares latino-americanos. O artigo narrava sucintamente o repertório de atrocidades de cada governo ditatorial latino-americano, com exceção de “*Domingo Perón, que a história todo mundo conhece*” e “*Marcos Peres Jimenez, o ditador da Venezuela, que é assunto, ele sozinho, para toda uma reportagem*”¹¹⁵. Todavia, o texto, até em virtude de sua exiguidade material (quatro páginas), preocupava-se em pontuar as semelhança entre os ditadores. Estabelecia a similitude no procedimento dos estadistas, o “modus operandi” que aproximava todos os ditadores

¹¹⁴ MANCHETE, 27.11.54,p.50.

¹¹⁵ *idem*.

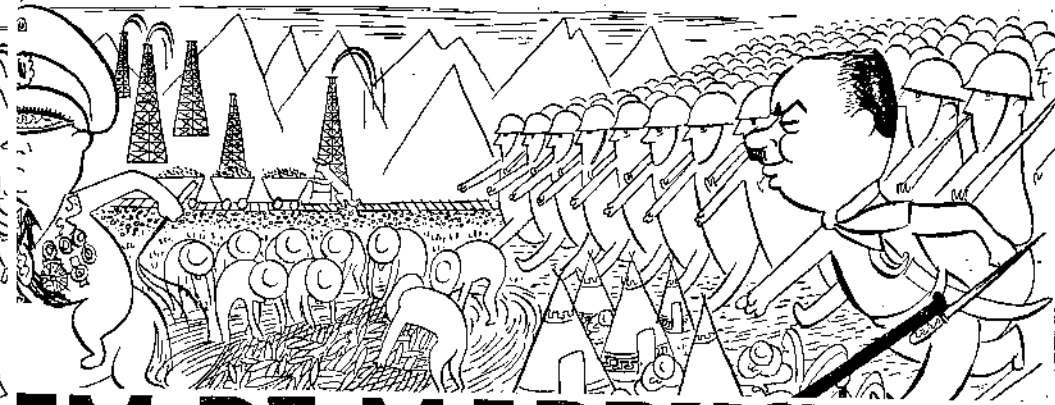
em uma forma tipificada de agir, sintetizada no trecho: “ *Trujillo, Somosa, Ubico, Cairas, Cabrera, Perón, Jimenez, Odria - todos êles se levantaram mais cedo, certo dia, para derrogar as leis, fechar o parlamento, prender os desafetos políticos, fulminar a Constituição e impor, no silêncio pesado de antes da aurora, a fôrça totalitária do fato consumado* ”¹¹⁶ .

A reportagem era acompanhada por apenas três fotos, tamanho dois por dois, de Rafael Leônidas Trujillo, Batista e Odria, mas era toda ela cercada por desenhos e caricaturas, que ocupavam a maior parte do campo visual, dos ditadores em “atividade”. Somoza, à esquerda da página central, estava fardado e repleto de medalhas, tendo ao fundo uma plantação de bananas, pessoas enforcadas em árvores, homens trabalhando vigiados pelo exército, uma mulher e uma criança, em completo estado de miséria, sob seus pés. Batista, por sua vez, aparecia empunhando um fuzil, sobre uma plantação de cana-de-açúcar, com pessoas mortas ao seu redor, alternando a modalidade, entre enforcados, fuzilados ou esfaqueados. Na segunda página, tínhamos três fotos: Odria, Batista, e Chichi (respectivamente os presidentes do Peru, Cuba e Panamá), onde aparecia apenas os rostos de cada um deles, todos de perfil e com feição pouco convidativa. As fotos eram prolongamentos das caricaturas, guardavam da expressão facial dos dirigentes políticos apenas a má aparência, os traços de voracidade e truculência, como a foto de Batista. (Foto-30/32).

¹¹⁶ *ibidem*.



OS DITADORES NASCEM DE MADRUGADA



quem é dono do exér-

Reportagem de JOEL SILVEIRA

Na América Latina, cito é dono de tudo

Com exceção, talvez, do Uruguai as democracias na América Latina são uma frágil concessão das Forças Armadas. Quando os presidentes contam com o apoio do Exército, permanecem, deslhamam e executam; mas quando esse apoio desaparece, os governos constitucionalmente organizados e livremente eleitos esbromam-se de uma hora para outra, na colada da madrugada, como num passe de mágica. São apenas alguns fios no fim da noite, a que se segue o fatal comunicado da "Junta" ou do caudilho que impôs o novo estado de coisas. Porque, com poucas exceções, os ditadores "crioulos" nasceram, todos eles, de madrugada. Trujillo, So-

mosa, Ubico, Carias, Cabrera, Peron, Jimenez, Odría — todos eles se levantaram mais cedo, certo dia, para derrogar as leis, fechar o parlamento, prender os desafetos políticos, fulminar a Constituição e impor, no silêncio pedante de antes da aurora, a força totalitária do fato consumado. Aqui, nesta reportagem, contaremos a história de alguns deles — não a de todos, que seria um nunca acabar. Alguns omitimos não explicamos: a de Peron, por exemplo, cuja história todo mundo conhece; ou do coronel Marcos Perez Jimenez, o ditador da Venezuela, que é assunto, ele sozinho, para toda uma reportagem. O que virá, talvez, em breve.



durante mais de sete anos de "marinês".
 Os aviões, a Guarda Nacional e os assaltos da "Frutera" se chocaram contra a frota turística do verão e zibilla "Sierra", em ruínas como Sandino e seus companheiros resistiram ferocemente. Mas em 1933, quando Roosevelt chegou ao poder, os filibretos liquidaram. Finalmente, a Nicarágua tornou-se julda de novo de montanha.
 Vem para constituirnos a melhor nação de proezas a Nação", foi o recado que ele recebeu, naquele fevereiro de 1934, do general que desde 1932 inspecava, de fato, no palácio de Manágua.

O diálogo entre o herói e o general foi rápido: Sandino pediu terra para os camponeses pobres e espalhados, e o comandante da Guarda, risonho e afável, respondeu que sim. Desesperanzado — e um indiano depois Sandino era néscio (na porta do palácio), e aquela mesma tarde, fugiu.

Agora o general gordo e risonho podia sentir absoluto ódio à terra e gente do Nicarágua, livre dos "marinês" e do herói. Agora o Nicarágua era sómente dele, do general Anastasio Somoza. Dito e da "Frutera".

"LA FRUTERA"

"La Frutera" são quatro milhões de acres cobertos de bananas e servam, de fato, a economia do norte da Colômbia. Vira do alto quando o avião cruza um pouco dos seus planícies: é um chão verde-se estendendo compacto, roçado aqui e ali pelas nervuras das estradas ou se abrindo em

pequenas clareiras risonhas. Um verde da Guatemala aos confins do Panamá, e a "Latid Fruit Co." é a dona do lugar: verde: dois terços da produção mundial de banana caído em suas mãos: a sua frota — a Grande Frota Branca — dispõe de um milhão de toneladas; e seu patrimônio, são suas as ferrovias, as indústrias e os bancos.

Neste ano de 1954, a "Frutera" domina praticamente quatro países, um político e seu dinheiro: a Guatemala do coronel Castillo Armas (que ela armou de seus inimigos de Arévalo e Arriola); o Salvador do coronel Oscar Odría; a Nicarágua de Somoza; o Panamá do marechal José Andrés Remón. Seus territórios potentes, extensos, ricos, a economia do teimosamente livre Costa Rica e do Honduras, e se espalham pelas Antilhas.

A "Frutera" é o império e o que — a dita a gente de lá costuma dizer: "Deus é o banana; o diabo é a Frutera".

Mas não foi o diabo, foi um. Minor U. Keith, um norte-americano de Michigan. Em 1872 ele plantou na Costa Rica, a primeira pé de banana; e igualmente naquele ano assinou, com o governo local, o seu primeiro contrato; em Keith construiu uma ferrovia (ligando a costa oriental a cidade de São José) da qual o governo de Costa Rica poderia se servir em compensação. Por Keith e seus bananos não pagaram frete no estrado enquanto não assinou. Era um bom negócio para ele. Keith e, na época, parecia ser um bom negócio também para a Costa Rica. Acordos e contratos semelhantes

com Keith os fez fazendo com outras nações: com Honduras, com a Guatemala, com a Nicarágua. Em 1906, o seu contrato estava firmado — um mundo de banana — de acordo — e Mr. Keith era a potência em lei daquele país: milhões que ele manuseava, que ele transformava em serviços assalariados a serviço de seus bananos. A América Central era, agora, um território de Mr. Keith, e ele administrava o território a sua maneira, dominando e utilizando os seus, inventando e desfazendo ditadores, num rolamento de governos apagados em um piscar de olhos. A sua presença e de "penetração". A sua genia da história da "Frutera", ainda hoje se recordam nomes ministros de estado locais, como os de Ubico, o de Carias, o de Cabrera; e Anastasio Somoza continua vivo e lembrado. A "Frutera" é bela a todos os estados e os decretos quando bem estudados — sempre para Mr. Keith e para os seus herdeiros nunca existiu qualquer diferença entre uma banana e um ditador: e há um país seguro de "bananos" e há um país sem um ditador.



"DIOS Y TRUJILLO"

Contato que nunca certa manhã a secretaria de Trujillo, ao cumprimentá-lo, per-

guntou-lhe se havia decaído para a morte. Trujillo respondeu com os olhos: — "Eu nunca decaio?" E expulsou o secretário do gabinete e do gabinete.

Um quarto de século de poder absoluto transformou esse reinado de Carlos, um Júpiter moicano — seu pai só era um com títulos arcaicos, seu nome já esquecido todos os títulos, sua vontade já invencível e realizou todos os fantasmas. O pico mais alto da República Dominicana se chama "Pico Trujillo"; sua gente se chama "Pico Trujillo"; a maior das Antilhas, tira o nome de seu filho Ramón — o mesmo Ramón que, aos 13 anos de idade, foi presidente do movimento do príncipe de Cabrera; e Anastasio Somoza continua vivo e lembrado. A "Frutera" é bela a todos os estados e os decretos quando bem estudados — sempre para Mr. Keith e para os seus herdeiros nunca existiu qualquer diferença entre uma banana e um ditador: e há um país seguro de "bananos" e há um país sem um ditador.

Sua fortuna é imensa — tem quase o bilhão gerado pela República Dominicana. Rafael Leónidas Trujillo y Molina controla dois terços da produção de açúcar de parada militar. Trujillo aparece como o maior Duce, de general, almirante ou herói político.

Sua fortuna é imensa — tem quase o bilhão gerado pela República Dominicana. Rafael Leónidas Trujillo y Molina controla dois terços da produção de açúcar de parada militar. Trujillo aparece como o maior Duce, de general, almirante ou herói político.

Super LAVANDA

Brilhanina - Talco

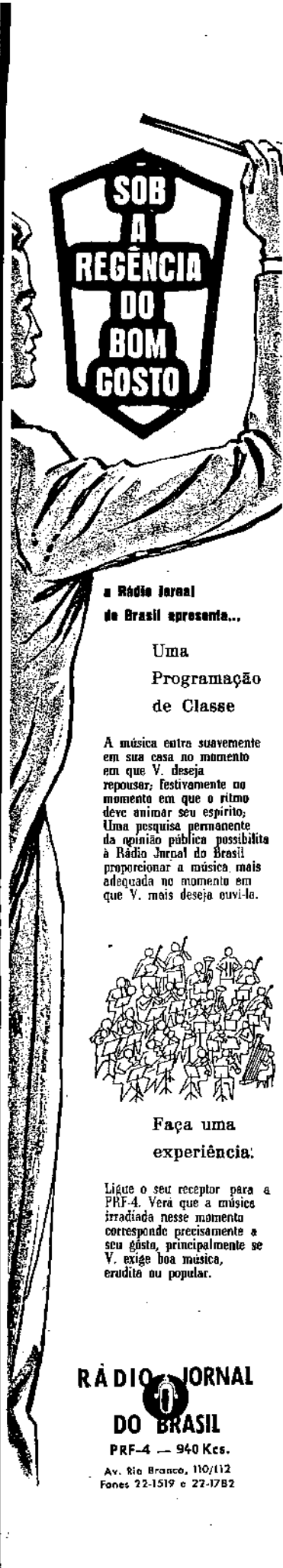


de **Sevy**

CR\$ 15,00 - 35,00 - 50,00 - 100,00 - 200,00

SEVY S/A
PRODUTOS DE BELEZA

PRAÇA OLAVO BILAC, 136
SÃO PAULO.



**SOB
A
REGÊNCIA
DO
BOM
GOSTO**

a Rádio Jornal
de Brasil apresenta...

Uma Programação de Classe

A música entra suavemente em sua casa no momento em que V. deseja repousar; festivamente no momento em que o ritmo deve animar seu espírito. Uma pesquisa permanente da opinião pública possibilita à Rádio Jornal do Brasil proporcionar a música mais adequada no momento em que V. mais deseja ouvi-la.



Faça uma
experiência.

Ligue o seu receptor para a PRF-4. Vera que a música irradiada nesse momento corresponde precisamente a seu gosto, principalmente se V. exige boa música, erudita ou popular.

**RÁDIO JORNAL
DO BRASIL**

PRF-4 — 940 Kcs.

Av. Rio Branco, 110/112
Fones 22-1519 e 27-1782

mais selecionados rebanhos, é dono de edifícios e de aquários. Munificente, costuma, vez por outra, encher uma mala com cédulas do seu dinheiro forte, e sair distribuindo-os pelos peões que, às margens das largas "carreteras", acodem para ver passar o Júpiter Infalível e Poderoso. Mas o Benefactor, tão pródigo, tem instantes da mais terrível cólera, e então o seu coração entumece de ódio e sua ira desaba sem piedade. Em 1933, ao assumir definitivamente o poder, Leónidas Trujillo prendeu, matou e expulsou todos os seus desfeitos políticos; em 1937, ordenou a chacina de cerca de 10 mil haitianos eslo-meados que haviam atravessado a fronteira em busca de emprego nos engenhos dominicanos; e em 1942, mandou 600 soldados e 3 aviões militares liquidar a greve que explodira nas usinas "Santa Fé" e "La Romana". No dia seguinte, o corpo do líder do movimento, Francisco Lantigua, assassinado a baionetadas, foi encontrado dependurado em uma árvore com um letreiro onde se lia: "Este obreiro ya cobró su aumento de salários".

Quando os fuzileiros yanques deixaram São Domingos, em 1924, o coronel Rafael Leónidas Trujillo y Molina ficou à frente das tropas regulares, que ele adexou com eficiência e energia. Em 1930, o coronel já é general e o mais forte trunfo político do país. Governos "constitucionais" e "livremente escolhidos" se sucedem, sob seus auspícios, mas não demoram muito. O general se impacienta — nenhum dos presidentes, que ele elige, o satisfaz. Em 1933 a impaciência explode — e Rafael Leónidas Trujillo y Molina resolve, ele mesmo, assumir o poder. Em fins do mesmo ano, a República é como uma planície quieta e aterrizada: não há mais partidos, nem imprensa livre, nem direitos. A planície se estende, calada, coberta de destroços de homens e de idéias, e dono do terror e do silêncio é Rafael Leónidas Trujillo, o novo Dono. De lá para cá, nunca mais ele deixou o poder. Sua vontade já não precisa mais manifestar-se em decretos e determinações: é um imponderável, uma força oculta, uma Ordem que se impõe através de terceiros que, nos instantes de fastio e tédio, ele coloca na curul presidencial, enquanto tira uma inodorra na "Estância Ránfis", ou passeia suas medalhas em New York ou em Madrid.

Assim é Trujillo — duro, afável com os amigos, bom chefe de família, de sorriso largo e saúde de ferro, palavra sinora e coragem pessoal. Sua filha, Flor de Oro, disse um dia dele: "Eu me casaria com ele se não fosse sua filha". E Summer Welles escreveu, certa vez, que "conhecê-lo de perto é admirá-lo e respeitá-lo".

Também nós, aqui no Brasil, já pagamos o tributo de nossa admiração por Trujillo: em 1943, o general Eurico Dutra, ministro da Guerra, fê-lo General de Brigada do Exército Brasileiro, mandando-lhe de presente a espada competente e mais a Ordem do Cruzeiro do Sul. E em 1946, quando a Legião do Caribe, composta de elementos dominicanos antitrujillistas, ameaçaram invadir a República Dominicana, partindo de Santiago de Cuba, foi o Brasil que correu em ajuda do Benefactor, vendendo-lhe por preço de ocasião milhares de fuzis, dezenas de metralhadoras, milhões de projéteis e, de quebra, dois aviões militares. Conovido com tais provas de amizade, Leónidas Trujillo y Molina, ordenou que a língua portuguesa fosse adotada em todas as escolas do seu país...

"TACHO"
E
"CHICHI"



Qual dos dois é mais brutal — Trujillo ou Somosa? Equivalem-se. É a história

de um é quase a história do outro. "Tacho" Somosa vai, menino, estudar em Filadélfia; volta à Nicarágua como empregado da "Rockefeller Foundation", serve depois de intérprete na conferência de Tipitapa, é, mais tarde, sub-secretário das Relações Exteriores. Em 1932, quando se retiraram pela terceira vez da Nicarágua, os yanques deixam organizada uma Guarda Nacional e entregam o seu comando a Tacho Somosa. Em 34, ele fuzila Sandino, em 36 é suficientemente forte para dar um golpe de Estado e assumir a presidência. E na presidência vem se mantendo até agora. Visitou-nos há poucos meses e vimos-lo de perto: é nédio, risonho, bem-humorado. Sua fortuna não tem tamanho: há quem calcule a sua renda anual em um milhão de dólares. Em fins do ano passado, o jornalista William Krehm, do "Time", visitou a Nicarágua e trouxe de lá o número exato das propriedades de Somosa: 51 fazendas e 46 cafés. Seu filho foi educado em West Point.

Em 1942, quando visitou oficialmente os Estados Unidos, Tacho Somosa foi recebido por Roosevelt, que, num dado momento, lhe perguntou por que não instaurava a liberdade na Nicarágua. Resposta de Tacho: "A democracia na América Central ainda é um bebê, e não se pode dar comida de mais a um bebê..."

Ao sul, Anastácio Somosa tem um sócio tão gordo e rosado quanto ele, mas que sorri pouco: é o coronel José Antonio Remón. Os pesadelos chamam-no de "Chichi". Durante alguns anos Remón, como chefe de polícia, foi o sustentáculo do ditador Arias, misto de aventureiro nazista e de galã de cinema. Quando Arias foi deposto "Chichi" Remón fê-lo voltar ao poder, em 1949. Mas dois anos depois, o povo e os estudantes vão buscar o coronel Remón em casa e fazem-no chefe do movimento que derruba Arias. Remón chega ao poder e lá continua. Em 1951, o coronel José Remón tem necessidade de honestar a sua autoridade, e lança sua candidatura ao próximo período presidencial. É o único candidato — a vitória é aplastante.

Como Somosa e Trujillo, "Chichi" Remón é homem rico: no Panamá, é ele quem controla o negócio da carne, e o gado lhe vem do sócio vizinho. Anastácio Somosa, cujos rebanhos abastecem os seus matadouros. A política de Remón consiste em viver em boa paz com os norte-americanos da Zona do Canal — o que, para ele, não é difícil. Se tudo correr bem, Remón governará até 1956, quando, então, será reeleito...



**O PEQUENO
ODRIA**

"Cumprindo sua imperativa missão patriótica, o general Manuel A. Odria opta por depor o governo do senhor Bustamante". Assim reza o comunicado militar do dia 28 de outubro de 1948. O general Manuel A. Odria fôra ministro do interior do presidente José Luis Bustamante, era agora, o ditador. Haya de la Torre, o líder "aprista", só teve tempo de chegar à embaixada da Colômbia, onde se refugia: lá ficará durante seis longos anos. No começo da noite, de uma sacada do palácio do governo, o general Odria ameaça: "Hei-de depurar os apristas nos postes de Lima, lamentando que não haja postes suficientes para uma limpeza em regra". No dia seguinte, a "Lei de Segurança Interior da República" decreta a pena de morte para todos os inimigos do novo regime. Os estudantes universitários tentam reagir contra a ditadura: mas a Universidade é cercada e os líderes estudantis metidos na cadeia. O "Aprismo", considerado "seita internacional", é pôsto

ora da lei. Fecham-se os jornais da oposição, dissolvem-se os partidos políticos.

O pequeno general Manuel A. Odría (1,55 de altura) age com segurança e rapidez porque está bem amparado: as "quarenta famílias", que dividem entre si as riquezas do Peru, formam do seu lado; e seu é o Exército. Sendo assim, as eleições podem ser convocadas. Elas se realizam no dia 2 de julho de 1950. Candidato único: Manuel A. Odría. Candidato eleito: Manuel A. Odría.

O general Odría é aparentemente manso, mas na verdade impiedoso: ele reina com mão de ferro nas planuras do Peru; é o defensor e o sentinelado avançado das riquezas controladas pelas "quarenta famílias": o defensor do arroz, do "guano", da "elha prata dos Incas, do petróleo, do algodão e do açúcar. E' o senhor absoluto dos mineiros, dos pescadores, dos camponeses e dos índios; desses índios desgraçados e tristes que, há mais de um século, assim cantam, doridamente, quando estão borrachos:

*"Fui concebido numa noite de tormenta
A chuva e o vento foram meu berço
Ninguém tem piedade da minha miséria..."*

*Maldito seja meu nascimento!
Maldito seja minha concepção!
Maldito seja o mundo!
Maldito seja tudo!
Maldito seja eu mesmo!"*

BATISTA O SARGENTO DO AÇÚCAR



O sargento Fulgêncio Batista, de Cuba, erve, em 1930, no posto receptor e transmissor do palácio do Governo de Havana. Por suas mãos passam despachos, ordens, avisos secretos, tôda a engrenagem do governo corrupto de Gerardo Machado, x-gerente da "Electric Power Co.". O sargento Batista controla os telegramas, falsifica alguns, emite avisos falsos — vai formando a sua "puzzle". Os estudantes comam com êle; os descontentes democratas também. Ele é apenas um sargento — mas, praticamente, Gerardo Machado está em suas mãos. Ele conhece todos os escândalos, tôdas as negociações; êle sabe até que ponto o "Chase Bank" é dono do país e do açúcar; e sabe, mais, porque o novo

edifício do Capitólio, que fôra orçado em 3 milhões, acabou custando 20 milhões de dólares. O sargento Batista sabe tudo; sabe e espera.

Em 1933, o sargento juntou tôdas as peças, tem o seu jôgo armado. A frente dos oficiais jovens e dos estudantes, êle sai à rua e grita: "Abaixo os ladrões!" Há mortos nas ruas. A situação se complica, os Estados Unidos se preocupam, enviam até Cuba uma pomba da paz: Summer Welles. Machado renuncia, Céspedes assume. Mas o homem forte é Fulgêncio Batista, agora já coronel. Céspedes resiste apenas dois meses; sucede-lhe uma Junta, que não demora muito e passa o poder ao dr. Grau San Martin. Perguntam ao coronel Batista se êle apóia San Martin. O coronel grunhe: "Por enquanto..." E quatro meses depois toma conta do governo. Mas é preciso haver eleições — Washington exige. Elas se verificam em 1944. Batista e o seu "plano de três anos" são fragorosamente derrotados. Grau San Martin recolhe a grande maioria dos votos, Cuba parece reingressar no bom caminho democrático. O ex-sargento retira-se, viaja pelo mundo, arma seu QG, em New York, numa "suite" inteira do Waldorf Astória. E espera novamente.

No dia 9 de março de 1952, o major general Fulgêncio Batista y Zaldivar surge repentinamente em Havana. No dia seguinte, expulsa o presidente Prío Socarras do governo, num espetacular golpe de Estado, e instaura a sua segunda ditadura. A Constituição de 1940 é revogada. Em dois dias improvisa-se outra.

No dia 11, o general Batista surge na sacada do palácio do governo e grita para a multidão: "A partir de agora Cuba é para os cubanos!" Mas se trata apenas de um aranco épico, porém falso. Na verdade, Cuba pertence ao açúcar; e o açúcar de Cuba pertence a "American Sugar", que é dona, na ilha, de 60 mil hectares. No dia 2 de abril, menos de um mês após o segundo golpe de Batista, o correspondente do "New York Times" escreve de Havana para o seu jornal: "Um alívio temporário das arbitrárias e excessivas reclamações dos operários, que vinham dificultando as inversões do capital norte-americano em Cuba, é agora esperado pelos homens de negócio dos Estados Unidos, como consequência do golpe de Estado do general Batista..." O general Fulgêncio Batista y Zaldivar sente-se forte (até os comunistas estão com êle), pode convocar as eleições. Elas se realizaram há dois meses atrás. A oposição retrai-se, em segurança e em pânico, retira o seu candidato. O general ganhou de 10 x 1.

AMÉRICA LATINA: 25 anos de "pronunciamentos"

- | | |
|--|---|
| 1930 — Ditadura de Trujillo, em São Domingos; ditadura de Vargas, no Brasil. | 1946 — Villarael é depurado num poste, em La Paz. |
| 1931 — Ditadura de Ubico, na Guatemala. | 1948 — Golpe de Estado de Odría, no Peru. |
| 1932 — 1935 — Guerra do Chaco. | 1948 — Golpe de Estado de Chalbaud e Jimenez, na Venezuela. |
| 1935 — "Putsh" comunista (fracassado) no Brasil. | 1948 — Guerra civil na Costa Rica. |
| 1935 — Ditadura de Somosa, na Guatemala. | 1948 — "Quebra-quebra" de Bogotá, em seguida ao assassinato de Eliezer Gaitan. |
| 1937 — "Estado Novo" de Vargas. | 1949 — Golpe de Estado de José Remón, no Panamá. |
| 1937 — Golpe de Estado de Busch, na Bolívia. | 1949 — Golpe de Estado de Oscar Osorio, em El Salvador. |
| 1943 — Golpe de Estado de Rawson, na Argentina. | 1952 — Golpe de Estado de Fulgêncio Batista, em Cuba. |
| 1943 — Golpe de Estado de Villarael, na Bolívia. | 1952 — Golpe de Estado de Paz Estenssoro, na Bolívia. |
| 1944 — Golpe de Perón em Rawson. | 1954 — Golpe de Estado de Castilla Armas, na Guatemala. |
| 1944 — Revolução na Guatemala contra a ditadura de Ubico. | (Não estão incluídos na lista os "pronunciamentos" paraguaios, por serem muito numerosos) |
| 1945 — Golpe de Estado de Rómulo Bettancourt, na Venezuela. | |

O.K



o melhor Gemado,
fabricado com gemas
de ovos selecionados.

Um produto

MOSELE

a legenda dos grandes vinhos

Na segunda parte da reportagem, publicada em 04.12.54, “*Os Ditadores Nascem de Madrugada (II)*”¹¹⁷, o título do artigo, em letras menores, cedia espaço para o subtítulo: “*BOLÍVIA: 149 REVOLUÇÕES*”. Uma tarja negra, logo abaixo do título, continha os seguintes dizeres: “*nunca houve um ditador infalível, porque a ditadura é um crime - e felizmente não existe crime perfeito*”.

O artigo, nos mesmo padrões que a primeira parte publicada em novembro, se propunha a dissecar os golpes militares no Paraguai, Bolívia e Argentina. Iniciava-se com a análise superficial da política boliviana desde sua independência, em 1826, até aqueles dias, permeando como fio condutor os regimes de exceção que se apossaram do país. Em determinada altura da matéria, o autor exemplificava a vida institucional do país com uma canção popular :

“Y yo, desde mi ventana,
limpiando un fuzil me digo:
Que hago con este fuzil?”.

Na sequência, respondia o articulista:

“A resposta é simples: com um fuzil, o boliviano faz uma revolução. Desde que o país é nação independente, já houve, lá, 149 “pronunciamentos” e “putshs”, alguns sangrentos, outros caricatos.”

¹¹⁷ MANCHETE, 04.12.54, p.27.

Além da Bolívia, outros países eram analisados. Perón era comparado com Hitler. Mais do que insinuações, o jornalista revelava, a partir da biografia do estadista argentino, os contatos e atividades entre a Argentina de Perón e os líderes do Terceiro Reich. O Paraguai, assim como a Bolívia, recebia um tratamento que alternava, sem muita distinção, o lado folclórico e a informação. Em determinada altura do texto, exemplificando a frequência das insurreições políticas no Paraguai, a redação era cortada com um pretense anúncio sobre um hotel em Assunção, veiculado em um jornal paraguaio, com os seguintes dizeres: *“HOTEL. O mais central da cidade, com balcões dando diretamente para a Revolução.”*

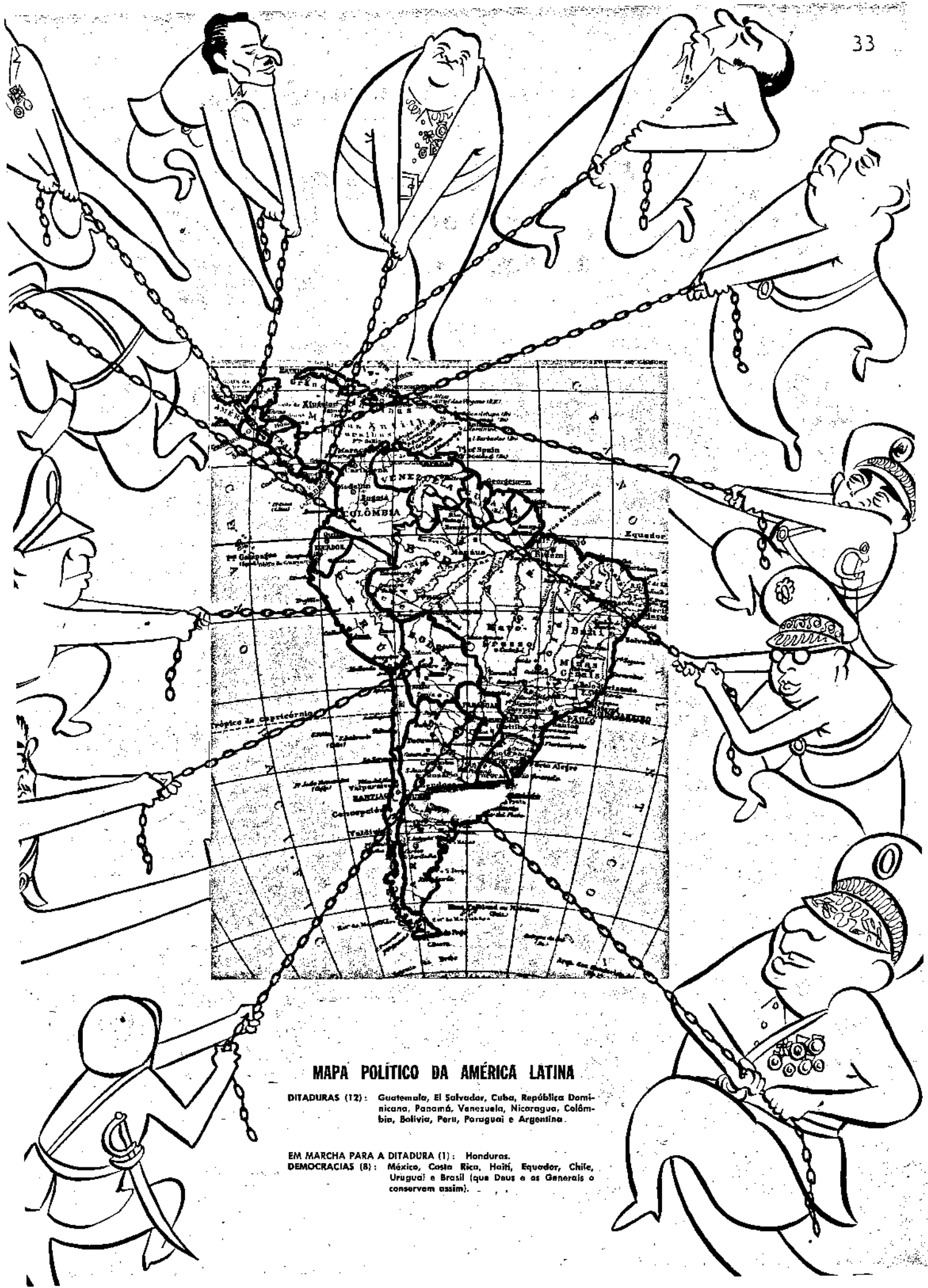
A parte iconográfica do artigo era composta por desenhos. Na primeira página, à esquerda, tínhamos o mapa da América Latina, de onde saíam várias correntes, de quase todos os países (menos do Brasil), puxadas cada qual por um ditador latino-americano, indicando a situação de presa deste continente nas mãos de caudilhos. Mais à frente, tínhamos os desenhos dos ditadores em “ação”. Estensoro, da Bolívia, era retratado com uma corda nas mãos, tendo ao fundo uma série de postes e, em cada qual, um enforcado. Perón, com fardamento militar, encontrava-se na sacada da Casa Rosada, acenando para o povo argentino com gestos fascistas, em pose idêntica à de Mussolini. O Paraguai e a Colômbia

também figuravam em dois outros desenhos em situações de agitação pública (Foto-33/35).

No artigo/reportagem “*Os Ditadores Nascem de Madrugada*”, víamos um arrazoado explícito e contundente sobre a imagem da América Latina fornecida pelas revistas. O tema golpe militar nos países latino-americanos era geralmente apresentado tendo como fundo um incidente político, no qual o jornalista tecia comentários gerais sobre a situação do país em foco ou mesmo da região. Todavia, neste artigo de Joel Silveira, o tema se sustentava em si mesmo, mais do que um noticiário era uma análise sócio-política da América Latina, algo raro e ao mesmo tempo revelador do imaginário da revista sobre a região, exposto de maneira clara e inequívoca.

Devemos aqui salientar o momento histórico da política brasileira, quando da publicação da matéria. Em agosto de 54, a vida política brasileira havia sido colhida pelo terremoto do suicídio de Vargas e, meses depois, a tensão entre os vários seguimentos da política nacional só fazia aumentar. As lideranças políticas de cada lado visavam alcançar o poder, através de eleições, ou até mesmo à força, dando o tom da instabilidade institucional durante todo ano de 1955. O desfecho dramático veio em novembro de 1955, quando o General Lott, em nome da democracia, realizou, segundo as palavras de Thomas Skidmore: “um golpe militar no estilo clássico”¹¹⁸.

¹¹⁸ SKIDMORE, Thomas . Brasil de Getúlio à Castelo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 5.edição, p.194.



MAPA POLÍTICO DA AMÉRICA LATINA

DITADURAS (12): Guatemala, El Salvador, Cuba, República Dominicana, Panamá, Venezuela, Nicaragua, Colômbia, Bolívia, Peru, Paraguai e Argentina.

EM MARCHA PARA A DITADURA (1): Honduras.

DEMOCRACIAS (8): México, Costa Rica, Haíti, Equador, Chile, Uruguai e Brasil (que Deus e as Generais o conservem assim).

BOLÍVIA: 149 REVOLUÇÕES

Nunca houve um ditador infalível, porque a ditadura é um crime — e felizmente não existe crime perfeito.

Reportagem de JOEL SILVEIRA

HÁ uma canção boliviana que diz assim:

*Y yo, desde mi ventana,
limpiando un fusil me digo:
Que hago con este fusil?*

A resposta é simples: com um fusil, o boliviano faz uma revolução. Desde que o país é nação independente, já houve, lá, 149 "pronunciamentos" e "putschs", alguns sangrentos, outros caricatos. A primeira constituição da Bolívia, quem a escreveu foi Bolívar, em 1826, mas desde então houve várias outras: em 1831, em 1834, duas em 1839, em 1843, em 1851, 1868, 1871, 1878, 1880; a de 1880 durou até 1931, que, por sua vez, resistiu até 1937. Mas em 38 já havia outra, e outra em 1945. E, no presente, Paz Estensoro, o versátil homem das extremas, inaugurou uma nova, que pretende seja a definitiva.

A instabilidade política na Bolívia, que nunca foi grande, aumentou consideravelmente após a guerra do Chaco. A guerra do Chaco foi uma guerra em que nenhuma das partes ganhou muito, mas na qual a Bolívia perdeu mais. Cerca de 80.000 bolivianos (gente que, na sua maioria, desceu do altiplano e morreu de febres, nos pântanos da planície) ficaram no campo de batalha; e metade do "deserto verde", após a contenda, passou para o mapa paraguaio. Por que lutaram tanto, durante três longos anos e de maneira tão encarniçada, os dois países? Fala-se em questões lindéiras: fala-se também na intriga dos "trusts" petrolíferos, interessados nas reservas (ainda hoje desconhecidas) do chaco inóspito e intratável.

A guerra do Chaco fez seus heróis: um Estigarribia, no Paraguai; um David Toro e um German Busch, na Bolívia. Em 1936, Toro, de volta da guerra, derruba o presidente Sorzano e apodera-se do governo. Então começa o rondó do altiplano: Busch derruba o general Toro, dá um tiro no ouvido, em 1939, após uma noite de bebedeira, o general Quintanilla nomeia-se presidente e depois elege o general Peñaranda. O major Gualberto Villarroel (apoiado pelo Movimento Nacionalista Revolucionário de Estensoro) derruba Peña-

randa, em 1943, fuzila uma porção de gente, mas no dia 21 de julho de 1946 os donos do estanho (Hoschild, Patiño e Aramayo) arrancam Villarroel do palácio do governo, matam-no e espetam-no num poste da principal praça de La Paz, com uma de suas botas militares arrumada debaixo do braço. Estensoro consegue fugir, o presidente agora é o senhor Tomás Monje Gutierrez, presidente da Corte Suprema, que convoca eleições para 1947. Apresentam-se dois candidatos: José Enrique Hertzog e Luis Fernando Guachalla, há um empate, mas o Congresso decide a favor de Hertzog. Nas novas eleições, em 1952, um dos candidatos é Estensoro, que está no exílio; os demais partidos se dividem entre três outros pretendentes, e Estensoro beneficia-se com a divisão: tem 42% da votação, volta de Buenos Aires, num avião de Perón, mas o governo não lhe quer dar posse. Juan Lechin, o líder esquerdista dos trabalhadores das minas, providencia uma greve geral (greve geral nas minas

de estanho é greve geral da Bolívia), o governo recua, Estensoro toma posse, Lechin será um dos seus ministros. E assim estão as coisas.

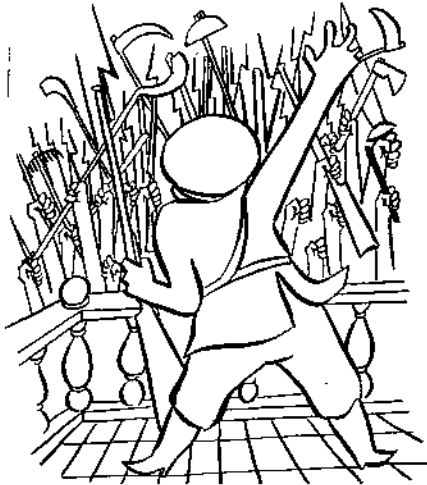
Já se disse que a Bolívia é um altiplano esmagado sob uma chapa de estanho. Seu estanho — que representa 70% da produção mundial — está na mão da "Rosca": o grupo de magnatas (o judeu Hoschild e os índios de origem Patiño e Aramayo) que controla as minas, que controlava o Exército e que, por sua vez, é hoje controlado pelo dólar americano. Ao assumir o governo, Estensoro prometeu nacionalizar as minas; mas o fato é que se os Estados Unidos e a Inglaterra deixarem de comprar o estanho da Bolívia, a Bolívia morre de fome.

Estensoro é ditador ou presidente? Na verdade, ele teve apenas 40% da votação, como aconteceu aqui com Getúlio, e é igualmente certo que quem manda na Bolívia é o MNR — partido fundado em 1940 e que no seu início foi intransigentemente adepto do nazi-fascismo. A oposição não tem vez. Afirma o ex-chanceler Alberto Ostria Gutierrez que o programa do MNR foi copiado literalmente do programa do Partido Nacional Socialista de Hitler, e provou isto transcrevendo, num livro que fez furor, capítulos inteiros das plataformas de Estensoro e do "Fuehrer". Mas Estensoro não foi o único nazi-fascista boliviano, entre o fim da guerra do Chaco e a queda dos ditadores europeus: toda a Bolívia o era. O Exército tinha como técnicos e orientadores dois nazistas de grau: o coronel Kundt e o capitão Ernst Roehm. E até 1943, os alemães dominavam toda a economia, os transportes e a política do país; só não dominavam o estanho.

Agora não acusam mais Estensoro de nazista ou fascista, mas de peronista. Ele responde que nunca foi aquilo nem é isto: é apenas boliviano. E promete que a "revolução branca" que nasceu das eleições de 1952 perdurará através dos tempos, como um atestado de que a Bolívia encontrou o seu definitivo caminho. Deus o ouça — mas, se assim for, que lará o boliviano do seu fusil?



A farândola paraguaia



Também foi após a guerra do Chaco que começou o alucinante rodízio político no Paraguai. Estigarribia volta herói (e vitorioso) e toma conta do poder. Morre mais tarde, num desastre de avião, e o seu herdeiro é o general Morínigo, Ministro da Guerra. Morínigo namora a Argentina e o Brasil, toma 50 milhões de pesos do primeiro e 100 milhões de cruzeiros do segundo, agüenta-se até 1938, quando convoca eleições. É eleito Juan Natalício Gonzalez, desafeto de Morínigo, a quem desterra para Niterói, onde o ex-ditador, a paisano, instala um escritório de importação e exportação. Mas cinco meses depois Natalício Gonzalez é

derrubado pelo general Raimundo Rolón, que um mês depois é deposto pelo doutor Felipe Molas Lopez, ministro da Educação. Felipe Molas convoca as eleições, é confirmado no poder, mas seis meses após, no dia 12 de setembro de 1949, é derrubado por um dentista, o dr. Federico Chaves; Federico Chaves é reeleito em 1953, mas é derrubado no ano seguinte pelo arquiteto Tomas Romero Pereira que, por sua vez, é derrubado pelo general Alfredo Stroessner, seu ministro da Guerra.

Há quem conte (deve ser anedota) que, certo dia, o principal diário de Assunção publicou este anúncio:

HOTEL TAL

O mais central da cidade, com balcões dando diretamente para a Revolução.

E de um político paraguaio no exílio, a quem indagara os motivos de tanto "putsi" e golpe armado, um jornalista brasileiro ouviu a seguinte resposta:

— A explicação é simples. Temos apenas um partido ponderável, o Colorado, com um enorme excedente de líderes, todos se achando com direito a governar o país. Como não é possível estabelecer um período presidencial de um ano ou de seis meses, a solução é o "pronunciamento" periódico: assim todos são igualmente beneficiados...

Perón, herdeiro de Hitler e Mussolini

Numa certa noite de fevereiro de 1943, oficiais do Exército argentino se reúnem, num quartel de Mendoza, e discutem até o começo da madrugada. Quando a reunião chega ao fim, um deles é encarregado pelos demais de redigir uma espécie de memorial, resumindo o que fora aprovado no encontro. O memorial é escrito ali mesmo, e alguns minutos após lido pelo seu autor diante dos camaradas. Um dos trechos dizia assim:

"Camaradas: A guerra demonstrou claramente que as Nações não se podem defender sozinhas, e daí o jogo das alianças, que mitiga, porém não corrige o grave mal. A era da nação vai sendo substituída paulatinamente pela era do Continente. Ontem eram os feudos que se uniam para formar a Nação, e hoje são as Nações que se unem para integrar continentes. Esta é a finalidade da guerra. A Alemanha realiza um esforço titânico para unificar o continente europeu. A nação maior e melhor equipada deverá reger os destinos do continente em nova formação. Na Europa, esse papel caberá à Alemanha. Na América no Norte, a nação monitora serão, por algum tempo, os Estados Unidos. No sul, porém, não há nação suficientemente forte para que se admita, sem discussão, a sua tutoria. Só há duas que poderiam tomá-la: Argentina e Brasil. NOSSA MISSÃO É FAZER POSSÍVEL E INDISCUTÍVEL A NOSSA TUTORIA".



O documento se estende por mais dois períodos, no mesmo tom e estilo. A leitura é saudada com palmas; um dos militares grita: "Viva Argentina!", todos respondem, em coro: "Viva!" Em seguida os oficiais são convidados a deixar suas assinaturas no documento: o original devidamente autografado ficará depositado na sede do "GOU" (Grupo de Oficiais Unidos), do qual todos fazem parte; outras có-

pias serão distribuídas entre os vários comandos e zonas militares do país. Quem assina em primeiro lugar é o próprio oficial autor da proclamação, um tenente-coronel alto, de cabelos pretos e estirados, gestos enérgicos, de pouco menos de cinquenta anos. Seu nome: Juan Domingo Perón.

A família Perón é pobre, quase proletária. A vida dura de Lobos, na província de Buenos Aires, expulsa os Peróns para a Patagônia, onde o chefe de família consegue ser dono de um cruel trato de terra. Mas em 1911 Juan Domingo pode entrar para o Colégio Militar, e se revela aluno brilhante: em 1913 já é subtenente e dois anos depois, tenente. Mas capitão é só o será nove anos depois, em 1921, e ainda o é em 1930 quando do golpe militar do general Uriburu contra o presidente Frigoyen. O capitão Juan Domingo Perón é um dos oficiais que entram em Buenos Aires comandando as tropas insurretas, e data daí a sua projeção na vida política e militar. Em 1932 vamos encontrá-lo como secretário privado do Ministro da Guerra, em 1934 é professor de História Militar da Escola Superior de Guerra e em 1937, Adido Militar em Santiago do Chile. Em 1938, o major Juan Domingo Perón troca Santiago por Roma: como observador militar do seu país, ele estagia alguns importantes quartéis de Mussolini, visita a Alemanha de Hitler e a Espanha do recém-vitorioso Franco. Quando regressa à Argentina, em fins de 1939, o seu entusiasmo pelo nazi-fascismo é absoluto. E no dia 1.º de setembro daquele ano, ao receber a notícia de que começara a Segunda Guerra Mundial, seu comentário é curto e categórico: "A Alemanha sairá vitoriosa".

Em 1943, o tenente-coronel Juan Domingo Perón é a figura mais atuante do Exército argentino, o seu líder autêntico e o comandante incontestável do GOU. É ele quem vai buscar o general Ramirez em casa e o coloca à frente das tropas que, em junho, derrubam o governo do vacilante Castillo. No gabinete do novo governo, o coronel Perón ocupa um posto importante: o de Ministro do Trabalho. Os jornais estampam, no dia seguinte, fotografias de sua posse; e numa delas o coronel ri-sosinho e robusto aparece de olhos ternos para uma moça loura e bela: a atriz de rádio Eva Duarte. Os dois já se amam há dois anos.

Ramirez cede lugar, seis meses depois, ao general Farrell, que cumula o seu amigo Juan Domingo Perón de novos poderes: Perón agora, não é apenas ministro do Trabalho, mas também vice-presidente e ministro da Guerra. Seu nome alcança grande popularidade entre as massas trabalhadoras, que ele favorece com sucessivos aumentos de salários. "Em menos de um ano — conta German Arciniegas — Perón assina 29 decretos-leis sobre trabalho, intervém em 319 acordos trabalhistas e em 171 conciliações". Sua ação junto à massa proletária começa a inquietar as classes conservadoras. Em 1945, a posição do coronel Perón parece insustentável: os generais, pressionados pelos industriais e comerciantes, pressionam por sua vez o general Farrell e dele exigem a demissão do Ministro do Trabalho. Farrell cede. Perón é demitido e mandado preso para a ilha de Martín García. Mas no dia seguinte, 17 de outubro, Eva Duarte apela para os seus "descamisados", tira-os do seu trabalho, marcha com eles, numa formidável demonstração de força, em direção à Casa Rosada. São milhares e milhares — Buenos Aires está praticamente paralizada. Diante do palácio os gritos se repetem durante horas seguidas: "Perón! Perón!" O governo intimida-se, o general Farrell manda libertar o coronel e trazê-lo ao palácio. Horas depois, já noite, os dois surgem na sa-

Assim, o artigo, versando sobre as ditaduras latino-americanas, estava, em verdade, alertando os leitores acerca dos perigos de um golpe militar no Brasil e as conseqüências nefastas para a sociedade brasileira, tendo como exemplo os vizinhos hispânicos; temor respaldado pela ameaça claramente assumida pelos grupos divergentes em tomar o poder à força. De outro lado, o artigo salientava a preocupação em distanciar o país dos demais confinantes, uma clara intenção de reafirmar a diferença entre o Brasil e seus vizinhos. Em momento algum foi discutido o histórico das crises institucionais brasileiras. Desta forma, era patente o distanciamento criado pelo discurso entre “nós” e “eles”.

Mesmo em face dos países mais próximos ao Brasil no contexto latino-americano -- em particular a Argentina e o Uruguai -- víamos uma afastamento marcante.

Um bom exemplo foi o ano de 1955, quando o assunto de maior destaque sobre América Latina nas revistas foi a tensão política na república do Prata, com seus desdobramentos até a queda de Domingo Perón.

A revista MANCHETE publicou em 25.06.55 matéria com o seguinte título: “*Bombardeado o prestígio de Perón*”¹¹⁹. O artigo, almejando uma neutralidade sobre o assunto, apenas informava que Buenos Aires fora tomada de surpresa em

¹¹⁹ MANCHETE, 25.06.55,p.6.

16.06.55 com o bombardeio, por seguimentos das próprias Forças Armadas nacionais, à Casa Rosada - residência oficial do presidente da República Argentina. A reportagem apenas informava o estado de sítio em que se encontrava a república vizinha após o incidente, ressaltando a incômoda posição do chefe de Estado frente à perda gradual de apoio junto à frações da Igreja e da Caserna. Nas fotos que acompanhavam o incidente apareciam, além da Casa Rosada à noite, somente os integrantes do Estado maior argentino. As fotos era da agência U.P. e da própria revista (Gervásio Batista).

Na edição seguinte, a revista da editora Bloch veiculava a segunda reportagem sobre os desdobramentos do incidente, agora com cobertura fotográfica mais ampla, com o título: “*O Exército Algemou Perón*”¹²⁰. As vinte fotos que instruíam a reportagem registravam a tentativa dos militares rebeldes e o rastro de destruição deixados pelo confronto. O enquadramento fotográfico da matéria respeitava os cânones do fotojornalismo. Iniciava-se com dois flagrantes. À direita viam-se soldados legalistas checando o equipamento militar em plena praça pública (Foto-36) e, na página seguinte, um túmulo com a inscrição: Manuel Miguez e a data: 18.6.1955. As demais fotos eram de Buenos Aires destruída, dos soldados peronistas em manobra e uma foto frontal de um civil morto, com a legenda denunciando o número de mortos, acima de três mil.

¹²⁰ MANCHETE, 02.07.55, p.59.



Ao contrário da matéria anterior, esta se posicionava claramente contrária a Perón, revelando a existência de agentes nazistas em seu governo.¹²¹ A apresentação iconográfica da matéria não deixava margem à dúvida. A associação da foto de um túmulo com a data do incidente ao lado dos soldados pró-regime, evocava claramente a idéia de violência, morte e destruição provocada pelo governo peronista.

Mais enfática que a revista da editora Bloch, O CRUZEIRO fez campanha acirrada contra Perón, intitulado-o, antes mesmo do desfecho que levou à sua queda, de nazista. A surpreendente foto apresentada na primeira página da reportagem foi a da Avenida 9 de Julho, repleta de simpatizantes peronistas. Em cima da foto, de Arlindo Silva, vinha, em caixa alta, a informação de ser foto de arquivo. A reportagem, com o título “O CRUZEIRO Lutou contra PERÓN”¹²² iniciava-se com a seguinte ponderação: “A FOTO QUE NÃO SERÁ MAIS BATIDA” (Foto-37). O líder argentino é comparado a Hilter, ou seja, corrupto, cruel e megalomaniaco. A revista explicava aos leitores as razões da oposição ao ex-presidente desde o começo de seu governo. Segundo ela, Perón articulava com o III Reich uma hegemonia no continente sul americano, em que estava prevista inclusive uma invasão ao Brasil. A mirabolante história da expansão argentina em território brasileiro foi tema no ano seguinte de um “furo” de reportagem de O CRUZEIRO, que, através de fotos de correspondência secreta

¹²¹ MANCHETE, 02.07.55, p.35.

¹²² O CRUZEIRO, 15.10.55,p.7.

'O CRUZEIRO' LUTOU CONTRA O DITADOR

PERÓN

Por ARLINDO SILVA

Fotos do ARQUIVO DE "O CRUZEIRO"



A FOTO QUE NÃO SERÁ MAIS BATIDA. A Avenida 9 de Julho, com seu clássico obelisco, num dia de manifestação peronista. A CGT era a arma em que se escudava o tirano para impressionar a opinião mundial.

JOSSA luta contra Perón vinha de há muitos anos. Combatendo o ditador do Prata, cujo fim melancólico o mundo acaba de assistir, nós comíamos um criminoso de guerra, responsável pelos mais cruéis atentados contra a dignidade da pessoa humana. Lutávamos para que na Argentina lhasse a reinar a paz, a tranquilidade, a ordem, a liberdade de pensar e de agir. Lutávamos pelos nossos irmãos que estavam escravizados. Não víamos o fenômeno Perón apenas uma questão interna argentina. Víamos no peronismo um fator de intranquilidade, ameaçando a harmonia continental. Foi por isso que, durante tanto tempo, procuramos mostrar ao Brasil e ao mundo que era o "justicialismo" por dentro, com todos os seus horrores, misérias e violências. Perón sentia na própria carne as agulhoadas que, daqui, lhe lançávamos. Para se vingar e para impedir que o povo argentino lesse o que nós publicávamos, proibiu a entrada de O CRUZEIRO no País. Não permitia, sequer, que passageiros desembarcados em Buenos Aires ou em trânsito saíssem com esta revista debaixo do braço. Não tem conta o número de viajantes que passaram pelo vexame de serem arrancados de suas mãos exemplares de O CRUZEIRO. Entretanto, o que para Perón era uma rejeição, para nós era uma honra. Hoje, sentindo a euforia de quem conquista uma vitória, chegamos a ter pena do tirano que não teve a nobreza de encerrar sua carreira com um gesto heróico. Pobre Perón! Ele, que se gaba Senhor dos céus e da terra, que se tinha na conta de um Deus, que parecia ser tão poderoso, permaneceu dias e dias acovado dentro de uma cambusa, refugiado como um rato humano num compartimento de navio ranho. — E quem garantiu sua vida nessa contingência humilhante? Quem pediu que os militares que o alijaram do poder lhe cortassem a cabeça? E paradoxal que pareça, Perón deve sua vida a uma coisa que ele sempre

espezinhou e desprezou, e que, desde o início de sua aventura política, roubou ao povo argentino. Essa coisa se chama: Direito.

* * *

Quando nós de O CRUZEIRO contávamos a história do tirano do Prata, costumávamos lembrar aquele célebre manifesto do G.O.U. (Grupo dos Oficiais Unidos), que, em princípios de 1943, começou a circular entre militares fascistas argentinos. Estávamos em plena guerra, e o Presidente Castillo da Argentina estava de braços dados com as potências do "eixo", que pareciam vitoriosas. Enquanto os representantes argentinos, na conferência do Rio de Janeiro se solidarizavam com os aliados, em Buenos Aires o Governo colocava suas bases navais à disposição da Alemanha, para que os submarinos nazistas afundassem navios brasileiros e americanos. Certos de que Hitler ganharia a guerra, os oficiais do G.O.U. sonharam, também, conquistar a América do Sul. Para eles, a Europa seria unificada sob o tacão nazista. Na América do Norte, os Estados Unidos assumiriam o controle daquela parte por algum tempo. Na América do Sul, duas nações estavam em condições de ser as tutoras deste hemisfério: o Brasil e a Argentina. Era necessário impor, de qualquer maneira, a supremacia argentina. Para realizar o primeiro passo, tinham de tomar conta do poder. A luta de Hitler lhes serviria de modelo e guia. As alianças abririam o caminho. — "Já temos o Paraguai — diziam no famoso manifesto. Teremos a Bolívia e o Chile. Com a Argentina, Paraguai, Bolívia e Chile, fácil será dominar o Uruguai. Logo as cinco nações unidas atrairão o Brasil, devido à forma de Governo (ditadura Vargas) e os grandes núcleos alemães. Caído o Brasil, o continente será

recentemente descobertas pelos jornalistas do periódico, comprovava o plano de Perón em tornar-se líder do cone sul.¹²³

Aparentemente, a foto da queda de Perón em O CRUZEIRO era extremamente positiva. Via-se o povo na rua, comemorando. O efeito da foto era criativo, pois usava a imagem de comemoração e conagração contra o próprio político derrubado. Todavia, as legendas e o título que acompanhavam a reportagem alteravam completamente seu conteúdo. Esta foto, que apresentava um momento de festa, era usada por um lado para mostrar um passado que não existia mais, e por outro, para festejar o fim de um regime.

A revista, ao publicar a foto com a respectiva legenda, já estava contando a história política da Argentina, descrevendo o passado do regime peronista, que não mais existia no dia da circulação da referida edição. Neste sentido, a foto trazia ao conhecimento do público “algo que não mais existe”¹²⁴. Todavia, a narrativa desta história estava calcada em uma foto que pertencia ao período áureo do peronismo e, portanto, um momento absolutamente oposto ao de sua publicação, ou seja, a queda do regime. Este segundo sentido da fotografia, a comemoração popular nas ruas de Buenos Aires, era revelador das possibilidades de interpretações fornecidas pela foto. Sem ser aparentemente alterada em sua constituição, a fotografia que “representava” a popularidade

¹²³ O CRUZEIRO, 13.06.57,p.91, com o título: “Conspiração Perón”.

¹²⁴ JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem, Campinas, Papirus, 1996.

do regime peronista foi a mesma usada pela revista para festejar sua queda.

Mas a peculiaridade da reportagem não se esgotava nesta foto. Tratado como autoritário e ditador, Domingo Perón havia sido presidente eleito pelo sufrágio universal e derrubado do poder através de um golpe militar. A reportagem sobre a queda do estadista foi festejada pelos periódicos como se tratasse de um governo ilegal. Paradoxalmente, o golpe sofrido pelo governo do Prata fora recebido como a volta do estado de direito na república vizinha. É patente, pois, a contradição nas análises das revistas. A queda de Perón, tanto pelo O CRUZEIRO como pela MANCHETE, fez-se no absoluto silêncio das mesmas sobre as condições de ilegalidade da tomada do poder pelo exército argentino, um acontecimento que seria, dentro dos padrões discursivos das revistas, atacado como sinônimo de incivilidade.

No mesmo número, e ainda sobre o fim do governo de Perón, em artigo assinado por David Nasser: "*Tango do Adeus*", o jornalista diagnosticava a Argentina peronista:

"Ditadores, tiranos, governos policiais, de emanções fascistas ou de pruridos comunistas são tentáculos de um polvo canceroso. Felizes os povos que, como iluminados cirurgiões, sabem advinhá-los e extirpá-los antes que se transformem em metástase insolúveis. Felizes os povos que os vêem quando aparecem sob a máscara do amor ao povo."¹²⁵

¹²⁵ O CRUZEIRO, 15.10.55, p.12.

É interessante notar a representação fornecida pelo jornalista. Apropriando-se de imagens alheias à política, o discurso associava o ditador a uma doença, o câncer. Tanto a doença quanto o tirano se instalavam sorrateiramente e destruíam o corpo habitado, no primeiro caso o aparelho humano, no segundo, a nação. O antídoto também era o mesmo em ambos: extirpá-los. As metáforas neste sentido eram extremamente ricas. O bom cirurgião, assim como o povo diligente, conseguiam extirpar o mal antes da metástase.

América Latina e Seus Golpes

Antes de prosseguirmos na análise da forma como foram reportados os golpes militares na América Latina, vemo-nos na obrigação de pontuarmos questões preliminares, sob pena de incorreremos na mesma abordagem fornecida pela revistas.

Em primeiro lugar, é importante refletirmos, ainda que rapidamente, sobre a natureza de tais ações políticas. Os golpes militares na América Latina, em verdade, não

representam propriamente um fenômeno analisável como um todo, pois foram, no mais das vezes, de natureza diversa.

Neste sentido, são fartos os exemplos dos movimentos armados de cunho de esquerda ou esquerdizante na América Latina. Sem precisar buscar exemplos alhures, temos no Brasil dos anos vinte o movimento tenentista, que, se de difícil enquadramento político, é ao menos facilmente descartável seu possível compromisso com as lideranças conservadoras da época. Antes da Revolução Cubana e, portanto, do ingresso duradouro e oficial do socialismo em terras americanas, a Guatemala, em 54, experimentou um governo de esquerda implementado por militares. Nesta mesma seara trilharam o Perú, de 1968, do General Velasco Alvarado, e, mais tarde, a própria Bolívia no início dos anos 70.¹²⁶

Por outro lado, a tese de países fracos politicamente, apaixonados por líderes populistas e inaptos à democracia, é igualmente inverídica. Ao contrário, o que se revela constante nas ações políticas dos estadistas latino-americanos é o arraigado desejo da democracia. Segundo as palavras de Rouquié:

“ Contudo, o traço mais surpreendente e mais significativo da vida política latino-americana não são nem os golpes de Estado e os putschs recorrente, nem a languida presidência de presidentes vitalícios, nem os mil e um meios fraudulentos de corrigir a aritmética eleitoral, mas

¹²⁶ ROUQUIÉ, Alan. O Extremo Ocidente, São Paulo, Edusp, 1991, p.178.

sem dúvida o apego teórico, platônico ou onipresente às instituições representativas. No mesmo momento em que se violam os princípios liberais ou se contornam os quadros constitucionais e a regra majoritária, invocam-se valores permanentes da ordem democrática pluralista. Diferentemente da Europa entre as duas guerras, a “nova ordem”, a ser construída sobre as ruínas do liberalismo, jamais se enraizou realmente nesse novo mundo.”¹²⁷

Neste sentido, os governos mais antiliberais, tais como os de Stroessner, Trujillo ou Pinochet, sempre recorreram a representação política via eleições regulares e constitucionalmente previstas.

Longe de ser uma constante da vida institucional dos países hispânicos, a evolução política nestas nações nos anos 60 é particular. As razões para os golpes não se encontram apenas dentro das fronteiras do sub-continente. Sem adentrarmos em discussão que fugiria à proposta e limites deste trabalho, devemos identificar as conturbações políticas no hemisfério sul americano como reflexos de um contexto mundial. Em 1954, haviam três países americanos sob a batuta da caserna. Em 1961, este número caía para apenas um. A partir de 1962, temos uma onda de golpes com matizes claramente de direita que atravessa a década, nada menos de nove golpes militares em quatro anos, todos contra governos que estavam implementando reformas intituladas “subversivas”.¹²⁸

¹²⁷ *idem*, p.96.

¹²⁸ *idem*, p. 185.

A explicação para esta guinada no cenário político latino-americano passa pelos desdobramentos da Revolução Cubana. A partir do fracasso na Baía dos Porcos, em 61, e mais tarde com a crise dos mísseis, em 62, a histeria dos setores conservadores dos países do sub-continente tornou-se visível.

A obsessão de debelar a ameaça do comunismo se agravou com a tendência de setores da esquerda que, inspirados na ação de Castro e Guevara na Sierra Maestra, pregavam a insurreição comunista a partir de pequenos grupos treinados para a guerra de guerrilha e responsáveis pela propaganda do movimento junto a massa. Agindo tal qual pequenas fagulhas de fogo próximo a um material altamente inflamável (o proletariado explorado), incendiariam e derrubariam o sistema; era o “foquismo”.

Assim, o pânico experimentado pelos seguimentos compromissados com a manutenção da ordem institucional ecoou exatamente na instituição mais habilitada à repressão deste perigo que se presumia iminente. A lista dos golpes que se sucederam é impressionante e, na maioria absoluta dos casos, o exército eliminou os governos considerados fracos para a manutenção da ordem, ou mesmo aqueles acusados de pactuarem com o comunismo internacional. Assim, em março 1962, caía o governo argentino de Arturo Frondizi. Em julho do mesmo ano, o presidente Manuel Prado, do Peru. Em 63, Ydígoros Fuentes, da Guatemala, era deposto em março. Em julho, seria a vez do presidente do Equador, C. Julio Arosemena Monroy. Em setembro,

Juan Bosch, da República Dominicana. Em outubro, Vidella Marales, de Honduras. Em 64, além de João Goulart do Brasil tínhamos também a queda de Paz Estenssoro, da Bolívia. Finalmente, em junho de 1966, Arturo Illía, presidente da Argentina era deposto.

Desta forma, os golpes desencadeados neste período estiveram umbilicalmente associados com os movimentos da guerra fria e, portanto, com extraordinário peso de questões externas.

Todavia, se os referidos golpes que assolaram a América Latina dos anos 60 tinham compromissos claros com os setores conservadores da sociedade, este movimento não pode ser considerado como típico ou inerente à cultura política da região. As abordagens generalizadoras dos golpes militares na América Latina, tanto as que se referem ao seu aspecto político/ideológico como as que identificam uma natureza patológica, inerente à má formação congênita das instituições políticas da região, é um equívoco sem sustentação histórica¹²⁹.

¹²⁹ ROUQUIÉ, Alan. O Estado Militar na América Latina, São Paulo, Alfa Omega, 1.984.

Ontem em Cuba, Amanhã no Brasil

Após 59, com a revolução em Cuba, vimos um aumento sensível no número de matérias/reportagens sobre os vizinhos hispânicos. Em que pese tais reportagens estarem inseridas no contexto da guerra fria e, portanto, da política norte americana, vemos uma preocupação maior no detalhamento da questão sócio-econômica de cada país abordado.

Com o fracasso do desembarque ianque em Cuba, em abril de 1961, o governo da Casa Branca, receoso de um possível efeito dominó na eventualidade da instauração de um regime socialista em países do continente, implementava a política de ajuda financeira aos países ao sul do continente. Era a chamada Aliança para o Progresso.

As revistas acompanharam esta mudança. Entre os anos 60 e 61, tanto O CRUZEIRO quanto MANCHETE publicavam reportagens sobre a ajuda financeira norte americana aos países ibero-americanos, marcadas pela esperança de redimir o continente da pobreza e principalmente da propaganda soviética.

Como não é de causar espanto, o centro das atenções passou a ser Cuba e a quantidade de matérias sobre a ilha era inúmeras vezes maior do que qualquer outro país estrangeiro.

Entre 1954 e 1959, a América Latina era, para as revistas, em virtude da fragilidade de suas instituições políticas, o anti-modelo do progresso, um lugar atrasado, caótico e impermeável ao desenvolvimento industrial¹³⁰. A partir da Revolução Cubana, esta vocação latino-americana para a ditadura passou a ser o solo fértil para o comunismo. A América Latina tornou-se o lugar irradiador do comunismo, um perigo que devia ser estancado imediatamente.

Um dos melhores exemplos desta preocupação com os rumos tomados pelo governo de Cuba, ainda durante o ano de 60, foi o artigo publicado pelo O CRUZEIRO, em 26.10.60, da lavra de Théophilo de Andrade, que tomava de empréstimo a linguagem científica para descrever as tendências comunistas daquele país:

“A ONTOGÊNESE CUBANA”

“Os partidários da evolução das espécies cunharam uma frase que é hoje repetida pelos estudiosos da

¹³⁰ Apesar das revistas não enfocarem este assunto, Uruguai, Argentina, Chile, México e outros países latino-americanos estavam, em graus variados, experimentando um processo de industrialização semelhante ao do Brasil. Neste sentido: GONZÁLES CASANOVA, Pablo. História Contemporânea da América Latina, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1987. e ROUQUIÉ, Alain. O Extremo Ocidente, São Paulo Edusp, 1992.

biologia: “A ontogênese recapitula o filogênese”. Quer isto dizer que o indivíduo reproduz, em embrião, a história da espécie. Eis aí um conceito que bem pode ser aplicado à revolução cubana. Com pouco mais de um ano de existência, conseguiu ela reproduzir a história da revolução bolchevista, com uma rapidez digna de quem tem pressa em tomar o bonde da história”

O articulista conceituava o comunismo como sendo a forma de governo onde o poder está nas mãos de um único homem, onde o Estado é senhor absoluto de corações e mentes. Assim, estabelece como princípios inerentes dos regimes instaurados pelas revoluções russa e cubana, a atrocidade, a tortura e todo tipo de desrespeito ao ser humano. Em determinada passagem, analisando os julgamentos instaurados pelo tribunal revolucionário, afirmava: “E quando o tribunal não julgou, precisamente, de acordo com os seus desejos (os latinos são sempre meio anárquicos), Fidel foi para a televisão, fez um discurso de quatro horas, demitiu juízes e nomeou outros, que fizeram a ‘revisão’ das sentenças condenando os acusados”.

O artigo terminava da seguinte forma: *“A ontogênese recapitula a filogênese. A revolução russa. Apenas, na biologia, o rabo do embrião humano ficou reduzido ao cóccex, bem escondido, por debaixo da pele, no fim da coluna vertebral, ao passo que o rabo vermelho do regime cubano está bem à mostra. Somente não vêem os filisteus.”*

As imagens propostas pelo articulista sobrepunham um discurso científico e outro de natureza místico/religiosa. O exemplo do rabo, escolhido não apenas pela facilidade de compreensão da comparação proposta, mas pelo significado deste desdobramento anatômico, aproximava ao mesmo tempo o regime de Castro com os soviets e com a figura do Demônio, que, em última instância, eram identificados como um só ser.

Três anos depois, em 26.10.63, portanto, a menos de seis meses do golpe militar no Brasil, o mesmo articulista analisava os golpes militares na América Latina¹³¹:

“O que acaba de acontecer na República Dominicana, onde o Presidente Juan Bosch foi deposto por um movimento militar chefiado pelo General Antônio Imbert, é um fato que, embora chocante para os democratas do Mundo inteiro, está dentro da linha de evolução dos países da América Latina.

É a tradição da América Espanhola que os generais, notadamente os Ministros da Guerra, deponham os Presidentes de Repúblicas. Não honra essa tendência de democracias do nosso mundo ibero-americano. É, contudo, uma tradição que vigorou com maior ou menor freqüência desde que os seus países tornaram-se independentes, e organizaram-

¹³¹ O CRUZEIRO, 26.10.63, p.78.

se, politicamente, à égide das idéias da Revolução Francesa.”¹³²

Sem poupar quem quer que fosse, até Simón Bolívar foi incluído no rol de ditadores latino-americanos. Mais à frente da mesma reportagem, a esperada exceção brasileira:

“ No Brasil, nunca se seguiu o caminho da tirania. E o da ditadura foi evitado até 1930, quando uma onda de revoluções, provocadas pela crise econômica que então avassalou o Mundo, enterrou-nos também em um Estado totalitário, do qual somente nos libertamos quando a derrota do fascismo, nos campos de batalha do Mundo, abriu novas e prometedoras perspectivas à democracia.”

Em outros termos, segundo o artigo, o Brasil só foi atingido pela ditadura quando era inevitável, quando o Mundo [certamente o Mundo civilizado, daí a grafia em maiúscula] foi arrastado pela onda totalitária.

A análise tecida pelo comentarista exprimia com exatidão a idéia sobre a América Latina que as reportagens pretendiam passar. Neste texto temos uma síntese dos elementos constitutivos deste imaginário e os indícios de sua história.

¹³² Vemos aqui uma idéia política sobre a América Latina que é repetida em praticamente todas as abordagens sobre os países latino americanos pelas revistas. Esta formulação, no entanto, é datada dos primeiros estudos realizados aqui no Brasil sobre a política de nossos vizinhos. Tal formulação originase de estudos produzidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838. Vê-se portanto, a força de uma idéia que transpôs mais de um século. Neste sentido, ver GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado, *Nação e Civilização nos Trópicos*, revista *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

A afirmação de Theóphilo de Andrade de que a tradição de golpes militares nos países hispânicos data desde o período da independência, é tributária de uma abordagem forjada, do início do século XIX, por Adolfo Varnhagen, quando, mais de cem anos antes, justificando as bases de sua produção historiográfica sobre o Brasil ao imperador D. Pedro II, dizia:

“Em geral busquei inspirações de patriotismo sem ser no ódio a portugueses, ou à estrangeira Europa, que nos beneficia com ilustração: tratei de por um dique à tanta declamação e servilismo à democracia; e procurei ir disciplinando produtivamente idéias soltas de nacionalismo”¹³³

Varnhagen, ao lado de outros intelectuais de sua época, fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entidade fundada e financiada pela jovem coroa brasileira, em 1838. Esta instituição passou, nas décadas seguintes, a ter como meta a elaboração de estudos dos mais variados assuntos que abrangessem a questão nacional.

A grande tarefa deste instituto era, portanto, construir, a partir de um amontoado étnico dispar e de um espaço geográfico ainda desconhecido em grande parte, um conceito abrangente de nação. Este volumoso trabalho de alinhavar uma realidade tão complexa em traços nacionais definidos deveria legitimar um discurso que propiciasse uma identidade própria.

¹³³ *idem*, p. 7, Carta de Francisco Adolfo Varnhagen ao imperador datada de 14 de julho de 1857. Arquivo do Museu Imperial. Código: Doc 6234.

Como a principal questão enfrentada pela coroa do primeiro reinado era exatamente a demarcação geográfica do território nacional, intelectuais colaboradores do Instituto tinham, portanto, como horizonte imediato, estabelecer, dentro de um campo imaginário, a distinção entre o Brasil e os demais vizinhos de fronteira.

Diante deste impasse político imediato, o estabelecimento de um paradigma era premente. O modelo pretendido como o mais adequado para o enquadramento do Brasil, na medida que este era concebido como o continuador do projeto civilizador de Portugal, deveria ser o europeu. Neste sentido, o Brasil monárquico fora concebido como o país da paz, da estabilidade política e do conagraçamento de raças.

Uma vez alcançado o paradigma ideal, surgiu a tarefa de pôr em evidência seu antagônico, o anti-modelo. Assim, no processo de definir o que era implicaria também dizer ou formular o que não era. Definir o “ser nacional” implicaria definir o que não era nacional, explicar e caracterizar o “outro”, aquele que se punha além fronteira¹³⁴. A América Latina republicana era o oposto, o lugar da instabilidade política, da violência, onde a barbárie impedia toda e qualquer manifestação de refinamento cultural.

¹³⁴ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado, *Nação e Civilização nos Trópicos*. Revista de Estudos Históricos UFRJ, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

Tais concepções se generalizaram, sendo reiteradas nos períodos subsequentes, construindo, assim, uma fórmula esquemática de representação dos países vizinhos.

Em 1963, a revista MANCHETE publica mais uma matéria/artigo, refletindo sobre a América Latina. Com o título: “Os Homens que assustam As América”, a revista faz um balanço sobre os golpes militares recém ocorridos no continente. A foto central do artigo era uma batalha travada em rua. Não houve qualquer identificação quanto ao local de onde fora tirada tal instantâneo. A imagem registra soldados mortos ao lado de tanques de guerra. Logo acima, outra foto. Uma multidão de camponeses com ferramentas de trabalho nas mãos. Ao lado, o histórico de estadistas e ex-estadistas latino-americanos, exatamente dos “Homens que assustam as Américas”(Foto-38).Na reportagem, mais uma vez foi contada a história de golpes que assolam as américa desde a independência.

A composição gráfica da reportagem foi exemplar. Além da sobreposição de fotos, o verbo *assustam*, vem em vermelho e se destaca visualmente na página.¹³⁵

Seguindo os mesmos parâmetros dessa reportagem, os exemplos se multiplicam, e a mesma idéia era

¹³⁵ MANCHETE, 12.10.63, p.58.



CAMPONESES RECLAMAM TERRA EM SÃO DOMINGOS, GUERRA



ATACAM NA VENEZUELA, O HAITI E OUTROS PAÍSES SE INFLAMAM

OS HOMENS que assustam AS AMÉRICAS



François Duvalier disse que o Haiti não é ditadura

QUANDO o Presidente François Duvalier, de Haiti, chegou ao termo do seu período de governo, continuou calmamente sentado na sua cadeira, em Port-au-Prince. Em vez de realizar eleições para a escolha do seu sucessor disse, simplesmente: "Vá embora", mas sem que lhe pedissem contrariando, além, grande parte da população, que se manifestou a ruidosamente, com bombas e tiros. Há meses, a vida do povo haitiano vem sendo perturbada pelos projetos comunistas de Duvalier. Ele colocou a mão no bolso de sítio, vive cercado de capangas e tem, inclusive,

Expressão de Jorge Cordeiro



Bosch é a personalidade chave do Haiti

re, os próprios filhos, protegidos por guarda-costas, pois seus adversários já tentaram virar rifles os olhos praticados pelo pai. As embaixadas estrangeiras na capital de Haiti se encheram de refugiados que só a grande custo, mediante forte pressão e muita insistência diplomática, afinal obtiveram o seu passaporte para o exterior. Há duas semanas, há comitês em



Juan Bosch, em São Domingo, representa o Haiti

Um ditador em pleno exercício, embora a vida e a morte daquela pequena nação pareça, apolida, por um por uma massa de camponeses que se prestam docilmente às suas manobras. Há uma grande tensão entre a República Dominicana e o Haiti. No lado oriental do Ilha, que há recentemente se livrou de longa e sangüinária ditadura, há o temor de que o Haiti, totalitário, possa servir de base para a reconquista do poder pelos descendentes do General Trujillo, assassinado por seus inimigos ao fim de longos e laboriosos esforços para removê-lo do poder por outros meios quaisquer.

Requer

reiterada a cada golpe ou crise institucional. Os casos do Peru e da Argentina eram exemplares, pois nas reportagens eram apresentados, sem qualquer cerimônia, como o estereótipo de lugar onde o povo é refém de ditadores.

A matéria d'O CRUZEIRO, de 04.08.62, vinham com o título : "*Peru, uma democracia a menos*"¹³⁶. Na margem esquerda da foto onde se via uma multidão na calçada e tanques no leito carroçável da rua, apareciam os seguintes dizeres:

"o povo peruano escolheu livremente aquele que deveria governar, mas um "dispositivo" militar, no melhor estilo latino americano, impediu que fosse respeitada a vontade popular".

No texto da reportagem, Haya de La Torre, candidato vitorioso, era reconhecido como democrático e anti-comunista, e a queda do governo Prado era descrita da seguinte forma: "*As Fôrças Armadas prendem o Presidente da República, Manuel Prado; o pronunciamento das urnas é substituído pelo clássico "pronunciamento latino- americano"*".

A foto que acompanhava a legenda cobria toda página. Colhida de um ponto alto, a imagem era de uma avenida central em Lima, onde um jeep e um tanque trafegavam

¹³⁶ O CRUZEIRO, 04.08.62, p.18.

sozinhos e do lado esquerdo da avenida via-se a população acuada na calçada.(Foto-39).

A força representativa da foto era altíssima. O povo peruano era apresentado como refém do exército, comprimindo-se em exíguo espaço, dando passagem aos donos do poder. A rua neste caso podia ser entendida como uma metáfora do país tomado pelas forças golpistas.

De maior impacto estético ainda foi a foto sobre o mesmo incidente estampada pela MANCHETE com o título: *“Os Gorilas Atacam no Peru”*¹³⁷. Após lamentarem o golpe militar peruano impedindo a tomada de posse de Haya de la Torres, cuja eleição afinava, segundo a revista, com o interesse maior das Américas na busca da democracia, posto que *“o Presidente dos Estados Unidos acredita muito mais no desenvolvimento econômico como agente de combate ao comunismo do que nas soluções de caráter militar, passageira, e que absolutamente não extinguem, mas favorecem o chamado “perigo vermelho”, a revista apresentava, na segunda página, uma foto tirada do alto de um prédio, exatamente das manobras militares próximas ao palácio presidencial (Foto-40).*

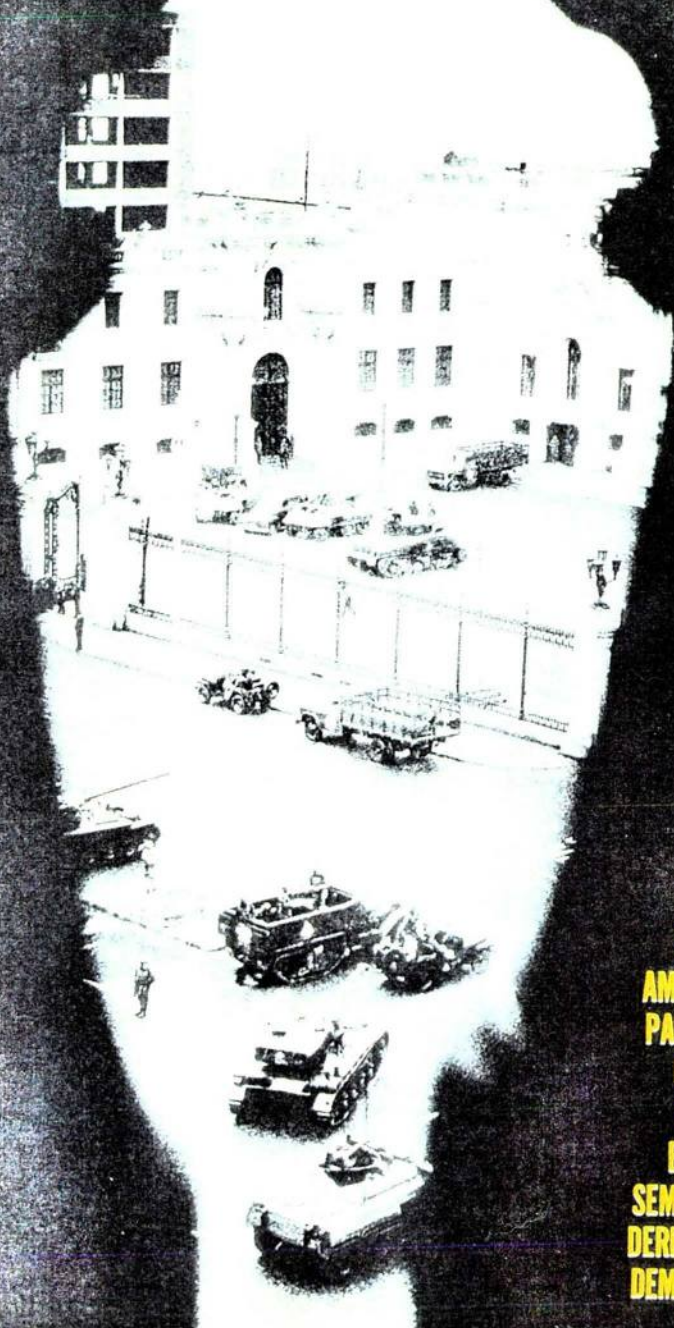
A peculiaridade da foto residia na posição escolhida. Fora batida através de uma fresta, uma fenda que

¹³⁷ MANCHETE, 06.08.62,p35.



O POVO peruano escolheu livremente aquele que deveria governar, mas um "dispositivo" militar, no melhor estilo latino-americano, impediu fôsse respeitada a vontade popular. Alguns dias após a realização do pleito — o mais importante da história do Peru — o candidato vitorioso, Haya de la Torre, declarava: "a grande ameaça é o comunismo".

CONTINUA



**TANQUES
AMEAÇAM O
PALÁCIO DO
GOVERNO
EM LIMA
E, MESMO
SEM ATIRAR,
DERRUBAM A
DEMOCRACIA**

OS GORILAS ATACAM NO PERU



O GENERAL GERARDO PÉREZ GODÓY, CHEFE DA JUNTA MILITAR PERUANA, FAZENDO SAUDAÇÃO COMO UM BOXEADOR SACDA, APÓS A VITÓRIA.

NA crise que atualmente ameaça mergulhar o Peru numa guerra civil, o maior derrotado, depois do povo, não será o Presidente Manuel Prado, deposto em dois minutos na semana passada, mas o Presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy. Essa, pelo menos, é a opinião da grande imprensa democrática americana. Trata-se, segundo os comentaristas internacionais, de uma surda luta de influências entre os generais do Pentágono e os diplomatas realistas do Departamento de Estado norte-americano. Certo ou não, o fato é que a natureza militarista do golpe de estado no Peru prejudica enormemente a política adotada por Kennedy em face dos problemas latino-americanos. A própria existência da Aliança Para o Progresso, que já começou a produzir seus primeiros frutos, indica que o Presidente dos Estados Unidos acredita muito mais no desenvolvimento econômico como agente de combate ao comunismo do que nas soluções de caráter militar, passageiras, e que absolutamente não estinguem, mas favorecem o chamado "perigo vermelho".

Fotos "Peru Press" e do jornal "Expreso" exclusivas para MANCHETE. **SEGUIE**

tanto podia ser um buraco na parede ou um vão entre duas colunas. Considerando a simetria do espaço, certamente não se tratava de um “buraco” aberto à bala, mais sim de um ângulo arquitetônico preexistente. A imagem era de forte impacto. A foto fora colhida na surdina. Mais do que batida, ela foi “roubada”, pois, caso soubessem as autoridades da existência de fotógrafos e jornalistas, seriam imediatamente impedidos de estarem ali e certamente a foto seria proibida. Acrescente-se ainda que o conteúdo da imagem registrada reforçava esta impressão. O registro era exatamente dos militares peruanos cercando a sede do governo. Viam-se apenas tanques e carros militares, conduzidos por uns poucos soldados.

Esta imagem central era margeada pela sombra do objeto através do qual fora colhido o instantâneo, o que aumentava a dramaticidade da cena. A negritude das bordas da foto e da página só era rompida com os dizeres: *“Tanques ameaçam o Palácio do Governo em Lima. E, mesmo sem atirar, derrubam a democracia”*.

A revista MANCHETE n. 546, de 6.10.62, sob o título: *“OS GORILAS SE DIVERTEM”*¹³⁸, publicava uma reportagem sobre um incidente entre os militares na Argentina. Segundo a análise da reportagem, a razão das tensões militares na Argentina se deveria à origem social dos militares (elite rural). A contrário senso, o Brasil estaria à salvo de uma ditadura fardada, na

¹³⁸ MANCHETE, 06.10.62, p.32.

medida em que nossos militares são recrutados da classe média urbana:

“ No quadro continental, apenas o Brasil, Uruguai e Chile parecem estar a salvo do mandonismo uniformizado, talvez porque nestes três países os generais costumam sair, em sua imensa maioria, das zonas urbanas. Já na Argentina, êles representam a fina flor da elite rural, zelosa de seus interesses.”¹³⁹

De modo geral, a representação da América Latina como lugar vocacionado à ditadura, sem capacidade cívica para a democracia, permanecia. Todavia, temos uma mudança sensível ao longo dos dez anos analisados. O estabelecimento de um governo socialista em Cuba afetou de maneira indelével a geopolítica internacional, aumentando o interesse do governo da Casa Branca pelo continente latino-americano¹⁴⁰, pelo menos no se refere à repressão do avanço comunista. No quadro nacional, a revolução cubana também foi um marco importantíssimo. O entusiasmo das esquerdas e o medo dos setores conservadores ficaram estampados nas páginas das revistas.

Assim, no final do período analisado, em 23 de novembro de 1963, David Nasser publicava, pela O

¹³⁹ Esta abordagem é equivocada, posto que ao menos no Brasil daquela época, a maior parte dos oficiais eram recrutados de regiões afastadas dos grandes centros, sendo o eixo Rio- São Paulo modesto celeiro de oficiais das forças armadas, esta é a análise de Rouquié, A., op. cit., 1984, p.110.

¹⁴⁰ A expressão máxima deste interesse foi a Aliança para o Progresso. Neste sentido BANDEIRA, Muniz. O Governo João Goulart, as lutas social no Brasil (1961-1964), Rio de Janeiro, 1978.

CRUZEIRO, um artigo intitulado : “Aurora Vermelha. Hoje em Cuba, Amanhã no Brasil”.

O artigo, acompanhado por uma única foto no canto inferior direito, onde se viam dois jovens barbados deitados em uma cama “beliche” e, ao fundo um altar onde se encontrava um Jesus crucificado, o jornalista evocava aos brasileiros de boa fé o combate aos comunistas que se instalaram sorrateiramente no país. O articulista esbravejava contra o cidadão pacato que aceitava a atual situação política do Brasil em nome de uma pseudo-democracia. A imagem associada ao texto remete o leitor a idéia de desolação, ausência de perspectiva e ao mesmo tempo lembra o repouso de feras após a refeição (Foto-41).

Encerrava o artigo conclamando as forças armadas a “restabelecer” a ordem política nacional:

“Vamos admitir, de alma límpida, que, um dia, o anjo Gabriel desça sôbre o anjo Jair, êsse militar honrado, e faça com que êle veja o que até agora não lhe tem sido possível, no seu daltonismo cívico: a aurora vermelha que raia para o Brasil”¹⁴¹

Após a retomada da chefia do governo federal, por João Goulart, as forças políticas da direita, cuja revista O

¹⁴¹ O CRUZEIRO, 23.11.1963,p 35.

VERMELHA

capachos de Pequim, dos lacaios de Moscou, dos salafários de Havana. Elas não nos intimidam nem nos farão calar. Aos brasileiros que negociaram a sua Pátria, os brasileiros que a desejam livre responderão com uma banana homérica. A banana sob cujo signo vivemos e que significa mais ou menos isto:

AQUI que vocês, ratos internacionais, vão comunizar o Brasil — sem luta, sem reação, sem sangue!

AQUI que vocês, inimigos da liberdade, inimigos de Deus, inimigos da família, vão nos impor, minoria audaciosa e atuante e sem escrúpulos, as suas soluções políticas e sociais.

ATENTEM bem os dirigentes políticos brasileiros, os democratas — para um detalhe importante: não é desmoralizando as Fôrças Armadas nem procurando substituí-las que se evita o perigo comunista. Mais de uma vez tenho dito que os militares brasileiros são classes médias de uniforme, são democratas e têm a defender, com o Brasil democrático, inclusive as suas carreiras. Existe uma minoria de sargentos que querem ser oficiais. Mas não creio que existam oficiais que queiram ser sargentos.

VAMOS acreditar nas democráticas Fôrças Armadas brasileiras, onde, se existem os Faz-Tudo, talvez sejam para compensar os Borer do outro lado. Vamos admitir, de alma límpida, que, um dia, o anjo Gabriel desça sôbre o anjo Jair, êsse militar honrado, e faça com que êle veja o que até agora não lhe tem sido possível, no seu daltonismo cívico: a aurora vermelha que raia para o Brasil.

DN



HOJE EM CUBA, AMANHÃ NO BRASIL

CRUZEIRO era um veículo inegável, foi deflagrada acirrada campanha de parte da imprensa contra o estadista. Neste momento, a alternativa proposta pela revista dos Jornais Associados era, em nome da democracia, promover o golpe de estado. Ficava mais marcante a tentativa das revistas em pontuar as diferenças com os demais países latino-americanos, ao ponto de rejeitarem a idéia de um golpe militar brasileiro como mero golpe militar.

O Brasil Perde um Amigo ou a Exceção da Barbárie.

Contrastando com as abordagens sobre os golpes militares e homicídios de presidentes na América Latina, no mesmo período tivemos as reportagens do assassinato do presidente norte-americano.

A morte de Kennedy, por sua vez, foi noticiado com sendo fruto da mente de um psicopata, um fato isolado e meramente acidental dentro da sociedade norte-americana. O evento, reportado com a publicação de um número extraordinário das revistas, em nenhum momento sugeria anomalia do regime democrático do país ianque. As revistas realçavam apenas o lado trágico do acontecimento. As fotos e matérias sobre o ocorrido eram solenes e expressavam a dor pela perda de figura tão querida. O título

de O CRUZEIRO era: “ *O Brasil perde um amigo*”¹⁴². A revista MANCHETE o comparava com Ghandi e outros mártires da humanidade.

O número extraordinário publicado pelo O CRUZEIRO foi, segundo a própria revista; “posto em circulação a 29 de novembro de 1963, com data de 22 de novembro, dia da morte do presidente John Fitzgerald Kennedy, em homenagem a sua memória”.

Mas não foi só a data da edição da revista o único artificialismo. O título da reportagem inaugural era: “Kennedy: O Brasil perde um amigo”. Na primeira foto, ocupando toda a faixa central da página, via-se uma urna funerária fechada, coberta pela bandeira americana, cercada por autoridades e integrantes do clero. Ao fundo, à esquerda, em postura solene, vários ministros de Estado e o presidente brasileiro, João Goulart. A foto solene, no fundo, registrava um acontecimento absolutamente insólito. Tratava-se da missa de corpo presente do presidente norte-americano realizada em Brasília (**Foto-42/43**). Como sinal de respeito e proximidade entre os povos, o governo federal promoveu uma missa de corpo presente de John Kennedy na Explanada dos Ministérios, mesmo estando o esquife nos Estados Unidos.

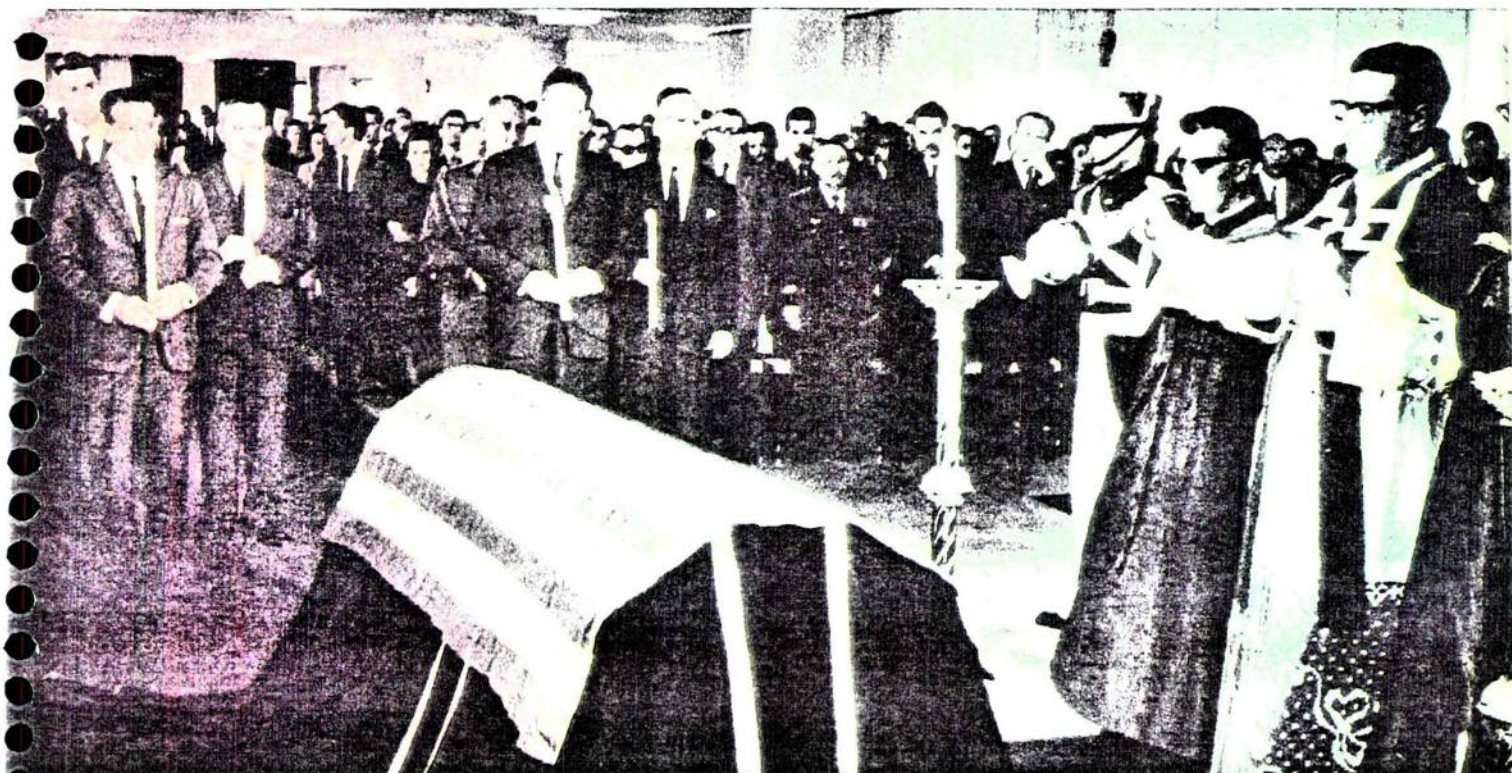
As revistas se ocuparam do tema nos números seguintes, dedicando edições extras, além de reservarem

¹⁴² MANCHETE, 07.12.63, n.607, p. 4/10 e O CRUZEIRO 22.11.63, p.4/12.

Esta edição histórica de "O Cruzeiro" é posta em circulação a 29 de novembro de 1963, com data de 22, dia da morte do Presidente John Fitzgerald Kennedy, em homenagem à sua memória.

oCruzeiro

22/NOVEMBRO/63



EM BRASÍLIA, o Governo, reunido, prestou homenagem ao grande líder democrático desaparecido tragicamente. No Palácio do Planalto, celebrou-se missa de corpo presente por alma do Presidente Kennedy. Além do Sr. João Goulart, que presidiu a cerimônia, de vela na mão, compareceram o Sr. Darcy Ribeiro, Emb. Bolitreau Fragozo, o chefe da Casa Militar, Gen. Assis Brasil, o Ministro Oliveira Britto e o Sr. Raul Ryff.

KENNEDY: O BRASIL PERDE UM AMIGO

NA TARDE de sábado, ainda vivendo a emoção do terrível drama que se abateu sobre o povo norte-americano e toda a Humanidade, o Presidente João Goulart escreveu especialmente para "O Cruzeiro" o texto que publicamos aqui, na página nobre, abrindo a ampla cobertura internacional da morte do Presidente Kennedy.

"Com o brutal desaparecimento de John Kennedy, o Brasil perde um amigo. O jovem e lúcido estadista, que tão corajosamente lutou pelo entendimento entre as nações e pela igualdade entre os homens, fará falta não somente aos norte-americanos, dos quais foi o intérprete fiel, mas a toda a Humanidade, cujas altas aspirações soube defender sem desfalecimentos.

A História registrará seu nome e apontará seu exemplo com o destaque que reserva aos bravos que tombam na luta por seus nobres ideais.

Guardo do grande Presidente a impressão pessoal de sua compreensão e seu firme propósito de que os problemas comuns dos nossos países encontrem sempre soluções, em consonância com nossos ideais democráticos de liberdade e solidariedade continental.

Brasília, 23-11-63
(a) JOÃO GOULART"

NA CASA BRANCA

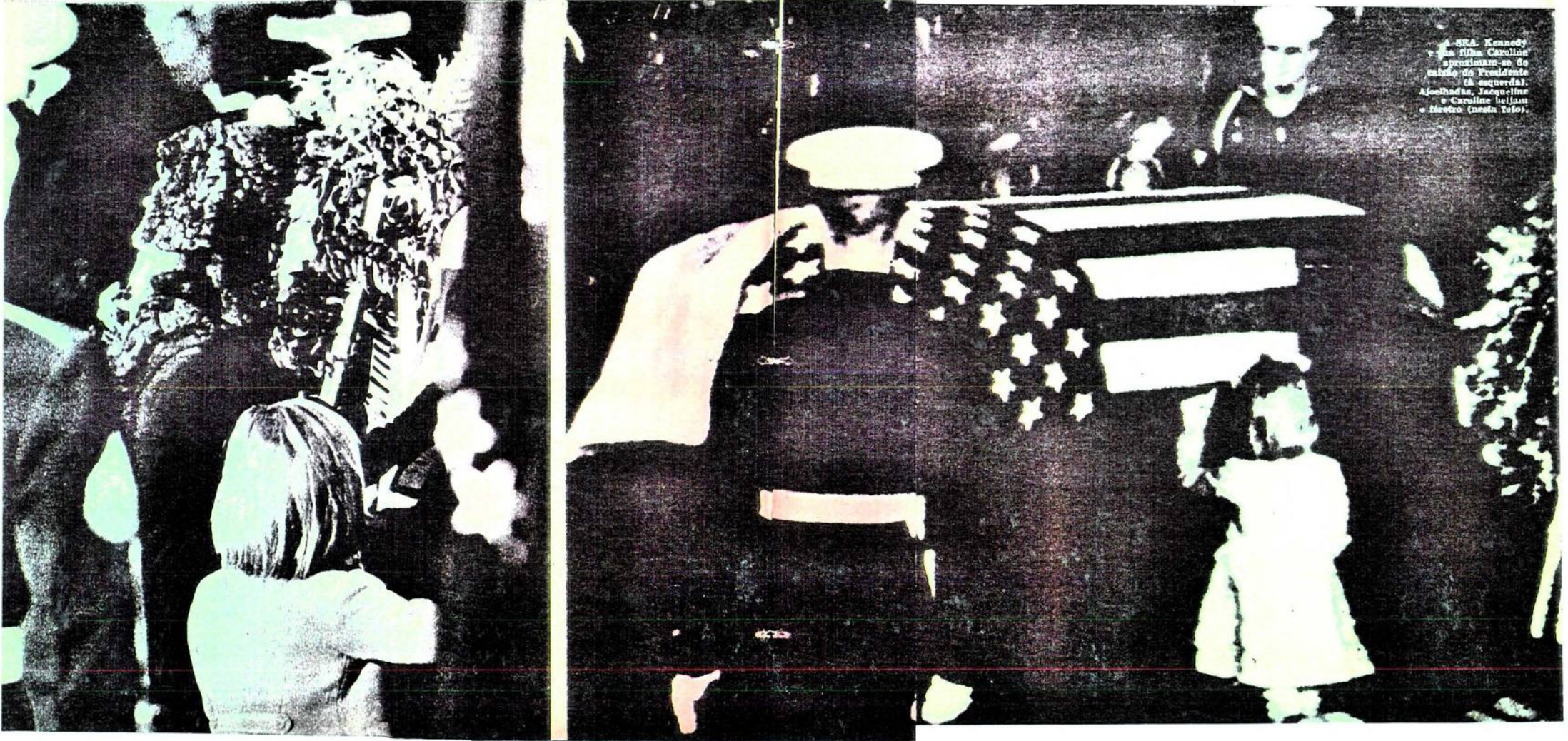
OS KENNEDY CHORAM KENNEDY

REPORTAGEM DE UBIRATAN DE LEMOS E INDALÉCIO WANDERLEY (ENVIADOS ESPECIAIS DE "O CRUZEIRO" AOS ESTADOS UNIDOS)



DEPOIS de ter prestado juramento como Presidente dos EUA, Lyndon Johnson, ao lado de sua esposa, consola a Sra. Jacqueline Kennedy.

Chegando a Washington, o corpo do Presidente John Kennedy foi levado para a Casa Branca, onde Jacqueline, John Jr., Caroline, o irmão Robert, toda a família Kennedy, o velaram a noite inteira. Uma noite de tristeza e lágrimas dos que ficaram. Uma noite dolorosa vivida pela família Kennedy, brutalmente atingida pelo assassinato de John Fitzgerald. Jacqueline não teve lágrimas a chorar. Caroline, esta não suportou, na sua inocência, a visão do pai morto, do pai que, ela sabia, se fôra para sempre.



A SRA. Kennedy e sua filha Caroline aproximam-se do caixão do Presidente. À esquerda, Jacqueline e Caroline beijam o caixão (esta foto).

inúmeras páginas nas tiragens normais. A história do homicídio do presidente norte-americano foi narrada pelo O CRUZEIRO em sua edição extraordinária, por nada menos que cinquenta e duas fotos. Se somarmos as publicadas posteriormente, em desdobramento do episódio nas edições seguintes, chegamos a uma centena de fotos.

As primeiras reportagens sobre o incidente apresentavam fotos do velório de John F. Kennedy (incluindo as das missas, em Brasília e em Washington). A fotorreportagem iniciava-se com o trajeto das ruas de Dallas por onde passaria o ex-presidente. As fotos eram, respectivamente, da comitiva presidencial em desfile, da comoção da família e do povo norte-americano com o falecimento de seu líder. A cobertura fotográfica do incidente fora mais rica em pormenores que as matérias sobre o suicídio de Vargas. Assim como a abordagem jornalística da morte do presidente brasileiro, o incidente no Texas fora conduzido pela idéia de tragédia, neste último caso, um ato concebido e realizado por um insano em desarmonia com o espírito ordeiro e generoso do americano. “*Num ato de loucura do criminoso*”¹⁴³, conforme a reportagem d’O CRUZEIRO, de 21.12.63:

“ O texano é de aparência saudável e rural, tradicionalista até a medula. Vai para qualquer Estado americano dentro de suas botas altas, chapelão típico, calças blue-jean e vários talões de cheques nos bolsos. É um tipo fanfarrão,

¹⁴³ O CRUZEIRO, 21/12/63, p.12. Frase atribuída ao governador do Texas, J. Connally.

conversador, amável, comunicativo, mas tudo isso dentro de um estrutura superconservadora”

A idéia de tragédia era reforçada em duas passagens, onde se ressaltava, como explicação para o ocorrido, uma infeliz combinação de incidentes:

“O presidente Kennedy chegou aqui num dia parecido com o de hoje: sol, vento, céu azul e frio entre 10 e 5 graus. Se tivesse chegado num dia chuvoso, ainda estaria vivo: a capota do carro estaria fechada e isso evitaria o atentado fatal.”

No extenso repertório de matérias e elucubrações sobre a “tragédia”, um pequeno artigo sugeria, ingenuamente até, um dado interessante para reflexão : Kennedy fora vítima de um mal cíclico que atingia os ocupantes da Casa Branca. A cada 60 anos um presidente norte-americano não consegue completar seu mandato, geralmente era assassinado ... :

“NÚMEROS E MANDATOS. Os presidentes americanos que foram eleitos em anos terminados por zero, numa constância de 20 em 20 anos desde 1840, não terminaram seus mandatos. Veja-se: 1840, Willian Henry Harristfield; 1860, Abrahan Lincoln; 1880, James Garfield; 1900, Willian MacKinley; 1920, Warren G. Harding; 1940, Franklin D. Roosevelt, e 1960, John F. Kennedy. Destes sete Presidentes, quatro foram assassinados e os outros tiveram morte natural, mas nenhum cumpriu todo o seu mandato.”

Se nesta lista fossem inseridos também os atentados fracassados, certamente ela seria muito mais extensa e chegaria até os dias de hoje. Por outro lado, como já dissemos, quando a mesma situação era posta em países do nosso continente, a idéia de barbárie era a explicação para o fenômeno¹⁴⁴.

Se recordarmos da reportagem que inaugurou este capítulo -- A América Central é Assim -- veremos uma abordagem completamente distinta, tratando de um tema semelhante. A morte do presidente do Panamá, José Antônio Remon, fora apresentada de maneira caricatural. Fora apenas mais um estadista morto em um lugar inóspito, onde, segundo a própria reportagem: "quem não está no poder está conspirando". A pouca referência sobre pormenores do ocorrido, naquele caso demonstrava o desprezo pelo incidente, ou melhor dizendo, o quase anonimato da vítima só reafirmava o argumento da revista em apresentar a região como lugar disforme, insípido à construção de uma sociedade democrática.

No caso norte-americano ou brasileiro, ao contrário, o homicídio do presidente fora algo imprevisível e fora dos "padrões" da vida institucional daqueles países. No primeiro caso (presidente do Panamá), era algo possível de se prever ou até mesmo esperado, pois fazia parte da "natureza" da vida política da região. No segundo, fora uma exceção, um ato

¹⁴⁴ O que a matéria deixa de dizer é que estatisticamente não se mata mais presidentes na América Latina do que nos EUA. Sobre este tema ver A Rouquie op. cit., 1992, p. 101

isolado, contrário à lógica do regime, portanto, rigorosamente alheio às instituições norte-americanas. Todavia, o que as reportagens sobre o homicídio de Kennedy deixavam de dizer é que, estatisticamente, não se mata mais presidentes na América Latina do que nos EUA.

A América Latina Por Trás Das Câmeras

A maior parte dos países latino-americanos não aparecia nas revistas como notícia. Relegados ao limbo, aqueles países latino-americanos que estavam vivendo um período democrático ou processando um restabelecimento das instituições políticas, não eram visitados pelas revistas, ou quando muito, recebiam apenas pequenas notas, sem grande expressão.

Assim, o México, desde 1910, vinha elegendo presidentes sem qualquer interferência militar. Durante os anos 50/60, o país presenciou sucessivas eleições e transformações de ordem econômica e social sempre dentro dos parâmetros da democracia ocidental, algo pouco ou nada informado pelas revistas, que sequer noticiavam as ininterruptas sucessões presidenciais daquele país. A Colômbia, exceto o período entre 1953-57, também retomou a tradição de governos civis, mas as eleições presidenciais não eram notícias nas publicações. A Venezuela, a partir de 1958, atingia um contexto democrático que se mostrara inabalável aos

golpes militares que assolaram o continente nos anos 60. A Costa Rica, por sua vez, desde 1948, na contramão da guerra fria, aboliu o próprio exército, afastando definitivamente a possibilidade de golpe militar.

Outros, como o Uruguai, cuja admiração das revistas era patente, apenas recebiam observações elogiosas e superficiais acerca de uma democracia que, em verdade, carregava uma tensão semelhante à existente no Brasil.¹⁴⁵

Mesmo o Chile, também lembrado em alguns momentos como uma excelente exceção aos reiterados golpes militares nos países hispânicos, fora entregue ao ostracismo jornalístico no período, não aparecendo em mais do que minúsculas notas sobre as sucessões governamentais. Em verdade, foi exatamente naqueles países latino-americanos apresentados pelas revistas como democráticos que irromperam, entre o final dos anos sessenta e começo dos anos setenta, as mais terríveis e brutais ditaduras: a chilena, a uruguaia e a brasileira.

Os golpes militares na América Latina se apresentavam como tema predileto das revistas quando noticiavam a região. A forma como reproduziam estes acontecimentos, no entanto, revelava a distancia que pretendiam demarcar entre tais países e o Brasil. Mesmo quando os acontecimentos eram por demais

¹⁴⁵ DONGHI, Túlio Halperin. História da América Latina, São Paulo, Circulo do Livro, 1980, p. 346.

próximos em suas razões e motivos, o que viamos nas revistas era a preocupação em distinguí-los como de origens e causas diversas. Enquanto os incidentes de natureza violenta e contrários ao jogo democrático eram a substância da política latino-americana, no Brasil tinham conotações absolutamente diversos. Neste momento devemos lembrar as reportagens sobre o golpe militar brasileiro, apresentada fotograficamente como um ato cívico popular, abordada como uma demonstração do grau de engajamento do povo à democracia. As fotos deste evento pouco ou nada se assemelhavam a uma manobra de caserna. Por outro lado, os incidentes de mesmo porte nos demais países vizinhos recebiam uma abordagem distinta. Neste sentido, o jogo de imagens fotográficas valeu-se dos recursos técnicos da fotografia para encaminhar a interpretação do receptor. Escolhendo situações sugestivas e momentos síntese - como a foto do tanque de guerra em Lima com a população na calçada (**Foto-39**) - ou de ângulos oportunos -- como a foto da sacada de um hotel em Lima (**Foto-40**). Ou ainda recorrendo a dramas de natureza pessoal - como a foto do túmulo de um argentino - e mesmo a do civil morto em uma praça em Buenos Aires, em todos estes momentos a articulação da foto, ou do conjunto de fotos, reforçavam uma imagem da América Latina fadada à irracionalidade política, ao mandonismo de tiranos e ditadores sanguinários.

Assim, o discurso das revistas em sua escrita era claro e se afinava com as fotos apresentadas, completando a mesma informação. Os exemplos fotográficos apresentados nas

reportagens acima são amostras da versatilidade que o documento visual pode proporcionar. Através da dubiedade natural que a imagem fotográfica oferece, tanto ao olho quanto ao imaginário do leitor, as revistas puderam, em vários momentos, articular a informação de tal ou qual maneira, induzido ou sugestionado a interpretação do leitor.

Todavia, estas virtuosidades das imagens não se apresentavam, em outras situações, suficientes para periódicos. Nestes momentos, o documento fotográfico sofria uma interferência mais direta e proposital em sua constituição. Foi o caso da construção fotográfica da revolução cubana, que será assunto do último capítulo.

CAPÍTULO V: AS ARMADILHAS DA FOTOGRAFIA, O CASO DE CUBA

A fotografia não é por excelência um meio neutro de transmissão de mensagem¹⁴⁶. Sua parcialidade pode ser constatada não só no recorte do objeto escolhido para ser fotografado como também na forma como ele é fotografado, na escolha do ângulo e no momento de “bater o instante”. Além disso, todo o processo de editoração da revista, como a escolha do “melhor” flagrante a ser publicado, o lugar e enquadramento da foto no espaço das páginas e as legendas que induzem sua leitura, são atitudes reveladoras da opinião tecida pelo meio de comunicação sobre o assunto reportado através da composição¹⁴⁷.

¹⁴⁶ KOSSOY, Boris, op.cit, p.27. Neste trecho Kossoy nos fala do fotógrafo como um filtro cultural da foto, mais a frente, na página 33, finaliza dizendo “Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão do fotógrafo. A fotografia é, assim, um duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu ator. Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.”

¹⁴⁷ Com muita propriedade Donis A. Dondi discorre sobre a utilização da imagem no meio de comunicação: “ Uma mensagem é composta tendo em vista um objetivo; contar, expressar, explicar, dirigir, inspirar, afetar. Na busca de qualquer objetivo fazem-se escolhas através das quais se pretende reforçar e intensificar as intenções expressivas, para que se possa deter o controle máximo das respostas. Isto exige uma enorme habilidade. A composição é o meio interpretativo de controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por parte de quem a recebe. O significado se encontra tanto no olho do observador quanto no talento do criador”. Donis A. Dondis, op. cit. p.131.

Com toda certeza as revistas se valeram de tais expedientes na representação da América Latina, o que já nos habilitaria a formular, a partir da análise destes mecanismos estéticos, a imagem ou imagens da América Latina segundo as revistas. Todavia, além das sutilezas estéticas, em vários momentos as revistas utilizaram a fotografia de uma maneira manipulatória mais evidente, alterando ou omitindo informações sobre a foto, utilizando fotos deslocadas dos fatos narrados pela reportagem ou mesmo acrescentando informações impossíveis de se auferir pela fotografia exposta. Nestes vários momentos, as revistas manipularam a própria foto, alterando-a como documento.

A maior incidência destas manipulações ocorreu com o governo de Castro em Cuba. Dos primeiros anos da revolução, até a efetiva consolidação do regime socialista na ilha, as revistas mudaram vertiginosamente o discurso, não só escrito como iconográfico. Do apoio inicial à revolução, passaram ao ataque sistemático do governo socialista. Todavia, tanto em um momento quanto em outro, a utilização das fotos fugiu ao simples recurso técnico das mesmas, passando a uma alteração mais ativa da informação.

Viva a Revolução.

Do alto de um palanque, Fidel Castro falava gesticulando. Eloqüente, fardado com os trajes da guerrilha, aparecia sozinho no centro de cada uma das três fotos estampadas no topo da página. Ao fundo, em segundo plano, havia uma comitiva e a bandeira vermelha com uma estrela no centro. Embaixo destas três fotos havia outra, enorme, ocupando dois terços de duas páginas, provavelmente era uma foto aérea, onde se via uma praça tomada por uma gigantesca multidão. Ao fundo, viamos o mar e o horizonte se confundindo com o céu azul. Entrecortando as três fotos de cima com a de baixo, estava uma legenda com os seguintes dizeres: “Fidel Castro já se transforma em símbolo da reação latino-americana contra os regimes de força”.¹⁴⁸

Esta matéria, publicada pela revista MANCHETE em fevereiro de 1959, saúdava a revolução de Castro, não poupando elogios ao guerrilheiro e ataques a Fugêncio Batista. A reportagem sobre a revolução cubana ocupou dez páginas, recheadas com vinte fotografias. A maioria das fotos era centrada na população cubana, festejando, nas ruas, o fim da “odiosa ditadura”, ou em comícios em praça pública. Os cenários do confronto eram apresentados em duas das vinte fotos que acompanhavam toda a

¹⁴⁸ MANCHETE, “Dia do Sim em Cuba”, 07.02.59, p.14.

matéria porém, em apenas uma única havia uma pessoa morta. Esta foto estava no canto direito de uma página central. A foto era desfocada e o corpo estava ao lado de um poste, ao meio fio de uma sarjeta, com as seguintes legenda embaixo: “Houve mortos nos choques em Havana. Este foi morto pela polícia”.

O clima de entusiasmo trazido pelas fotos era completado pelo texto da reportagem. “O Dr. Fidel Castro” - como era chamado pela revista - recebia os mais contundentes elogios. Comparado a Simão Bolívar e a Lorde Byron, o chefe da revolução era descrito da seguinte forma:

“Qualquer um que acompanhou as aventuras de Fidel Castro não pode deixar de sentir que ele pertence a outra era. Castro tem a romântica formação de um Simão Bolívar e de um Lorde Byron, e por essa razão aparece como sendo de outros tempos. Ele não luta por suas próprias ambições pessoais. Ele não pode ser Presidente da República porque é muito jovem, fora da idade prevista pela Constituição cubana. Ele faz todos os sacrifícios por aquelas idéias e aqueles valores que parecem sepultados em nossos tempos, como liberdade e justiça. O extraordinário fato é que ele nunca foi militar, mas um advogado e um atleta (jogador de basquetebol). Fidel Castro, doutor em lei e herói, pertence ao mundo dos sonhos do século XIX, mas ele conseguiu o milagre de fazer desses sonhos uma verdade nos nossos dias.”

Batista aparecia apenas uma vez na reportagem. Era uma foto pequena, ao lado de outras quatro, ao pé de uma página central da revista.

No conjunto de fotos apresentadas pela revista não se via cenas de violência, a revolução era retratada como uma grande festa. A única foto de cadáver estava colocada quase fora da reportagem, ocupando um espaço insignificante na matéria. A identificação da foto pelo leitor só ocorria após uma observação atenta de toda reportagem, colocada estrategicamente em local não privilegiado. Isto porque, além de pequena e desfocada -- o que retira a dramaticidade da cena -- o espaço onde fora colocada, no canto baixo direito da página, era o último a ser identificado pelo campo visual do leitor. Tendencialmente nossa percepção visual identifica primeiro o lado inferior esquerdo¹⁴⁹. Assim como na escrita, nossa leitura visual inicia-se da esquerda para a direita, de baixo para cima. Ocupando o lado inferior direito, a foto poderia passar despercebida pelo leitor, que envolvido pela seqüência das demais fotos poderia não se reter o tempo necessário para percebê-la.

Por outro lado, mesmo com a observação atenta de toda reportagem e identificação da foto, a revista induzia a leitura da foto com as legendas explicando : “este foi

¹⁴⁹ Mais uma vez a explicação é de Donis A. Dondis: Além de ser influenciada pelas relações elementares com o traçado estrutural, a tensão visual é maximizada de duas outras maneiras: o olho favorece a zona inferior esquerda de qualquer campo visual. Traduzido em forma de representação diagramática, isso significa que existe uma padrão primário de varredura do campo que reage aos referentes verticais-horizontais, e um padrão secundário de varredura que reage ao impulso perceptivo inferior-esquerdo(...)” “O favorecimento da parte esquerda do campo visual talvez seja influenciado pelo modo ocidental de imprimir, e pelo forte condicionamento decorrente do fato de aprendermos a ler da esquerda para a direita.” idem op. cit. p.39/49.

morto pela polícia”. Uma informação no mínimo questionável, na medida em que se tratava de um confronto de rua e, portanto, muito difícil de se auferir quem efetivamente foi o responsável pelo corpo apresentado. As legendas serviram para acrescentar uma informação impossível de se extrair da foto. Diante das múltiplas interpretações possíveis, a revista conduziu propositadamente a interpretação do leitor, evitando outro tipo de análise como, por exemplo, a morte fora obra dos próprios guerrilheiros.

A revista O CRUZEIRO também dedicou grande espaço para a revolução cubana. O título da matéria era “Arde uma ditadura na chama de Fidel Castro”¹⁵⁰.

A reportagem, com o mesmo teor que a revista MACHETE, apontava Fidel Castro como o grande herói da liberdade latino-americana. As cenas preponderantes eram da alegria da população nas ruas, os comícios de Fidel Castro nas praças, sendo as poucas cenas de destruição associadas ao regime de Batista. A foto principal da matéria, que ocupava duas páginas, presumia-se tratar de um automóvel, impossível de ser identificado, sendo consumido pelo fogo. Mais uma vez a dramaticidade da cena era reduzida pelas legendas. O que poderia ser uma cena dos horrores da guerra tomava ares de absoluta justiça. O que estava em chamas era a odiosa ditadura de Batista, e o fogo era a libertação

¹⁵⁰ O CRUZEIRO, 24.01.1959, p. 20.

deste regime promovida pelo herói Fidel, uma referência direta ao mito de Prometeu.

Durante os primeiros meses de 59, as revistas trouxeram várias reportagens sobre a revolução. Todas elas engrandecendo o feito do Dr. Fidel Castro e de seus companheiros barbudos, como eram carinhosamente chamados pelas revistas. Na mesma edição do dia 17 de janeiro de 1959, na reportagem sobre a revolução, vêm colocadas em duas páginas distintas a foto de Fulgêncio Batista: num, com o dedo em riste, braço levantado, falando ao microfone de um palanque, noutra com Fidel Castro empunhando uma arma e fazendo pontaria. Tratava-se claramente de uma montagem da revista pois, o cenário onde estava Fidel Castro era um lugar de treinamento militar, com árvores ao fundo. Batista estava em comício, em salão fechado. Todavia, a mensagem era evidente. As duas fotos colocadas ao lado fundem-se em uma única cena, com Fidel apontando a arma para Batista. A pontaria de Fidel tinha endereço certo, a ditadura de Batista. A chamada da reportagem era: *“Cuba disse adeus a 58 e ao seu ditador: Batista agora faz companhia a Perón”*. Embaixo liam-se as seguintes legendas: *“Falando ao povo, Batista elogiava as soluções democráticas e o respeito às normas legais, mas agia de outro modo. Cuba sabia. Fidel Castro, o herói de Sierra Maestra, a quem o povo de Cuba e os democratas das Américas ficam a dever a queda de uma ditadura”*(Foto-44).

OS ÚLTIMOS DIAS DE 1958

Cuba disse adeus a 58 e ao seu ditador: Batista agora faz companhia a Perón



FALANDO AO POVO, BATISTA ELOGIAVA AS "SOLUÇÕES DEMOCRÁTICAS" E O "RESPEITO ÀS NORMAS LEGAIS", MAS AGIA DE OUTRO MODO. CUBA O SABIA.



FIDEL CASTRO, O HERÓI DE "SIERRA MAESTRA", A QUEM O POVO DE CUBA E OS DEMOCRATAS DAS AMÉRICAS FICAM A DEVER A QUEDA DE UMA DITADURA.

As ruas de Havana resplandeciam de luzes, para esperar o novo ano, quando Fulgencio Batista reuniu seu Ministério. E lhe disse, copiando Dom Pedro I, pelo avesso: "Para o bem de Cuba e para acabar com a efusão de sangue, vou deixar o país". Com uma comitiva de 40 pessoas, tomou um avião militar, às 2.30 do primeiro dia de janeiro. Mais tarde, desceu em Ciudad Trujillo, que está se transformando no paraíso dos ditadores depostos. A estas horas, talvez se encontre reunido numa canastra amega com Juan Domingo Perón, Pérez Jiménez e o próprio anfitrião, General Trujillo, um dos últimos pilares não tombados da ditadura nas Américas. Antes de partir, porém, Fulgencio Batista — que se fez acompanhar do Presidente que elegera, Sr. Andrés Aguero — entregou o Governo a uma Junta Militar: General Eulógio Cantillo, Chefe do Estado-Maior do Exército, na ausência do General Rodriguez Avila, que seguiu com Batista para o exílio; Almirante Rodriguez Calderón, Chefe do Estado-Maior da Marinha, e Generais Martin Dia Rosina e Juan Roja. Batista confiara o lugar de chefe da Junta ao Gen. José Pedraza y Cabrera, mas Pedraza preferiu também deixar o país, e a Junta nomeou o Sr. Carlos Piedra, presidente da Corte Suprema de Justiça, para presidente provisório da República.

"NAO sou profeta, mas ainda reina grande confusão. Todavia, espero que a paz e a concórdia sejam restabelecidas entre os cubanos". Aparentemente calmo, assim Fulgencio Batista falou aos correspondentes estrangeiros, logo ao desembarcar em Ciudad Trujillo. Em todas as partes do mundo, porém, sua queda do Governo de Cuba, que usurpou em 10 de março de 1952, destituindo o Presidente Carlos Prío Socarras, provocou outras manifestações. Para o Presidente da Venezuela, Sr. Rómulo Betancourt, foi "um episódio decisivo na recuperação das liberdades públicas na América Latina, onde ainda restam três ditadores a manchar seu mapa político". Para o Sr. Clayton Powell, representante do Estado de Nova York no Congresso dos Estados Unidos, "Trujillo será o próximo e Cuba deverá ser o trampolim de onde partirão os ataques ao ditador dominicano". O Sr. Powell apresentará projeto ao Congresso, proibindo os Estados Unidos de darem asilo a ditadores, e outro projeto para ajudar Fidel Castro a reconstruir Cuba, "como arsenal da democracia". Em editorial, disse o "New York Times": — "Foi deposto em boa hora. Nesse momento de triunfo, é necessário pensar, em primeiro lugar, em Cuba e nos cubanos, que sofreram a humilhação, a angústia e a glória de quase sete anos de revolução".

EM todo o episódio cubano, que se incorpora definitivamente à História das Américas, uma figura assoma inconfundível em seus contornos heróicos: Fidel Castro. Jovem advogado sem grande clientela, Fidel Castro desembarcou, em 2 de dezembro de 1958, numa praia da Província de Oriente, comandando pequeno grupo revolucionário. Desde então, aquartelado nos matos da "Sierra Maestra", desfechou golpes sobre golpes contra a ditadura. Deposto Fulgencio Batista, foi-lhe feita uma proposta para cessar a luta. Fidel Castro não a aceitou. Entende que a luta só terminará quando Cuba varrer dos postos de comando todas as figuras que sustentaram a ditadura. E quando o Governo for entregue ao Doutor Manuel Urrutia, o candidato derrotado das forças oposicionistas na recente contrafação de eleições nacionais, convocada por Fulgencio Batista. O primeiro pronunciamento de Fidel Castro, em resposta ao apelo que a Junta Militar lhe fizera, foi decisivo: "Não confiem em ninguém, nem se deixem enganar. Estejam alertas". Ele falava a seus combatentes de "Sierra Maestra" — e ao povo de todo o país, enquanto se anunciava o regresso a Cuba do ex-Presidente Carlos Prío Socarras. Tendo-se exilado nos Estados Unidos, Socarras voltará para auxiliar na luta da grande reconstrução.

EM Washington, o Embaixador Nicolas Arroyo renunciou ao cargo depois de uma reunião com Ernesto Betancourt, porta-voz de Fidel Castro, e Felipe Passos. Em Paris, o Embaixador Héctor Ayala anunciou que pedirá ao Governo de França que reconheça o novo Governo de Cuba. "sob a presidência do honrado magistrado, Don Manuel Urrutia". Em Bonn, o Embaixador Avelino Casal prontamente se solidarizou com o pronunciamento do Sr. Héctor Ayala. No Rio de Janeiro, o Encarregado de Negócios de Cuba (Sr. Francisco Dominguez Company), ora substituindo o Embaixador Burk Hedres, que se encontra nos Estados Unidos, diz: "Minha posição pessoal será a de somente reconhecer um Governo que esteja encabeçado por Manuel Urrutia Lléo, Presidente de Cuba em Armas, ou então um Governo Provisório de efêmera existência, que entregue o Poder a Urrutia". Exilados cubanos do Rio de Janeiro lançaram manifesto dizendo que "não aceitaram governos constituídos por militares e nenhum outro que não se baseie no triunfo definitivo da revolução e seja presidido pelo Presidente de Cuba em Armas, Dr. Manuel Urrutia Lléo". Os últimos despachos de Cuba informavam que Fidel Castro havia proclamado Urrutia como Presidente e Santiago de Cuba como Capital Provisória.

CONTINUA

Efetivamente, a representação do novo líder cubano nas fotos era a de um herói. As escolhas das poses, dos ângulos e o gestual eleito, deixavam transparecer a admiração pelo jovem que destruiu uma ditadura e iria conduzir o povo cubano à democracia. Castro apresentava-se como um ser entre herói e santo. A revista MANCHETE em 15.07.57¹⁵¹, um ano e meio antes da revolução, publica uma foto do chefe da guerrilha em Sierra Maestra. Como se podia ver na reprodução (Foto-45), o olhar sereno mirando o céu e o rosto barbado era uma referência direta a tradição da pintura ocidental de representação de santos mártires, mais particularmente a própria imagem de Cristo (Imagem-46)¹⁵². As legendas no topo da página espancavam qualquer dúvida: “Só assim morrerá: de arma na mão para defender a liberdade dos cubanos”.

Fidel sempre aparecia falando com pessoas do povo. Mesmo quando armado ele estava sorrindo e descontraído, com crianças nos braços ou ao seu lado. Aliás, as primeiras fotos da revolução apresentavam várias crianças e mulheres, armadas ou ao lado de soldados. O filho de Fidel foi apresentado em cima de um tanque de guerra, impunhando a

¹⁵¹ MANCHETE, 15.07.57, p.76.

¹⁵² esta reprodução é o auto retrato de Albrecht Durer, datada de 1500. Comparando estas duas imagens e suas semelhanças nos leva a aproximar também para a fotografia o que E. H. Gombrich nos ensina sobre a constância de determinados modelos da arte ocidental no ato de representar, posto que o artista (em nosso caso o fotógrafo) já têm um modelo pré concebido antes elaborar seu quadro (ou foto). Este modelo, o autor intitula de *schemata*: É falsa a idéia de que a realidade contém características como montanha e que, vendo uma depois da outra, aprendemos lentamente a generalizar e a formar a idéia abstrata de montanha. Já vimos que tanto a filosofia como a psicologia rebelam-se contra essa posição, por mais antiga e venerável que seja. Nem no pensamento nem na percepção aprende-se a generalizar. Aprendemos, sim, a particularizar, a articular, a fazer distinções onde antes havia apenas massa indiferenciada.” Mais a frente conclui: “Tudo aponta para uma conclusão inevitável de que a linguagem da arte, é mais do que uma metáfora, de que mesmo para descrever o mundo visível em imagens precisamos de um sistema de *schemata* bem desenvolvido.” in Arte e Ilusão, um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo, Martins Fontes, 1986, p.76.

ASSIMILORRERAS
TRA DEFENDER A LIBERAR



1500

A

Albrecht Dürer Nor
ipsum in propens la el
gebem colordens qu
anno 1500.



CUBA

A invasão tinha hora marcada: Castro sabia disso



SOLDADOS ANTICASTRISTAS APRISIONADOS POR FIDEL, MAS A INVASÃO PODE TER PONTOS DE APOIO EM TERRITÓRIO CUBANO.

EXATAMENTE seis dias antes da invasão, a conhecida jornalista francesa Geneviève Tabouis escrevia: "Um acontecimento ameaça alterar todos os da-

dos da política internacional, a partir desta semana. Não será a solução do problema do Laos, nem a entrevista coletiva do General De Gaulle. Trata-se de uma grave iniciativa estratégica no "affaire" Cuba." Tabouis, referindo-se a um plano rigorosamente estabelecido, anunciava que 4.000 homens, com armamento pesado, se levantariam contra Fidel Castro, contando com a ajuda norte-americana. Também o ataque aéreo, anterior à invasão, estava previsto. Em novembro do ano passado, Don Dwigne, da "Prensa Latina", afirmava que "pilotos mercenários" esperavam apenas dinheiro e a ordem final para empreender um ataque contra Cuba, em seis aviões A-20, armados com bombas de 270 quilos. O bombardeio seria feito pela madrugada e, depois dele, os aviões se refugiariam numa base aérea secreta, construída em Retalhuleu, na Guatemala. Para Fidel Cas-

tro, portanto, a invasão já não constituía surpresa. E isso explica a pronta repressão sofrida pelos invasores: o primeiro grupo de atacantes foi ferozmente desmantelado, ao alcançar a praia Larga, ao sul da Província de Matanzas. O problema fundamental, porém, é saber até que ponto a invasão está apoiada em focos contra-revolucionários implantados no território cubano. Castro terá, então, de rechaçar a invasão ao mesmo tempo em que afoga a rebelião interna. As consequências da luta, nesse caso, são imprevisíveis. Os Estados Unidos, embora se tenham mantido num discreto silêncio, após a invasão, não se recusarão a sustentar a investida anticomunista. Do outro lado, a União Soviética está pronta a estender a mão a Castro. Assim, Cuba se terá convertido num novo Laos. Só que, desta vez, a guerra mundial em miniatura, se desencadeará nas barbas de Tio Sam.



FIDEL CASTRO ADVERTE: "QUALQUER COLABORAÇÃO COM OS INVASORES SERÁ PUNIDA COM A MORTE" ESTE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO FOI FUZILADO EM 1959



O PIOR DRAMA de Cuba fidelista
recai nas crianças. Os pais
entregam os filhos a desconhecidos
para que estes os conduzam a um
destino melhor, nas praias
livres da Flórida.

200 000 EXILADOS CUBANOS FAZEM JURAMENTO EM MIAMI

NÓS DERRUBAREMOS FIDEL CASTRO

Éis um depoimento cru da situação cubana. Ele pertence aos exilados que buscam a liberdade. Representa retalhos de narrativas que os Repórteres Ubiratan de Lemos e Indalecio Wanderley colheram nas ruas de Miami, nos bares, nos ajuntamentos cubanos. Em cada esquina, em cada apartamento. Esse é um lado da história, já que cada história possui duas versões. É o que dizem os quase 200 000 exilados da ilha solitária do Caribe. Não depõem, aqui, somente os ricos, os que perderam milhões de dólares com Fidel Castro no poder. A maioria das impressões registradas pelos jornalistas de "O Cruzeiro" pertence ao povo-povo, a operários, comerciários, industriários camponeses — da classe média para baixo. Esta é uma contribuição para o exame de Cuba controversa. É um mar de lágrimas dos que deixaram a ilha. A outra parte cabe a Fidel Castro contar. Se ele ainda não contou tôdas "as maravilhas da sua revolução"

Texto de
UBIRATAN DE LEMOS
Fotos de
INDALECIO WANDERLEY
(enviados especiais de
"O Cruzeiro" a Miami)



FIDEL CASTRO está perdendo substância de popularidade. Transferiu as comarcas do Plaza Civico para "agradar a menor em São Tiago de Cuba. Motivo: a pouca afluência de pessoas. A fome, a baixa produção, o terror transformaram a ilha em monstros

bandeira de Cuba. Uma citação clássica da renovação e frescor de uma revolução desejada pela sociedade. Apesar da foto ser contundente, a reportagem fez questão de legendar : “Enquanto isso, surgia um novo retrato da juventude cubana: o filho de Fidel, que vivia exilado nos Estados Unidos, entra em Havana. Não monta cavalinho de pau. Prefere tanque”¹⁵³.

Com ampla cobertura nas edições seguintes, as duas revistas só publicaram uma foto sobre a pena de morte instituída pelo governo revolucionário. A foto era sobre a execução do chefe da polícia de Batista. Qualificado como assecla do regime deposto, Cornélio Rojas aparecia em três fotos sucessivas, caminhando para o paredão de fuzilamento, parado, esperando a execução, bem como no impacto das balas. O título da reportagem da revista MANCHETE era “Os que matavam ontem pagam os crimes a Fidel”¹⁵⁴. Apesar da revista mencionar que já haviam sido executados mais de duzentos condenados, gerando protestos em vários países ocidentais, era a única vez que aparecia a execução de um condenado, mesmo assim foi justificado o ato por se tratar de um criminoso de guerra. A revista O CRUZEIRO também trazia foto sobre esta execução¹⁵⁵. Mais desfocada que a da revista MANCHETE, esta única foto apresentava a cena em ângulo diagonal. O chefe da polícia do antigo regime era qualificado como carrasco do povo cubano a serviço do regime de Batista. Nenhuma

¹⁵³ O CRUZEIRO, 31.01.1959, “As duas Faces da Libertação”, p.12.

¹⁵⁴ MANCHETE, 31.01.59, “O mundo em Manchete”, p.70.

¹⁵⁵ O CRUZEIRO, 31.01.59, “As duas faces da Libertação”.

outra imagem sobre outras execuções fora apresentada pelas revistas durante o ano de 1.959.

Abaixo a Revolução

Em 1960, Fidel Castro se aliava ao governo soviético¹⁵⁶, provocando uma alteração dramática no tabuleiro da geopolítica internacional. O comunismo, que até então era um mau distante, estabelecia sua “cabeça de ponte” há poucos quilômetros de Miami. No ano seguinte, com a fracassada investida da Baía do Porcos e no ano posterior, com a “crise do mísseis”, ampliava-se a tensão da guerra fria. Neste quadro, temos o nascimento da Aliança Latino Americana para o Progresso.¹⁵⁷

Com o exemplo de Cuba, a antiga forma de dominação do imperialismo americano se vê ultrapassada e, portanto, é substituída pela Aliança para o Progresso, arquitetada por Kennedy. Em verdade, o governo da Casa Branca se propunha a competir com a ideologia comunista quanto a possibilidade de fornecer melhores condições de vida aos povos do chamado terceiro mundo. O desenvolvimento econômico, combinado com democracia e distribuição de renda, eram os alicerces ideológicos da nova política

¹⁵⁶ VAILL, John J. *Fidel Castro*. São Paulo, Nova Cultural, 1987, p.74

¹⁵⁷ GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. *História Contemporânea da América Latina*, São Paulo, RT, 1987, p.202.

americana para conter um possível avanço do comunismo na América Latina.

Com a definição do regime pró-soviético, o discurso das revistas sobre o governo de Castro mudou radicalmente. O desembarque na Baía dos Porcos em abril de 1.961 e o embargo econômico a ilha foram as principais reações ianques a revolução.

Em 06.05.61, a revista O CRUZEIRO, sempre com um discurso político mais definido, intitulou a matéria do desembarque da Baía dos Porcos como de responsabilidade de Fidel Castro, o título era: “Castro joga o mundo em Cuba”¹⁵⁸. As cenas de confronto não são apresentadas, apenas os movimentos militares, soldados empunhando armas, aviões de combate sobrevoando a ilha e pinhas de armamentos. A revista considerava Castro o responsável pela quase deflagração da terceira guerra mundial. Mesmo reconhecendo que os invasores tiveram o apoio dos EUA, e que o combate desenvolvido na ilha foi em verdade uma guerra entre americanos e soviéticos, a revista acusava o líder cubano de quase transformar a “guerra fria” em “guerra quente”, em pleno solo americano.

A revista MANCHETE em tom mais brando com o regime de Cuba, publicava sua matéria com uma

¹⁵⁸ O CRUZEIRO, 06.05.61, p. 10/13.

enorme foto de Fidel Castro sorrindo, com os dizeres : “*Fidel volta a sorrir*”.¹⁵⁹ A análise política do incidente feito pela revista se colocava favorável ao regime de Castro. Apesar de lembrar os perigos da possível precipitação de uma guerra de escala mundial em solo latino-americano, a revista, em seu conjunto fotográfico, foi muito mais condescendente com o líder cubano, apresentando fotos de manifestações populares de todo mundo, inclusive de Nova York, em apoio ao regime de Castro. Ao contrário de O CRUZEIRO, a revista MANCHETE colocava o presidente norte americano como responsável pelo incidente, transcrevendo diversas vezes a análise do evento a partir da princípio do não intervenção e da “autodeterminação dos povos”. A reportagem suscitava, ainda, várias vezes a promessa de Castro em não executar todos os revoltosos, como ato de humanidade do líder cubano. A MANCHETE publicava uma foto enorme de Jonh Kennedy com a haste dos óculos na boca, em gesto de profunda irritação.

No cotejamento das duas reportagens, ficavam claras as possibilidades de manuseio do arsenal fotográfico disposto pelas revistas. Apesar de não indicarem as fontes de nenhuma das fotos apresentadas, ambas as revistas serviam-se de fotos fornecidas pelas mesmas agências de notícias internacionais. Além do mais, pela quantidade e variedade de fotos apresentadas pelas reportagens, a de se supor que cada uma das fotos estampadas fora escolhida dentre muitas outras, ou seja, havia uma quantidade

¹⁵⁹ MANCHETE, 06.05.61, p.24.

suficiente de fotos à disposição de cada uma das redações para articularem reportagens distintas, possibilitando montar o discurso pretendido. O mesmo acontecimento trouxe fotos completamente distintas de uma reportagem em outra, o cotejamento destas reportagens chega a nos dar a impressão de se tratar de acontecimentos diversos. A MANCHETE escolheu representar Kennedy transtornado com o insucesso da operação, comprometendo-o como articulador do golpe ao regime de Fidel. O líder cubano aparecia sorrindo. Mais uma vez o herói de Sierra Mestra saía vitorioso e apoiado por toda a opinião pública internacional, inclusive a norte-americana. A revista O CRUZEIRO, por sua vez, omitiu as duas fotos publicadas pela MANCHETE, expondo apenas o receio de um conflito mundial quase iniciado pelo líder cubano, que ao provocar o governo da Casa Branca tentou incendiar a guerra fria, “jogando o mundo em Cuba”.

Todavia, este posicionamento da revista MANCHETE iria mudar no mesmo ano. Agora com um discurso mais áspero, a revista atacaria as sessões de execuções via fuzilamento, promovidas pelo regime da ilha. Em 15 de julho de 1961¹⁶⁰, em uma matéria sobre o julgamento dos contra-revolucionários, tínhamos a utilização de uma foto do pelotão de fuzilamento, onde um rebelde em trajes civis recebia a extrema-unção do capelão, às vésperas de ser executado (Foto-47). A foto não era frontal; da perspectiva do leitor ela era de lado, diagonal, em posição

¹⁶⁰ MANCHETE, 15.07.61,p. 78.

mais fácil de ver toda a cena. O rosto apavorado do soldado, o capelão com as mãos sobre o ombro do prisioneiro e três soldados, um amarrando as mão do fuzilado, outro fumando um cigarro e um terceiro olhando passivamente, compunham a cena. A foto do fuzilamento que irá ocorrer em instantes nos transmitia a sensação de agonia, posto que todos sabiam do que se tratava. A cena era chocante, pois desprovida de solenidade. Com exceção óbvia do executado, todos os demais integrantes cena pareciam operar uma situação de cotidiano. O detalhe curioso é que a foto, segundo a própria legenda, fora tirada de um fuzilamento ocorrido em 1959 e não em 1961, data da sua segunda publicação. Basta lembrarmos que a reportagem da mesma revista sobre a revolução cubana ocultou qualquer foto sobre fuzilamentos. Na oportunidade as fotos e a matéria sobre a revolução enalteciam Fidel e a queda de Batista .

Agora, todo arsenal de fotos sobre o regime de Cuba era usado em detrimento de seu líder.

Em 22.09.62, a revista O CRUZEIRO publicou matéria com o título : “Nós derrubaremos Fidel”¹⁶¹. O teor da reportagem era a indignação do povo cubano com seu ditador. A foto principal que ilustrava a reportagem era a de Fidel Castro impunhando uma arma e mirando uma mulher com uma criança no colo (**Foto-48**). Esta foto, da forma como foi apresentada, era inegavelmente pejorativa. Fidel era o tirano que sustentava seu poder

¹⁶¹ O CRUZEIRO, 22.09.62, p.57.

graças às armas, fazendo pontaria ao povo de Cuba. Tal foto vem com créditos de Indalécio Wanderley (foto) , Ubiratan de Lemos (texto), mas sem data.

Ocorre que esta a mesma foto já havia sido apresentada pela mesma revista em 1.959, quando da revolução. Exatamente a mesma foto usada na reportagem : “Fidel Castro, o herói de Sierra Maestra, a quem o povo de Cuba e os democratas das Américas ficam a dever a queda de uma ditadura” ¹⁶². Nesta oportunidade, como já dissemos fora apresentada ao lado da foto de Batista, para quem Fidel se dirigia (**Foto-44**).

Certamente fora tirada antes de 1961, data de sua segunda publicação, mas não podemos assegurar sequer que sua data original era a da revolução. Pela própria postura de Fidel Castro, tratava-se de uma foto de treinamento militar, portanto, provavelmente com data retroativa até mesmo da revolução de janeiro de 59. Porém, de quando ? O fato mais relevante a ser questionado não é, no nosso modo de entender, a data de tal foto, mais sim sua absoluta vulnerabilidade à manipulação. A mesma foto fora apresentada duas vezes com sentidos absolutamente opostos. Da situação de herói para vilão, a mesma foto serviu para os dois discursos. Exposta de maneira diferente no espaço da revista e inserida em outro conjunto de fotos, o sentido original para o qual fora usada pela primeira vez inverteu-se completamente. Com esta

¹⁶² O CRUZEIRO, 10.01.59, p.21.

mudança espacial, O CRUZEIRO criou praticamente outra foto e, portanto, outro fato.

Retirados os dados sobre a fotografia e invertido seu significado, a temos desprovida inclusive da condição de registro de seu momento histórico. Parte dos teóricos sobre a fotografia realçam como uma das características do documento fotográfico sua experiência radical do instante onde foi colhida. Mesmo reconhecendo a parcialidade da mensagem fotográfica, a experiência da fotografia indica ao menos o que “aquilo aconteceu”, sem dizer a princípio que foi bom ou mau, ou mesmo o que foi. A fotografia teria apenas o poder de indicar a existência do ser fotografado¹⁶³. Ora, após toda a montagem da revista, a partir da mesma fotografia, transformando-a em outra, qual a mensagem que o documento fotográfico manteve? A informação comum que persistiu após a manipulação desta fotografia foi a do líder cubano impunhando uma arma. Mas esta mensagem não traz a princípio qualquer significado. O sentido estaria no porquê ele impunhava uma arma, e neste momento a relação da foto com a mensagem proposta pela revista mudou radicalmente. Em uma como herói em outra como anti-herói. A imagem em si traz ao mesmo tempo tantos significados possíveis que acaba não trazendo nenhum. Assim como o plástico, o vidro e inúmeros metais utilizados pelas indústrias da época eram utilizados como uma fonte inesgotável para a criação infinita, sem terem correspondência com a natureza, nem traços que exponham o

¹⁶³ Neste sentido, ver DUBOIS, Phelippe O ATO FOTOGRÁFICO, Campinas. Papyrus, 1994, cap. 1 “Da verossimilhança ao índice”.

trabalho de sua produção como matérias em grau zero¹⁶⁴, as fotografias não passavam de um material disforme a ser trabalhado pela revista.

Outro exemplo desta manipulação das revistas com a fotografia ocorreu com o desembarque de armamento nuclear soviético em Cuba, em 1962, a chamada: “crise dos mísseis”. O CRUZEIRO publicou uma matéria intitulada: “As Provas da Traição”¹⁶⁵. A revista dizia ter a comprovação cabal da traição de Fidel Castro ao tratado de proteção mútua dos países da América, assinado no Rio de Janeiro, com o recebimento de armamento nuclear soviético. Nesta matéria, além da foto de Fidel de pé, ao lado da mesa junto aos seus ministros, há quatro fotos aéreas, de páginas inteiras, onde fora supostamente feito o desembarque do armamento nuclear soviético. Todavia, como se tratava de fotos aéreas, tiradas a longa distância, são ininteligíveis. Se se tratava ou não de armamento nuclear e ainda mais, se eram ou não soviéticos, é algo impossível de ser visto pelo leitor. As fotos, para o leitor, não passavam de manchas escuras contrastadas com branco, de onde saem várias legendas da própria revista com pormenores de toda a operação. Em verdade, era impossível identificar qualquer objeto pela foto, era a legenda que

¹⁶⁴ BAUDRILLARD, Jean. O SISTEMA DOS OBJETOS. São Paulo, Perspectiva, 1993, p.47, nete texto, o autor estabelece esta flexibilidade do vidro, que não possui um estado a princípio, sendo um meio sem referente e podendo ser usado sem vinculação em vários fins, concluindo, por estas características como um meio ideal da sociedade de consumo. Comparando neste mesmo sentido a utilização do uso da imagem com o plástico na sociedade de consumo, temos uma passagem de Eduardo Neiva Jr. em A IMAGEM, São Paulo, Ática, 1986, p. 75.

¹⁶⁵ O CRUZEIRO, 17.11.62, “As Provas da Traição” p.4/9.

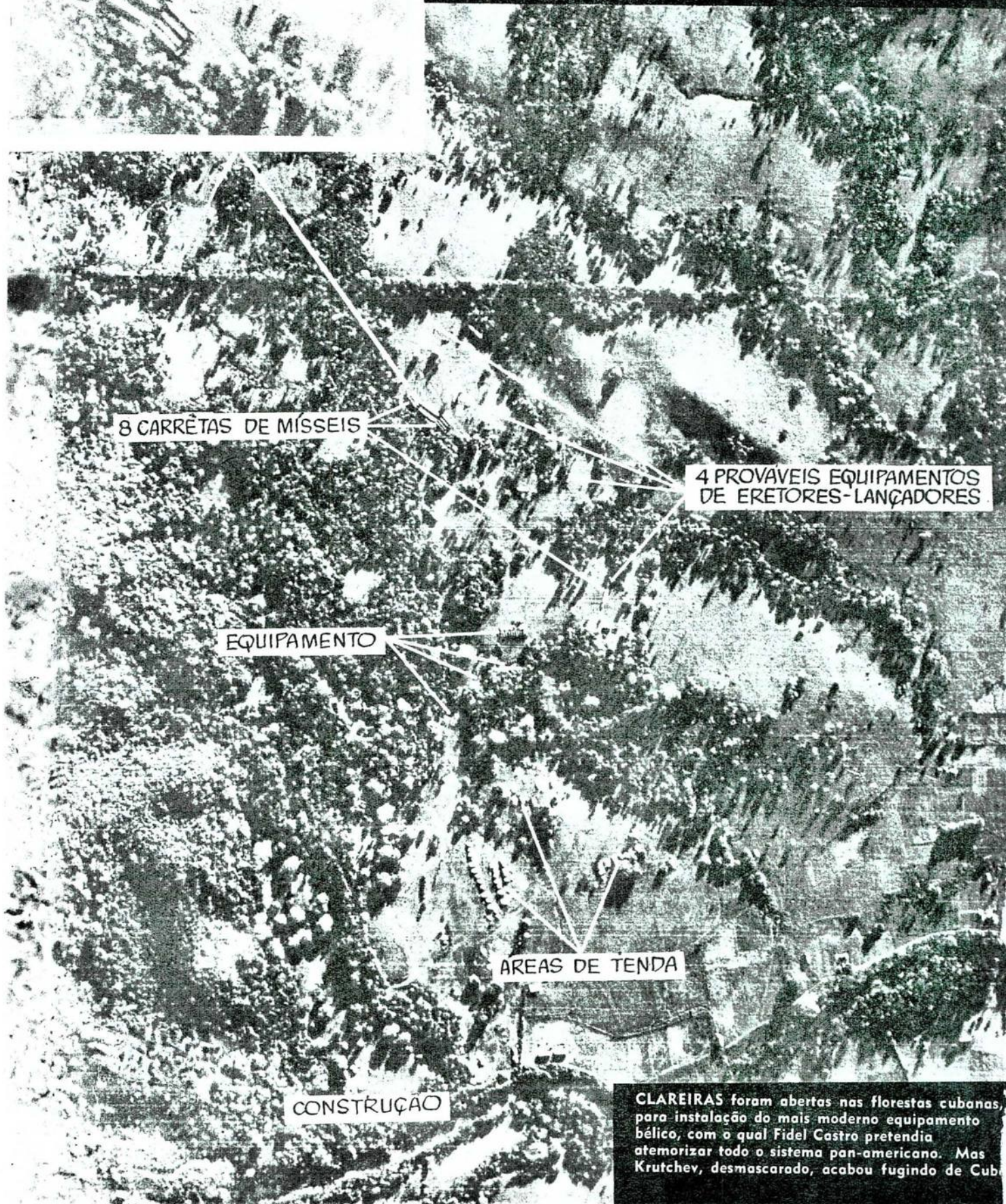
ARLINDO SILVA apresenta:

Nesta reportagem divulgamos as primeiras fotos das bases cubanas liberadas pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. São as mesmas fotos exibidas numa das reuniões da ONU, e que os delegados soviéticos afirmaram serem falsas. Como se os Estados Unidos fôssem capazes de uma acusação infantil diante de um assunto de tal gravidade. 24 horas após a exibição das fotos, Nikita Krutchev confessava a existência das bases em Cuba. Aqui estão as fotos aéreas das bases, para serem vistas e examinadas. Elas são a prova da traição cometida por Fidel Castro contra a segurança do Continente americano, deixando que Cuba se transformasse em fortaleza soviética.

AS PROVAS DA TRAIÇÃO



AÇÃO RÁPIDA DE KENNEDY IMPEDIU UMA TERCEIRA GUERRA



51

TRANSPORTADORES DE FOGUETES

12 FOGUETES TELEGUIADOS

EQUIPAMENTO PESADO

5 CARRÊTAS DE FOGUETES

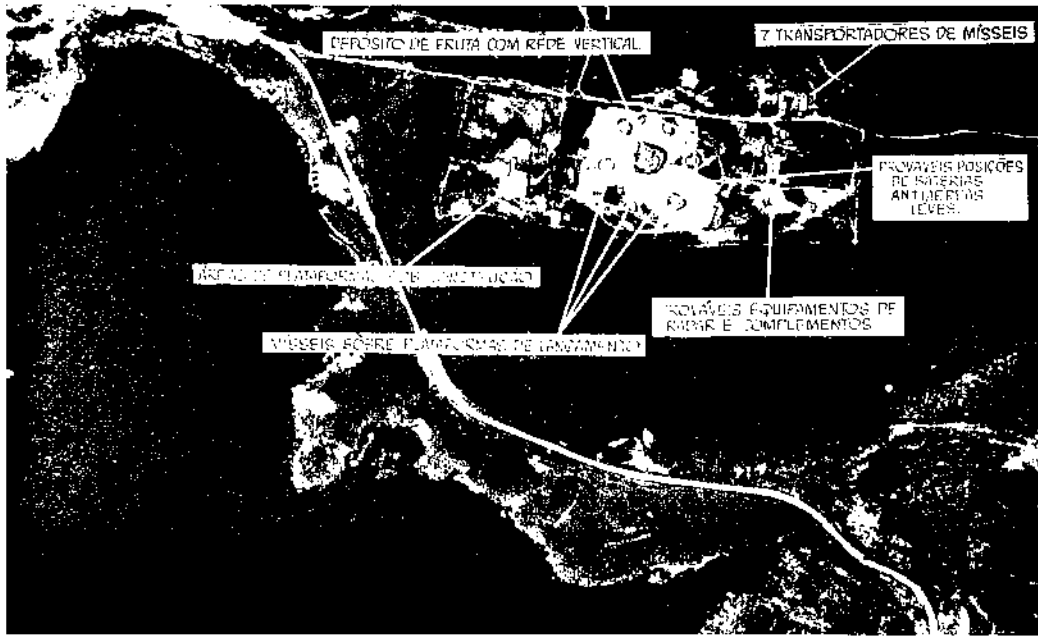
20 TANQUES CILINDRICOS

TRANSPORTADORES DE MISSEIS.

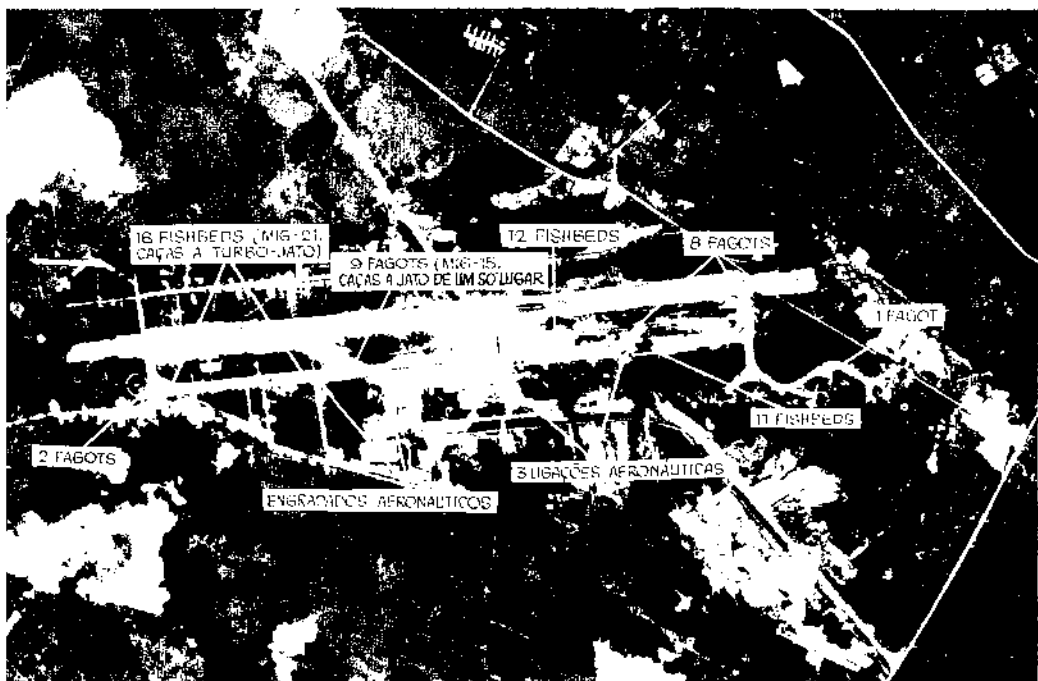
DEPÓSITOS ABERTOS

A VERDADE DAS FOTOS FÊZ CRESCER A BARBA DE FIDEL

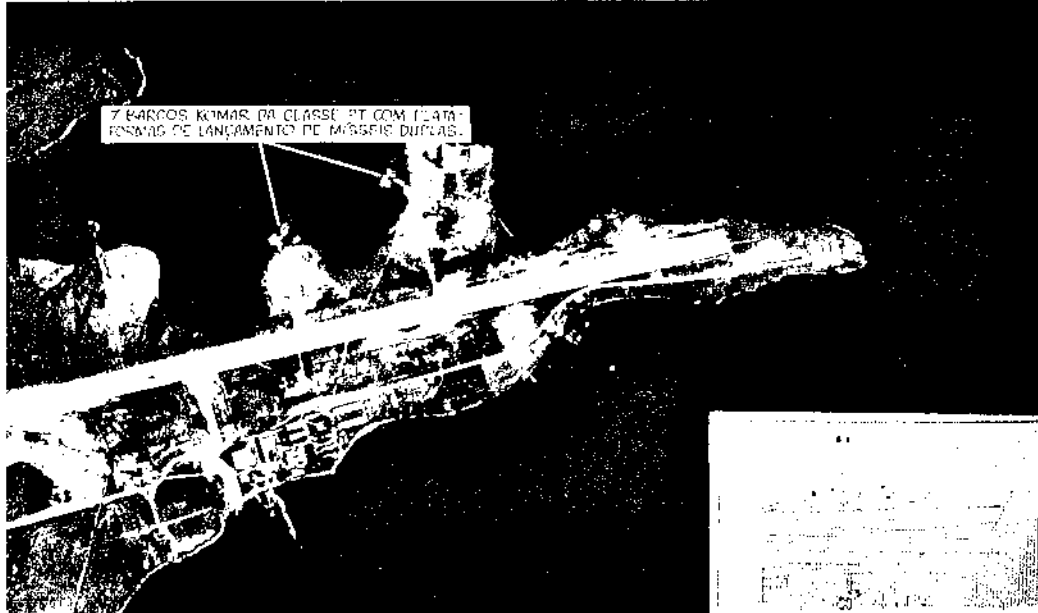
AOS que ainda duvidavam das denúncias feitas ao Mundo pelo Presidente John Kennedy, fotos como esta, liberadas pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, documentam a traição do ditador Fidel Castro, permitindo que a União Soviética instalasse bases atômicas no Hemisfério.



ESTAS FOTOS DOCUMENTAM A AMEAÇA DO PODERIO NUCLEAR SOVIETICO ÀS AMERICAS LIVRES.



CUBA TRAIU O CONTINENTE, PROPICIANDO À URSS UMA OFENSIVA CONTRA A DEMOCRACIA.



FIDEL NÃO É, COMO DIZ O DONO DE CUBA: É SIMPLES TÍTERE DA URS

AO que parece, as nuvens negras que enchiam de pavor a Humanidade diluíram, e um novo sol começou a brilhar. Até quando, não se sabe. Estivemos à beira do abismo, mas não foi, ainda, desta vez que as catástrofes do Apocalipse descenderam sobre a Terra. Os sete anjos, descritos por João Apóstolo, não tocaram as suas trombetas para desabar torrentes de fogo e de truição sobre os homens. A Humanidade está, enfim, aliviada. Até quando, não se sabe. Bastava um tiro ou, melhor, um fúguete, e a sorte do Mundo estaria selada, cumpridas as tétricas profecias bíblicas.

Na dispersão dessas nuvens negras — quase-guerra — que seria a última neste planeta —, pode-se admitir que houve o desígnio da Providência, de acordo com a teoria providencialista de Bossuet. Ninguém, nem mesmo os mais argutos observadores internacionais, poderiam supor que Krutchev, senão tão intolerante, ameaçador e arrogante cederia com tal complacência às exigências do Governo Kennedy. Se não houve o desígnio da Providência, a dirigir a conduta do ateu Nikita Krutchev, então foi o medo que o induziu a curvar-se, prudentemente, à imposição do Governo americano, de desmantelamento das bases nucleares de Cuba. Tem-se a impressão de que nunca, como agora, o gorducho ditador do Kremlin viu o perigo da guerra atômica tão perto da Praça Vermelha, possível que amanhã, ou depois, ele aplique um golpe, à tração. Porque é capaz disso. Mas se o fizer, fá-lo-á consciente de que os Estados Unidos aí estão, topando a briga e qualquer terreno. Inclusive no atômico. Isso ninguém neste mundo deseja. Muito menos Nikita.

Está provado, agora, que Fidel não é o verdadeiro dono de Cuba, que ele cobriu com sangue, lágrimas, terror e miséria. Aquilo que é uma colônia soviética. Fidel é apenas o fetiche. Ali, Nikita montou os foguetes. Agora Nikita desmontará os foguetes. Fidel apenas assistirá a tudo, como um servo dócil e obediência. E o que é pior: fazendo o triste papel de uma Messalina, que se entregou ao seu amo, ante irresistíveis propostas e, no fim, passada para trás...

E o Brasil, que papel desempenhou na crise, que quase levou a Humanidade à sua destruição total? É mister, desde logo, distinguir a ação do Itamarati da atuação do Presidente João Goulart. O Itamarati, através de estapafúrdias declarações do seu atual ocupante, fez o triste papel de querer defender, com a política da autodeterminação, o território soviético, que é a Cuba de hoje. Itamarati estava tão enamorado de Fidel Castro que a assombrosa denúncia de Kennedy sobre as bases atômicas lhe parecia absurda. Mas os responsáveis pela nossa política externa ficaram com cara de taqui quando Krutchev confessou, ele próprio, que a URSS montara bases em Cuba, controladas por militares e técnicos soviéticos. Se Kennedy não houvesse denunciado a poderosa máquina de guerra instalada nas Antilhas um dia desses um foguete de alcance de mil milhas estaria caindo sobre nossas cabeças. Talvez, então, os homens do Itamarati despertassem. Mas seria tarde. E mesmo assim, provavelmente, continuariam achando que o ataque fora autodeterminação do cubano...

A posição do Itamarati nessa gravíssima crise mundial pode ser medida através de um episódio ocorrido com o "Premier" Heimes Lima. Um grupo de senhores católicos fora interpelá-lo sobre a linha sinuosa que ele vinha adotando em relação à ação militar norte-americana contra Cuba. Acusado, dentro da Casa de Rio Branco, pelas mulheres democratas, o "Premier" irritou-se e perdeu

induzia aquilo que revista queria mostrar, a olho nu não passavam de borrões incompreensíveis(Foto-49/52).

As mesmas fotos foram apresentadas pela revista MANCHETE ¹⁶⁶, só que com entusiasmo menor. Não se tratava de comprovação da traição, eram apenas manobras militares em Cuba e os créditos também eram mais completos, eram fotos tiradas por aviões militares norte-americanos. Mesmo assim continuavam sendo ininteligíveis para o leitor.

Mas este não foi o único caso. Em 25.08.62, O CRUZEIRO¹⁶⁷ publicava mais uma matéria sobre a violência do governo de Castro. No caso em questão, era contra os cubanos que procuravam asilo político nas embaixadas estrangeiras em Havana. O texto escrito da reportagem não era extenso, tinha no máximo duas páginas, acompanhado de dez fotografias, cada uma cobrindo uma página inteira. Em uma delas era apresentado um cadáver vertendo sangue após ter recebido tiro na cabeça. Esta foto era frontal e de página inteira. Uma outra foto, que ocupava duas páginas, era uma microfotografia, segundo a revista, praticamente indecifrável, onde eram apresentados dois vultos, dois homens de barba, provavelmente segurando um terceiro que se colocava no centro da foto. Este terceiro, sugerido pela reportagem, não era possível para o leitor identificar sequer se se tratava de alguma

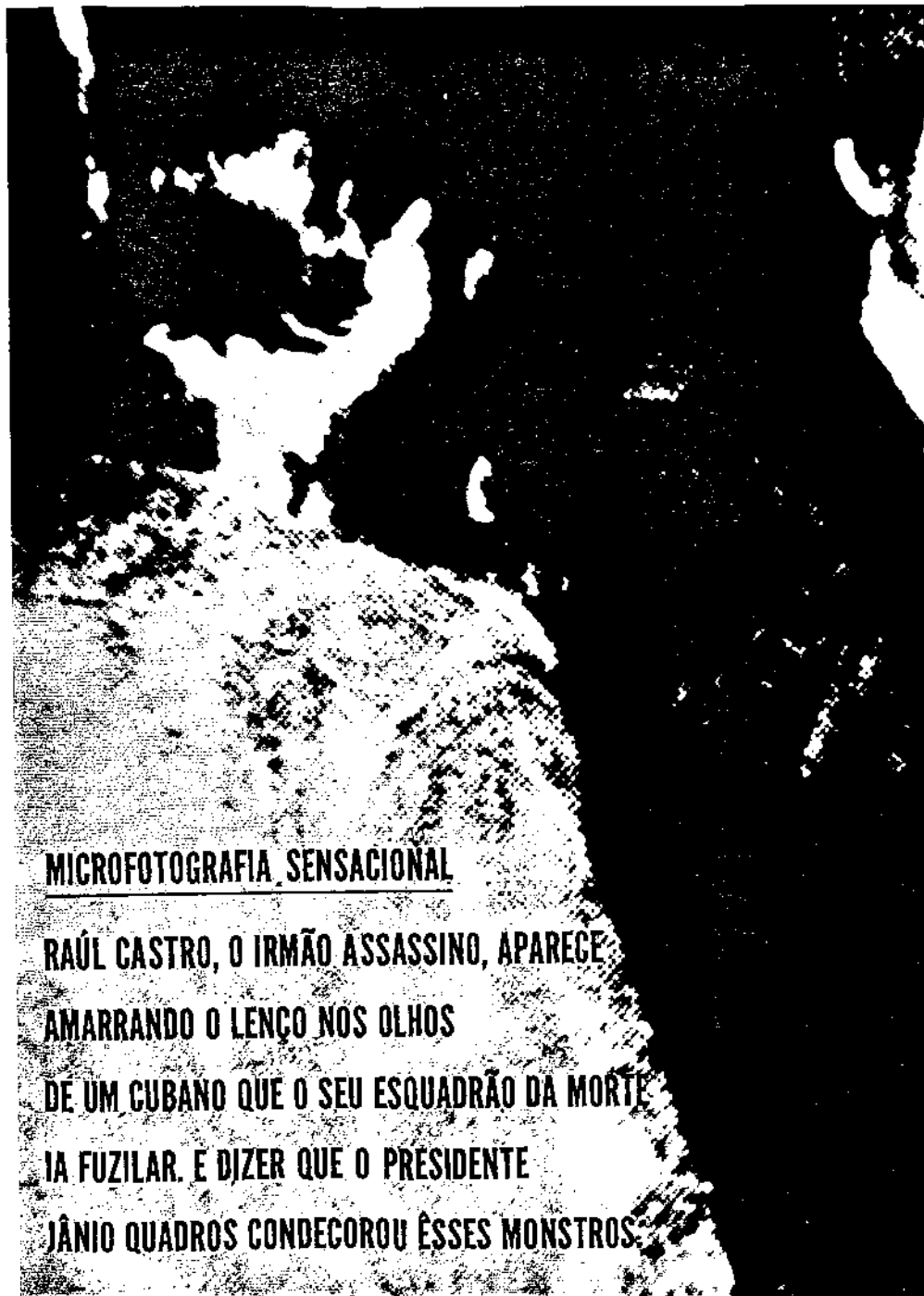
¹⁶⁶ MANCHETE, 10.11.62, "Cuba, História Secreta do Bloqueio"p. 7/17

¹⁶⁷ O CRUZEIRO, 25.08.62, p. 23.

pessoa, pois não havia definição de formato humano. Esta microfotografia foi apresentada pela revista como mais uma prova da brutalidade do regime. Segundo descrição da matéria, podia-se ver a execução de um cubano dissidente do regime. As legendas, que ocupavam meia página, eram em letras grandes e diziam o seguinte: *“Microfotografia sensacional, Raúl Castro, o Irmão assassino, aparece amarrando o lenço nos olhos de um cubano que o seu esquadrão da morte ia fuzilar. E dizer que o presidente Jânio Quadros condecorou esses monstros”*(Foto- 53/54).

Nesta reportagem, além das várias fotos sobre o terror do regime cubano, havia uma “brincadeira” inédita pela revista. O sobrenome do líder cubano é grafado com “k” e não com “c”. Muito provavelmente não se tratava de um erro, seria grosseiro demais não só pelo conhecimento indubitável da grafia do nome do estadista, como pela reincidência dentro da matéria. A nova escrita fazia remissão direta ao nazismo. Isto porque, a letra “K” era associada quase como um símbolo do regime de Hitler. O que nos induz a insistir nesta hipótese são as legendas da foto : *“ AS BALAS ASSASSINAS DA POLÍCIA DE KASTRO, O TRAIADOR DO POVO CUBANO, O EICHMANN DO NOVO MUNDO, VARARAM ESTE JOVEM À PORTA DA NOSSA EMBAIXADA, QUANDO PROCURAVA ALCANÇAR A LIBERDADE ”*.

O exemplo de Cuba é elucidativo quanto ao processo de manipulação operacionalizado pelas revistas na representação da imagem sobre um assunto. Não só pela grande quantidade de fotografias em várias reportagem de ambas as revistas,



MICROFOTOGRAFIA SENSACIONAL

**RAÚL CASTRO, O IRMÃO ASSASSINO, APARECE
AMARRANDO O LENÇO NOS OLHOS
DE UM CUBANO QUE O SEU ESQUADRÃO DA MORTE
IA FUZILAR. E DIZER QUE O PRESIDENTE
JÂNIO QUADROS CONDECOROU ÊSSES MONSTROS.**



AS BALAS ASSASSINAS DA POLICIA DE KASHAN, O
POVO MIRANO, O EICHMAN DE NOVO
JAM ESTE JOVEM A PORTA DA NOSSA
OCURAYA ALCANÇAR A LIBERDADE.



JÁ sempre, em base de liberdade, não a mãe da En-
fante, e melhor sinovado de todos de meninhinhos. Alguns merros



ESTES sempre, à para de do portos de liberdade, sempre em um
mundo e melhor sinovado de todos de meninhinhos. Alguns merros



como também pela mudança de opinião destas a respeito da revolução cubana, podemos identificar com maior clareza os mecanismos usados pelas revistas a partir da fotografia. As revistas se valeram não só dos mecanismos oferecidos pela composição estética das fotografias para articular a mensagem pretendida, mas foram além. Mudando datas, não colocando com precisão créditos sobre as fotos, usando fotos de arquivo para ilustrar acontecimentos contemporâneos, usando as mesmas fotos em sentidos opostos, induzindo a leitura da imagem a partir de manchas escuras sem qualquer definição visual, as revistas distorceram ou recriaram informações não só a partir da fotografia, mas através delas, criaram sua própria realidade, inventando sua América Latina.

Obviamente as revistas se valeram destes mecanismos por encontrar na fotografia um aliado indispensável às suas opiniões. Comprovar a veracidade do discurso nas matérias era trazer fotos.

Basta lembrarmos os inúmeros editoriais das revistas que colocavam a fotografia como guardião da verdade, levando as últimas conseqüências a máxima : “uma imagem vale mais que mil palavras”. Frente a necessidade de expressar a veracidade da reportagem através de fotos, mesmo quando estas diziam pouco sobre o assunto reportado, as revistas não abriram mão deste meio, por encontrar nele o principal aliado na articulação do discurso pretendido. A enorme manipulação das fotografias empregadas pelas revistas afastavam-nas de qualquer relação com os

acontecimentos publicados. Assim, através do exemplo de Cuba, podia-se verificar o quanto as fotografias publicadas estavam comprometidas com o discurso das revistas e menos com os fatos reportados. Era inegável a ocorrência da revolução cubana, o desembarque na Baía dos Porcos ou a crise dos mísseis, todavia, a maneira de representar tais incidentes foi tão importante que mudou completamente o sentido de cada um, a ponto estranharmos tratar-se do mesmo acontecimento se checarmos outras fotos sobre o mesmo assunto cotejando as reportagens de uma revista com outra. Ou seja, mais do que a Revolução Cubana, a crise dos mísseis ou o desembarque da Baía dos Porcos, o que as revistas nos trouxeram nas dúzias de fotos das várias reportagens foi a própria opinião sobre os acontecimentos e não os acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados dos anos 60, o mercado editorial brasileiro passou por nova transformação. A editora Abril lançou a revista *Realidade* e, mais tarde, a revista *Veja*.

Entre as inovações oferecidas estava uma abordagem diversa no uso das imagens. Frente à expansão da televisão, a concepção da fotografia-flagrante, o instante fotográfico perdeu parte considerável de seu público. Com a imagem em movimento, o suporte “televisão” se sobrepôs às fotos de revistas de variedades, pois os telejornais e os programas de variedades das emissoras televisivas ofereciam a informação com mais rapidez e maior riqueza de pormenores que as fotos fixadas nas revistas. A alternativa para as publicações estava em apresentar fotografias “críticas”, onde o compromisso com o leitor não estava em apresentar fotos como “cópia” do real, mas sim opinativas desta realidade. Era o fim do fotojornalismo.

A revista O CRUZEIRO agonizou por mais de uma década, desaparecendo discretamente em meados dos anos setenta. A MANCHETE é uma das únicas revistas de seu gênero que ainda sobrevive, mas com uma importância reduzidíssima no mercado.

Assim, o fenômeno “fotojornalismo” foi marcante na história dos meios de comunicação do século XX, prenunciando as bases de uma mídia informativa que se consolidaria nas décadas seguintes. As reportagens jornalísticas deram substância, através de imagens fotográficas, a realidades até então distantes do cotidiano do leitor. Neste momento, é oportuno retomarmos a avaliação de David Nasser quando dizia que: “Os xavantes existiam dentre os sertões de Goiás. Um cronista poderia afirmar, antes da reportagem, que os xavantes existiam de fato? (...) não poderiam dizer se os xavantes eram brancos, azuis ou dourados, nem mesmo xavantes(...) Veio uma reportagem e objetivou o assunto, tornou-o palpável, material, deu-lhe formas definidas. Depois disso os antropólogos, os etnólogos, os sociólogos caminharão sobre lajes e não sobre lendas, firmarão seus estudos sobre fatos, não sobre hipóteses.”¹

De fato, a idéia abstrata e geral sobre os índios xavantes materializou-se em uma imagem concreta, palpável e fixa. Os contornos deste imaginário foram devidamente mapeados e moldurados pela fotorreportagem.

Todavia, a cristalização deste imaginário não se processou de maneira neutra ou isenta de carga valorativa. Ao contrário, tendo em vista a própria essência da

¹ O CRUZEIRO. 24.06.44. pp. 46-62.

fotografia em reproduzir apenas um pequeno fragmento do objeto fotografado, ela, a imagem fotográfica veiculada pela imprensa, apresentava-se de maneira muito mais analítica e comprometida com o emissor da mensagem visual do que com o objeto fotografado. Tal imagem, no exemplo fornecido pelo jornalista, não apenas apresentava os índios xavantes, dizia também suas diferenças e similitudes com o homem branco, estabelecendo um tipo, um padrão para sua representação, oferecendo uma idéia de xavante.

Isto porque o poder de convencimento da fotografia, combinado com o texto escrito que a acompanhava era de fato irresistível ao público leitor. Composto duas linguagens distintas, porém não excludentes, as revistas lastreadas no fotojornalismo se impuseram como os principais veículos de informação. As margens de dubiedade que a fotografia poderia apresentar eram parcialmente reduzidas pelas legendas e notas complementares. Como explica Helouise Costa sobre a forma de leitura das fotorreportagens: “Inicialmente o olhar percorre a imagem, buscando uma inteligibilidade imediata; num segundo momento lê a legenda, buscando completar sua percepção primeira; por fim retorna à imagem e conclui a interpretação da cena”.²

Dai a importância da escrita, não só do texto da reportagem propriamente dito, mas principalmente das legendas e da manchete. Em verdade, apesar de autônomas, as duas

linguagens encontradas na fotorreportagem - escrita e fotográfica - convergem para a mesma informação, como bem salientou Barthes:

“ Naturalmente, mesmo à vista de uma análise apenas imanente, a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada, ela comunica pelo menos com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) de que vinha acompanhada toda foto de imprensa. A totalidade da informação é pois suportada por duas estruturas diferente (das quais uma é linguística); estas duas estruturas são convergentes, mas como suas unidades são heterogênicas, não podem se misturar. aqui (no texto) a substância da mensagem é constituída por palavras, ali (na fotografia), por linhas, superfícies, tonalidades.”³

Diferem ainda substancialmente as duas linguagens na medida em que uma é fortemente conotada, ao passo que a outra é denotada, ou seja, a linguagem escrita é reconhecidamente informada por signos e carregada de forte carga valorativa, ao passo que, ao menos aos olhos do leitor, a linguagem fotográfica se beneficia de uma continuidade, prescindindo, aparentemente, de maior explicação ou decodificação para a compreensão da mensagem pelo leitor. Daí a aceitação do público

² COSTA, Helouise. “Um Olhar que aprisiona o Outro. O retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista O CRUZEIRO”. in : *IMAGENS*, Campinas, Unicamp, p.88, s/d.

³ BARTHES, Roland. “A mensagem fotográfica” p.304, in *Teoria da Cultura de Massa* (org) Luiz Costa Lima. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

pela fotografia de imprensa, cuja continuidade e aparente denotação a resguarda, a princípio, de manipulação de agentes externos.

Por sua vez, a técnica “fotojornalismo” se inseriu no contexto das revistas num período de forte demanda visual. O público leitor dos periódicos era o mesmo das salas de cinema e futuramente o da televisão. O cadenciamento narrativo da fotorreportagem se desenvolve, aos olhos do leitor, como uma reconstrução exata do acontecido, ao mesmo tempo aproximando-o da verdade descrita e garantindo a precisão da informação por estar ela mediada pela máquina, portanto, fora do alcance humano da manipulação.

Todavia, como identificamos no decorrer dos capítulos, as fotorreportagens estavam recheadas do imaginário histórico que informava os editores das revistas. Isto porque, após a colheita do material fotográfico e, portanto, de uma prévia seleção operada pelo fotógrafo em relação ao tema, como a escolha dos ângulos, a abertura da lente, o tipo de papel em que a foto era impressa, a velocidade da câmera, etc, a mesma era enviada para as redações que operavam nova escolha. Ao final, caberia ainda ao editor planejar o posicionamento da fotografia no contexto das revistas e articular as diversas fotos na mesma matéria, reconstruindo a história apresentada pela reportagem. Além disso, a foto poderia ser ampliada, cortada, ou mesmo truncada em sua apresentação final,

degenerando-se.⁴ Em todos esses processos estamos diante da apropriação e articulação do imaginário social. Como o imaginário não é mero reflexo da realidade, mas sim parte constitutiva de contexto maior; as editoriais ao mesmo tempo que se apropriavam das idéias socialmente difundidas também articulavam e redimensionavam as mesmas. As representações deste imaginário, por sua vez, estavam longe da passividade.

Em especial a fotografia, cujo processo era evidentemente seletivo, conduzia a uma informação final indiscutivelmente valorativa, que sinalizava o norte político ao qual estavam engajadas as linhas editoriais. Neste sentido, a necessidade das legendas era fundamental. Isto porque, se a fotografia se apresentava como poderoso veículo de convencimento, algumas vezes fugia ao controle dos emissores. Todavia, o caminho iconográfico, que serviu como arma de convencimento na argumentação das revistas, pelo seu próprio estatuto, ao mesmo tempo que transmitia uma mensagem mais fácil de ser assimilada e potencializava a força da mensagem transmitida, carregava consigo um certo grau de autonomia, uma ambigüidade que possibilitava a interpretação distoante. A mesma revista MANCHETE, que através das reiteradas reportagens fotográficas fez campanha contra o regime de Castro, possibilitou, ou por que não dizer, viabilizou, a admiração do mesmo regime por alguns de seus leitores, como é o caso de uma leitora que pediu mais fotos de Cuba e Fidel, para, assim, comemorar

⁴ Neste sentido ver o capítulo 5, As Armadilhas da Foto, o Caso Cubano.

o aniversário da Revolução. Certamente a leitora em questão fez uma interpretação completamente distinta daquela desejada pelas revista quando publicou tais fotos. Partindo desta característica inerente à fotografia -- sua pluralidade interpretativa -- podemos compreender a necessidade das revistas em trabalhar com refinamento de detalhes as fotografias apresentadas ou mesmo usando a recorrente prática de fraude, através da alteração do documento fotográfico, visando sempre reduzir a margem de autonomia de interpretação por parte do leitor.

Neste sentido, a América Latina é exemplar. A compreensão da montagem deste caleidoscópio de imagens nos revela, diante das inúmeras possibilidades e alternativas possíveis oferecidas pela foto, o substrato do imaginário daqueles que articularam tais imagens nas revistas. Os países latino-americanos foram colhidos pelas objetivas e lidos pelos editoriais através de modelos pré-existentes. Sem falarmos aqui nos flagrantes momentos de manipulação clara das revistas, como foi o caso da Revolução Cubana, as demais reportagens sobre os países hispânicos sempre estiveram calcadas na idéia de pertencerem a uma civilização mais atrasada que a brasileira e de serem inaptos à organização política. Se tal discurso teve origem no início do século XIX, com um propósito político facilmente identificado com os interesse da jovem monarquia brasileira, que se propunha a construir um contraponto, o oposto da nação brasileira; no século XX, o mesmo imaginário fora revisitado, agora com a autoridade da imparcialidade

da câmera fotográfica e com o estatuto da fotografia como documento fidedigno e imparcial. Neste momento, o ideário sobre a América Latina “atrasada” economicamente e “caótica” politicamente, apresentava-se ideal para a comparação do Brasil moderno e democrático, afastado do perigo vermelho do comunismo que rondava a realidade política dos vizinhos de fronteira.

Este imaginário, por seu turno, esteve respaldado por dois veículos de comunicação com projeções significativas no público brasileiro. Vemos, desta forma, como uma inovação estética e tecnológica, -- aqui devemos lembrar que o fotojornalismo coicindiu com a expansão de novas máquinas fotográficas e, durante sua história, utilizou-se cada vez mais de técnicas de impressão sofisticadas -- portanto, inserido no ideário da modernidade, fora usado como veículo para consolidação de um imaginário antigo, revestido com o manto da informação. Em nosso caso específico, as revistas deram substância, em fotos, a idéias gerais e abstratas sobre o Brasil e a América Latina, impondo os limites e moldando de maneira particular a ambos, plantando um modelo de América Latina e um modelo de Brasil, cujas implicações são exatamente aquelas de definir o “nós” e o “outro”.

FONTES

REVISTA O CRUZEIRO: Janeiro 1954 a Maio 1964.

REVISTA MANCHETE: Janeiro 1954 a Maio 1964.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro, ed ZAHAR, 1988

ANDERSON, Benedet. Nação e Consciência Nacional. São Paulo, Àtica Editores, 1991.

ARNHEIM, Rudolf. El Pensamiento Visual. Buenos Aires, Eurodeba, 1987.

----- Intuição e Intelecto na Arte. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

AUMONT, Jacques. A Imagem. São Paulo, Papyrus, 1.995.

BACZKO, Bronislaw .Les Imaginaire Sociaux : memore et espoirs colectis. Paris, Payot, 1984.

BANDEIRA, Muniz .O Governo João Goulart : as lutas sociais no Brasil (1961-1964). Rio de Janeiro, 1.978

----- O Governo Goulart e o Golpe de 64. São Paulo, Brasiliense, 1.982.

BARTHES, Roland .Mitologias. São Paulo, Difel , 1982

----- A Camera Clara. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1.984.

BARTHES, Roland. “A Mensagem fotográfica”, in COSTA, Luiz Carlos(org) .Teoria da Cultura de Massa. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. O Sistema dos Objetos. São Paulo, ed Perspectiva, 1.993

BENEVIDES, Maria Vitória .O Governo Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961).Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

----- O Governo Janio Quadros. São Paulo, Brasiliense, 1.981

BERGER, John (dir). Modos de Ver. São Paulo, Martins Fontes,

BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. São Paulo, ed Companhia das Letras, 1987.

BOUDIE, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas.São Paulo, Perspectiva, 1974.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Os Arautos do Liberalismo: Imprensa paulista (1920-1945).São Paulo, Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Mirian Limoeiro. Ideologia do Desenvolvimento: Brasil JK-JQ. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1978.

CARONE, Edgar. A Quarta República (1945-1964). São Paulo, Difel, 1980.

CASANOVA, Pablo González. História Contemporânea da América Latina (imperialismo e libertação). São Paulo, Revistas dos Tribunais, 1.987.

----- - História de Meio Século, Brasília, Unb,1988.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo, Martins Fontes, 1.991.

COSTA, Helouise. “Um olhar que aprisiona o Outro. O retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista O CRUZEIRO.” in IMAGENS, Campinas, Unicamp, p. 88, s/d.

DORIA, Carlos. A Revolução Cubana. São Paulo, Brasiliense, 1983.

DONGHI, Halperin. História da América Latina. São Paulo, Círculo do Livro,1978.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico. São Paulo, Papyrus, 1.994

DURAND, Gilbert. A Imaginação Simbólica. São Paulo, ed. Cultrix/Editora, 1.988

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva,1970.

FABRIS, ANNATERESA (Org.). Fotografia (usos e funções no século XIX). São Paulo, Edusp, 1.991

FAUSTO, Boris(dir). O Brasil Republicano III Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo, Difel, 1.981

FREUND, Gisèle. Fotografia e Sociedade. Lisboa. Verga, 1982.

GALBRAITH, John K. .A Era da Incerteza. São Paulo, Pioneira, 7edição, 1986.

----- A Sociedade Afluente. São Paulo, Pioneira, 1987.

GOMBRICH, Erenest. Arte e Ilusão. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

GONTIJO, Silvana. A Voz do Povo (O Ibope do Brasil). Rio de Janeiro, Objetiva, 1.996.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos”, in Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 1, 1988.

HOBSBAWN, Eric . A Era dos Extremos (o breve século XX). São Paulo. Cia das Letras, 1.995.

IANNI, Octávio. O Colapso do Populismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

----- Estado e Planejamento Econômico no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 5.edição, 1991.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo. Ed Ática, 1989.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família. São Paulo, Edusp, 1.993.

MARANHÃO, Ricardo. O Governo Jucelino Kubitscheck. São Paulo, ed Brasiliense, 1988.

MENEGUELLO, Cristina. Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas, Unicamp. 1996.

MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX (O Espírito do Tempo). Rio de Janeiro- São Paulo, Forense, 1.968.

MORMORIO, Diego. Storia della Fotografia. Roma, Ed. Newton, 1996.

NEIVA, Eduardo. A Imagem. São Paulo, Ática, 1986.

NOVAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo, Cia das Letras, 1.994

ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira, cultura brasileira e industria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas Artes Visuais. São Paulo, ed. Perspectiva, 3.edição, 1991.

PEREGRINO, Nadja. O CRUZEIRO. A Revolução da Fotorreportagem. Rio de Janeiro, Dazibao, 1991.

POWELSON, John P. América Latina (a atual revolução economica e social). São Paulo-Rio de Janeiro, Record, 1964.

PRADO, Maria Lígia Coelho. O Populismo na América Latina. São Paulo, brasiliense, 1981.

RICHERS, Raimar . Rumos da América Latina (desenvolvimento econômico e mudança social). São Paulo, Edusp, 1975.

RODRIGUES, Marly. A Década de 50. São Paulo. Ática Editores, 3 edição, 1996.

REMOND, René. O Século XX. São Paulo, Cultrix, 1974.

ROUQUIÉ, Alain. O Extremo Ocidente. São Paulo, Edusp, 1.992.

SAID, Eduard W. Orientalismo. São Paulo, Cia das Letras, 1.990.

SKIDMORE, Thomas. Brasil, de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

----- O Brasil Visto de Fora. São Paulo, Paz e Terra, 1.994

SODRE, Nelson Werneck . História da Imprensa no Brasil. São Paulo, Martins Fontes, 3.edição, 1.983.

TOLEDO, Caio N. ISEB: Fábrica de Ideologia. São Paulo, ed Ática, 1977.

TOLAND, John. Adolf Hitler. São Paulo, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 2. edição, 1978.

VALSECCHI, Marco(direção). Galeria Delta da Pintura Universal. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1972.

VAIL, John J. . FIDEL . São Paulo, Nova Cultural, 1987.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1987.